1952

JULHO - N.422

EU SEI TUDO

5 CRUZEIROS



Cuidado! A curiosidade pode matar!



★ NESTA EDIÇÃO

Como parou o coração do rei

PRODUÇÃO E CONSUMO DO PETRÓLEO NO MUNDO

★ VOCÊ USA A CABEÇA?

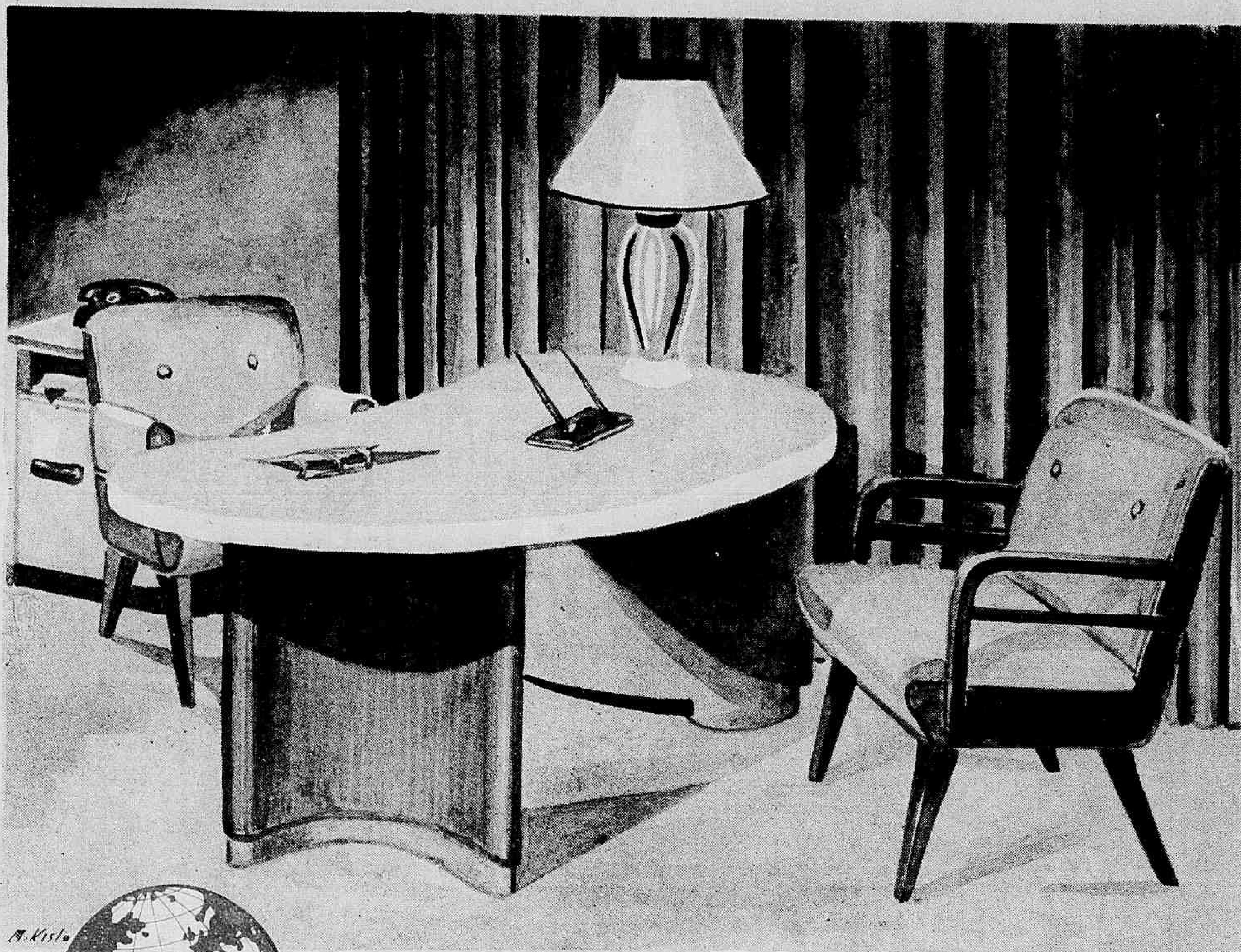
BOLOS, BISCOUTOS e MINGAUS de
CREME de MILHO LUX



Em pacotes de celofane
de um e meio quilo

Produto muito imitado, mas nunca igualado, alimento ideal para adultos e crianças, em mingaus, bolos e biscoutos

MÓVEIS E DECORAÇÕES





Orçamentos executados por técnicos-decoradores

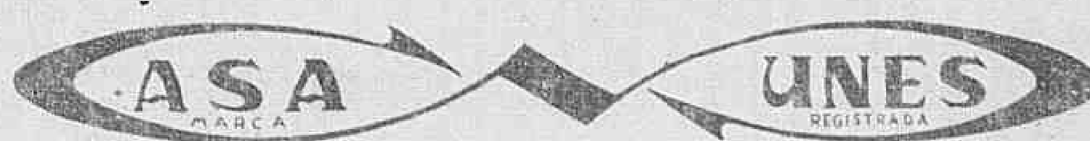
TAPETES FEITOS À MÃO

TAPETES E PASSADEIRAS

de farração, em côres lisas e com flores

GRUPOS ESTOFADOS

especialidade de nossas oficinas



65, Rua da Carioca, 67 — Rio

Uma loja em sua casa





VAI ATENDE-LO EM SUA PRÓPRIA CASA PELO REEMBOLSO POSTAL

TELE - VISEX
Para ver vistas em alto relevo



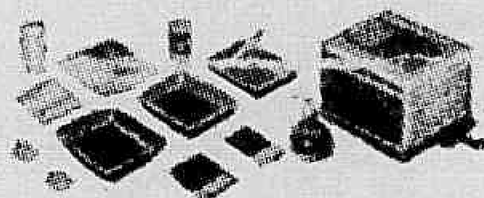
Maravilhoso aparelho que faz a gente "viajar" pelo mundo inteiro na NOSSA PROPRIA CASA com uma incrivel realidade Cr$ 280.00
Cada disco com sete vistas coloridas Cr$ 20,00

"BOX - ZEISS"
6 x 9
Fabricação
Alemã



(O melhor do mundo)
Lente azul · treis diagramas · treis objetivas regulaveis para distancias · trava para evitar dupla exposição numa so chapa · Sincronismo interno para Flash · Instantaneo e pose e dispositivo para propulsor Cr$ 540.00

CONJUNTO ANSCO



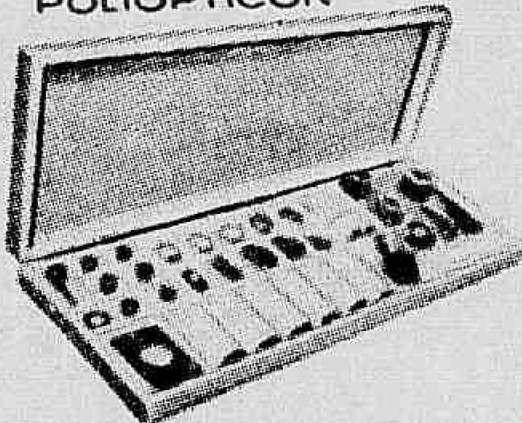
Revele e copie seu filme na HORA.
Este moderno e simples aparelhamento lhes proporcionará essa satisfação. Este conjunto contem: 1 copiadeiras eletrica · 1 lampada vermelha · 1 lanterna amarela e vermelha · 3 banheiras · 1 termometro · 1 pinça · 1 copo graduado · 1 lata com fixador · 2 pacotes com reveladores e 1 pacote c/ 25 folhas 6x9 já farpadas
Conjunto completo Cr$ 395.00
Vendemos avulso papeis e drogas

BINÓCULO - VISEX



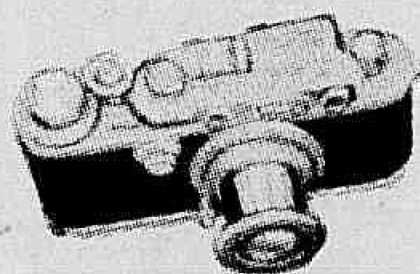
Bonita apresentação em preto brilhante · Focalização central · Protetor e tiracolo patenteado · Extra luminoso (Lentes Azues) · Grande alcance · Binoculo facil de levar e bom companheiro para Viajens, futebol e praia Cr$ 120.00

POLIOPTICON



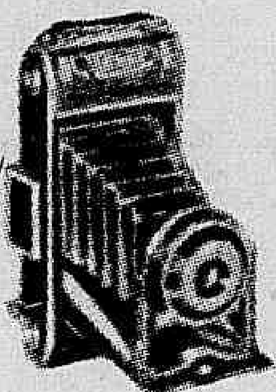
Binoculos · Lunetas terrestres · Lunetas astronomicas · Microscopios · Periscopios · Lupas · Telelupas
Todos esses instrumentos podem ser montados com a coleção de partes oticas que compoem POLIOPTICON
Perfeito funcionamento otico Cr$ 900.00

"LEICA" (Japoneza)



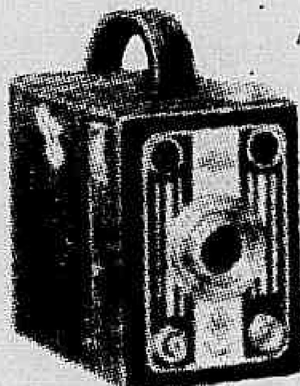
LEOTAX a leica fabricada no Japão é perfeitamente identica a de fabricação Alemã 1:3,5 · Telemetro Sincronizado · Veloc de um segundo até 1/500 e estojo de prontidão
Cr$ 3.800,00

Tennar
6 x 9 – 1 : 6,3



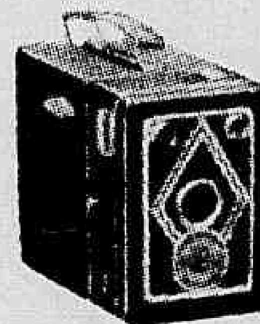
Veloc 1/25 · 1/50 · 1/100 · 1/125 · T. B.
Diafragma de palhetas
Regulador de Distancias
Disparador na Tampa
Vizor Esportivo
Fole de Couro Cr$ 580.00

BLITZ - BOX
6 x 9 ALEMÃ



Inteiramente capeado · 2 visores brilhantes · sincronismo para flash
Finamente acabado Cr$ 240.00

BOX - FOTO LÉO 6x9

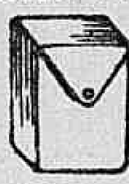


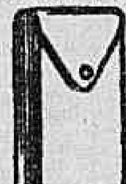
Construção solida · 2 visores · Filtro amarelo conjugado · Instantâneo e pose · 2 diafragmas · Facil manejo · Maquina fotografica ideal para principiantes Cr 115,00

TRIPÉS



BOLSA-BOX BOLSA-FOLE

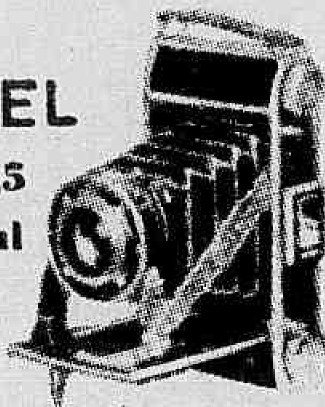






Cr$ 200,oo Cr$ 50,oo Cr$ 75,oo Cr$13,5o
Cr$ 250,oo Cr$ 70,oo Cr$ 90,oo
Cr$ 380,oo Cr$ 170,oo

DEHEL
6 x 9 1:3,5
Lente Azul

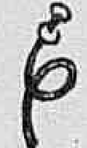


Veloc 1/segundo até 1/200 · Sincronismo para flash · Frisos cromados · Fole de Couro · Automático · Disparador na tampa · Tabela: Profundidade de foco embutida Cr$ 1.250,00

CORTADEIRA FARPADA TELEMETRO PROPULSORES FOTOMETRO









Cr$ 170,oo Cr$ 220,oo Cr$15,oo Cr$150,oo
Cr$ 18,oo
Cr$ 25,oo

FOTO LÉO
AV. S. JOÃO, 25

Vendemos pelo Reembolso qualquer Artigo Fotografico

CAIXA POSTAL
8760

Mil pessoas compram diariamente na Foto Léo, deve haver uma razão para essa preferência.

SÃO PAULO

O MAIS BELO ORNAMENTO DE RESIDÊNCIA

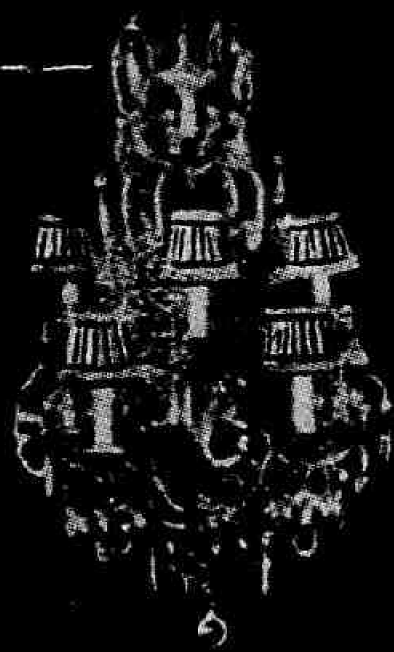
ESCOLHIDO DA PRODUÇÃO DE 26 DAS MELHORES FÁBRICAS EUROPÉIAS

NILO RIBEIRO lhes oferece as seguintes vantagens:

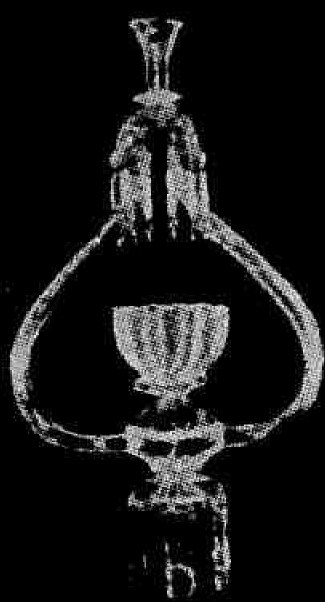
1.ª — Facilidade de pagamento e 30% de desconto.
2.ª — Vendas a varêjo por preço de atacado por ser representante de 26 fábricas européias.
3.ª — Material de 1.ª qualidade.
4.ª — Transporte e colocação gratuita no Distrito Federal feita por profissionais especializados.
5.ª — Artistas decoradores para orientação na iluminação de sua residência.

GALERIA SÃO PEDRO

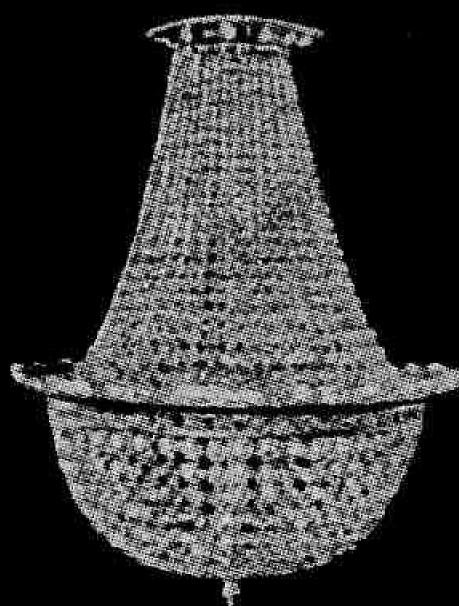
AVENIDA PRINCESA ISABEL, 126-D (Junto do Túnel Novo) — Telefones: 37-1200 e 37-3428



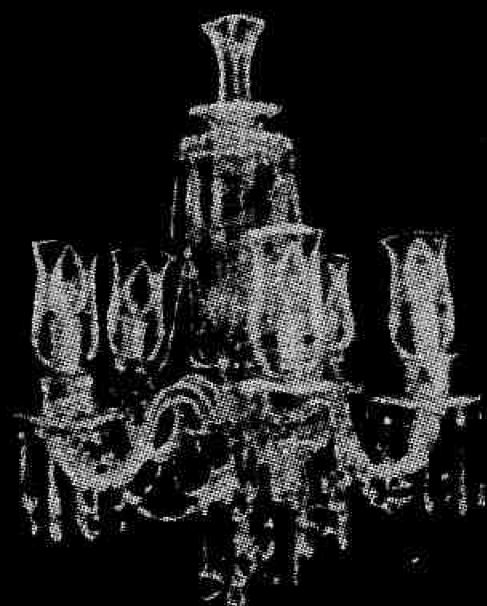
1



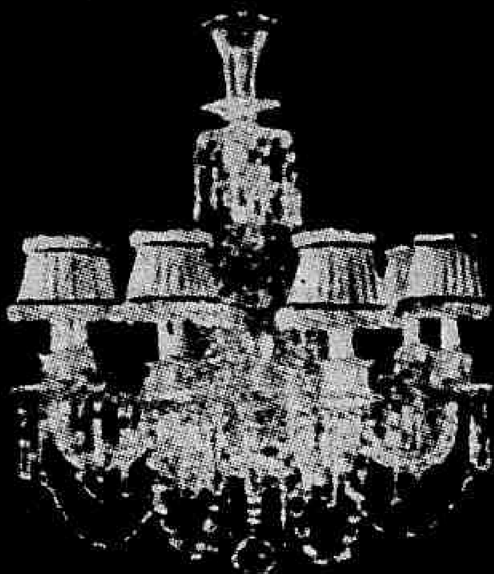
2



3



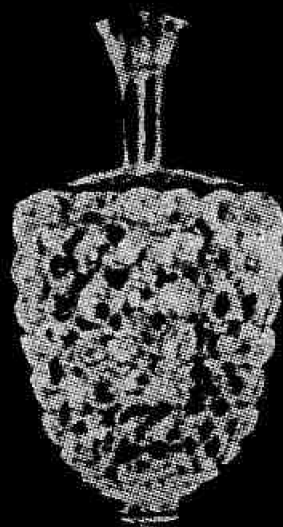
4



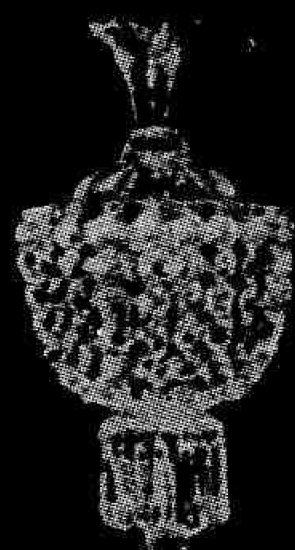
5



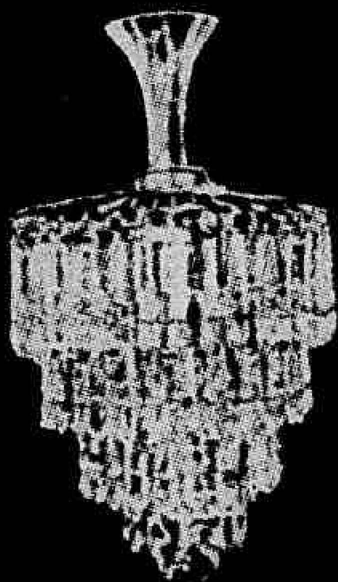
6



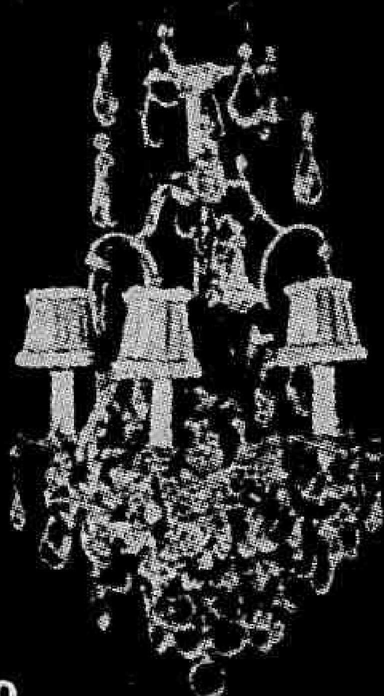
7



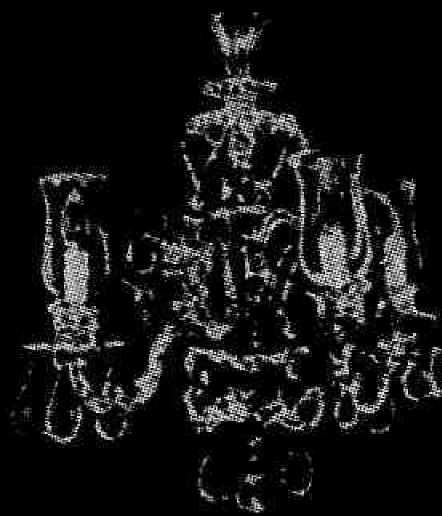
8



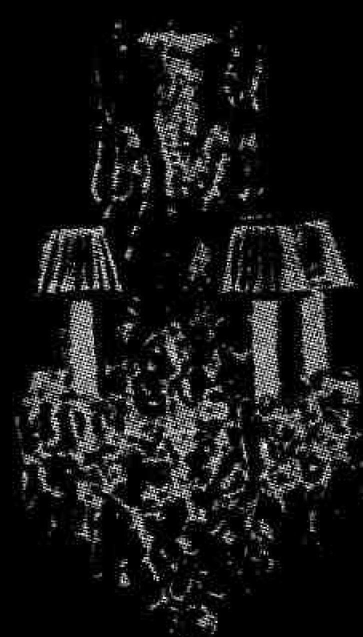
9



10



11



12

ACABAM DE CHEGAR DA EUROPA 146 MODELOS DE LUSTRES, LANTERNAS, APLIQUES E CANDELABROS PARA TODOS OS ESTILOS, E PRÓPRIOS PARA APARTAMENTOS — TAMANHOS ESPECIAIS PARA HALL DE EDIFÍCIOS, HOTÉIS, ETC.

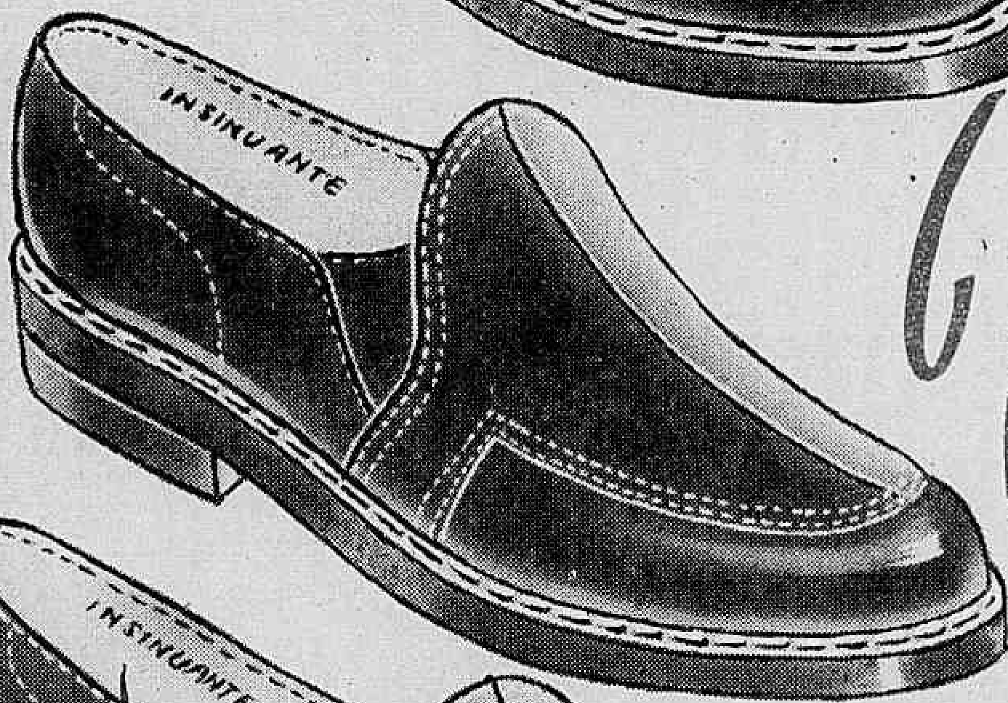
Não compre sem visitar a exposição da GALERIA S. PEDRO onde encontrará a melhor mercadoria pelo menor preço

FACILITA-SE O PAGAMENTO ★ REMESSAS PELO REEMBÔLSO POSTAL ★ EXPOSIÇÃO: DAS 8 ÀS 22 HORAS

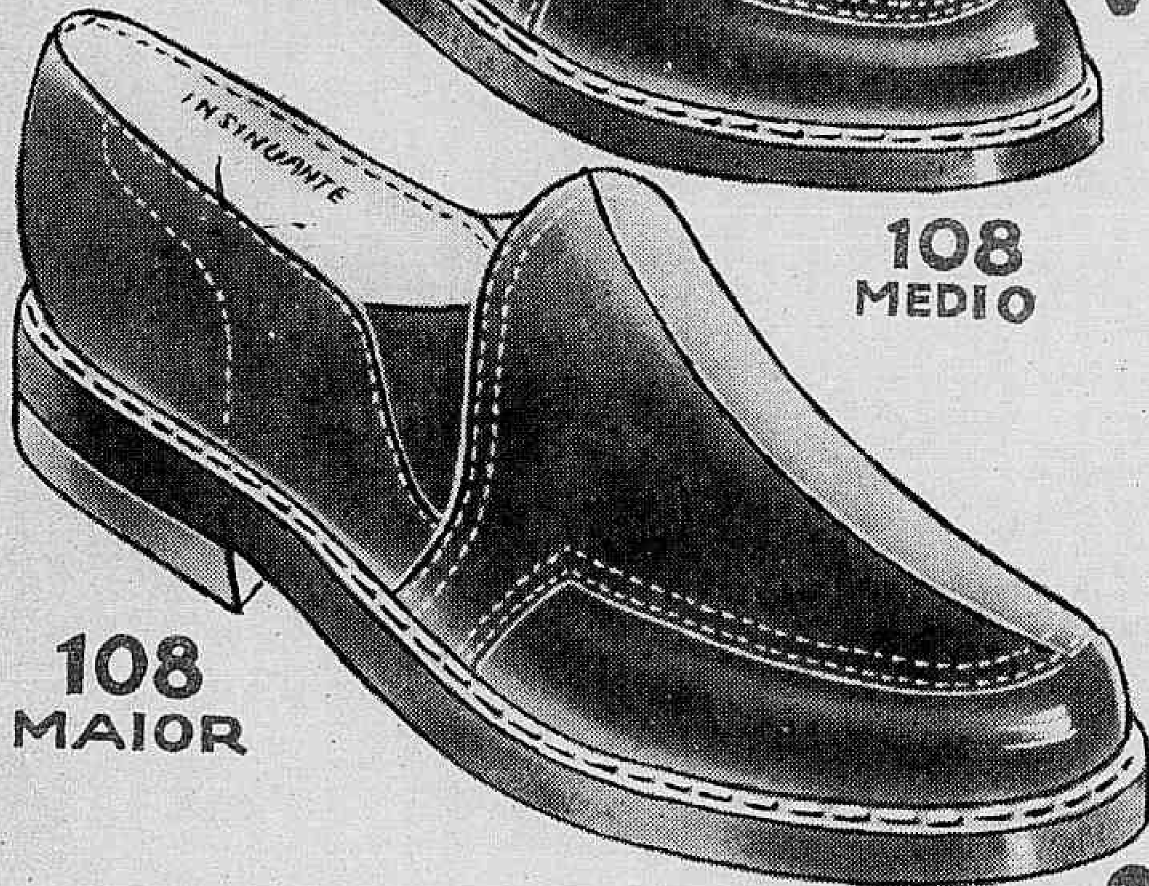
COMPRAR POR MENOS É HUMANO! MAS...
... POR MENOS QUE NA
INSINUANTE
É HUMANAMENTE IMPOSSIVEL.

108
PEQUENO





108
MEDIO



108
MAIOR

Maracanã!

UM SAPATO PARA O HOMEM DE HOJE E PARA O HOMEM DE AMANHÃ

PREÇOS:			
Pequenino	22 a 27	Cr$	98,00
Pequeno	28 a 32	Cr$	140,00
Médio	33 a 37	Cr$	150,00
Maior	38 a 44	Cr$	195,00

REMETEMOS PARA TODO O BRASIL.
PORTE POR PAR: 5 CRUZEIROS
Não fazemos Reembôlso Postal!

insinuante

Devolve a importancia com o mesmo sorriso com que lhe vende!

UMA GALERIA Á SUA DISPOSIÇÃO COM AGUA GELADINHA SEMPRE ÁS SUAS ORDENS

CARIOCA, 46-48 – 7 de SETEMBRO, 199-201

AT. SEMOG/.



Diretor: GRATULIANO BRITO

.Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA.

Redator-chefe: M. R. de Castro

Redação: Rua Visc. de Maranguape, 15, Rio de Janeiro. End. Tel.: "Revista". Tels.: Redação — 22-4447; Administração e Publicidade — 22-2550. Chefe de Publicidade: Severino Lopes Guimarães. Distribuição e Publicidade em São Paulo: Agência Zambardino, rua Capitão Salomão, 69, telefone: 34-1569. Representantes: — nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West, 44th. Street, New York City, N. Y. Em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes de Melo, 34, 2dt., Lisboa. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spano, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Inter-Prensa, Florida, 29, tel. 33, Avenida 9109, Buenos Aires. Número avulso em todo o Brasil — Cr$ 5,00. Número atrasado — Cr$ 6,00. Assinatura anual: Registrada — Para o Brasil: Cr$ 60,00; para o estrangeiro: Cr$ 100,00.

MAGAZINE MENSAL ILUSTRADO — CIENTÍFICO, ARTÍSTICO, HISTÓRICO E LITERÁRIO (FUNDADO EM 1917)

ROMANCE NA HORA DO "RUSH"

Novela de ELIZABETH CRAWFORD e HERBERT DALMAS

(Tradução de SYLVIA JAMBEIRO)

ÀS 8,45 de úmida manhã de fim de inverno, uma pequena com capote de casimira caminhou para a plataforma da estação do *subway*, na Rua 77. Era uma pequena extremamente bonita, de cabelos castanhos, curtos, e olhos cinzentos e belos. Mais além de umas seis pessoas, estacionadas em fila, encontrava-se um rapaz alto e magro, protegido por uma capa impermeável e que inùtilmente tentava disfarçar a sua admiração por aquela graciosa moça que imprimia novo encanto a um tão monótono cenário. Êle tentou várias vêzes desviar os olhos, mas a sua expressão aprovativa acabava voltando-se para ela, através dos óculos de grossos aros de tartaruga. Quando o trem subterrâneo se aproximou êle tomou o mesmo carro que ela. Estava bastante cheio mas ainda era possível respirar. Depois de um instante, êle disse:

— Desculpe; mas deixou cair *isto*? — E entregou à desconhecida um pequeno broche muito interessante do feitio de uma pena.

Admirada, a pequena agradeceu. Aceitou o broche e sorriu para o jovem que retribuiu o sorriso, encantado. Porém pouco mais adiante, a pequena deu ao rosto uma expressão de desapontamento e disse, devolvendo o broche:

— Creio que houve um engano; êste não é *o meu* broche. Tenho um igual, mas não o usei hoje!

— Eu sei. — explicou êle.



Os olhos cinzentos expressavam curiosidade.

— Posso explicar melhor. — emendou êle, ràpidamente. Há dois meses, desde a primeira vez que a vi, na Rua 77, tenho estudado uma maneira de poder falar-lhe e um dia, dia 15 de fevereiro, eu notei o brochezinho... Você estava com um costume cinza. Levei muito tempo refletindo, e há três dias descobri um broche igual. Esta é a primeira vez que você *não usa o seu;* mas, descobrindo o engano, você certamente falaria comigo!

— E eu falei mesmo, não foi? — disse ela com um olhar de reprovação.

Êle se desculpou, aflito:

— Por favor, não pense que eu vivo usando êste "método" para falar com tôdas as pequenas no *subway*. Meu nome é Sanford Ormes — se quiser me chamar de Sandy é mais simples. Trabalho para Miller & Bothwell, advogados. E, por acaso — acrescentou — tenho aqui no bôlso uma carta de recomendação, que o diretor da escola escreveu, dizendo que eu tenho bom caráter.

E apresentou o papel. Ela olhou para êle, não para o papel.

— Não precisa! Eu acredito.

— Seria melhor, no entanto, que lesse *ainda hoje, pois pretendo falar com você na viagem de volta;* sei que você toma o *subway* de cinco para cinco...

— Esta tarde tenho um trabalho *extra,* e vou sair mais tarde — disse ela.

— Então, as seis e meia; está bem? — sugeriu êle (e ela concordou!) Êle sorriu satisfeito — E' bem tarde para você sair, e chegará atrasada para o jantar...

— E' verdade, sim, concordou ela enquanto êle prosseguia:

— Talvez, hoje, você coma apenas um *sandwich* e café... Que tal ir jantar comigo? Deve alimentar-se bem depois de um dia assim...

Ela pensou um pouco e respondeu:

— Eu gostaria realmente mas já prometi jantar, hoje, com meu avô, em casa.

O trem entrou na Estação Central e êles se apressaram a pegar o "expresso" no meio da indescritível confusão que é, sempre, a hora do "rush". Iam empurrados, comprimidos na multidão, mas Sandy parecia inteiramente feliz. Quando cruzaram a Broadway, na Wall Street, ela disse:

— Eu já me sinto como se tivesse trabalhado um dia todo, depois que enfrento êste trajeto.

Sandy concordou:

— Esta tarde você escapará do apêrto; eu também detesto tanto quanto você. Mas o prazer de vê-la de manhã e à tarde torna tudo muito melhor. Acha que poderemos ir ao cinema uma noite destas? Você pode deixar seu avô sòzinho?

— Acho que sim — disse ela; e parou à entrada do número um, de Wall Street.

— Creio que devo também dizer o meu nome e explicar que *também não converso* com qualquer um no subway.

— Oh! por favor, eu não quis dizer isto... — exclamou Sandy.

Ela sorria antes de dizer:

— Eu sei que não teve essa intenção. Meu nome é Sarah Chandler — concluiu sorridente, e entrou no edifício, enquanto Sandy decia a rua repetindo: *"Sarah Chandler"*, baixinho, suavemente...

*

Às 6,45, naquela tarde, o *chauffeur* do "taxi" disse:

— Eu nada tenho com isso, moço; mas o relógio já está marcando oitenta cents!

— Ela não demora — disse Sandy, olhando, desolado, a chuva fina.

— E' sempre arriscado esperar por uma moça — sentenciou o *chauffeur.*

— Mas não por esta! — disse Sandy — Além disso é difícil arranjar outro "taxi" a esta hora e eu não quero que ela vá para casa de "subway", com êste tempo.

Neste momento êle a viu, saindo do edifício e logo atravessou a rua, correndo para ela.

— Hello! — cumprimentou êle, alegre, quando, virando-se, viu um senhor baixote e gordo, de cabelos brancos, *pince-nez,* sobretudo prêto e bengala e de ar distinto.

— Hello! — respondeu Sarah com expressão de surprêsa e logo, virando-se para o velhote, explicou:

— Querido, êste é Mr. Ormes; e para Sandy: — Mr. Ormes, êste é meu avô.

— Como vai, Mr. Ormes? — disse o vovô, estendendo a mão — Que péssima noite!

Nesse instante Sandy se voltou e viu um belo automóvel novo, negro e brilhante, parado atrás do seu "taxi". Olhou atordoado para Mr. Chandler, que já se encaminhava para o carro enquanto oferecia:

— Podemos levá-lo até à cidade, Mister Ormes?

— Não, obrigado — gaguejou Sandy — eu... eu ia só passando...

Mr. Chandler entrou, Sarah também e acenou para êle; poucos segundos depois o automóvel de luxo partiu desaparecendo dentro da chuva.

Sandy ficou parado, por algum tempo, olhando; então, pagou o *chauffeur,* que abanou a cabeça desolado, e começou a andar para a estação do "subway", pensando numa maneira de entender o turbilhonante mundo atual.

Êle tinha planejado tanta coisa... Naturalmente, no começo, continuariam trabalhando, os dois, porém êle estava juntando um pouco de dinheiro para que,

mais tarde, fôsse êle o único a enfrentar a hora do "rush". A frase *"tirá-la daquela luta"* vivia na sua mente... Mas como tirar daquela vida uma garôta milionária?

Na manhã seguinte Sarah chegou à plataforma bem na hora em que o trem vinha chegando. Seus olhos logo descobriram Sandy e ela sorriu.

— Bom dia — disse, enquanto entravam.

— Bom dia — respondeu êle.

Por momentos parecia que a conversa ia terminar aí mesmo, porém ela falou:

— Desculpe o que houve ontem à tarde.

— Não há de que desculpar-se — respondeu Sandy.

Mas Sarah insistiu:

— Eu devia ter dito quem é o meu avô, mas não esperava que se conhecessem tão



Êles iam juntos, empurrados, comprimidos, na multidão, mas Sandy parecia inteiramente feliz!

depressa. Vi, de fato, o "taxi" esperando; você foi extremamente gentil.

Sandy corou um pouco.

— Eu tinha imaginado as coisas diferentes. Uma pobre moça de escritório. E a ida ao cinema e tudo... Eu sou muito ingênuo!

— Não sei por quê. Eu gosto muito de cinema e trabalho realmente num escritório, embora seja na firma do meu avô.

— Hiram Chandler, — observou Sandy — é um nome bem conhecido em Wall Street.

Sarah vincou a fronte e replicou.

— Às vêzes eu preferia que não fôsse tão conhecido! Êle tem idéias bem definidas acêrca de trabalho e quer que eu aprenda; mas não me permite trabalhar em outras firmas, porque não quer que eu goze dos privilégios do seu nome e, na firma Chandler & Grasse, eu não tenho regalias especiais.

— Não... — disse Sandy meio preocupado.

— Não quero dizer que não goste de trabalhar, e creio, mesmo, que gostaria bastante se não fôsse esta hora do apêrto, duas vêzes por dia — continuou Sarah.

Êles viajaram no mesmo trem de manhã e à tarde, durante duas semanas, conversando apenas quando podiam tomar fôlego, no meio da multidão; mas Sandy não tornou a falar em ir ao cinema.

Então, uma tarde, quando cruzavam a Estação Central, alguém bateu gentilmente no ombro de Sandy. Êste se voltou e viu Hiram Chandler de *pince-nex*, bengala e tudo, um pouco arquejante, mas distinto.

— Rapaz, preciso falar com você, *a sós!* — disse êle.

Como a multidão os envolvia totalmente, a expressão tinha um sentido vago. Olhando para o trem, Sandy viu que Sarah entrava no mesmo e as portas se fechavam.

— Entrarei no outro carro com você e ela não me verá — disse Chandler, tentando equilibrar-se, enquanto Sandy como bom veterano, mantinha-se firme.

— Gene Bothwell é meu amigo e disse que você é um rapaz de futuro — prosseguiu o milionário.

— Obrigado, senhor. — falou Sandy.

O velho fêz um gesto de camaradagem:

— Pelo que Sarah disse, creio que você tem um certo interêsse por ela e, no meu tempo (falou com ênfase e orgulho) no meu tempo não se fazia bom juízo de um moço que tivesse interêsse por uma jovem e... nada fizesse para merecê-la!

— Eu não sou um caça-dotes. — falou Sandy meio amuado.

— Não seja tolo... — disse Chandler.

— Eu quero dizer que nada tenho para oferecer a ela — balbuciou Sandy.

— Você ofereceu levá-la ao cinema, sôbre o que, aliás, já estou farto de ouvir e que é um dos mativos de estar agora aqui.

— Ela vive num mundo diferente!

— O mundo de uma mulher, — sentenciou Chandler — é onde ela quer estar! Não importa quais os elementos que o compõem. E pode-se aprender isto cedo — o que simplifica muita coisa.

— Parece-me bem claro o mundo onde Sarah quer estar — replicou Sandy. E ela não se arriscaria a enfrentar esta hora de "rush", todos os dias, se não fôsse a ambição de chegar à posição que o senhor quer que ela chegue, na firma.

Mr. Chandler levou um encontrão e desequilibrou-se, mas voltou-se, rápido, para fitar Sandy e dizer:

— Escute, rapaz: depois do tal dia em que você convidou minha neta para ir ao cinema, o trabalho dela passou a ser uma confusão dos demônios, com tendências a piorar até não valer coisa alguma...

— Nunca lhe ocorreu que ela pudesse ficar fatigada com a maneira como o senhor a faz trabalhar todo dia — perguntou corajosamente Sandy.

Mr. Chandler se voltou, irritado:

— Eu não a forço a trabalhar coisa nenhuma!

E elevando a voz, mais irritado:

E' o que tenho tentado dizer, mas você não entende! E não sei para que ela enfrenta, todos os dias, esta multidão, êste atropêlo do "rush"; e não sei o que ela faz, o dia inteiro, pois há mais de dez dias ela foi despedida por mim!

*

UTILIDADE DO SOFRIMENTO

Que mérito teria a existência, se não sofrêssemos para purificar um pouco o mundo que geme ao nosso redor? Jue valor teria a vida, se não sofrêssemos para auxiliar a conduzir uns poucos até o manancial de vida que acalmará a ânsia de seus lábios ardentes?

E' um fato que, sem o sofrimento que acompanha o discípulo que caminha com os pés ensanguentados pela Senda, poderia êle afastar-se de si mesmo e perder de vista o fim em que seu olhar deve estar sempre fixo.

A **Maia** do mundo fenomenal é tão densa e produz tal encanto, que, ao meu modo de ver, a eliminação do sofrimento seria inevitàvelmente seguida do esquecimento das realidades da existência; e uma vez tivesse desaparecido o vislumbre da vida espiritual, sua luz se desvaneceria também.

Enquanto o homem não fôr convertido em um Deus, é em vão que esperamos o gôzo ininterrupto da felicidade espiritual. Nos momentos em que esta felicidade se aparta, tão só o sofrimento pode evitar que o discípulo fracasse e tão só pode salvá-lo da morte que o esperaria de um modo seguro, se esquecesse as verdades do mundo espiritual.

Annie Besant

(EPISÓDIO REAL)



ESPOSA Perfeita

LYDIA Struck, uma mulher de aparência simplória, com cêrca de 40 anos, vivia na X Avenida, em Nova York, no início do século e tinha um grande desejo. Queria conseguir um marido *que fôsse homem direito e digno de todo respeito*. Fôra casada, durante 20 anos, com um membro da patrulha policial, Edward Struck, da Fôrça Policial de Nova York e *respeitara-o* até ao dia em que foi despedido da fôrça policial por haver provocado um distúrbio num "cabaret" de terceira ordem. A partir de então, passou a odiar o marido... e a pensar na sua eliminação.

Começou por comprar um pouco de arsênico, mas foi bastante esperta para não ministrar o veneno imediatamente após o rompimento. Para começar, tratou de espalhar muito hàbilmente, pela vizinhança, que o marido *não andava bem, física e mentalmente*. Além do mais, começou a tratá-lo de maneira severa, maltratando-o mesmo, privando-o das suas coisas e até recusando fazer as suas refeições e cuidar da sua roupa, até levar o infeliz ao mais violento acesso de raiva.

Desesperado, Struck entrou a quebrar louças e móveis e a atirar palavras ofensivas contra a espôsa e que podiam ser ouvidas do outro lado da X Avenida. Entre outras coisas, Struck ficou tão acabrunhado que perdeu o apetite, emagrecendo consideràvelmente. Era o momento desejado pela Sra. Struck que fêz o marido ingerir arsênico. Pouco depois o desgraçado morria entre gritos e contorsões, que os vizinhos descreveram como *apoplexia*.

A viúva, desolada, foi para a linda localidade de Housatonic River Valley, no Connecticut. Ali encontrou, na igreja da cidade de Corum, um cavalheiro idoso, Dennis Hurbult, de 76 anos, conhecido como O Velho Denny. Era homem muito enfêrmo, porém rico o que ajudou a Sra. Struck a *respeitá-lo*. Não tardou a empregar-se na residência de Denny e ao fim de poucos meses de convivência casaram-se. Êsse casamento teve um inesperado efeito sôbre o ancião. Antes, durante e imediatamente após a cerimônia, teve que se refugiar numa cadeira de rodas. Tanto era o poder do amor, entretanto, que, um mês após a cerimônia nupcial anunciou a cadeira para vender. Isso foi o bastante para que a espôsa começasse a olhá-lo com antipatia — e já sabemos o que isso poderia significar.

A já agora Sra. Hurlbut começou a espalhar a notícia de que a saúde do marido começara a fraquejar. Com o campo assim preparado, a Sra. Hurlbut comprou abertamente boa quantidade de arsênico, sob a alegação de que a sua casa fôra invadida pelos ratos! Não passou muito tempo, e o pobre Velho Denny foi enterrado e a sua viúva enriqueceu.

A seguinte parada foi em Derby, não distante de Corum. A Sra. Hurlbot continuava desejando um homem a quem pudesse respeitar. Era o que vivia dizendo. Assim pensando lançou seus olhares para a pessoa de Nelson Sherman, um encantador farrista.

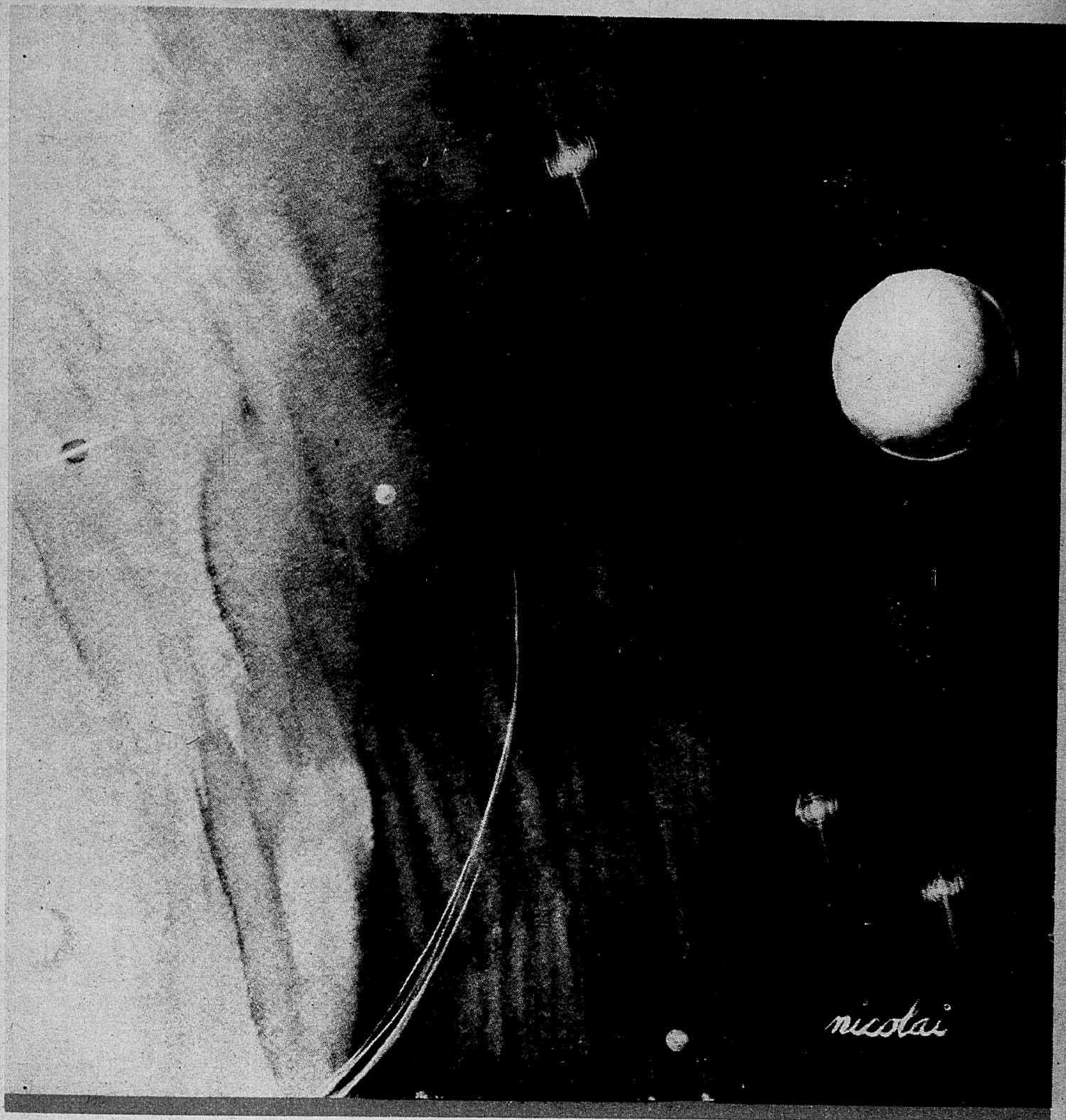
Um dos principais encantos de Sherman, segundo a Sra. Hurlbut, era a informação que obtivera de ser o homem mais rico de Connecticut. E assim a Sra. Hurlbut passou a ser a Sra. Nelson Sherman. Sua desilusão foi profunda, quando, após a o casamento, êsse terceiro marido tentou surripiar-lhe 50 dólares. Essa rude surprêsa a levou a olhar com antipatia o infeliz Sherman...

Sherman era excêntrico e como tal gostava de pratos bem complicados. Sua espôsa tratou de satisfazê-lo dando-lhe mariscos gelados. . .com chocolate quente. O marido achou a combinação formidável. A Sra. Sherman, porém, conhecera outro homem, um proprietário de vastas terras no New Brunswick, Nova Jersey, e ambicionava ser sua espôsa. Por isso juntou boa quantidade de arsênico ao marisco com chocolate oferecido ao marido. Sherman *esticou as canelas*.

Em New Brunswick, a viúva Sherman estava prestes a conseguir o seu intento, desposando a quarta vítima, quando a Lei descobrindo que o Velho Denny morrera em circunstâncias similares às que haviam cercado o passamento de Sherman, prendeu-a. Os químicos da Universidade de Yale encontraram arsênico nos órgãos vitais de Sherman e assim Lydia Struck-Hurlbut-Sherman foi sentenciada à prisão perpétua, sendo recolhida ao Presídio de Wethersfield. Ali, entre as grades, antes de morrer, insistiu, afirmando que tudo quanto desejara fôra encontrar um homem respeitador e digno de todo respeito. Afirmou, mais, que se considerava uma espôsa perfeita. Os maridos, sim — segundo parece — eram *imperfeitos*...



Capturado



«UM AVIÃO, EQUIPADO COM DOIS HOMENS, DESAPARECE DA FACE DA TERRA! EIS O QUE NOS REVELA ESTA HISTÓRIA, CONSIDERADA A MAIS ESTRANHA DO ANO!»

Boletim.

TÓQUIO — 18, dezembro de 1963. — Um navio patrulha da esquadra encontrou os destroços de um avião norte-americano duzentas milhas a leste de Hong-Kong. Não foram encontrados sobreviventes.

"— Você está com mêdo, Jack?

"— Não me pergunte. Creio que estou. E você?

"— Se estou... Não posso dominar o mêdo que me assalta.

"— Ray... Que terá acontecido?

"— Você sabe tanto quanto eu. Cruzávamos tranqüilamente, quando a coisa aconteceu. Foi tão rápido que jamais poderei dizer como foi. Você se lembra?

"— Não. Sei apenas isso que você acaba de dizer. Foi de repente... Como o raio... *Bum!*

"— O que não posso entender... é como escapamos com vida!

"— Isso... Também não compreendo! Aqui, como me vê, estou vivo! E sem um arranhão, a roupa sem um rasgão... Nada! E' espantoso!

"— Por que acha você que êles nos capturaram?

"— Bem... você sabe como é êsse negócio de guerra. Talvez queiram informa-

ções... Afinal, sabemos muito pouco do que êles estão interessados...

"— Que acha você... se dissemos apenas os nomes, os postos que ocupamos e o número da nossa patrulha? Se nos torturarem a fim de revelarmos tudo quanto queiram?

"— Isso, Jack, é uma coisa que devemos esperar... esperar o pior, não adiantando pensar *desde já*. As regras internacionais da guerra rezam que os prisioneiros não são forçados a dizer mais do que isso que você mencionou. Mas, infelizmente, bem sabemos o que sempre acontece. Ainda na última... Há povos que têm uma noção muito primária do respeito pelas leis e códigos de guerra. Os fanáticos principalmente...

"— Para onde acredita que nos estão levando?

"— Isso é o mais difícil de responder. A Ásia é muito grande e nossos inimigos controlam imensa porção da mesma. Por isso é difícil saber para onde nos levam...

"— Ray... Esta é a primeira vez em que me vejo num dos seus aviões e, com franqueza, parecem ser um milhão de vêzes superiores aos nossos...

"— De fato. Isto nem vibra. Não se ouve qualquer ruído. E' de se jurar que estamos suspensos no ar!

"— Ray

"— —Hum...

"— Por que ainda não vieram cá, para nos observar? Fecharam-nos neste compartimento de luxo e... ficamos aqui como esquecidos. Ninguém veio, sequer para espiar. Estou agora pensando... Você se recorda de quando nos puseram aqui?

"— Não. Como já disse, tudo aconteceu depressa como o raio! Tudo o que posso recordar foi que fechei os olhos quando chegaram, zumbindo, sôbre nós. Quando tornei a abrir os olhos, vi-me aqui, com você, fechado neste apartamento... ou sei lá que... Como você chama a isto?

"— Realmente... Por que não apareceram, ao menos para nos ver?

"— Isso é assim mesmo. Êsses Vermelhos são famosos por suas estranhas maneiras de agir. Fazem tudo com frieza estudada, *para impressionar*. Assim estaremos à sua mercê, quando nos interrogarem. São mais máquinas do que gente. Chamemos a isto... *eficiência de robot*.

"— Fico danado só de pensar nisso.

"— Quer saber?... Isto me recorda uma daquelas fantásticas novelas de H. G. Wells, sôbre guerras interplanetárias e mecanizadas. Êles não parecem ser humanos. Não os posso compreender, comparando-os com as emoções dos povos normais.

"— Também penso a mesma coisa...

"— Se tivéssemos que ser capturados, preferia que fôssem os Vermelhos Europeus, os captores. Ao menos sabem revelar suas emoções. Porém êsses Vermelhos Orientais! Sempre os considerei monstros articulados, como Frankenstein... Vazios por dentro, sem raciocínio próprio, com movimentos automáticos, presos eternamente a um contrôle central remoto...

"— Ray... Você está me arrepiando de mêdo.

"— Desculpe, velho... Oh, oh... Chegue aqui um instante, Jack! Olhe por êste painel. Há um terreno deslizando não muito distante... Olá! Parece uma tôrre de observação. Ora viva! Sempre parece que estamos chegando...

"— Jack!

"— Que há?

"— Preste bem atenção, Jack. Depressa! Dê uma olhadela para a lua, lá adiante!

— ...

"— Olhe bem e diga-me o que está vendo... Vamos! Olhe, homem! Depressa, pelo amor de Deus!

"— A Lua parece *okay* para mim. Pequenina, como uma laranja... Mas... Espere!... Isso é...? Ray... Ela está diminuindo... Diminuindo depressa! Que está acontecendo?...

"— Procure ver bem! Estou dizendo! Olhe bem!

"— Ray!

"— Essas crateras! Jack, isto que você vê, está ouvindo? Está ouvindo bem? Jack... Aquilo é a América do Norte! Aquilo é a Terra, *não a lua!* Você entendeu o que eu disse, Jack? Ouviu bem? E' a Terra que ali está!

"— Oh, Ray!

"— Escute bem, Jack. Não! Abra os olhos! Não foram os Vermelhos que nos capturaram, Jack! Está ouvindo? *Não foi nenhum povo que fêz isso!* Está ouvindo? Oh! Jack! Abra os olhos!

"— Deus nos proteja! Deus nos proteja!

"— Olhe agora, Jack! Depressa! Depressa... A Terra já está pequenina como um cisco! Olhe para ela... pela última vez, Jack! Olhe! Antes de que desapareça completamente! Com certeza não a veremos nunca mais!...".

*

O Cristo disse: "Se fordes esbofeteado numa face, oferecei a outra". Isto é sublime se, por essa magnanimidade, fizerdes o agressor arrepender-se. Mas se êle interpreta essa grandeza da vossa alma como uma covardia; se reitera o ataque julgando-se mais forte do que vós; se vossa doçura fôr um estímulo para a sua grosseria, a quem vos ofender com a mão, respondei com um pau e ao que vos cuspir no rosto, respondei com uma pedra. Só os animais podem ser ofendidos impunemente; não obstante, há cães de raça valente que é perigoso chicotear...

ELIFAS LEVI



"Um marinheiro foi lançado a esta praia, com o seu barco desmantelado. Muitos outros marinheiros, reformada a embarcação, voltaram ao mar..." .. ..

O NÁUFRAGO

Por IRVING EDMAN
(Autor de "Perguntas de um Filósofo")

AS palavras acima foram traduzidas de um epitáfio encontrado no túmulo de um marinheiro Grego, cujo corpo foi lançado à costa da Ásia Menor, há dois mil anos. Jamais pude esquecê-las desde que as li pela primeira vez, há muitos, muitos anos. Considero-as como um peculiar e pungente comentário muito útil para o tempo em que vivemos. Estamos acostumados a ler e a ouvir palavras de derrota e de desilusão. Ainda agora a iminência de uma Terceira Guerra Mundial, enche de visões pavorosas os nossos sonhos e chega a modificar as nossas ações diárias, alterando mesmo o nosso trabalho. E lemos e repetimos que até mesmo a sobrevivência da civilização está ameaçada!

Na realidade, a Civilização corre grave perigo, o futuro de tudo o que hoje possuímos e amamos está ameaçado e a própria vida se apresenta incerta. Mas nada disso constitui novidade. O viver tem sido sempre um risco, como todo empreendimento um verdadeiro jôgo e um simples ato de fé. Todos os grandes ideais estiveram sempre arriscados a desaparecer e muitos idealistas morreram sem haver realizado o seu sonho, embora elevados e generosos fôssem os seus objetivos.

Porém o epitáfio do marinheiro naufragado recorda-nos que, a despeito dos inúmeros perigos, os navios seguem suas rotas e chegam aos seus destinos, porque os marinheiros continuam a embarcar.

Num mundo em que os signos de ruínas e naufrágios estão sempre surgindo por tôdas as partes, com cidades arruinadas e uma paz perdida — consola saber que podemos ao menos tentar reconstruir tudo e ter esperanças de êxito. Confiança sincera na possibilidade de vitória sôbre a ruína e a corrupção, bem poderá ser precioso amparo para vencer realmente. A confiança na possibilidade da organização de um mundo justo e pacificado talvez nos ajude a consegui-lo.

COMO PAROU O CORAÇÃO DO REI?

NINGUÉM sabe dizer a que hora exata se produziu o interno traumatismo capaz de terminar com a débil natureza de Jorge VI da Inglaterra; porém, se alguém tivesse estado atentò a certo indício, ter-se-ia a chave do mistério que não pode ser resolvido pelos homens de ciência.

Entre os habitantes do condado de Berk é fama que a noite em que três cornijas pousarem no alto da tôrre principal do castelo de Windsor, morrerá um rei.

Em que instante exato as três aves pousaram os pés rosados sôbre a serpente gelada do Tamisa?

Só a lenda poderia ajudar-nos a conhecer êsse detalhe...

Nessa noite, porém, os soldados e guardas florestais não passeavam os seus olhares vigilantes pelas altas muralhas de Windsor ou pelas de Sandringham, residência campestre favorita dos últimos monarcas. Sandringham, berço e leito de morte de Jorge VI...

A MORTE DURANTE O SONO

O comunicado oficial, transmitido da Secretaria Real do Palácio de Buckingham, afirma que Sua Majestade britânica se foi dêste mundo serenamente, enquanto dormia. Ao dizer "serenamente", desejou recalcar, sem dúvida, que Jorge VI não sofreu dor.

Até que ponto pode ser estabelecida uma declaração tão categórica?

A excepcional hierarquia do falecido é suficiente para obviar todo trâmite médico-legal. Não se faz a autópsia nos corpos dos reis, senão em circunstâncias especialíssimas. Portanto, Jorge VI faleceu e foi enterrado sem que o bisturi ou o escalpelo fendessem o seu cadáver.

Agora o mundo inteiro faz estas duas perguntas:

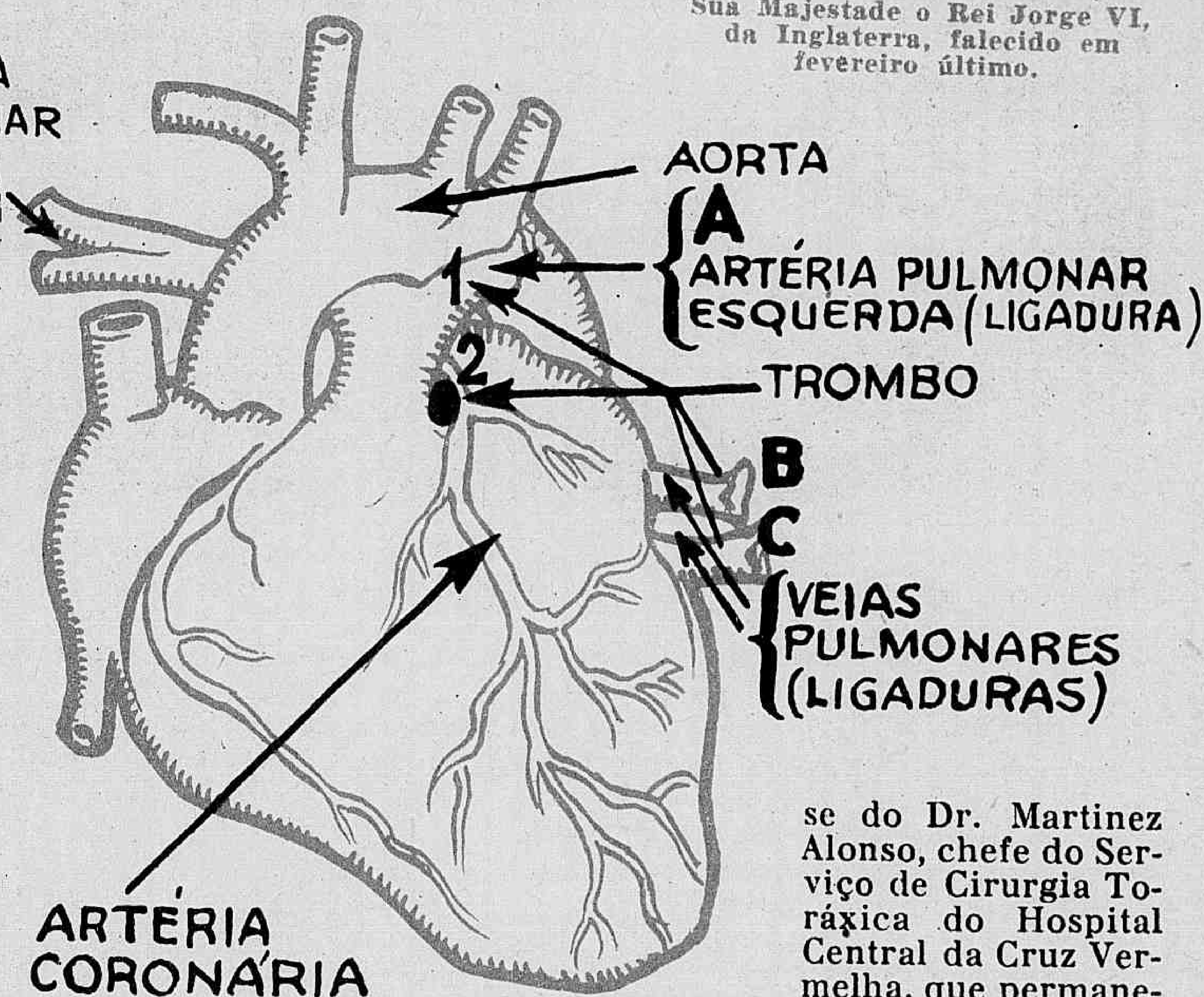
— De que morreu, na realidade, Jorge VI?

— Teria ou não, sofrido dor?

Uma grande personalidade da medicina espanhola, entrevistada pelo repórter de "Semana", opinou a respeito. Trata-



Sua Majestade o Rei Jorge VI, da Inglaterra, falecido em fevereiro último.



se do Dr. Martinez Alonso, chefe do Serviço de Cirurgia Toráxica do Hospital Central da Cruz Vermelha, que permaneceu cinco anos no Brenton Hospital, de Londres, ao qual então pertencia o Dr. Clement Price Thomas, cirurgião de George VI e que realizou a pneumonectomia a que se submeteu o régio enfêrmo, em setembro de 1951.

AS TRÊS HIPÓTESES

Antes de tudo, como era natural, o repórter quis saber "de que morrera o Rei Jorge VI".

Eis a resposta do Dr. Martinez Alonso:

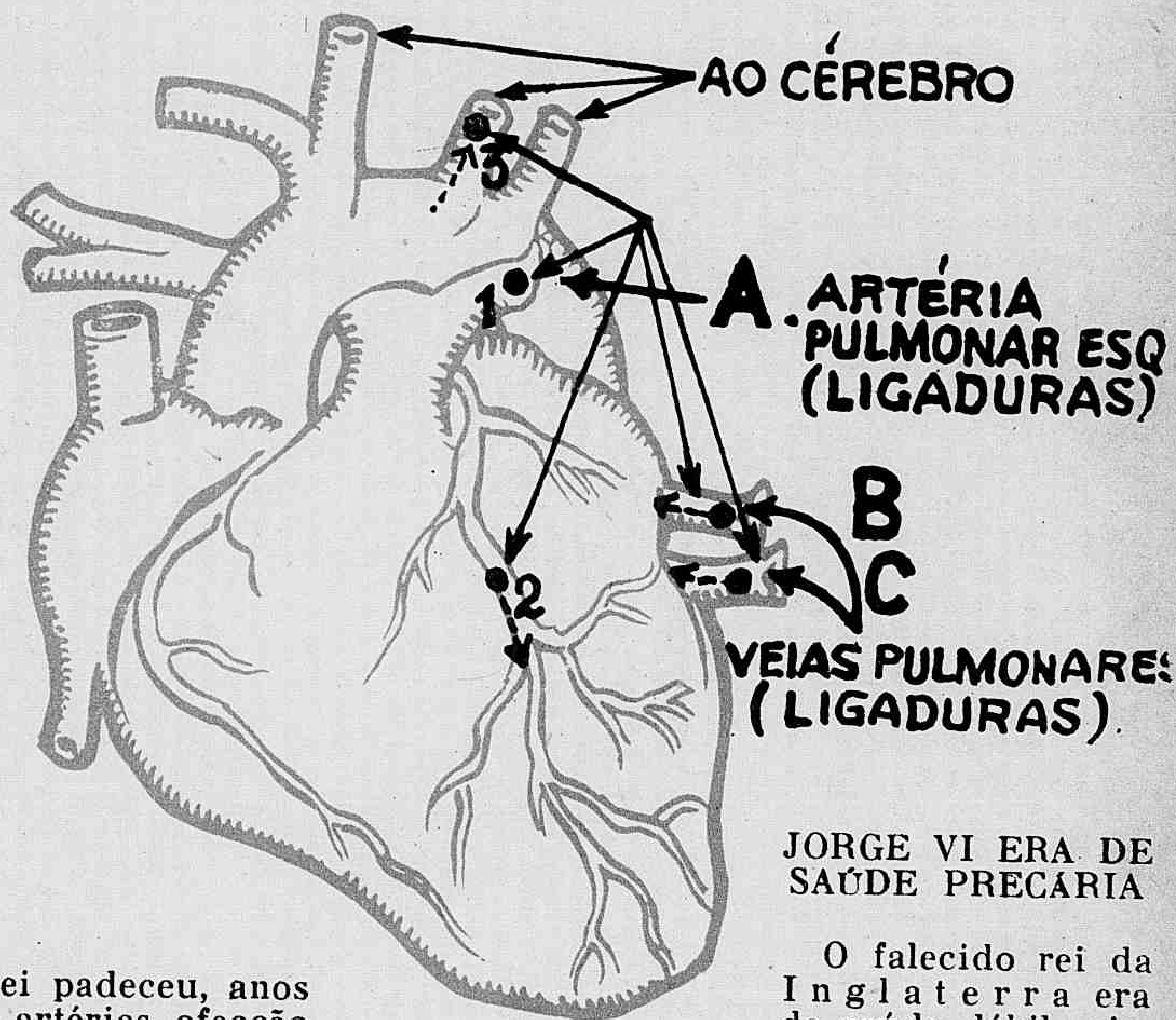
— Dado a natural impossibilidade de praticar a autópsia, somos forçados a falar em hipóteses.

— Quantas?
— São três.
— E tôdas derivadas do fato do rei ter sido operado recentemente do pulmão?
— Não. Duas das causas possíveis teriam que ser atribuidas ao aparecimento de um coágulo de sangue ou trombose provàvelmente, procedente da pneumonectomia; embora, no meu entender, tenha transcorrido tempo demasiado desde a operação referida, executada pelo Dr. Price Thomas com muita destreza e em atenção à urgência do caso.
— Que trajetória pode seguir o coágulo?
— Se se admite a declaração súbita da angina pectoris ou trombose coronária, podemos concluir que o coágulo entrou por essa via e produziu o espasmo e paralisação subseqüentes. Também pode ser que o coágulo desprendido de uma veia pulmonar tenha irrompido no coração e sendo do tamanho de uma lentilha, subiu pela aorta até ao cérebro, o que provocaria, neste caso, a trombose cerebral, das mesmíssimas mortais conseqüências.

— E a terceira hipótese?
— A grande hemorragia interna, provocada por um trecho de tumor canceroso, que se tivesse formado na base do pulmão, ulcerando de modo súbito um vaso importante. Mas ainda resta uma quarta hipótese: a angina pectoris vulgar.
— Por quê?
— Muito simples. O rei padeceu, anos atrás, de uma afecção das artérias, afecção conhecida por "enfermidade de Buerger". Sua natureza estava por isso predisposta à trombose coronária, independentemente da possível presença de algum coágulo, deixado pela já citada intervenção cirúrgica pulmonar.

SE FOI TROMBOSE, HOUVE DOR

Explicados os motivos pelos quais o coração do rei parou "sêco", fica no ar uma incógnita:
— George VI sofreu, antes de entregar a alma a Deus, na solidão de sua câmara do castelo de Sandringham?
Ao Dr. Martinez Alonso foi solicitado o esclarecimento de uma dúvida que preocupa a todos aquêles que encontram ou receiam encontrar — ou pensam em si mesmos — sem vida um dos seus, uma certa manhã qualquer...
E o médico espanhol assim falou:
— Tôdas as tromboses, produzam ou não a morte repentina, provocam dor específica bastante aguda; são como beliscões.
— Então, é possível que o rei tivesse despertado ao primeiro golpe interno e sentisse os seguintes em perfeito estado de lucidez?
— E' possível. Ao contrário do que sucede com a trombose, a hemorragia interna determinada pela perfuração de um grande vaso causa morte rapidíssima e por isso podemos dizer que um enfêrmo não chega a despertar do *último sono*.



JORGE VI ERA DE SAÚDE PRECÁRIA

O falecido rei da Inglaterra era de saúde débil, circunstância que não o impedia de demonstrar um caráter alegre, nervoso, de homem disposto sempre à ação. Nas "Memórias" de Winston Churchill encontramos, para a história da Segunda Guerra Mundial, aquela anedota do bombardeio do palácio de Buckingham, em 13 de setembro de 1940. Suas Majestades se viram, já em carruagem, de regresso a Windsor, sob terrível ataque aéreo alemão. Refugiaram-se a tôda pressa em uma das habitações de sua residência londrina, que já havia sentido os efeitos de anteriores bombardeios; as janelas estavam abertas e os muros perfurados pela metrálha. O próprio rei contou assim o ocorrido:
"— De repente percebemos o zumbido

de um bombardeiro, que descia em mergulho e vimos cair as bombas... Distinguimos as chamas e ouvimos as detonações a uns sessenta metros de nós... Na esplanada se abriram grandes crateras e de uma delas brotava o jôrro de um encanamento rebentado... O líquido penetrava pela sala, através das janelas desmanteladas... Tudo ocorreu em coisa de segundos e num momento nos achamos a descoberto..."

Churchill ao fazer um encômio do juvenil entusiasmo do rei, confessa que só ao cabo de algum tempo, êle e seus ministros se precataram de que Jorge VI escapou a um gravíssimo perigo: se estivessem fechadas, em vez de abertas as janelas daquela residência real, os vidros teriam saltado contra o rosto de Sua Majestade. Seguidamente o então chefe do Govêrno, Winston Churchill — agora novamente no poder — dá conta do interêsse com que Jorge VI acolheu a idéia de instruir-se no manejo das armas automáticas. Tanto êle quanto outros membros da sua família e côrte costumavam exercitar-se com pistola, fusil, e metralhadora leve, no parque do palácio de Busckingham. Além disso, quando rapaz, o monarca serviu na Marinha de Guerra participou, com o pôsto de sub-tenente, na formidável batalha naval de Jutlândia.

Até que começou a sofrer dos brônquios, Jorge VI era um grande fumador de cachimbo, que preferia aos cigarros e charutos. Gostava de licores e vinhos de boa qualidade. Porém os médicos lhe proibiram quase absolutamente as bebidas e o fumo. Durante os banquetes oficiais que lhe cabia presidir, à hora dos brindes, o rei se limitava a molhar os lábios.

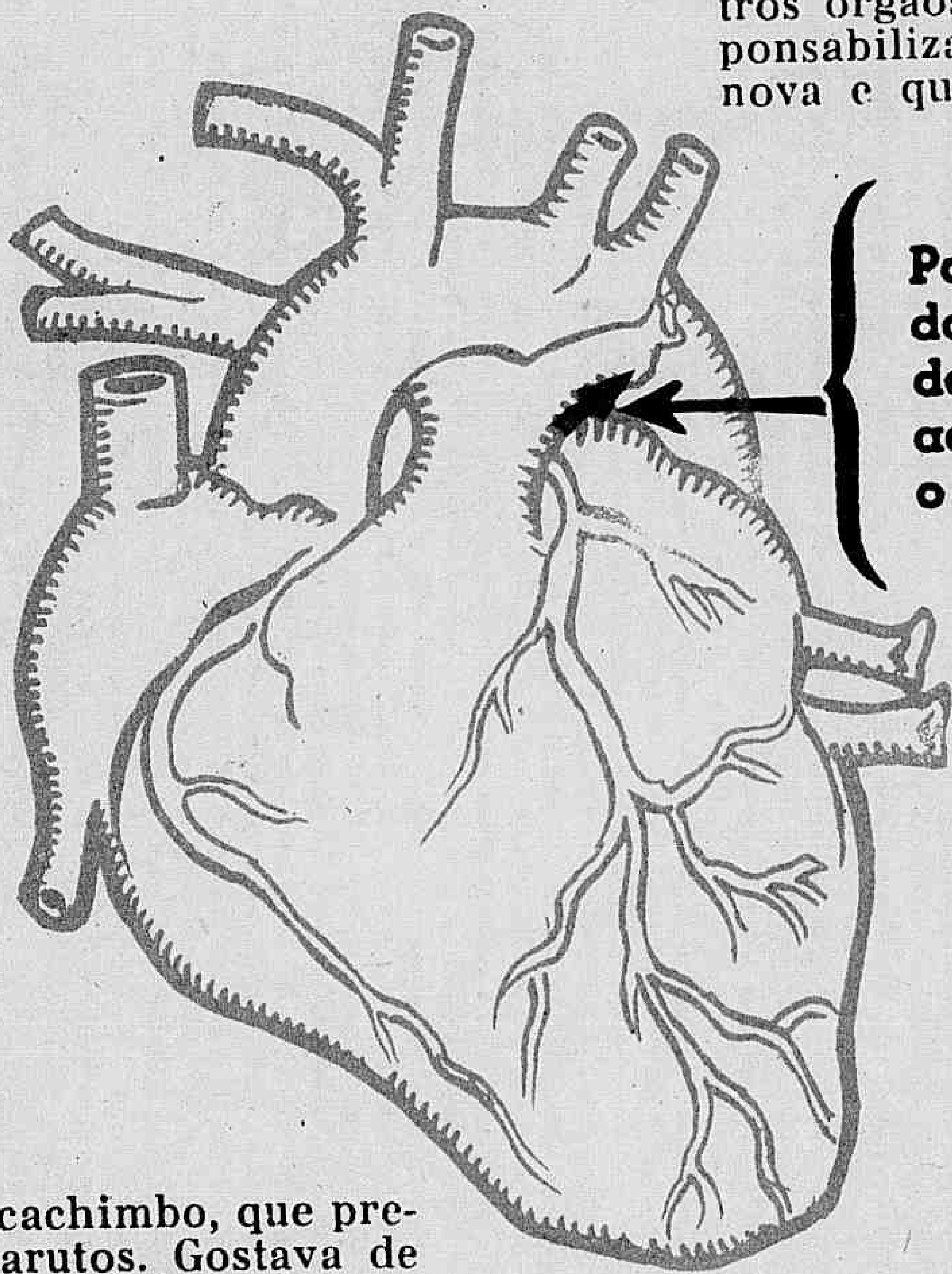
Era também muito sensível aos frios e à humidade. Por isso mesmo preferia ficar em suas residências campestres, como a de Sandringham, longe do ambiente londrino. Também por isso foi noticiado que os engenheiros haviam construído um abrigo especial para o rei, com temperatura adequada.

A fatalidade uniu essa informação episódica à má nova do falecimento do monarca. O aparelhamento, ainda sem usar, passará ao real guarda-roupa, que encherá por sua vez, tôda uma galeria do museu familiar da Coroa.

Temos, assim, que tudo foi feito para amparar tanto quanto permitiam os mais avançados conhecimentos médicos, a vida do soberano.

— Os motivos que provocaram a sua morte poderiam ser sòmente êsses três?

— Pelo que se sabe, através dos boletins fornecidos pelos seus médicos, assistentes, êsses três, com certeza. Entretanto, só a autópsia poderia dar uma resposta categórica. Um organismo enfraquecido, em que os demais órfgãos tinham que funcionar mal, constitui sempre um enigma, podendo o fígado, os rins e outros órgãos ser igualmente responsabilizados, por uma causa nova e que se manifestasse de um momento para outro com o poder de perturbar mais ainda o funcionamento da circulação do sangue e, em conseqüência, do coração já abalado. Mas não creio nesses outros fatôres adversos. A trombose coronária ou a hemorragia interna podem ser consideradas as causas mais prováveis, assim como a angina pectoris vulgar.



Possível perfuração da artéria pulmonar, da aorta ou do coração, ao produzir-se o tumor.

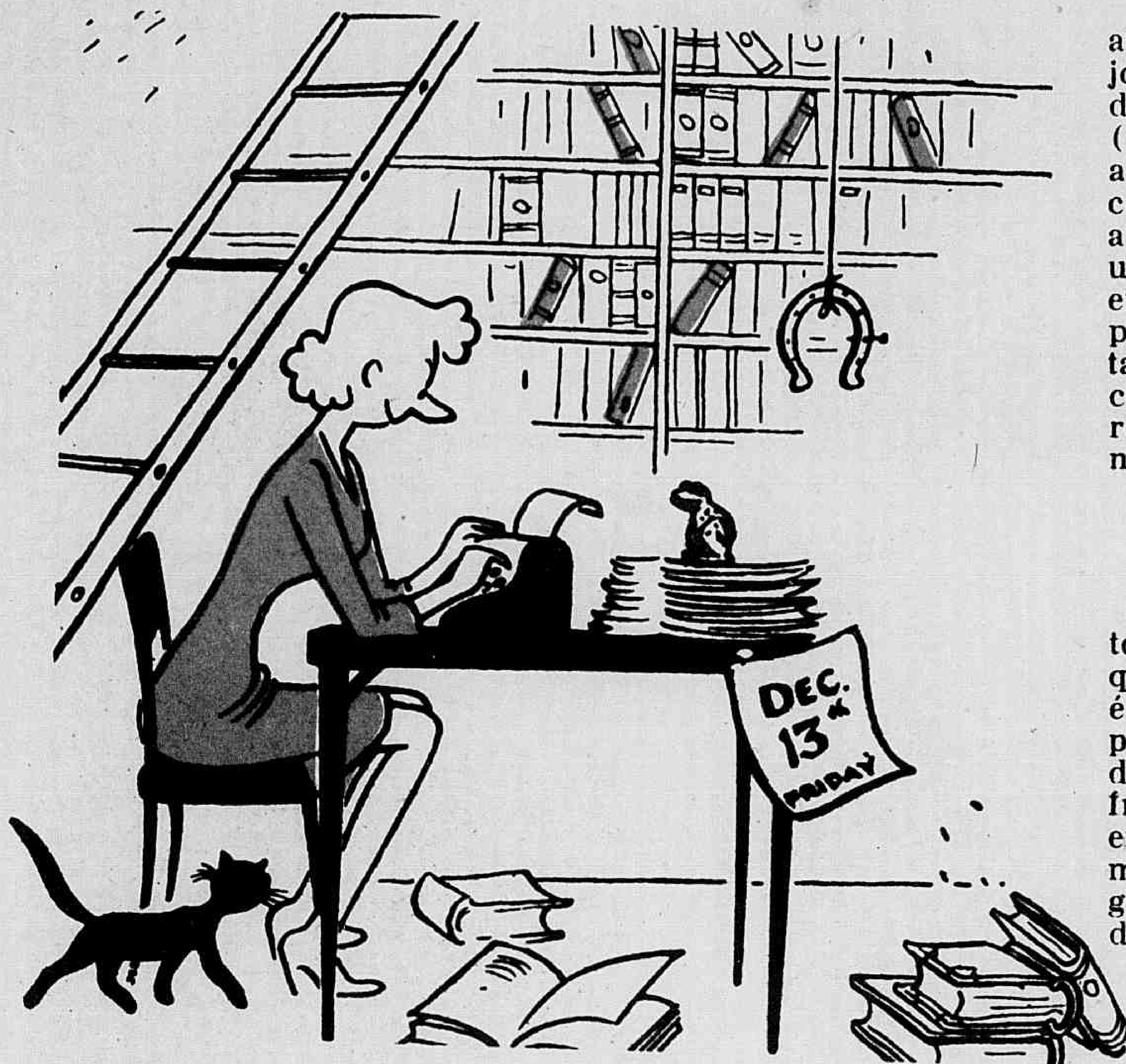
Eis que, para a ciência, a morte do rei Jorge VI tem uma explicação técnica quase completa e com isso os médicos ficam plenamente satisfeitos.

Porém, para a História, os últimos instantes do soberano inglês continuará a ser um enigma.

As três cornijas do augúrio o levaram para sempre guardado entre suas asas silenciosas.

M. ABIZANDA

ESTEJA EM DIA COM O MUNDO



UMA mulher residente em Nova York acaba de completar uma enciclopédia... das superstições, reunindo durante anos a fio de pesquisas cansativas, em cinqüenta e dois países... mais de 100.000 crenças supersticiosas, 10.000 das quais nos Estados Unidos.

★

Para evitar a venda de pinturas falsificadas, a França votou uma lei, ditando que um renomado grupo de peritos verique a autenticidade de cada quadro pôsto à venda nas galerias e leilões. O vendedor é obrigado a dar ao comprador um documento devidamente assinado, garantindo a êste poder devolver o quadro após seis meses, caso venha a duvidar da sua autenticidade.

★

Um escritório comercial funciona no interior da penitenciária federal da capital mexicana, com corretores diversos, banqueiros e todo o necessário para as diferentes operações comerciais e de crédito necessitados pelos prisioneiros. Há, ali, ainda, uma oficina de jornal, um fabricante de cartões de visitas (!), além de bancas de advogados, que se encarregam de petições, apelações, etc. Também uma banda musical se encarrega de distrair os presos com concertos e também serenatas especiais, quando um prêso recebe a visita de sua namorada.

★

Falta de medicamentos, da mesma forma que falta de alimentos, é uma das grandes responsáveis pelo alto índice da mortalidade na Índia, onde, ainda hoje, existe apenas um farmacêutico para cada grupo de cinco milhões de pessoas.

★

O *queimado do sol* nunca desaparece, nos indivíduos que se deixam queimar gradualmente. O escurecimento da pele, nesse caso, importa num permanente pigmento melanino, que é causado pela contínua exposição ao sol. A coloração só desaparecerá se a camada permeável da pele se recompor.

★

Um dos raros casos de gêmeos foi o ocorrido com o nascimento de um casal, no seio de uma família de raça negra em Hookerton, Carolina do Norte, Estados Unidos, em 5 de dezembro de 1940. Enquanto o primeiro a nascer, uma menina, era negra como os seus pais, o segundo, um menino, era albino, embora tendo as feições negróides. A pele era branca, os cabelos louros quase brancos e os olhos azuis.

★

Em 1912, foi organizada uma grande companhia, em Londres, com a finalidade única de... procurar o verdadeiro sítio onde existiu o Jardim do Eden; como se sabe, em muitos países cristãos, as bíblias continuam a ser editadas, afirmando que a terra foi criada às 9 horas da manhã do dia 23 de outubro do ano 4004 A. C.

NEM OS CAVALOS

OS ESCÂNDALOS NAS CORRIDAS

SEMANALMENTE estão surgindo os escândalos nas corridas de cavalos. Não nos referimos às corridas locais, aqui, em São Paulo, no Rio Grande do Sul, no Paraná, em Petrópolis e outros centros mais conhecidos do "turf" no Brasil. Falamos no sentido mais largo, pois que os truques que aqui aplicam os que têm interêsses estreitamente ligados à vitória (ou à derrota) de um parelheiro, são cópias fidelíssimas dos que são praticados, há muito mais tempo, fora dêste país.

De tôda parte chegam notícias realmente de pasmar e tanto que chegam para consolar os apostadores nacionais do que sofrem nos prados de corrida.

Ainda recentemente, lemos num jornal parisiense o seguinte fato: um cavalo, pertencente a um negociante de porcos, voltava para a repesagem, no prado de corridas de Auteuil, um dos mais elegantes da Europa, onde os príncipes indianos, os membros da realeza européia, os ministros de Estado e as estrêlas de cinema se acotovelam e jogam milhões de francos num só animal. Pois bem, o pobre animal fazia grandes esforços para abrir passagem até à balança, tão grande era o número de bengalas e guarda-chuvas, que se abatiam com frenesi sôbre as costas do seu jóquei.

Mas, enfim, de que censuravam o profissional? de haver perdido? Nada disso! Êle chegara à frente de todos diante do poste-vencedor, rateando 885 francos para 10 francos, depois de uma série lamentável de péssimas carreiras.

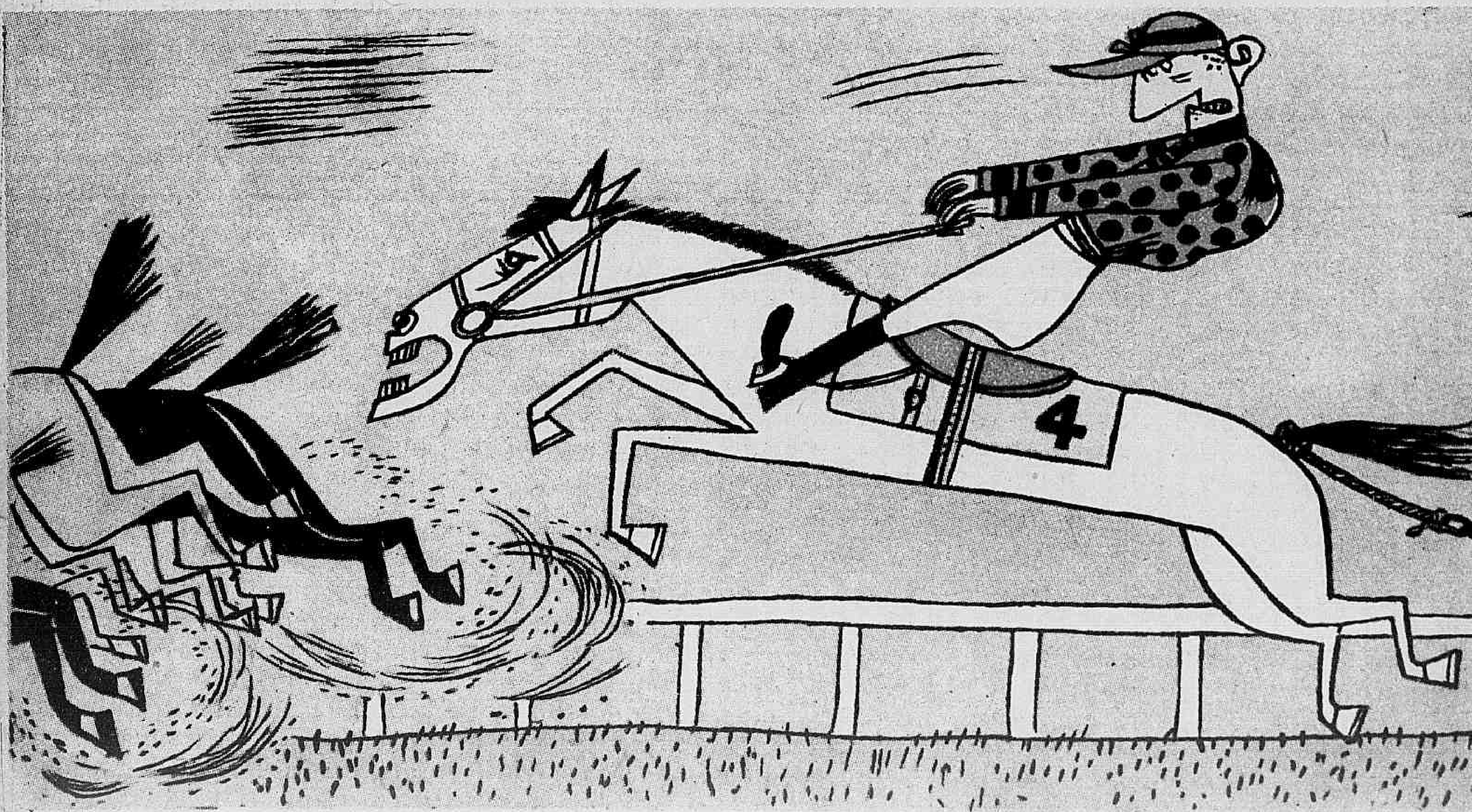
Em casos como êsse, os apostadores fazem "uuu-uuu" repetidos, e, segundo o tempo que faça, bengalas ou guarda-chuvas (porque o francês ainda usa bengala) entram em ação.

Mas, não importa que o freqüentador dos prados de corrida nos dirá que êsses casos são correntes.

★

Antes disso, havíamos lido, no "Figaro", da pena do crítico de corridas mais acatado em todo o mundo, Jean Trarieux, estas linhas realmente ameaçadoras:

"— Ontem, em Auteuil, tivemos chuva persistente e mesmo um princípio de geada. Raia pesada, portanto. O jóquei do favorito do "Prêmio Quomodo", Floral-Art, que voltava da pista, invocou essa raia, justamente, para desculpar o seu completo fracasso, numa carreira que nos pareceu bastante estranha. Mas, se bem nos recordamos, em 27 de novembro, no "Grande Prêmio dos Três Anos", o mesmo Floral-Art chegou em terceiro, ameaçando os dois ponteiros nos últimos galões. No entanto naquele dia, o terreno estava também muito pesado. Sua desculpa de ontem não tem, pois, cabimento. E' preciso que nos tomem por mais tolos do que realmente somos!"



ENTENDEM!



E, mais adiante:

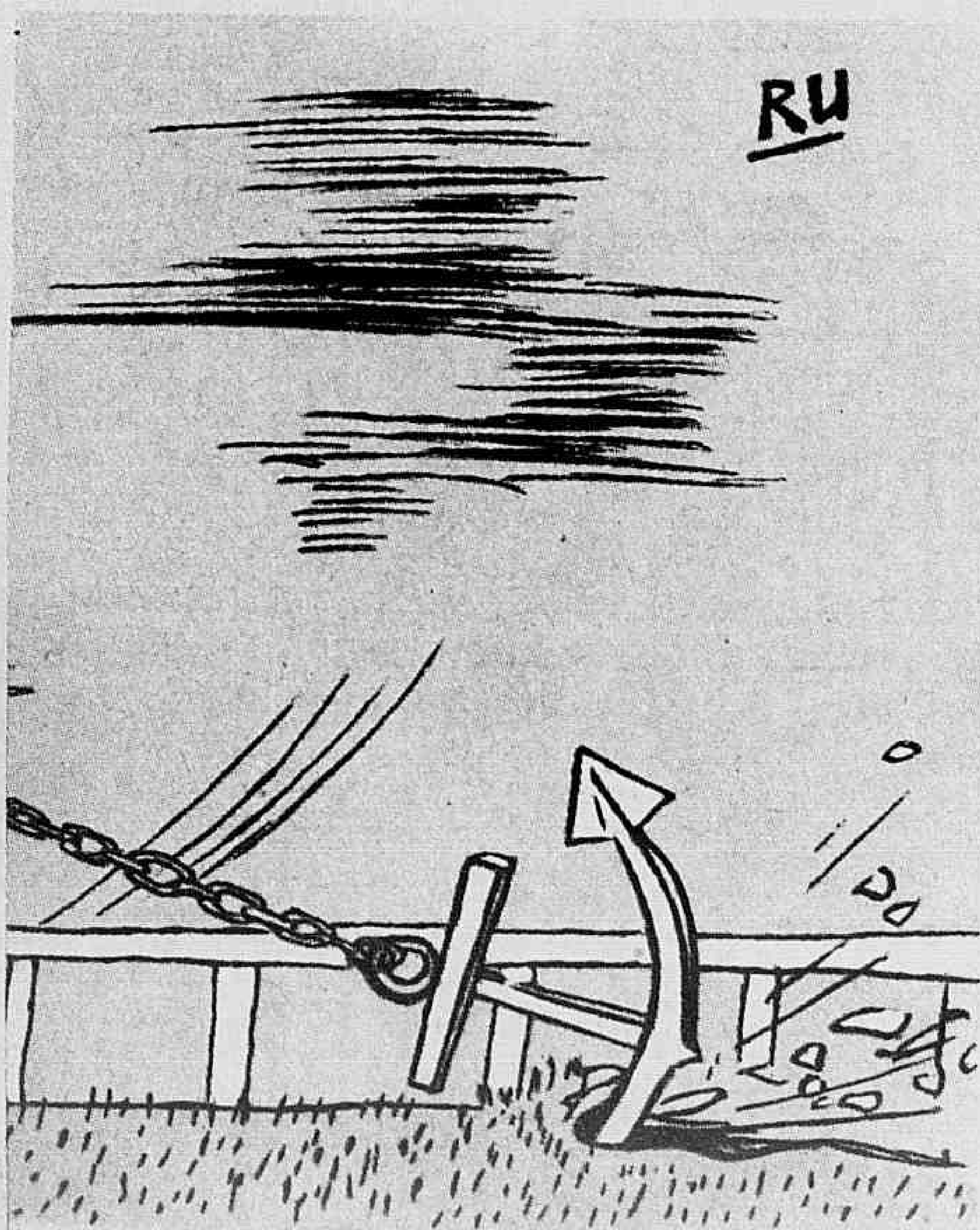
"Tais coisas só acontecem em França! (Que ilusão...) Porque o verdadeiro escândalo das corridas não é que se substitua um cavalo por outro, que lhe pintem tornozelos brancos ou marrons, ou que apaguem, com amido temperado com tabaco de Regia, a estrêla branca que tenha na fronte, para dar o nome de Prince Palatin a um miserável cavalinho que se chama Epinard VIII."

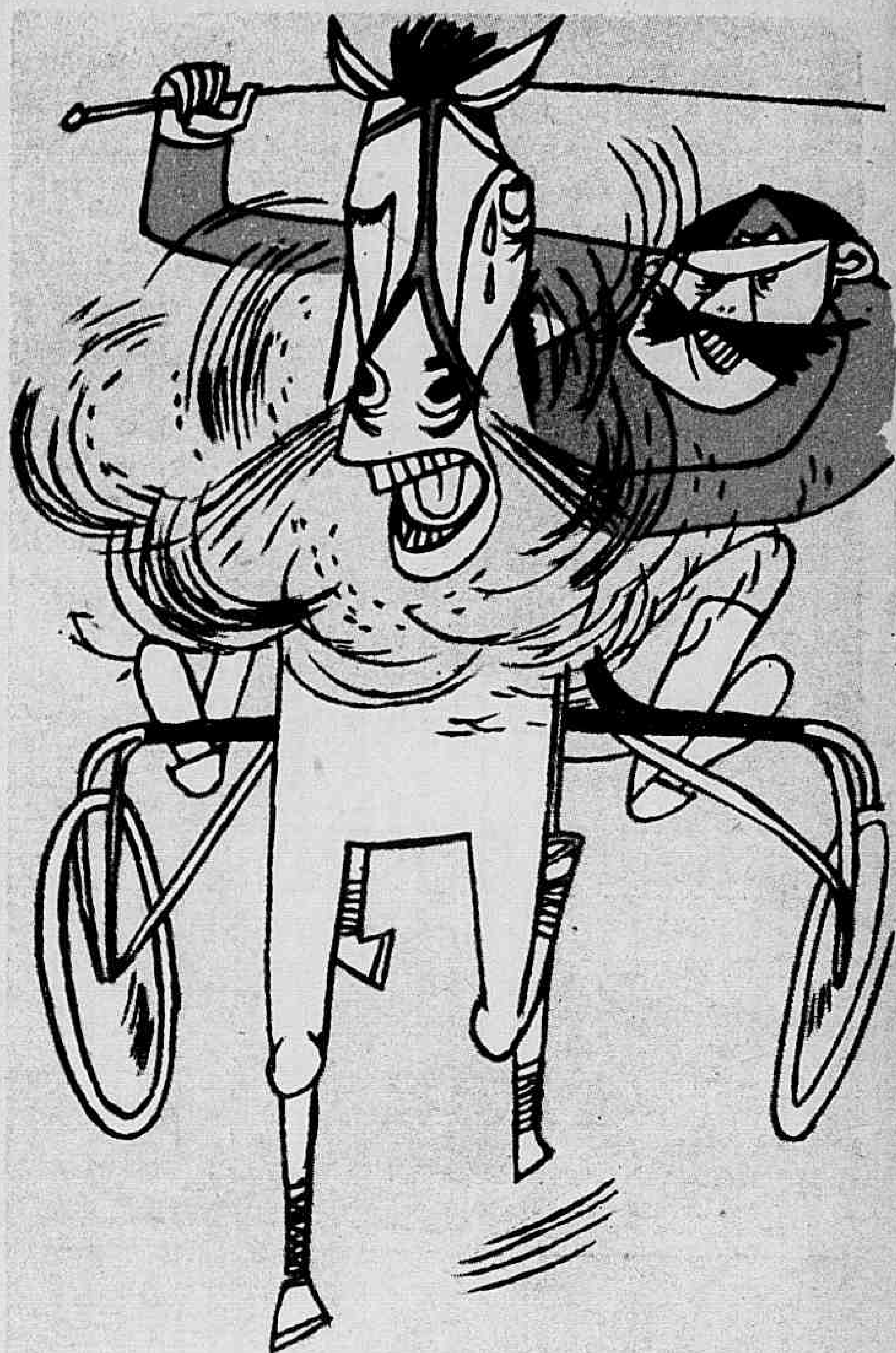
E prosseguia, veemente:

"— Sim! Isso também é feito! Mais no Sul, nos prados de Nice e Marselha do que em Paris, onde, felizmente, é mais raro. O que é mais freqüente, em Paris (só?) é o cavalo, que impedem de ganhar um páreo... (Oh, as puchadas!)

Mas há outros gêneros de corrida, que desconhecemos ou conhecemos pouco. Em Vincennes, França, por exemplo, entre os profissionais que dirigem os "trotadores", a coisa já é clássica; e podem, além do mais, agravar a falta... fazendo o animal galopar, o que logo o desclassifica. E como isso não depende cem por cento da perícia do jóquei, pode êle encontrar uma fácil desculpa...

Em corrida com pista normal, isso é mais difícil, pois que as coisas são logo observadas. Se opõem um bom cavalo a outro, mau, é preciso ter muito mérito, ser





mesmo um grande artista, para impedir que chegue primeiro ao poste vencedor.

Mas sosseguem os apostadores. Essas coisas ocorrem também na Inglaterra. E a prova está que, ainda no mês de junho último um "entraineur" inglês foi apontado pelos "olheiros" e os comissários de corridas intimaram que o mesmo explicasse as "performances" *contraditórias* de um de seus cavalos.

Outro tratador, êste francês, também teve seus aborrecimentos na Inglaterra pela mesma razão. "*Os Inglêses* (queixa-se um jornalista francês) *não têm istosinho de confiança em nossa honestidade!* Mas, convenhamos, os profissionais inglêses, por sua vez, não são "anjinhos"!

Porém, mesmo num terreno normal, é possível, sem grandes dificuldades, fazer um animal perder um páreo fácil. O procêssa mais simples é o de dar a "puchada". Puchar um cavalo é coisa que se vê fàcilmente. Porém o jóquei sempre terá a desculpa de "haver corrido na expectativa..."

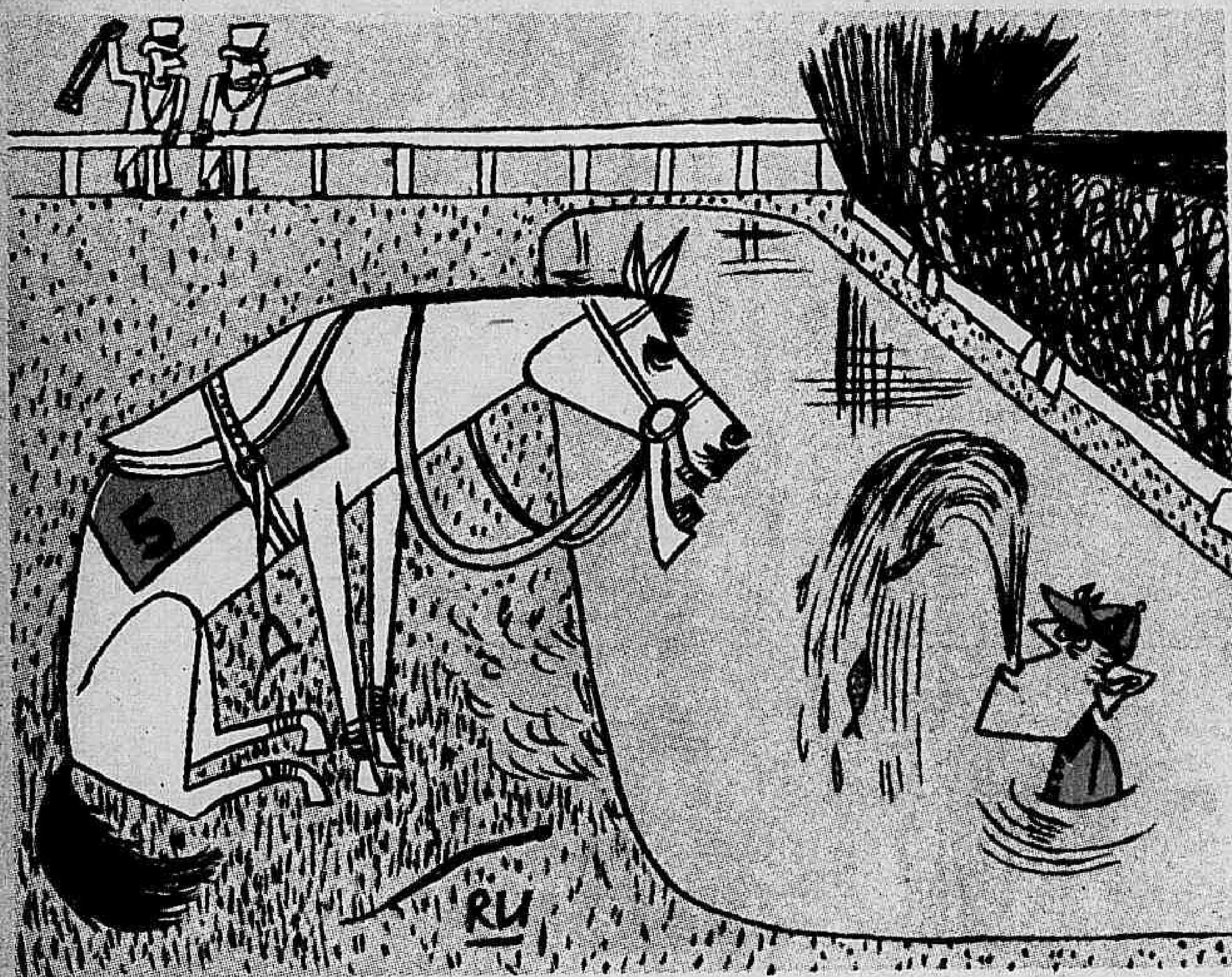
E' possível, igualmente, falhar numa partida; entretanto, se o animal é de boa qualidade, poderá recuperar o terreno perdido. Mas há outros recursos... Há, por exemplo, o truque de "encaixotar" um cavalo. Um cavalo pode ficar mal colocado num pelotão. Essa manobra está ao alcance de qualquer aprendiz; o errar é humano...

O "encaixotamento" é coisa que se vê em todos os prados, ficando um favorito com o focinho perdido nas ancas dos três ou quatro adversários que lhe barram o caminho, sem que o jóquei encontre a "passagem salvadora".

Também é possível desinteressar-se pela corrida. Galopa com a sua montada até à entrada da reta e, ali chegado, esquece completamente de insistir, como se o animal já viesse sem fôrças para competir.

Sim. Quem poderá provar que o cavalo estava em condições de passar os demais?

Um virtuoso pode ganhar, realizando milagres. Mas um virtuoso também pode



— Você me impediu de saltar! Pois agora terá que beber o obstáculo!

perder, realizando outros "milagres". O condutor de um trem elétrico, de um veículo qualquer pode dosar perfeitamente o seu impulso, para que possa parar num ponto dado. Um jóquei consegue fàcilmente deixar seu cavalo no pelotão ou nunca juntar-se ao mesmo, até o vencedor.

Em muitos casos, contra a sua vontade, ainda chegam em segundo ou terceiro, quando poderiam com facilidade chegar à frente do pelotão.

Há também corridas em que o cavalo, apesar de tudo, chega em posição de receber prêmios menores e pagar bons placés, quando o jóquei teria preferido chegar ainda mais atrasado no pelotão. E como já disse que "o castigo anda a cavalo", há animais que chegam à frente de todos os concorrentes, apesar das "puchadas", o que representa um desastre para muita gente, a começar pelo próprio jóquei.

O resultado disso tudo é que um cavalo, não um grande campeão, evidentemente, ao qual êsses truques são desconhecidos, porque seriam muito visíveis, corre três vêzes obscuramente, nestes e naquele páreo, aqui ou no prado vizinho; já perdeu em raia pesada em determinado hipódromo e naturalmente, é mal jogado num handicap ou mesmo sem êle. Um belo dia, zás, corre maravilhosamente e paga uma poule de 800 cruzeiros! Oh!

Muitas "bombas" são organizadas dessa forma. Os preparadores da "bomba" dirão por tôda parte: "Estive com o irmão do tratador e o cunhado do jóquei. Um e outro jogaram forte". Talvez não passe de uma falsidade. Há interêsse em afirmar tal coisa, para impedir o público de jogar, justamente, no cavalo que êles *prepararam* para ganhar.

Os prados de corridas são um ambiente complicado; e o pior é que tôdas essas histórias que as crônicas turfistas comentam com justo azedume, são quase sempre verdadeiras.

E fica-se refletindo. Nos Cassinos, ao menos, temos contra nós simplesmente o acaso — e isso já é suficiente para entreter os gerânios de tôdas as cidades balneárias do mundo...

Nos prados de corrida procuram ajudar o *acaso* ao ponto de que nem mesmo os pobres cavalos entendem...

Há exatamente 102 anos, em 1850, Harry Hieover escrevia:

"O steeple-chase é um esporte degradante, que devemos à Irlanda. Se, porém, o que se procura é um meio de roubar com maior impunidade e menor probabilidade de detecção que em qualquer outro gênero de corridas, então, convenhamos, temos uma grande dívida para pagar à Irlanda!"

E adiante:

"Muitas pessoas acreditam que os jóqueis são algumas vêzes pagos para perder as corridas. Não é verdade. Mas pode acontecer, de fato, com jóqueis que tenham reputação a perder; enquanto que nas corridas de obstáculos, tôdas as desculpas podem ser dadas, e se um jóquei quer atrapalhar os planos de um apostador, pode perder o páreo de cinqüenta maneiras diferentes, sem que a sombra de uma suspeita venha atacar sua conduta..."

De uma maneira geral conhecemos poucas pessoas que tenham feito fortuna jogando em cavalos. Também podem ser contados com os dedos de uma só mão os proprietários que lucrem com seus animais. Entretanto conhecemos jóqueis que são milionários, apesar das multas, suspensões e até mesmo eliminações.



Você quer apostar?

Alguma coisa acontece quando alguém faz essa proposta. Um professor da Universidade de Harvard teve que comer a própria camisa...

Por MORT WEISINGER

DESDE que os Romanos começaram a encher o Coliseu, a fim de apostar punhados de moedas em seus gladiadores favoritos, a Humanidade se apaixonou pelas apostas.

Aqui estão alguns surpreendentes exemplos:

★

CAMISA "A LA CARTE" — Durante a última campanha presidencial, nos Estados Unidos, um professor de Química na Universidade de Harvard apostou com um seu amigo que comeria a própria camisa caso o seu candidato não vencesse. Perdeu, entretanto. Calmamente dissolveu a camisa em ácido, neutralizou o ácido, filtrou-o a fim de colhêr os elementos da camisa, misturou tudo com manteiga, juntou um pouco de mostarda e comeu, entre duas fatias de pão.

★

BOI CAMARADA — Não há muitos anos, Fred Waring perdeu uma aposta de futebol para o ator Paul Douglas. Segundo os têrmos da aposta, o perdedor tinha que levar um boi a uma loja de louças... e pagar os prejuízos que o animal causasse. Waring, obediente ao compromisso, levou um boi a uma loja de porcelana chinesa, na Quinta Avenida. Não esqueceu de levar, também, o caderno de cheques e a caneta-tinteiro. Mas contra tôda a expectativa, o boi foi muito bem educado e não quebrou sequer um pires.

★

O PÊSO DA FUMAÇA — Sir Walter Raleight apostou, certa vez, jogando o seu título contra um cavalo e uma carruagem, em como seria capaz de calcular muito aproximadamente quanta fumaça havia numa libra de fumo. Ganhou a aposta porque, pacientemente fumou uma libra de tabaco, pesando depois as cinzas; então, subtraindo o pêso das cinzas de uma libra achou a resposta aproximada.

★

TIRO SEGURO — Um jogador de verdade, pode apostar até no seu último segundo de vida. Em 1876, em Hamburgo, um Francês chamado Jean de Gunther se viu envolvido numa briga de mesa de jôgo, trocando insultos com um cavalheiro Alemão. O duelo não podia faltar e logo foram trocados cartões e os padrinhos. De Gunther, com calma inalterável, convidou seu adversário a fazer fogo primeiro. O Alemão aceitou a oferta, atirou... e errou o alvo. então o Francês disse ao oponente:

— Aposto dez mil francos em como vou acertar o tiro entre os seus olhos...

O Alemão aceitou a aposta. De Gunther recebeu a importância apostada dos padrinhos de seu infeliz adversário.

★

CARTA "AÉREA" — Nenhuma aposta é mais popular do que a baseada na "certeza" mútua, quando cada parte está convencida de que não pode perder. O Prefeito de March, na Inglaterra, em 1750, apostou com Sir John Lade 100 libras em como uma carta poderia ser transportada 50 milhas em uma hora. Para vencer a aposta, o prefeito de March contratou 10 jogadores de "cricket", introduziu a carta numa bola de borracha pesada e os jogadores entraram a jogá-la de um para outro, formando um círculo imenso.

★

CAMPEÃO — "Titanic" Thompson foi um dos apostadores mais seguros dos Estados Unidos. Uma vez, depois de refletir bastante, apostou com um amigo em como lançaria a bola de golf a mais de seiscentas jardas.

Tudo preparado para a prova, Thompson colocou-se à beira de um lago gelado... e a bola que lançou vigorosamente com o "club", *deslizou* sôbre a superfície gelada cobrindo uma distância superior a uma milha!

★

O DIREITO AO CABEÇALHO — Pancho Vila, o famoso revolucionário mexicano apostou, certa vez, 1.000 pesos com o correspondente de guerra, Floyd Gibbons, em como ocuparia o cabeçalho das primeiras páginas de todos os jornais de Nova York. No mesmo dia travou uma violenta batalha contra as fôrças do govêrno. Porém perdeu a aposta, pois o noticiário da Guerra, na Europa, sendo mais palpitante encheu as primeiras páginas e Pancho foi relegado às páginas internas dos jornais...

★

QUATRO REIS — Uma manhã, ao findar o século passado, o caixa de um banco de Denver, Estados Unidos, encontrou dois homens que o esperavam à porta do estabelecimento.

— Preciso de um empréstimo de quatro mil dólares — disse um dos homens — Minha "garantia" está neste envelope. Mas por favor, não deixe o meu acompanhante ver...

Olhando para o interior do envelope, o caixa pôde ver quatro reis e um ás.

— Estamos jogando, no outro lado da rua — explicou — O total das apostas vai a dezesseis mil. Os parceiros concederam-me uma hora para conseguir o dinheiro apostado nesse lance.

— Isso é absurdo! — disse o caixa. Não posso emprestar dinheiro para jôgo.

Mas eis que surge o presidente do banco. Depois de informado da proposta e de lançar um olhar ao envelope, disse para o caixa:

— Rapaz... Quatro reis sempre representaram boa segurança para esta instituição. Dá o dinheiro ao homem!

E sua confiança valeu, pois o apostador ganhou.



AMANHÃ Talvez

A dona da pensão entregou o seu ultimato esta manhã, quando eu me preparava para sair para a *luta* diária. — "Quero que o senhor saiba e reflita bem. Ou recebo o meu dinheiro esta noite — disse ela — ou será despejado do quarto que ocupa".

Não a deixei saber que tinha vinte dólares no bôlso. As mulheres, algumas vêzes, são impossíveis de convencer. Haveria de exigir pronto pagamento. E como eu me arranjaria, depois, para as apostas? Jogar nas corridas é coisa que depende estritamente de capital e cautela. Afirmei-lhe que esperava obter a quantia necessária na-



Por

BOB McKNIGHT

A SRA. MORIARITY APRESENTOU UM ULTIMATO. AGORA NEM 10.000 ROSAS A FARIAM MUDAR DE IDÉIA...

quela tarde — o que era prometer demasiado com um mínimo de esperança. Entretanto, tive a ousadia de afirmar que *talvez pudesse pagar alguma coisa mais, antecipadamente!*

O que não lhe disse foi que não estivera inspirado para aceitar um só vencedor, sequer, nas duas ou três derradeiras semanas! Os cavalos que eu escolhia se recusavam a correr — ou, pelo menos, não tão depressa para ganhar o páreo.

E' claro: a Sra. Moriarity não compreenderia nem simpatizaria com a minha teimosia em querer apostar (e perder) mais aquêles vinte dólares. Era uma solteirona séria, bondosa, mas que tinha lá certas idéias rígidas. Teria sido uma alma perfeita... se não fôsse uma dona de pensão!

Eu pretendia comprar-lhe bonbons, caso tivesse sorte com os cavalos esta tarde. Essas pequeninas atenções servem para amolecer o coração das donas de pensão. Por isso eu, sempre que ganhava no prado, levava-lhe uma lembrança qualquer, ora balas, ora flores. Sem essas atenções, há muito que já teria sido despejado...

Agora, porém, era um *ultimatum* e eu me convenci de que teria mesmo que pagar, ao regressar à noite. A Sra. Moriarity era assim: custava um pouco... mas, quando se decidia, não adiantava insistir.

*

A última pessoa que eu poderia pensar em encontrar num prado era sem dúvida, o velho Pappy Smith. Tendo um emprêgo de vigia noturno numa fábrica, aproveitava os dias para dormir. Também é de se imaginar que o salário que recebe um vigia de fábrica não pode suportar as "crueldades" do turfe. Especialmente quando êsse vigia tem uma espôsa inválida.

— Que é isso? Estou surpreendido por encontrar você aqui. Pappy! — exclamei — Desde quando você vem fazer uma fèzinha nos cavalos?

— Só hoje! — disse êle — O médico disse que Marta precisa de passar algum tempo fora da cidade, em ambiente sadio... Preciso, para começar, comprar uma cadeira de rodas. Não posso comprá-la com o que ganho na fábrica, onde não passo de vigia noturno.

— Por isso veio cá? Pretende escolher um vencedor e, zás, arranja o dinheiro e a cadeira de rodas aparece em casa como por encanto?

— Segundo você diz, a coisa parece fácil — disse Pappy — Apenas espero ter sorte... ao menos esta vez!

— Em que cavalo vai jogar?

— Bem... Eu... Não sei ainda.

— Por que não volta para casa? — perguntei — Talvez esta noite eu possa emprestar a você o dinheiro necessário para comprar a cadeira de rodas.

— E como eu poderia pagar?

— Quem está falando em pagamento?

— O senhor me desculpe, não leve à mal minha recusa, mas não aceito caridade.

Pobre mais orgulhoso! Assim era Pappy. Que é possível fazer com um homem assim?

— Quanto pretende apostar, Pappy — perguntei.

— Tenho dois dólares, apenas...

Eu não tinha nada que ver com o seu caso. Pappy Smith nada era para mim, senão um velho simpático e que tinha uma espôsa inválida. Eu podia — e devia cruzar os braços e afastar-me, deixando que êle perdesse os dois dólares e voltasse para casa

mais triste mas também mais experiente. Mas não pude fazer isso. Tornou-se, repentinamente, muito importante para mim o caso de Pappy. Era preciso comprar aquela cadeira de rodas para Marta.

Mas como poderia eu ajudar aquêle coitado? Eu não pudera encontrar um "vencedor" para mim mesmo nas últimas semanas! Como indicar para êle um *vencedor*? Repentinamente tive uma idéia.

— Você vai deixar que eu escolha o cavalo para você e não me fará perguntas... Entendido, Pappy?

— Eu... Está bem... Acho que está bem!

— Entregue-me êsses dois dólares.

Fui tratar dos meus negócios diante do *guichet-vencedor* e, depois, voltei para junto de Pappy, no momento em que os cavalos já entravam na pista.

— Qual é o cavalo? — perguntou êle, animado.

— O castanho — respondi.

Corriam no mínimo seis cavalos castanhos, nesse páreo, mas a minha resposta pareceu satisfazer a Pappy. Mas nenhum dos castanhos venceu! O número quatro, um tordilho, chegou à frente de todos.

Pappy olhou para mim, ansioso. Era evidente que êle ignorava que cavalo vencera. Eu forcei um sorriso...

— Aí está! Você ganhou... E provàvelmente êle pagará acima de quarenta dólares. Excelente!

Quando o encarregado da pedra de apregoação subiu a escadinha a multidão pregou olhos no giz que êle manejava àgilmente. O número quatro pagava 87 dólares e 60 centavos por dois dólares!

Indiquei a Pappy o local onde poderia receber a sua bolada, que eu lhe cedia depois de considerável luta interna.

— Agora trate de ir à cidade e comprar essa cadeira de rodas. Não permaneça aqui! Quando se ganha é preferível dar logo o fora! — disse eu, antes de me afastar.

Tinha caminhado uma dúzia de passos, quando a "gestapo" bateu num dos meus ombros.

— Vamos comigo, rapazinho... — disse o troncudo detective.

— Hein? Que aconteceu?

— Você anda vendendo palpites...

— O senhor está enganado! Eu...

— Vamos logo... Conheço a manobra!

Estava eu "enjaulado" havia uma hora, quando o guarda veio avisar-me de que lá fora alguém desejava falar comigo.

Era Pappy Smith!

— Eu vi, quando o detective o pegou! — explicou êle — Vim correndo, tão depressa como pude. Que aconteceu?

— Um engano terrível! Êles pensam que eu estive vendendo palpites a você.

— Vou pagar a fiança agora mesmo! Afinal o dinheiro é seu!

— Nada disso! Êsse dinheiro é para comprar a cadeira de rodas para Marta. Então? Já esqueceu? Eu me arranjarei sòzinho. Há de haver uma saída...

— Mas há de haver alguma coisa que eu possa fazer! disse êle, quase chorando.

— Nesse instante, uma idéia me asaltou.

— Sim... Talvez haja. Se você quer ajudar, pode — depois de ter comprado a cadeira de rodas — comprar algumas flores e levá-las à Sra. Moriarity, a dona da pensão em que resido. Diga-lhe que fui eu quem as enviou. Diga-lhe também que estou aqui, nas grades, e que, por isso, não vou poder pagar a conta... por enquanto. Porém ela pode alugar o quarto quando quiser, fazendo apenas o favor de guardar as minhas coisas...

Não muito tempo depois de Pappy haver saído, a Sra. Moriarity apareceu na delegacia onde eu estava prêso. Tinha três belas rosas espetadas no decote do vestido e mostrava-se indignada com a minha prisão.

Contei-lhe o que ouvira de Pappy Smith, que precisava de uma cadeira de rodas para a espôsa inválida e o que eu havia planejado para o ajudar.

— O único meio que encontrei para estar certo de ganhar — expliquei — foi jogar em todos os cavalos do páreo. Êles eram onze. Eu tinha vinte dólares e Pappy Smith dois...

Pensei que ela se zangasse ao saber que tinha "tanto dinheiro" — que, afinal, deviam estar em sua própria bôlsa — mas tal não aconteceu.

"Joguei, portanto, dois dólares em cada cavalo. Quando o número quatro venceu, verifiquei que havia dado *poule* alta. Entreguei todo o dinheiro a Pappy...

— E... Êle não sabe?

— Não! E não quero que saiba. Pappy é pobre, mas não aceitaria a caridade.

— Eu vou arranjar as coisas — disse ela — O juiz Moriarity é meu tio. Não se mova daqui. Estarei de volta dentro em pouco.

Quando regressou trazia o juiz Moriarity de reboque. Tinha êle, na mão, as dez *poules* imprestáveis.

— Desejo comprar êstes... papéis — disse êle.

Pouco depois o guarda abria a porta do xadrez e eu me vi novamente livre. O juiz entregou-me vinte dólares. Surpreendido com êsse seu gesto, comecei a balbuciar protestos.

— Não! — disse êle — Vou colocar tudo isto num quadro, em meu escritório residencial. Sempre que eu começar a perder a minha fé na natureza humana, recordarei êste caso.

A Sra. Moriarity estava orgulhosa.

— Além disso — declarou o juiz — consegui arrancar um dólar, novinho, de cada um dos policiais dêste distrito...

Entregou-me um envelope recheado de notas de um dólar.

Assim o meu quarto na pensão está pago; e, quem sabe? — Amanhã os cavalos talvez possam voltar a ganhar para mim...



SE VOCÊ QUER ENRIQUECER...

... PENSE EM QUALQUER COISA: DAR MAIS UMA VOLTA NUM GRAMPO DE CABELO... OU FAZER UM BURACO NUMA BORRACHA...

O homem que inventou a roda, (como o que inventou o dinheiro) nada lucrou, monetàriamente falando, como isso, segundo nos relata a História. Porém o homem que deu mais uma volta ao grampo para cabelo fêz uma fortuna fabulosa.

O leitor não precisará de ser um gênio para se transformar num feliz inventor. Uma idéia para uma novidade ou melhoria do que já existe, mesmo coisa ligeira, poderá surgir como um *estalo* no cérebro e, caso se lembre de, primeiro, tirar patente, terá resolvido todos os problemas de dinheiro da sua vida.

O suportezinho de madeira, para bola de "golf", o alfinete de segurança, o orifício central na borracha para máquina de escrever — e muitas outras invenções do mesmo quilate — foram verdadeiras minas de ouro para seus felizes "inventores". O indivíduo que imaginou um novo formato para o "clip" dos papéis fêz mais dinheiro que Robert Fulton com o seu barco a vapor.

Compreende-se que Dennison tenha feito uma grande fortuna, lembrando-se de reforçar com um disco de papel gomado, as agulhetas das fôlhas de papel para bloco. Um indivíduo que folheia êsses tipos de blocos, poderá calcular as grandes vantagens dessa idéia, que evita o rompimento das páginas.

Qualquer pessoa poderia ter pensado em colocar uma borracha na extremidade final de um lápis. Hyman Lipman, um pequeno empregado numa fábrica e cujo serviço constava de apagar anotações a lápis, feitas nos bordos dos tecidos, pensou em alguma coisa que facilitasse o seu enfadonho serviço... e ganhou mais de cem mil dólares!

Walter Duebner, um vendeiro, descobriu muito ouro ou Edison, porém poderá ter um bom início para enrinecia suas mercadorias aos fregueses.

Will Painter tinha a incumbência de guardar gado; isso era cansativo e difícil. Resolveu tudo... com o arame farpado... e ganhou 150 mil dólares!

Talvez o leitor queira ser tão famoso como Marconi ou Edison, porém poderá ter um bom início para enriquecer por meio de qualquer coisa muito simples.

O'Sullivan, um empregado de armazém, lembrou-se de rodas protegidas por borracha, para evitar o ruído dos carrinhos, trafegando pelo interior do depósito; o caixeiro-viajante Gillete pensou... na navalha de segurança. Clarence White chegou a milionário patenteando o carrinho para bebês, depois de fabricar um primeiro veículo, bastante tosco, para seu próprio filho.

E um maldito tinteiro foi o início de uma das maiores indústrias americanas, espalhadas hoje por todo o mundo. Um jovem corretor de seguros estava prestes a assinar um dos seus prospectos, quando um tinteiro derrubado arruinou o seu negócio, aborrecendo o cliente e fazendo-o desistir dizendo-lhe ainda muitos desaforos por haver sujado as mãos e as calças. O incidente levou o corretor de seguros, Lewis Waterman, a imaginar a... caneta-tinteiro. Seus herdeiros continuam a ganhar dinheiro com a sua idéia!

Mesmo as donas de casa podem ter idéia que valem milhões. Hannah Montague, de Troy, Nova York, pensou em poupar o número excessivo de camisas que era òbrigada a lavar, protegendo os colarinhos. E assim inventou o colarinho destacável! A Sra. Katherine Sunderland ganhou também uma fortuna porque estava cansada de remendar meias. Tirou patente do refôrço que hoje tôdas as meias possuem!

Uma senhora que queria ter todos os seus ovos arrumados num cêsto, sem que se quebrassem, inventou o suporte de arame em que cada ôvo fica prêso por um grampo de arame. Três velhas solteironas que consideravam a limpeza das janelas coisa muito exaustiva, inventaram o bastão com esponja que limpa as venezianas fàcilmente.

Mark Twain perdeu muito dinheiro relatando suas idéias aos amigos, que as aproveitaram para ganhar dinheiro; mas, afinal, ficou com uma delas para si mesmo: um livro, cujas páginas não arriscavam a ficar dobradas evitando assim a sua rápida ruína. E vendeu muitos exemplares, pessoalmente, o que levou um crítico a escrever: "Às vêzes é preferível vender livros... sem palavras".

Famosos cientistas também foram pequenos inventores sem com isso perder prestígio. O grande Luís Pasteur, por exemplo. A sua primeira patente, na América do Norte, não se referia ao leite pasteurizado, mas "a um processo para fabricar melhor cerveja".

Cêrca de 50 patentes tiradas nos Estados Unidos rendem mais de um milhão de dólares por ano e outras 15.000 dão aos seus felizes possuidores mais de 100.000 anualmente.

E há, atualmente, uma tendência para animar êsses inventores. Quase tôdas as companhias oferecem prêmios tentadores aos seus empregados em troca de idéias que melhorem a produção de suas fábricas e tornem o negócio mais lucrativo.

Qualquer nova fórmula, processo ou desenho pode ser patenteado, desde que seja suficientemente diferente do que já existia. O leitor, por exemplo, poderá enriquecer inventando qualquer meio de polir melhor um *"io-iô"*, a fim de lhe proporcionar funcionamento mais perfeito.

Qualquer pessoa poderá fazer fortuna inventando um novo cordão para sapatos — desde que seja melhor do que os já existentes.

Foi o depoimento de uma criadinha curiosa (e que gostava de encostar a orelha à fechadura das portas) que levou a polícia a prender a Sra. de Sassy

"— Ouvi muito bem, a senhora marquesa — depôs a camareira indiscreta — declarar à sua amiga, Srta. de Chambonneau, que só podia contar com o Sr. Cavalheiro de Rose para a desembaraçar do seu marido! E que, se êle o fizesse, ela estaria pronta a lhe pagar duzentos luíses!

Ora, o marquês de Sassy, justamente, acabava de desaparecer, no correr de uma viagem a Bruxelas, feita em companhia... do cavalheiro de Rose! Ali estava uma testemunha preciosa, sem ambiguidade, que não podia ser recusada pela justiça. A Sra. de Sassy e a Srta. de Chambonneau foram prêsas.

O fato do desaparecimento não era discutível. O Sr. de Sassy, antigo coronel de infantaria, brilhante soldado e senhor de bela fortuna deixara Paris em fins de abril de 1704, com destino à Flandres, onde tinha negócios. Viajava em sua carruagem, conduzida por seu cocheiro François Larive, acompanhado por seu intendente, Alexandre, de origem levantina, e que os Sassy haviam enobrecido não se sabe por que, chamando-o de cavalheiro de Rose. A carruagem chegara realmente a Bruxelas, mas *vazia*! Interpelado, o cocheiro pretendia que seu senhor descera do veículo em Senlis, ordenando-lhe que levasse o cavalheiro de Rose até à grande cidade flamenga. Em Bruxelas, Alexandre dera liberdade a Larive, convidando-o a voltar em pequenas etapas, a Paris, enquanto dêle mesmo não dera mais sinal de vida.

Quanto ao coronel, também não se ouvira mais falar.

Ali estava, convenhamos, um conjunto de circunstâncias estranhas e que, reunidas ao testemunho da camareira, justificava um certo alarma. O primeiro a manifestar sua inquietação, foi um cunhado do marquês, conselheiro no Parlamento de Paris, homem ambicioso, ávido por dinheiro, inescrupuloso e gozando de elevada autoridade sôbre os seus colegas do Parlamento, Sr. de Villers.

Villiers tinha razão de se agitar pois que odiava a sua cunhada e havia feito o impossível para impedir seu casamento com o marquês de Sassy, pois que êsse casamento lhe arrancava tôdas as esperanças de herdar, um dia, os bens consideráveis do antigo coronel. Casamente que, além do mais, tinha uma história um tanto escandalosa a contar: a Srta. Margarida de Gaudon desposara em primeiras núpcias o Sr. de Ris, capitão na Cavalaria Ligeira e que morreria na Itália em 1692, no Exército real. Tivera um filho que como o pai, morreria também na Itália em 1702. Desde muito tempo ela se fizera amante do Sr. de Sassy, embora fôsse êste sensìvelmente mais moço que ela, pois que na época em que se desenrola a nossa história, ela estava com quarenta e seis anos, enquanto o marquês tinha apenas trinta e quatro. Convém acrescentar que a Sra. de Ris teria podido legitimar, desde o início, os seus amôres com o antigo coronel que logo manifestara o desejo de a desposar. Porém foi ela quem recusou, considerando que a diferença de idade tornava difícil uma união duradoura e não querendo, por outro lado, impor ao amante o encargo do filho do Sr. de Ris. Êste morto, o Sr. de Sassy, cada vez mais apaixonado (porque a Sra. de Ris se fizera ainda mais bonita) renovara seu oferecimento e a viúva se deixara convencer.

Foi então que o Sr. de Villiers se intrometeu. Pela *primeira* vez, mas não a *última*. Enquanto as relações de seu cunhado eram irregulares, não se impressionara.

Os grandes erros

O CAVALHEIRO



Na prisão, Mme. de Sassy esperava pela morte.

judiciários (II)

Um casamento, porém, criava uma situação diferente. Mau grado seus quarenta e seis anos, a Sra. de Sassy podia ainda voltar a ser mãe e deixar herdeiros que o lesariam grandemente, se um dia o Sr. de Sassy, soldado dos mais intrépidos e mesmo um tanto temerário, tombasse à frente dos seus cavaleiros. Tentou obter a interdição das núpcias, alegando que a Sra. de Ris se conduzira indignamente durante a viuvez. Sua causa era má. Perdeu.

Encontrava, agora, no desaparecimento do irmão, bom motivo para a desforra.

No dia 10 de maio de 1704, portanto, a prisão da Sra. de Sassy foi efetivada. Dois dias depois foi prêsa a Srta. de Chambonneau. No dia 15, prisão igualmente de dois padres, familiares da residência de Sassy, os abades de Ponsenac e de Viginaire, que teriam sido os confidentes da marquesa. A Bastilha fechou-se sôbre os acusados.

ODIAVA A CUNHADA



Um cunhado a perseguia... outro cunhado a salvou!

Uma perquirição realizada na residência de Sassy permitiu à polícia descobrir cartas, tendo algumas parecido efetivamente misteriosas para interessar aos magistrados. Uma, principalmente, em que se falava de uma criança que teria nascido, antes do casamento, das relações de Mme. de Ris e do Sr. de Sassy, e cuja vinda teria sido — afirmava o Sr. de Villers — a verdadeira razão pela qual o coronel teria desposado a bela viúva, sob ameaça de *chantage*, que esta lhe moveria. *"Eis um filho* — dizia essa epístola — *que Deus quis que eu tivesse. E o que você tanto queria. E' seu, sem dúvida. E' o filho que merece tôdas as esperanças do seu nome."*

O caso tomava consistência. O *dossier* Villers ia aumentando. A Sra. de Sassy se defende, aliás, muito mal. Não que ela confessasse alguma coisa, mas negava com voz mole, com hesitações, embaraços, contradições que impressionaram desfavoràvelmente os juízes. Villers desdobrava a sua ofensiva: acusou a cunhada de haver subtraído ao marido papéis comprometedores, estabelecendo que o Sr. de Sassy havia traído o rei, colocando-se a serviço da República de Veneza, então em guerra, não declarada, é verdade, contra Luís XIV. Primeiro ponto. E — segundo ponto — pretendeu demonstrar que o menino nascido antes do casamento (e que era conhecido pelo nome de Mignon) não era, na verdade, filho do coronel nem fôra fruto da própria Sra. de Ris, que fingira tudo para forçar o Sr. de Sassy a legitimar aquela ligação. Enganado, a princípio, o marquês afinal havia descoberto a fraude. Daí o violento desacôrdo entre os esposos. Nisso tudo devia ser procurado o móvel de um crime à primeira vista inexplicável.

A opinião pública, mal informada, era em seu conjunto hostil à acusada, que perdia terreno dia a dia e parecia resignada. A posição pessoal do Sr. Villiers no Parlamento como fàcilmente se imagina, era suficiente para conquistar os ouvidos de seus colegas, tanto mais que sempre tivera a reputação de homem severo, de gênio azêdo e devorado pela ambição, mas homem direito, apesar de um pouco rígido.

Os co-acusados da marquesa, pessoas de medíocre inteligência e totalmente desamparados diante do aparelho judiciário, sabiam apenas gemer. O cocheiro Larive, que haviam pensado inculpar, de início, comprara a sua tranqüilidade concordando com tudo quanto haviam desejado que dissesse ou fizesse. A acreditar no que dizia, o Sr. de Sassy e o cavalheiro de Rose tinham deixado a carruagem juntos, em Senlis; o cavalheiro só voltara duas horas mais tarde e fôra êle — e não o Sr. de Sassy — quem dera ordem para prosseguir viagem.

A marquesa parecia inexoràvelmente destinada ao machado do carrasco.

Um de seus cunhados a perdia, um outro cunhado a salvou! O inquérito estava qua-

se terminado e o Parlamento ia ser encarregado do caso, quando voltou da Flandres, onde guerreava valentemente, o barão de Ransijac, capitão dos Guardas do Rei, casado com uma irmã da Sra. Sassy e homem honrado. Brilhante soldado, de uma vasta cultura, ligado estreitamente aos mais belos espíritos do seu tempo, era homem de inteligência firme e ágil ao mesmo tempo. Sabia, além do mais, que sólida afeição unia os Sassy e quanto o marquês confiava na espôsa. Tudo, na história que lhe contaram pareceu-lhe inverossímil. Tratou de escolher um advogado de elevado renome (e quase homônimo da acusada), Sr. de Sacy, humanista distinto, homem de coragem, generoso, acadêmico...

Sacy, logo que estudou o processo, notou tôda a perfídia do Sr. de Villers. O documento-colossal, que servia de base à acusação, a famosa carta da Sra. de Sassy, anunciando o nascimento do filho ao amante, fôra odiosamente truncada pelo conselheiro. O jovem Mignon, que vivia na residência de Sassy era filho de um casal de camponeses do Bourbonnais, paróquia de Saint-Irmont, Antonio Mercier e Georgette Vérat, casados legìtimamente e bem conhecidos e respeitados.

— Jamais disse outra coisa! — protestou Villers — O senhor apóia plenamente as minhas acusações. Sempre sustentei que a Sra. de Ris tudo havia forjado para forçar o amante a legitimar uma situação da qual já estava fatigado, ameaçando mesmo rompê-la. Sassy se deixou apanhar na armadilha, aceitou dar seu nome à amante, legitimando o filho recém-nascido. (?)

Villers, em seu desejo de agir, ia demasiado longe. Sua afirmação o perdeu. Pois não foi difícil ao Sr. de Sacy demonstrar que, jamais, entre os esposos (ou amantes, se preferirem) se pensou em legitimar Mignon; a Sra. de Ris o adotara durante a viuvez, apresentando-o a Sassy como um filho adotivo, nunca como legítimo.

Mas, a carta? A famosa carta?

Achava-se a mesma perfeitamente inocente, quando se lia o texto integral. A Sra. de Ris apenas gracejava. E Mignon, sempre fôra querido pelos esposos.

Finalmente, que restava de perigoso no *dossier?* O testemunho da criadinha indiscreta. Interrogada com paciência, não tardou a confessar que, afinal, ouvira, só e só, sua patroa pronunciar o nome do cavalheiro de Rose e acrescentar:

— Eu fui contrária a esta viagem. Tenho pressentimentos sombrios. Pagarei com satisfação duzentos luises ao cavalheiro, tão cedo voltem!

Ficou demonstrado, de fato, que tinha sido o Sr. de Sassy o único organizador da viagem, recusando dar à espôsa detalhes sôbre os negócios que ia tratar na Flandres e contendo-se com dizer:

— Se tiver que me demorar mais tempo mandarei de volta o cavalheiro.

E a criadinha acabou confessando:

— Foi o Sr. de Villers, quem me sugeriu depor, a primeira vez, conforme ficou registrado.

Se nem tudo se esclarecia, se, principalmente, o desaparecimento do coronel permanecia inexplicável, o papel da Sra. de Sassy mudava singularmente de aspecto. E mau grado tudo, o Parlamento, nas mãos de Vilers, mantinha a infeliz prisioneira.

Cêrca de 18 meses depois ocorreu o golpe teatral: o Sr. de Sassy reapareceu!

Mais exatamente. Enviou notícias. E com uma pontinha de extravagância, que esclareceria muitas coisas. Na verdade, a história da "traição", tinha certo fundo de verdade. O Sr. de Sassy se julgava feito para a diplomacia; êsse valente soldado tinha a mania de dirigir os negócios europeus. Quando deixou o Exército, trabalhou sucessivamente com os embaixadores da Espanha, de Nápoles, de Veneza, etc. Da maneira mais cândida e também a mais complicada. Porém Luís XIV não gracejava com êsses assuntos. Sabe-se que o famoso "Máscara de Ferro" não passava, de fato, de um vago negociador que se metera a agir junto dos plenipotenciários franco-piemonteses e de maneira pouco fiel à França; pagou suas iregularidades com a prisão perpétua. Sassy se sentira ameaçado de alguma penalidade semelhante? Teve mêdo e começou a divagar, tomado da mania de perseguição. Confessou-se ao Sr. de Villers, que, longe de o acalmar, mais exasperou, maquiavèlicamente, os seus terrores, com a esperança (nada vã) de provocar uma catástrofe da qual se beneficiaria. Totalmente perturbado, Sassy resolveu deixar Paris, indo residir no estrangeiro, onde procuraria refazer a vida sob falsa personalidade. Fingiu partir para Bruxelas, livrou-se do seu intendente e do seu cocheiro em Senlis, indo para Jersey.

Essa carta, entretanto, não conseguiu vencer a resistência de Villers. Taxou-a de falsa. Foi necessário que o governador de Jersey certificasse oficialmente a sua autenticidade para que a Sra. Sassy recuperasse, enfim, a sua liberdade.

Dirigindo-se apressadamente para junto do marido, tentou convencê-lo a regressar à França, não o conseguindo logo, mas sòmente depois de muitos meses, arrancando do coronel a promessa de que desembarcaria pròximamente em Saint-Malô. Porém Villers era um terrível inimigo; despachou um emissário que, bem instruído e hábil, interrogou o coronel de tal forma que o desgraçado acreditou haver caído numa armadilha preparada pelo rei. Quando a Sra. de Sassy voltou para a sua companhia, êle estava louco.

O Sr. de Villers triunfava: morto o coronel, obteve imediatamente a administração da sua fortuna.

CUIDADO! A CURIOSIDADE PODE MATAR!

Se enchente, fogo, explosão ou rixa surgir nas proximidades da sua casa ou escritório, é muito provável que o leitor corra para «ver de perto». Um veterano da Cruz Vermelha indica algumas regras úteis que poderão livrar muita gente da morte.

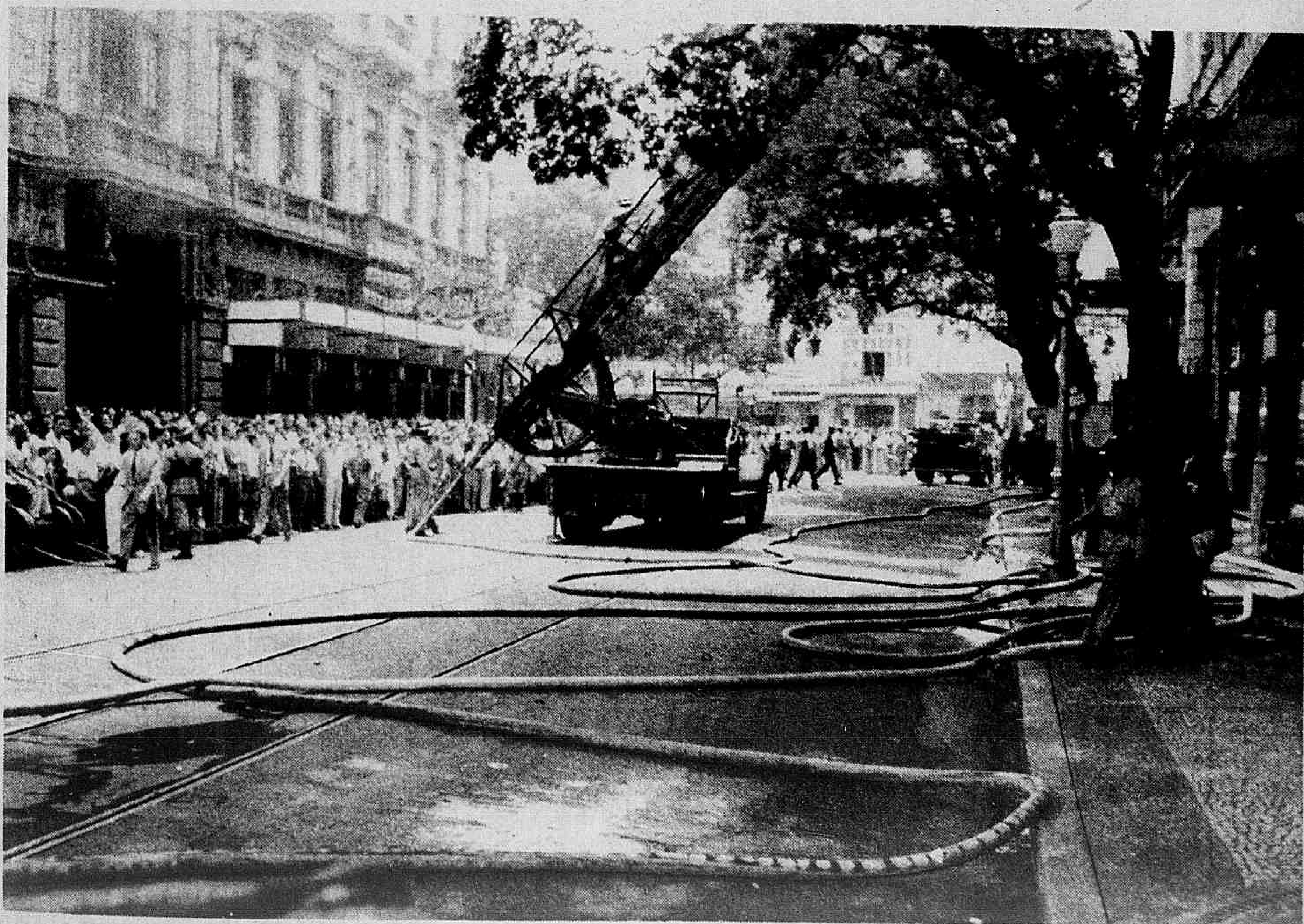
O leitor, por certo, terá visto nos filmes jornais, cenas de homens e mulheres, feridos gravemente, após haver escapado por milagre à morte. E, sem dúvida, terá pensado: "Que será de mim em iguais circunstâncias?"

Na verdade, ninguém pode responder a essa pergunta. Entretanto, Maurice Robert Reddy, chefe dos socorros da Cruz Vermelha, da brigada que age por ocasião dos grandes desastres, pode dizer a respeito coisas muito úteis e interessantes. Aprendeu muito nos últimos vinte e nove anos, sôbre as grandes crises humanas — e uma lição da sua enorme experiência pode significar vida em vez de morte, para os que o ouçam com atenção.

Durante todos êsses anos, Reddy correu em tôdas as direções, neste Hemisfério, socorrendo pessoas vitimadas por furacões, incêndios, explosões, tremores de terra, tornados, desastres de minas, lutas raciais e outras imprevistas calamidades.

Reddy não é homem que faça longos discursos. Parece dar grande valor às palavras. Quando interrogado sôbre o que fariam os fregueses do restaurante em que almoçávamos, caso ouvissem alguma terrível explosão algumas quadras além, êle cerrou ligeiramente os olhos, mordeu a ponta do lápis e refletiu um longo minuto.

"— Metade dos que aqui estão sairiam à rua e correriam, todos, ansiosos, para o cenário do drama. — disse êle, finalmente — E essa curiosidade poderia matar a muitos dêles! No mínimo, simplesmente agravariam a catástrofe, atrapalhando os movimentos da turma de socorro. Por mim, jamais assisti a nenhum desastre que tivesse três vêzes mais gente do que a necessária. E isso foi sempre causa de novos aborrecimentos. Em geral os esforços das turmas de salvação ficam prejudicados pelos curiosos. Depois de um devastador tornado, que literalmente acabou com a cidade de Pryor, em Oklahoma, no ano de 1941, tomei o meu automóvel em Tulsa e lá fui para o palco do drama. Porém as estradas estavam de tal forma entulhadas de automóveis de curiosos, que acabei sendo obrigado a regressar ao ponto de partida, adiando lamentàvelmente a minha missão de socorro e piedade. No regresso pude ver inúmeras ambulâncias lo-





veículos que haviam transportado os curiosos, que, apanhados como numa armadilha, atropelando-se, sofrendo queimaduras, fraturas de tôda espécie, passaram momentos dantescos. O número de mortos foi elevadíssimo e os hospitais das cidades próximas ficaram a braços com quase quatro centenas de feridos graves. Tragédia similar se seguiu por ocasião da explosão de um depósito de gás líquido em Cleveland, em 1944. Curiosos de outras partes da cidade correram para a área devastada e muitos tiveram a mesma sorte dos "assistentes" da tragédia de Texas City.

Assim a curiosidade aparece no alto da lista de perigosas reações provocadas pelos desastres, na opinião de Reddy. Tudo ocorre num segundo. A credulidade também prejudica... Cita Reddy, igualmente, que os programas de reconstrução foram adiados de muitas semanas, após o tremor de terra de Charleston, em 1886, porque correra a notícia de que um profeta local anunciara a data exata do primeiro tremor e afirmara ainda a iminência de outro tremor muito mais desastroso.

comovendo-se com dificuldade, a menos de quinze quilômetros horários, ainda longe da zona do desastre, quando a vida de muitos sobreviventes estava na dependência da chegada dêsses socorros médicos.

"E há mais! Os próprios curiosos, em geral, acabam sendo outras tantas vítimas. O incêndio de um cargueiro em Texas City lançou para o céu espessos rolos de fumaça multicolorida. Isso foi o bastante para atrair dezenas de milhares de espectadores de muitas milhas em redor. Repentinamente, nova série de tremendas explosões acabaram de demolir o pobre navio. Destroços fumegantes foram lançados a grande distância, em tôdas as direções, provocando desabamentos, novos incêndios e outras devastações terríveis. Todo o cais sofreu pesadamente e também os

OS ADIVINHOS...

Os habitantes de Rutland Vermont, cuja coragem já fôra provada quando um colossal reservatório tombou ante a fôrça das águas, inundando a cidade, cruzaram os braços abandonando os trabalhos de remoção dos entulhos, quando correu a notícia de que outro reservatório estava para ruir, *segundo afirmava um "grande adivinho"*.

Reddy, de outra vez, mal conseguiu evitar um grande desastre, porque teve que perder muito tempo tratando de desmentir uma longa série de crenças tolas que tolhiam os movimentos de uma família. Para os membros dessa família, a Cruz Vermelha era obra do diabo e só provocava desastres para lucrar com êles; a turma de salvamento era composta de ladrões e salteadores; as águas locais não estavam infectadas como afirmavam e por isso êles a beberiam de qualquer maneira!

Retornando, por trem, após a grande

inundação no Oregon, em 1948, Reddy foi sentar-se no salão-refeitório com um importante homem de negócios da costa ocidental. Não tardou que o homem, baixando a voz, afirmasse que o Govêrno Federal, construído o reservatório, havia colhido mais de dois mil cadáveres e guardado os mesmos num imenso frigorífico de Portland. A fim de esconder êsse grande desastre, o Govêrno pretendia colocar todos os mortos, secretamente, num navio, que os levaria para sepultar temporàriamente num *atoll* do Pacífico. Mais tarde, êsses corpos seriam transportados de regresso aos Estados Unidos, anunciando-se então que tinham morrido na guerra!



— Cavalheiro — disse-lhe Reddy —. Se algum dia a cidade em que o senhor reside fôr inundada, nada menos de trinta, entre os seus amigos e parentes, apelarão para a Cruz Vermelha, solicitando ajuda urgente. Recebemos dez mil pedidos de socorro médico e monetário, vinte e quatro horas depois do incêndio do Winecoff Hotel, de Atlanta. Se, de fato, o Govêrno, tivesse recolhido 2.000 cadáveres, em Portland, por certo teríamos recebido sessenta mil pedidos de auxílio em remédios, gêneros alimentícios e dinheiro... E eu não estaria aqui neste trem, neste momento, conversando com um louco perigoso!

Reddy não está muito certo sôbre quem causa maiores males: se os crentes exagerados ou os céticos teimosos. O cético é particularmente mais importuno num palco de tragédia. Em geral possui um barômetro de qualidade inferior mas que, na sua opinião é muito mais preciso do que qualquer outro que o Departamento de Meteorologia possa ter. Ora, se vive nas margens do rio, quando o grupo de engenheiros vai alertá-lo de uma próxima e repentina subida das águas, diz imediatamente que ninguém conhece aquêle rio melhor do que êle.

Quase todos os leitores, por certo, já ouviram histórias surpreendentes de como indivíduos de diferentes posições sociais, religião e côr desprezam tais avisos e cruzam os braços diante da adversidade. Mas é preciso que tais indivíduos não se esqueçam: a mesma calamidade que destrói seus lares, algumas vêzes também acaba com o seu ceticismo e... com a sua vida!

Reddy estava na cidadezinha de Haysi, Virginia, quando a casa de ferragens local, foi prêsa de incêndio.

Todos os que ali estavam, eu inclusive, corremos para ajudar o pobre negociante a remover para a rua a sua mercadoria. Eis que um dos *ajudantes* apanhou duas carabinas, novinhas, e várias caixas de balas de uma prateleira, colocou tudo debaixo do braço e tratou de se afastar.

— Olá? Onde vai o senhor com minhas carabinas e a munição? — gritou o proprietário.

— *Suas* carabinas? Eu as tirei do fogo, não foi? Portanto são minhas!

Reddy, habituado a apaziguar, obrigou o homem a restituir o que apanhara indevidamente — e o que era mais importante, — arriscando-se a provocar alguma explosão.

Maurice Reddy nasceu numa fazenda não distante de Mason City, Iowa, há 62 anos. Parece que estava destinado a lidar com catástrofes, pois que um tornado destruiu a casa de seus pais, 60 dias antes dêle próprio nascer, deixando sua mãe defeituosa de uma perna.

Depois de concluir o seu curso superior, deixou a fazenda e conseguiu um emprêgo de repórter no "Republic", da cidade de Rockford, no Illinois e ali estava ainda trabalhando quando um raio deitou fogo a uma pilha de lenha, numa mina de carvão de Cherry Valley. 259 mineiros morreram nessa catástrofe colossal. Apenas 20 se salvaram. Duas viúvas, que residiam próximo de sua casa passaram a viver da pensão que lhe dava a Cruz Vermelha. Foi essa a introdução de Reddy nesse serviço.

OS CONFLITOS RACIAIS SÃO TERRÍVEIS

Mais tarde, como voluntário da Cruz Vermelha de Chicago, revelou tal entusiasmo que as autoridades o convidaram a aceitar um emprêgo fixo. Reddy recebeu seu batismo de fogo com os conflitos raciais ali mesmo ocorridos em 1919. Afirma êle que êsses conflitos são os mais difíceis entre todos (porque não se pode curar as chagas dos feridos com remédios).

Apesar da vida que tem levado, Reddy é homem que não perdeu a serenidade e o seu gênio alegre. Porém jamais se despede da espôsa, ao sair de casa, sem prevenir que tanto poderá voltar ao fim de cinco horas como de cinco dias ou cinco meses. Pode, por exemplo, chegar ao seu escritório no "Q.G." da Cruz Vermelha, em Washington, e receber ordens para tomar o primeiro avião para a Flórida, onde estará no centro de alguma zona devastada pelo furacão.

Notícias de desastres recém-ocorridos costumam chegar pelas máquinas teletipos ou via estação de ondas curtas. Em geral, a primeira notícia chega por telefone, do próprio local do desastre. Colin Herrle, administrador veterano, dirige aos 12 principais chefes de serviço de socorros. Fatalmente os casos mais difíceis e graves vão para Reddy, por ter mais experiência.

Recebendo uma ordem de viajar, Reddy logo telefona para a espôsa, pedindo-lhe o preparo das malas, sem esquecer as suas enormes botas contra chamas e as outras, contra inundações. Em caminho para o local do novo drama trata de repousar o mais possível ou de distrair o espírito lendo alguma boa novela policial.

— Como estamos de suprimento de plasma sanguínio?

Essa é a primeira pergunta que faz ao primeiro funcionário da Cruz Vermelha que avista no aeroporto. E tem razão, porque o sangue é particularmente importante para os indivíduos em estado de choque. Se êsse suprimento não é suficiente, Reddy apela para os bancos de sangue das cidades mais próximas. A seguir, enquanto inspeciona a área devastada, tem uma idéia detalhada do que vai ser necessário: medicamentos, alimentos, hospitalização, roupas, etc. A seguir a identificação dos mortos, os hospitalizados ou simplesmente alojados em casas de emergência. Há também o trabalho de alojar e locomover médicos e enfermeiras, as providências para a vacinação geral, para evitar os surtos tifóides. Um mundo de coisas!

Tudo isso exige dinheiro. Mas, felizmente, o público coopera e assim o numerário nunca falta. E Reddy tem autoridade para fazer intimações, requisições de materiais diversos, segundo as necessidades. E é preciso ser equitativo. O milionário que perde a sua residência num incêndio, recebe apenas café e sandwiches da Cruz Vermelha. Porém o pobre que perdeu sua casa e seus utensílios de trabalho, será amparado com dinheiro, casa, alimentação farta, novos utensílios e emprêgo.

Infortunadamente Reddy e seus auxiliares são prejudicados sempre pela complacência de indivíduos que se julgam protegidos contra todos os males e por isso mesmo, cegos, abusam.

Em 1920, Reddy foi socorrer as vítimas das inundações em Homer, Nebraska. Não existe rio em Homer. Porém as águas das chuvas foram canalizadas pela colossal massa de areia, transportada pelo grande tremor de terra ocorrido em Charleston, Carolina do Sul, e essa foi a razão da inundação de Homer. Os habitantes foram prevenidos do perigo. Mas acreditaram que essas coisas só poderiam acontecer em outro lugar, *não ali!* E pagaram caro por essa confiança inexplicável!

A Cruz Vermelha e o Departamento de Meteorologia têm fama de "ver assombrações". — declarou Reddy — Mas, no entanto, a Cruz Vermelha previu o grande desastre ocorrido com a queda do teto do teatro Knickerbocker, em 1922. Infelizmente seus avisos foram desprezados pelas autoridades estaduais. O resultado foi a morte de noventa e oito pessoas!

Que é preciso fazer para evitar tanto quanto possível a ocorrência dessas calamidades públicas?

Eis o que Reddy sugere:

1) Urge que as autoridades de cada localidade tenham organizado de antemão um plano de ação para pronto socorro.

2) E' indispensável alistar voluntários treinados pela Cruz Vermelha de cada localidade. Isso deve incluir *chauffeurs* ama-

dores e profissionais, peritos em transmissões de rádio, cozinheiros, eletricistas, telegrafistas, engenheiros, auxiliares de escritório, médicos, enfermeiras e, especialmente, medicamentos e bancos de sangue, além de roupas e agasalhos.

3) Maior temor *geral* ao perigo. Mais ação e menos curiosos.

O MISTÉRIO DA MARTINICA

Há uma história a ser contada como epílogo para tudo o que está acima. Diz respeito a um indivíduo, Auguste Ciparis, que se encontrava fechado num cárcere, quando o vulcão do Monte Pelée literalmente explodiu, atirando o seu cume para o céu e cobrindo inteiramente a cidade de Saint Pierre, na Martinica, com mortal nuvem de fumaça e lava. Quatro dias depois — isto foi em 1902 — as turmas de socorro encontraram Ciparis coberto de queimaduras, mas vivo, no presídio em ruinas. Era o único sobrevivente entre 30.000 mortos! Êle, um criminoso, fôra o único a ter a vida poupada... Por quê?

Reddy responde a essa pergunta:

— Nada do que li a respeito dêsse desastre, explica o salvamento de Ciparis. Porém tenho a certeza de que o prisioneiro como os demais habitantes da malfadada cidade, fêz incríveis esforços para sair da sua cela e ir ver"*o que acontecia...*"

As grades da prisão salvaram Ciparis da sua curiosidade!

*

As mulheres são formidaveis!

Sim. E as historietas abaixo provam isso. Vejam, por exemplo, o que aconteceu com aquela senhora que esbarrou numa hélice de avião, em funcionamento...

AS mulheres modernas são criaturas de infinita variedade e infinitos encantos. Algumas vêzes, de fato, podem parecer um tanto desmioladas. Mas... Vamos conhecer alguns fatos.

DESASTRE! — Em Detroit, uma senhora passeando pelo aeródromo local, esbarrou contra a hélice de um avião, que experimentava os motores. A senhora sofreu ligeiras escoriações — mas os leitores gostariam de ver o estado da hélice. Ficou tôda amassada e retorcida!

CORAGEM — Em Nice, França, uma criatura de formas admiráveis, cansada de ver suas concorrentes exibir-se em maiôs feitos de pequenos lencinhos, resolveu bater tôdas elas... apresentando-se inteiramente nua nas areias da praia. Mas nada sofreu das autoridades, porque seu advogado pôde convencer o juiz de que ela era uma "obra de arte".

NUNCA MAIS! — Numa casa de habitação coletiva de Chicago, um vendedor de rádio, depois de discutir com uma moradora, sua vizinha, tentou vencê-la com um argumento mais decisivo: o braço. Porém ela, que pesava 104 quilos, passou uma gravata no seu adversário e, a seguir, aplicando-lhe uma chave-de-braço, obrigou-o a subir quase até ao teto para acabar indo cair, estatelado, a mais de cinco passos de distância, desacordado. Então a vencedora apanhou o vencido e o jogou pelas escadas abaixo, fazendo-o desistir para sempre de bancar o valente.

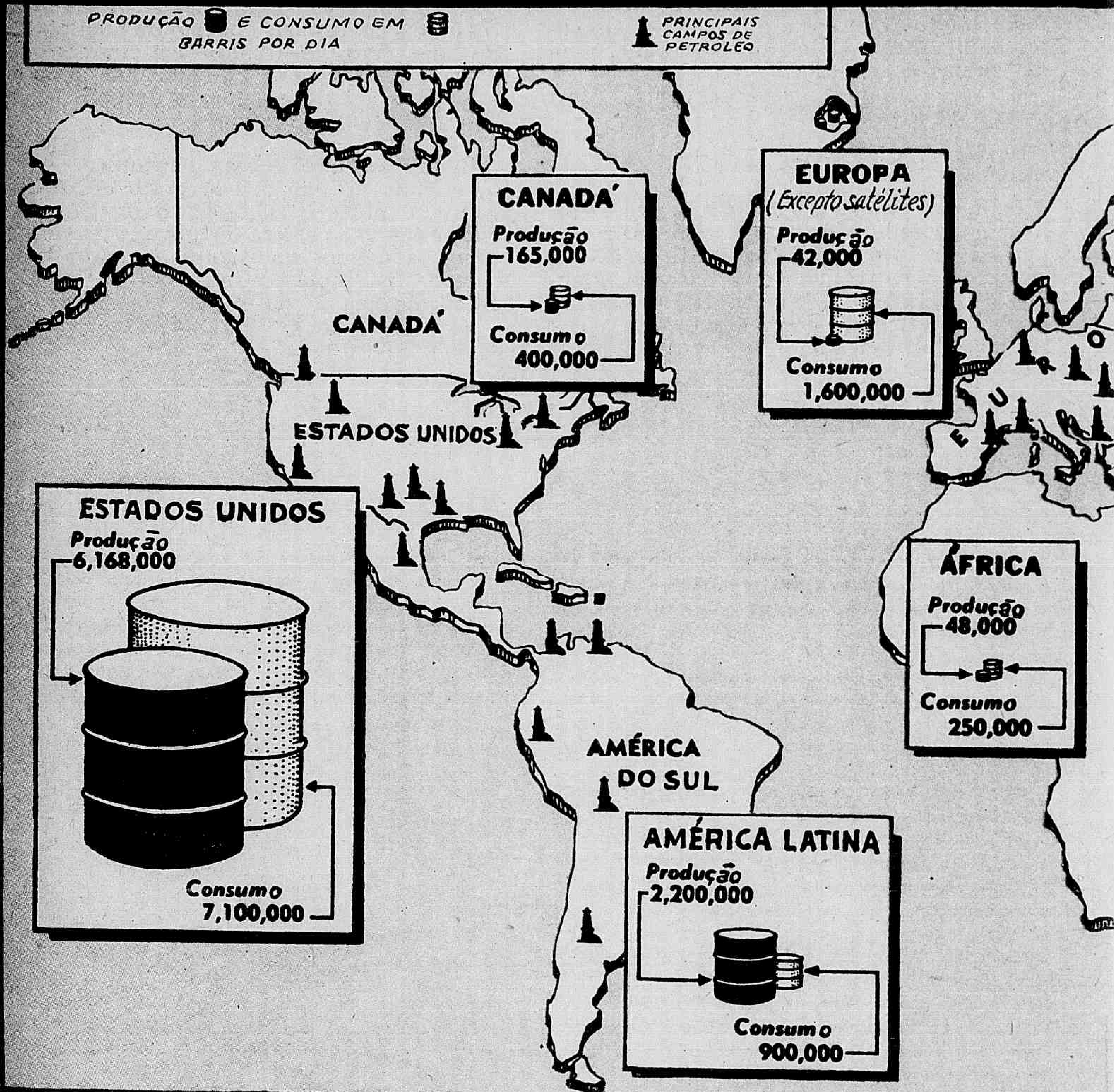
COMPLICAÇÕES — Uma dama inglêsa, residente em Bath, foi prêsa por dirigir automóvel sem a necessária licença. Então explicou:

Não tive tempo para renovar a minha licença devido às seguintes razões: tenho que cuidar de um filho inválido e também de uma filha; tenho, mais, que cozinhar para a família, lavar roupa, passar a ferro, fazer compras, ficar na fila para apanhar os cartões de racionamento, limpar a chaminé lá de casa, costurar, arrumar a casa e ainda preparar-me como convém para esperar um terceiro filho, que deverá chegar nomês que vem. Naturalmente foi perdoada.

CAÇADORA — Em Alexandria Bay, Nova York, uma senhora, metida na roupa de caçador do marido,



saiu com êle, para caçar rapôsas. O homem deixou a mulher descansando e afastou-se com os cães, sem esquecer o fusil. Ao voltar, fatigado e desanimado, com as mãos vazias, encontrou a espôsa... com uma bonita rapôsa, que havia apanhado simplesmente com as mãos!

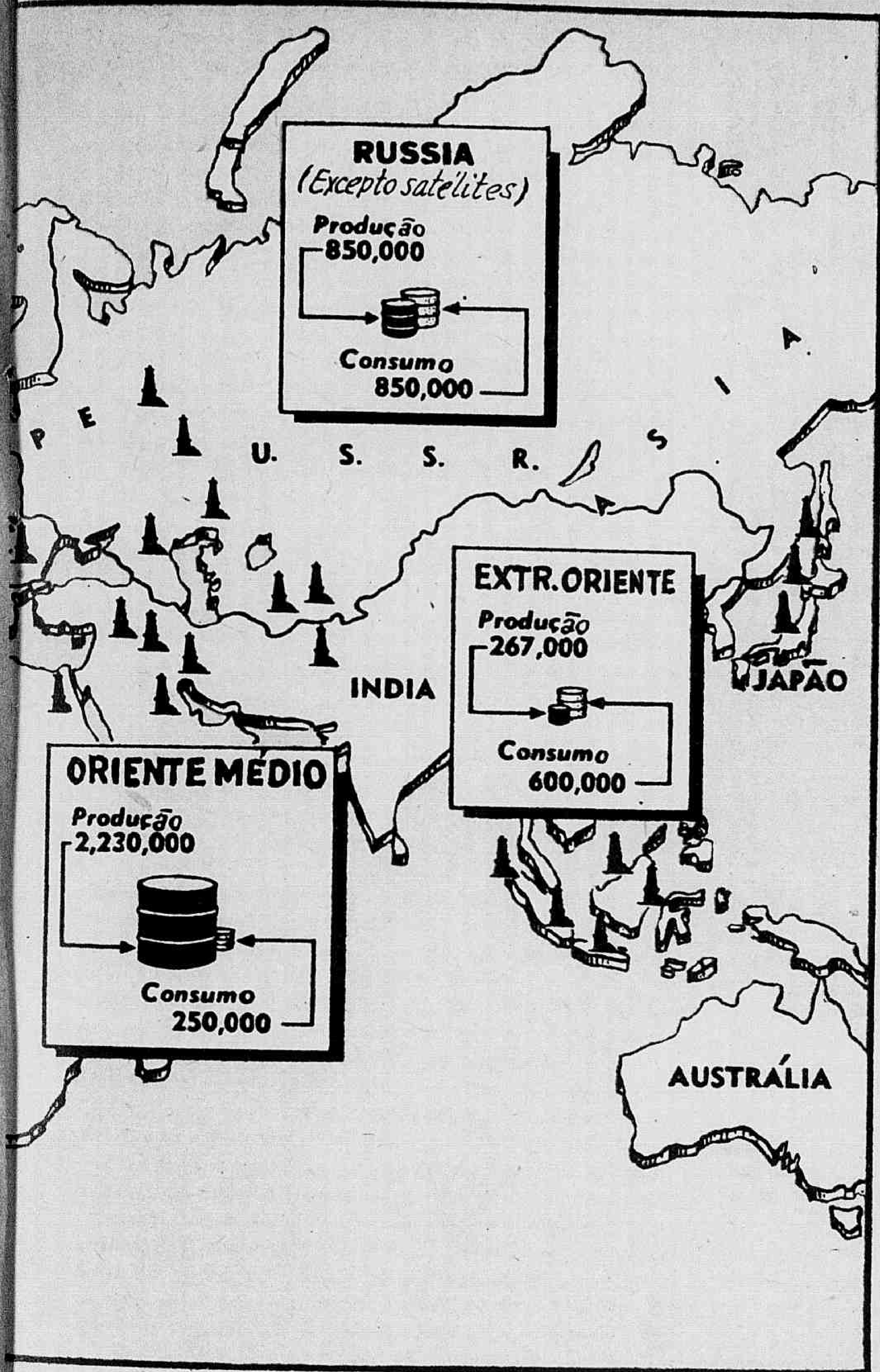


PETROLEO, ATÔMICO FATOR

PRODUÇÃO E CONSUMO

Os recentes "choques" diplomáticos, ocorridos nas chancelarias das potências ocidentais, quando o Govêrno Iraniano nacionalizou a Companhia de Petróleo Anglo-Iraniana, controlada pela Inglaterra, leva-nos a lançar um olhar curioso para a imensa importância do petróleo neste mundo atual super-mecanizado mas perigosamente dividido.

Como os tremores de terra, anotados pelos sismógrafos, os campos de petróleo são prenunciadores de grandes perigos na luta internacional, pelo domínio dêsse combustível, que é extraído das profundezas da terra, por meio de bombas, em quantidades sempre maiores e sempre insuficientes para atender aos pedidos das nações industriais. O petróleo é um combustível precioso. E' o mais *essencial* tanto na paz quanto na guerra. Com êle as fábricas têm fôrça e é êle quem faz girar as rodas do comércio, servindo igualmente para um sem número de empregos químicos. Sem êle, podemos afirmar, não haverá progresso industrial. Nas operações militares é positivamente indispensável — tanto para



A PRODUÇÃO DE PETRÓLEO EM CANDEIAS, BAHIA

Num discurso de saudação ao Sr. Presidente da República, em 24 de junho último, quando da visita do Sr. Getúlio Vargas, o engenheiro Sr. Pedro Moura revelou dados oficiais sôbre o petróleo em nossa terra e afirmou que os 65 poços de Candeias já produziram 1.031.727 barris de petróleo, sendo êsse campo o único de efetiva produção comercial atualmente no país, saindo de suas jazidas, diàriamente, 2.500 barris de óleo, os quais mantêm em atividade a grande refinaria de Mataripe.

Segundo a mesma fonte oficial, o Serviço regional da Bahia deu, até hoje, ao Brasil, 7 campos de óleo, 2 campos de gás, com 153 polos produtores de petróleo e 2 de gás.

Em 1951 foram descobertos 4 novos campos, um na zona do Recôncavo e 3 na direção do nordeste. A descoberta do campo de Pedras expandiu extraodinàriamente a área petrolífera da Bahia. Os resultados colhidos encorajam e trazem fé aos brasileiros. Sòmente no campo de Candeias, a produção comercial, iniciada há pouco mais de um ano, com o fornecimento de óleo nativo à refinaria de Mataripe, representa, ao preço de 50 cruzeiros o barril, cêrca de 51 milhões e 600 mil cruzeiros.

O campo de D. João, por sua vez, produzirá dentro de um ano e meio, entre 10 a 15.000 barris diários de óleo.

* *

o Oriente quanto para o Ocidente. E' êle quem movimenta os exércitos nos campos de batalha, que mantém os aviões em vôo e é êle, ainda, quem serve

DA IDADE ATÔMICA!

DO PETRÓLEO NO MUNDO

de fonte para a maioria dos explosivos. Atualmente, a falta de um adequado suprimento de petróleo, deixará qualquer nação impossibilitada de pensar, sequer, em guerra. E estará, assim, de braços e pernas amarrados, submissos à vontade do inimigo. O sempre crescente emprêgo do petróleo tem sido sempre importantíssimo fator no desenvolvimento mecânico, iniciado no princípio dêste século. Então o mundo pedia petróleo à razão de 200 milhões de barris anualmente. Depois surgiu a produção "em massa" dos automóveis, dos motores Diesel, dos aviões e dos aquecedores queimando óleo. O uso do petróleo e de seus sub-produtos cresceu ràpidamente depois da Primeira Guerra Mundial, subiu a proporções astronômicas. Hoje, o mundo está consumindo petróleo à razão de 12 milhões de barris diários ou cêrca de 4 bilhões de barris — vinte vêzes mais que o requerido em 1900.



A despeito da tremenda drenagem feita nesses recursos — infelizmente não podendo ser reorganizados — ainda há formidável reserva de óleo cru, guardadas em imensas bacias sob a crosta terrestre. O total provado dessas reservas — óleo já localizado por sondagens e outros testes — está calculado em aproximadamente 100 bilhões de barris, o bastante para agüentar ainda vinte e cinco anos, na proporção da extração atual.

O potencial das reservas — ou o total dos recursos com possibilidades de extração, inclusive reservas comprovadas e outras que se apresentam com boas razões de existência é muito elevado. Está calculado em 700 bilhões de barris ou o suficiente para atender ao ritmo da atual extração ainda por 175 anos! Há a acrescentar que futuras descobertas poderão, naturalmente, aumentar aquêle número.

Os campos e as reservas, entretanto, estão muito caprichosamente distribuídos pelo vasto mundo. Êsse é um fato saliente: a rivalidade pelo petróleo, veio aumentar — e muito — a eterna rivalidade entre as nações. Muitas das nações que necessitam de grandes quantidades de petróleo, estão longe das fontes de produção, enquanto outras, com ligeiro uso do mesmo, são senhores de vastas reservas para exportação.

As duas principais fontes de petróleo, no mundo, estão localizadas em duas áreas.

Uma área está situada no Hemisfério Ocidental, estendendo-se do Canadá, através da costa oeste dos Estados Unidos, até à região norte sul-americana. Produz cêrca de 70 por cento da produção atual de todo o mundo e está muito longe de ser explorada como pode ser. Contém ela acima de 40 por cento das reservas petrolíferas comprovadas e cêrca de 35 por cento das reservas potenciais.

A outra área está situada no Hemisfério Oriental, tendo o seu centro no Oriente Próximo, do golfo Pérsico ao mar Cáspio, estendendo-se pelo norte da Rússia. Produz, atualmente, mais de 25 por cento da produção mundial; notando-se que tal produção está em vias de aumento. Ali estão mais de 50 por cento das reservas mundiais comprovadas e cêrca de 60 por cento das reservas potenciais.

Naturalmente, as médias entre produção e reservas diferem nas duas maiores áreas. A fim de esclarecer a importância do petróleo nos negócios internacionais, vamos examinar, primeiro, o lado da produção em quadro esquemático.

Os Estados Unidos surgem como os maiores produtores e consumidores do petróleo, sendo também os maiores exportadores. Sua exploração representa cêrca de 51 por cento dos 12 milhões atualmente produzidos em todo o mundo. Mas... Não chega para as necessidades domésticas; representa ela, hoje, uma média de 9.000.000 de barris diários. O consumo iguala a quinze barris de óleo por pessoa, anualmente — comparado com os dois e meio barris, no Reino Unido da Grã-Bretanha e um e meio, na França. A União Soviética e os seus satélites produzem apenas um sétimo do óleo produzido nos Estados Unidos.

Estas figuras (em barris de óleo cru, por dia) representam a produção das várias regiões:

Estados Unidos	6.168.000
América Latina	2.200.000
Oriente Médio	2.230.000
Rússia e Satélites	850.000
Europa Ocidental (excluídos os satélites)	42.000
Outras regiões (principalmente o sul da Ásia)	500.000

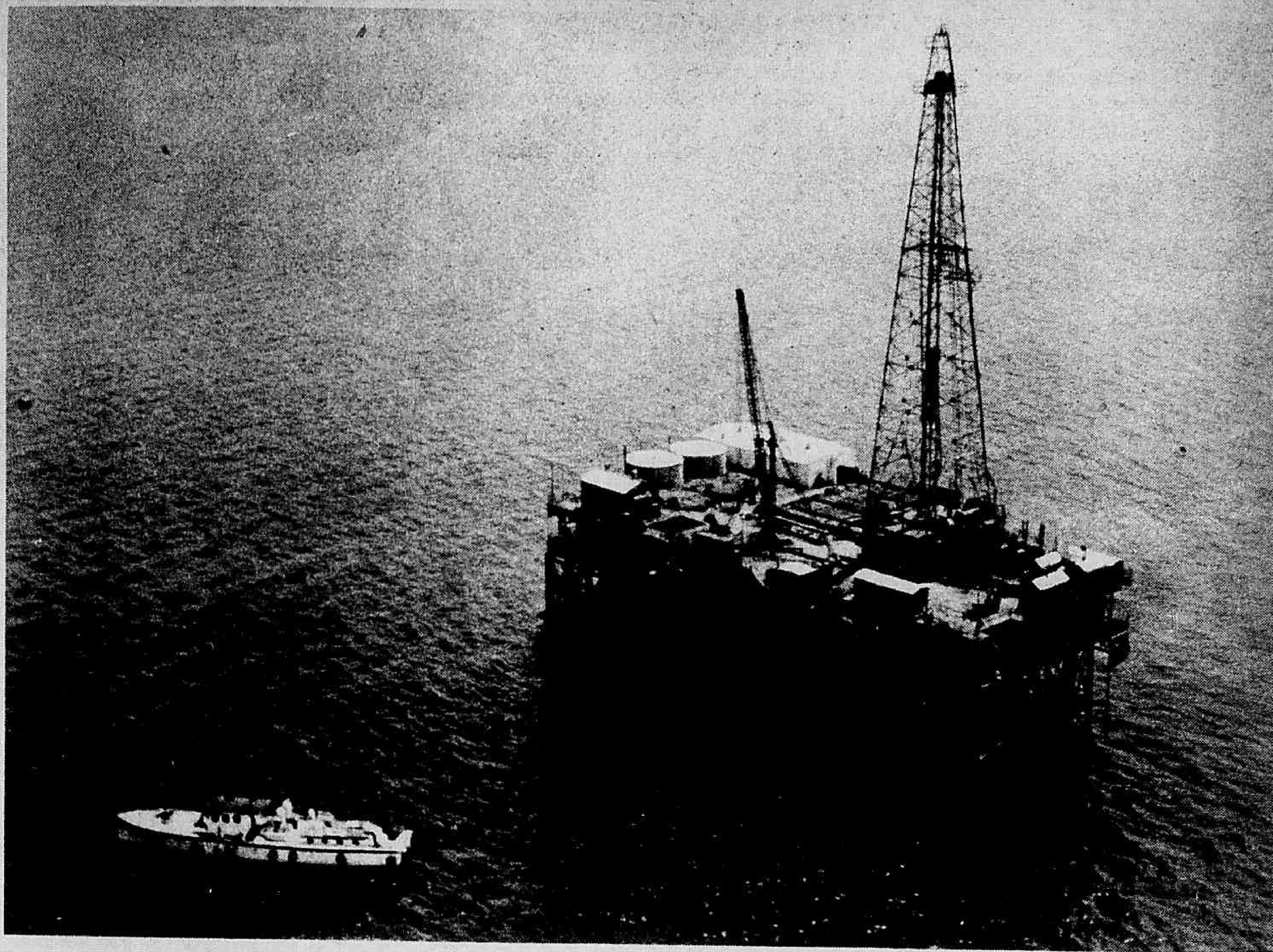
Os mais ricos campos petrolíferos nos Estados Unidos estão situados na Califórnia, ao longo da costa do Golfo do Texas e da Louisiania e nas Grandes lanícies no oeste do Texas, Novo México e outros Estados do Norte. O Canadá, com os seus campos de A l b e r i a, recém-abertos, é um novo contribuidor para o petróleo do mundo. Outros campos importantes, no Hemisfério Oriental, estão situados na parte sul do Caribe, Peru, México e mais recentemente o Brasil. A Venezuela surge atualmente como o segundo maior produtor, em todo o mundo. E' também um dos grandes exportadores. Produz atualmente 1.500.000 barris diários, representando 80 por cento de tôda a extração da rica região Caribe.

No Oriente Médio, os maiores produtores são o Irã, com 70.000 barris diários, e os Estados Árabes e o Iraque, que, reunidos, produzem 1.400.000 barris diários pràticamente, todo êsse petróleo é exportado para a Europa Ocidental. Entre êles, o Oriente Médio e os suprimentos das regiões do Caribe, a produção sobe a um total de 3.500.000 barris diários, que entram no comércio internacional. Mais da metade provém do Oriente Médio.

Alguns fatos importantes emergem dessas estatísticas. Um dêles é que os Estados Unidos, que já supriram tôda a Europa de petróleo, não poderão continuar por muito mais tempo fazendo o mesmo e que muito da produção que atende às suas necessidades, estão sendo tomadas da região Caribe, a fim de contrabalançar o seu próprio *deficit*.

Outro é representado pelo fato de imensas e populosas regiões da terra não produzirem senão pouquíssimo ou nenhum petróleo seu, estando assim mais e mais dependentes da região Caribe e do Oriente Médio.

Pelos fatos dos Estados Unidos estarem absorvendo mais petróleo do Caribe, as exportações do Oriente Médio passaram a ser essenciais para as nações necessitadas de petróleo. Dentro de poucos anos, tôdas as compras da Europa serão orientadas para essa última área. Além disso, já o Oriente Médio está au-



Plataforma e perfuradora da Humble oil & Refining Company, afiliada da Standard Oil Company (New Jersey). A instalação foi efetuada no Golfo do México, Louisiana, Estados Unidos da América, onde aquela emprêsa está realizando pesquisas de petróleo, as águas, a 48 pés de profundidade. As obras custaram um milhão e duzentos mil dólares.

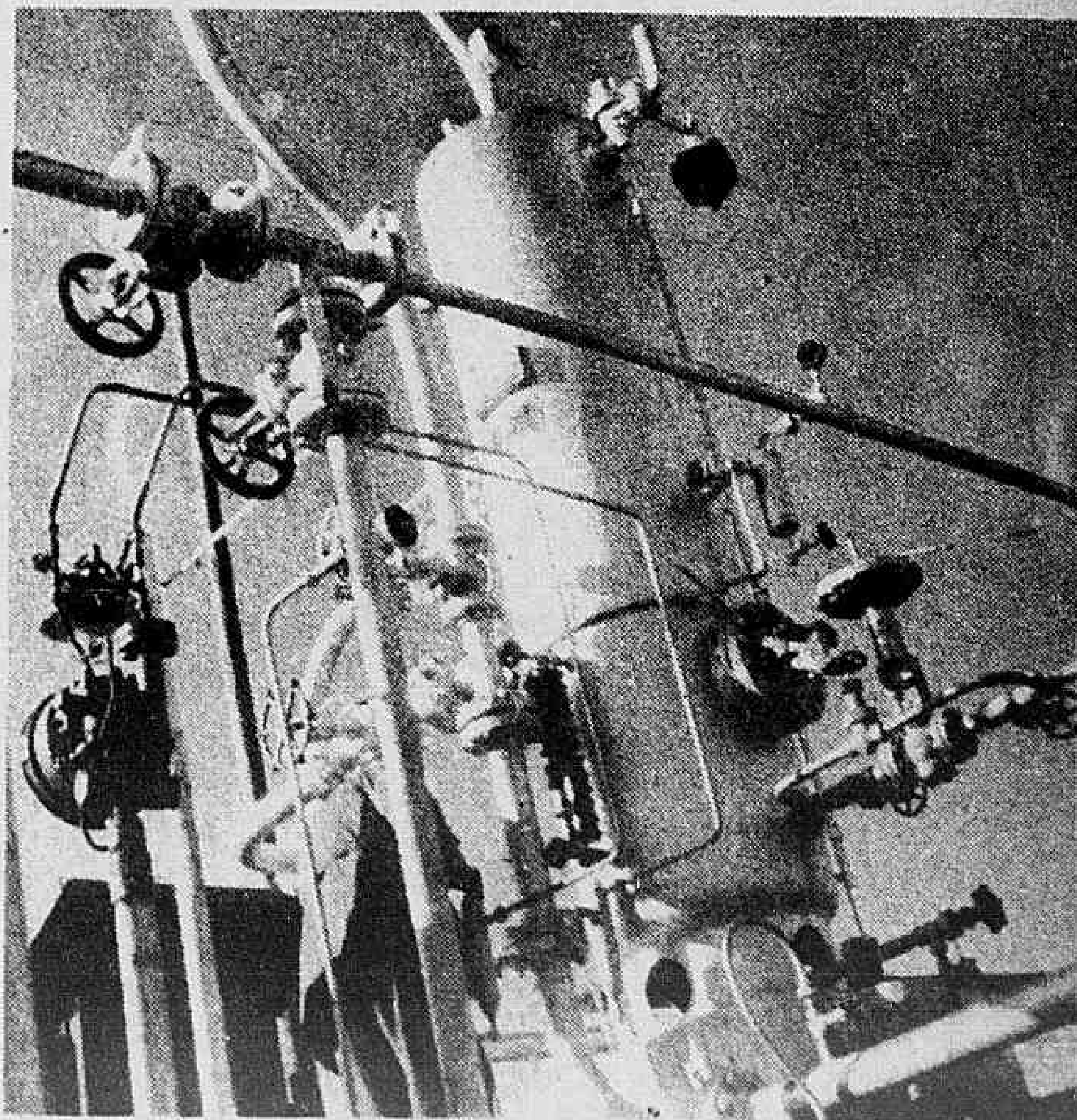
mentando as suas exportações para a África, Índia e Austrália, que antes recebiam seus suprimentos do Hemisfério Ocidental.

Quando observamos os demais fatôres no quadro representado pelo petróleo — o que existe e as reservas potenciais — a importância do Oriente Médio surge mais e mais evidente. A distribuição (em bilhões de barris) dos 100 bilhões de barris, em todo o mundo, devidamente comprovada em relação às reservas, está demonstrada na seguinte tabela:

Estados Unidos	28,5
Região Caribe	11,0
Outras fontes do Hemisfério Ocidental	3,5
Oriente Médio	48,5
Rússia e Satélites	7,0
Outras fontes do Hemisfério Oriental	1,5

As reservas dêsse tipo nos países da Europa Ocidental, incluídos no Plano Marshall, que necessitam de grandes quantidades de petróleo, sobem a cêrca de 300.000 milhões de barris — menos do que um suprimento anual. A China, a Índia, o Paquistão e o Japão, com cêrca de um bilhão no total de sua população, possuem reservas comprovadas de apenas 115 milhões de barris, aproximadamente. Os geologistas acreditam que as reservas na África, sejam pequenas, embora a exploração e a sondagem, ali, tenham sido ligeiras.

As últimas estimativas, incluindo todos os recursos de petróleo recuperáveis, indicam que o Hemisfério Ocidental tem uma reserva de 225 a 250 bilhões de barris (32 a 36 por cento de todo o mundo). O Hemisfério Oriental tem uma reserva de 450 a 475 bilhões



de barris (64 a 68 por cento). Dêsse total, a Rússia e seus satélites — com 7 por cento da presente produção mundial — têm 125 a 150 milhões de barris (18 a 20 por cento). Muitas das restantes reservas, no Hemisfério Oriental jazem em imensas bacias sob as planícies e desertos do Oriente Médio.

Tais figuras têm vital importância na situação mundial. Representam apenas isto: na atualidade as nações democráticas do Ocidente controlam ou têm acesso sôbre mais de nove décimos das reservas comprovadas e que uma alta proporção das reservas potenciais estão além da Cortina de Ferro. Mas — nesse ponto crucial, mais de metade das reservas de petróleo, comprovadas, do Ocidente, se encontram virtualmente desprotegidas e numa posição política extremamente duvidosa, em razão de se encontrarem, por assim dizer, às portas do império Soviético. Ali, numa saliência perigosamente exposta, está a maior futura fonte de petróleo para as democracias.

Quais são as conseqüências políticas nessa distribuição mundial do petróleo? Como pode ela afetar o interêsse nacional e a política internacional?

Um dos seus efeitos — já presenciado no Irã — é o de encorajar o desenvolvimento do "nacionalismo" e a condenação de uma indústria petrolífera controlada pelo estrangeiro em alguns dos menores países do mundo mas que nem por isso deixam de ser riquíssimos em campos petrolíferos. Com o espetáculo das maiores nações industriais lutando àvidamente pelo petróleo, tais países se vêem tentados a encetar o que julgam ser uma política de fartura, procurando arrancar os maiores lucros da nacionalização. O presto é um só: o petróleo é um recurso natural que pertence ao povo do país que o possui. E o que aconteceu no Irã provocou agitações semelhantes em seus vizinhos.

A questão imediata envolvendo a disputa iraniana, incidentalmente, foi não axatamente a da propriedade dos recursos petrolíferos. Êsses foram, de fato, sempre propriedade do Govêrno Iraniano. De fato, êsse ponto foi logo reconhecido pela Inglaterra, quando obteve a concessão criginalmente e mais tarde, quando a mesma sofreu reparos, em 1933 e, mais tarde, quando ratificada pelo Parlamento Iraniano. A contenda se prendeu simplesmente ao fato da denúncia uni-lateral dêsse contrato, vigente até 1933.

A tendência de assumir investimentos sôbre o petróleo em países estranhos, pode ter realmente efeitos adversos não apenas para os países do Ocidente famintos de petróleo, mas também para os países produtores que aceitam a idéia. A extração, refinação e distribuição do petróleo é negócio complicado, exigindo um exército de peritos, técnicos comerciais e frota de navios-tanques, como as principais nações exportadoras de petróleo possuem. Se as expropriações mexicanas de 1938 não obedecerem a nenhum critério, os resultados, ao contrário, representaram prejuízos gerais. O México, hoje, produz menos da metade do que produzia, antes de o seu Govêrno assumir o domínio total da indústria.

O potencial soviético é uma real ameaça para os maiores entre todos os poços reservatórios do mundo, justamente nesta hora crucial em que a situação do mundo parece descambar para um conflito armado. Num instante poderá deitar a mão sôbre recursos petrolíferos como o Ocidente não possui.

As reservas russas estão principalmente na região Cáucaso-Mar Cáspio, não distante do Irã, embora outras maiores áreas petrolíferas, devido em parte às ingratas condições do período criado pela Primeira Grande Guerra e a revolução. Em parte, também, à precariedade dos transportes. A produção atual iguala apenas a um barril por ano e por pessoa. Muito baixo, portanto, comparado com a média do Ocidente, mas considerando-se o contrôle que o Govêrno soviético impõe aos cidadãos, é provàvelmente suficiente para as suas atuais necessidades militares.

Não obstante, há duas razões para que a Rússia seja uma ameaça para os campos do Oriente Médio. Uma delas é a sua própria posição, adjacente ao Irã; em caso de apêrto, a Rússia não hesitará em movimentar suas tropas até ao Oriente Médio, a fim de proteger seus próprios suprimentos. A outra razão está na grande futura necessidade de petróleo que a Rússia terá, a fim de sustentar a sua indústria já crescente e ainda as vastas áreas da China e da Ásia Central, que os Comunistas tentam desenvolver industrialmente.

Os Russos demonstraram, no passado, que uma tamanha reserva de petróleo, em suas fronteiras, é uma prêsa tentadora. Por muitos anos, realmente, a Rússia tentou explorar o petróleo Iraniano. Em 1932, quando da disputa entre o Govêrno Iraniano e a Inglaterra, com o objetivo de cancelar a concessão, os Russos apoiaram ativamente o Irã, sendo que os técnicos russos penetram em grande número no país. Durante a Segunda Grande Guerra, o Irã estêve controlado por uma junta Anglo-Soviética de ocupação e o pro-Comunista Partido Tudeh foi organizado na zona russa. A êsse tempo a Rússia tentou, sem êxito, obter uma concessão petrolífera nas províncias iranianas do norte.

Atualmente, o Irã, por certo, ganharia menos da Rússia que então. Se a Rússia puder conquistar os poços de petróleo do Irã, sem dúvida alguma que ficará com a "parte do leão". Por sua vez o prestígio britânico ficaria bastante abalado e com êle a sua economia, já minada pelas obrigações do Pacto do Atlântico e a defesa da Europa, sem contar a sua própria defesa. E é justamente essa ameaça de guerra total o que impede a Rússia de forçar ainda mais a política no Irã. Tudo será porém resolvido em caso de apêrto urgente, não tenhamos dúvida.

O perigo inerente na concentração dêsse importante total de petróleo no Oriente Médio, obriga o resto do mundo a pensar nas possibilidades de substitutos para o precioso líquido. Atualmente, o óleo cru é a fonte mais barata entre todos os combustíveis líquidos. Entretanto, o combustível líquido pode ser produzido sintèticamente, de óleo de folhelho, carvão e outros hidrocarbonos, dos quais são encontrados suprimentos em todos os países do mundo. Existe grande reservas tanto de carvão como de óleo de folhelho nos Estados Unidos. Depois que as reservas de óleo cru tenham

(Cont.na pág. 46)

Você usa a cabeça?

Realmente, você não precisa ser inteligente e esperto para viver longos anos, feliz... Mas isso ajuda muito. Aqui estão os últimos fatos que a Ciência descobriu a respeito do nosso cérebro.

Por JOHN E. GIBSON

QUANDO se trata de vencer na vida, abrindo caminho no *maelstrom* de sempre crescente concorrência, o cérebro ainda continua sendo o melhor apoio — desde que o indivíduo saiba usá-lo. Cientistas, em grandes Universidades e institutos de pesquisas, realizaram longos e minuciosos inquéritos a fim de encontrar o máximo de informações positivas sôbre as possibilidades da inteligência humana. Algumas das mais recentes "trouvailles", são utilíssimas respostas às perguntas que o leitor tem



feito a si próprio — e também outras, com as quais jamais sonhou. Antes de tudo...

— *Que é a Inteligência?*

Bàsicamente, segundo aponta um psiquiatra, a inteligência é a habilidade do indivíduo usar efetivamente a passada experiência a fim de resolver problemas atuais e precaver-se de futuros. Há uma vasta diferença entre conhecimento e inteligência. Conhecimento é a posse de fatos a respeito de alguma coisa. Porém inteligência é a habilidade de usar êsse conhecimento, a capacidade de calcular e julgar.

— *E' uma boa memória índice de inteligência?*

Não. O indivíduo pode ter memória maravilhosa e ser estúpido — ou ter memória lamentável e ser altamente inteligente. Investigações científicas demonstraram que a capacidade de recordar não revela que um indivíduo seja esperto, arguto, inteligente enfim. E, como prova disso, indivíduos de pouca inteligência, em geral, possuem melhor memória do que outros, muito inteligentes. Quando centenas de crianças foram submetidas a testes de memória em várias escolas públicas de Nova York, verificou-se que as crianças reconhecidamente mais retardadas mentalmente alcançaram médias mais altas do que as que haviam revelado possuir maior inteligência.

Entre as possíveis explicações fornecidas pelos investigadores destacamos as seguintes: pessoas de menor inteligência aprendem por repetição, *até decorar, nunca pelo raciocínio.* Isso é o que serve para desenvolver o seu processo de memória. Enquanto crianças realmente brilhantes, em regra geral, adotam o processo mais simples do raciocínio, com interpretação imediata, ligando fatos e tirando conclusões.

Os Psicólogos da Universidade Católica da América também estudaram centenas de indivíduos nos quais a capacidade de memória foi comparada com a inteligência e descobriram o mesmo fato: tanto menos inteligente é a pessoa, maior é a sua capacidade de memória. Por assim dizer recorda tudo; isto porque, "memória e inteligência são duas funções distintas, que manifestam independente variabilidade."

— *A maioria dos indivíduos inteligentes possui diploma de curso superior?*

Positivamente não. Durante a última guerra, cêrca de 10.000.000 de homens passaram por testes de inteligência no Exército norte-americano. O Dr. Walter V. Bingham, psicólogo-chefe do Exército, relata que os homens que obtiveram Grau I, a grande maioria, felizmente (75% dos examinados) não eram formados. E 5.000, que também obtiveram o maior grau possível, no referido teste, não tinham seguer terminado o curso primário. Entre os que obtiveram Grau II (o segundo portanto, revelando grande inteligência) 858.000 não terminaram o ginasial. Os mesmos exames revelaram que os soldados possuiam, em geral, elevada inteligência. Porém o Dr. Bingham ressalta que, mais de 2.000.000 de homens, situados nessas médias elevadas de inteligência, nunca tinham cursado uma escola superior.

— *Beleza e Cérebro andam de mãos dadas?*

Segundo uma impressão popular, as pequenas de mais alto nível intelectual são geralmente aquelas que fazem os homens assobiar, quando passam. O mesmo não ocorre com os homens, — ainda de acôrdo com a imaginação popular. De fato, a fantasia popular afirma que o homem altamente inteligente é uma pálida criatura, cuja fisionomia poderá só com muita dificuldade fazer pulsar o coração de uma mulher.

Os estudos científicos, entretanto, revelam que isso é mesmo pura fantasia. Na *Columbia University*, os investigadores selecionaram um grupo entre os mais inteligentes estudantes que puderam ser encontrados nessa Instituição. O índice cerebral dêsses rapazes e moças atingiu a 135 graus, isto é,



Walter V. Bingham. «Alguns gênios jamais cursaram uma escola superior.»

muito acima do *standard* da escala de inteligência organizada por Stanford e Binet. A seguir selecionaram outro grupo, consistindo de estudantes de inteligência mediana e que alcançou o grau entre 90 e 110. Cada grupo, portanto, representava sua respectiva classificação intelectual.

A seguir foram selecionados os juízes, entre os graduados da universidade e suas espôsas. Foram instruídos no sentido de julgar os dois grupos de estudantes nas bases de "beleza", "boa aparência" e "atrativos físicos". E segundo a sentença dos juízes, os estudantes altamente inteligentes eram sem favor mais bonitos, agradáveis e simpáticos que os de inteligência mediana.

Os psicólogos da Universidade de Temple realizaram investigações similares, nas quais os sub-graduados eram estudados e a sua atração física relacionada com a inteligência. Os resultados demonstraram amplamente que os rapazes com cérebros mais brilhantes eram também os mais bonitos e simpáticos. O mesmo com relação às moças, ficando demonstrado que as mais inteligentes eram também as mais bonitas e sedutoras.

— *As famílias numerosas têm filhos mais inteligentes?*

Um inquérito cuidadoso revelou que há acentuada tendência para que os filhos de famílias pouco numerosas sejam mais inteligentes. Um estudo realizado com 70.000 crianças — um dos maiores já realizados, portanto — foi recentemente terminado na Inglaterra. E verificou-se que, em média, as famílias numerosas apresentam filhos com baixo índice de capacidade mental. O exame de 3.400 crianças, em Bath, Inglaterra, revelou que os filhos de inteligência mais fraca e retardada provinham de famílias duas vêzes e meia mais numerosas que as das crianças mais brilhantes.

Procurando explicação para êsse fato, algumas autoridades apontaram o seguinte: os filhos de famílias numerosas estão mais sujeitas a ser prejudicadas por um meio ambiente desfavorável, como o amontoamento e a pobreza. Porém outros estudos, feitos nos grupos formados pelas classes superiores, onde as crianças gozam de maiores vantagens sociais e educacionais, revelaram a mesma tendência. As crianças pertencentes às pequenas famílias sempre figuravam acima das outras, nos diferentes exames e testes.

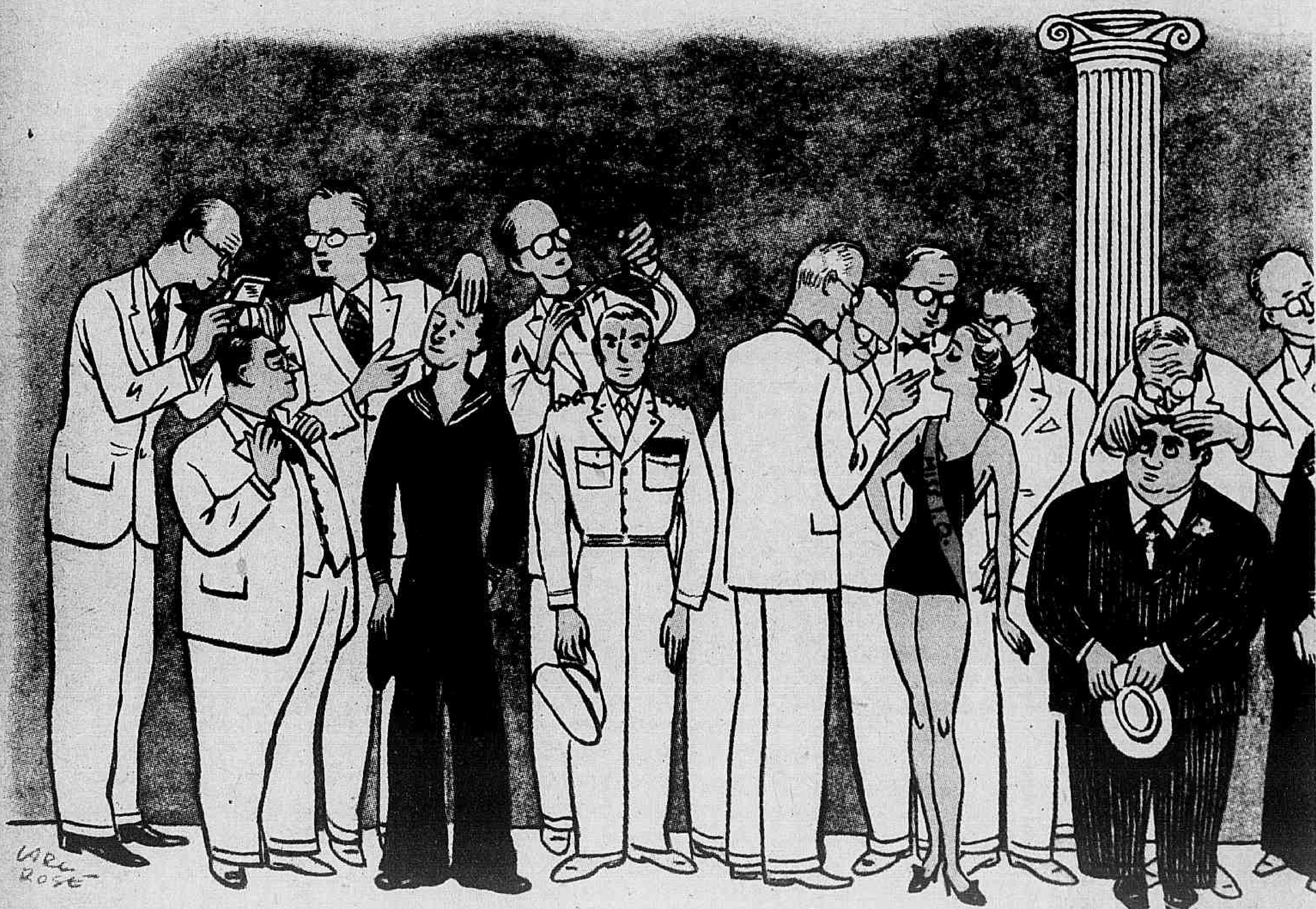
— *São os "caçulas" mais inteligentes?*

O mesmo estudo realizado na Inglaterra, com 70.000 crianças, provou que o primeiro e o último filho alcançam índices muito mais elevados que seus irmãos. No caso de dois filhos, ùnicamente, o caçula é sempre mais inteligente.

— *Por quê?* Os investigadores não encontram resposta para a pergunta.

— *São os gêmeos mais inteligentes que as demais crianças?*

Embora alguns gêmeos possuam excepcional habilidade mental, os estudos revelaram que, em geral, seu índice de inteligência sói ser baixo. A Universidade do Winconsin estudou em testes de inteligência, cêrca de 120.000 crianças pertencentes às escolas públicas estaduais. Dêsse total, 824 eram gêmeas. O índice médio para estas era cêrca de 10 pontos mais



baixo do que a média alcançada pelas demais crianças.

Isto não quer dizer que alguns gêmeos não possam ser excepcionalmente brilhantes. Na Universidade do Michigan, um estudo semelhante apontou alguns gêmeos com índices de 138 pontos, que vem a ser muito acima do bom.

— *O ar livre e os exercícios adequados afetam a capacidade de pensar?*

Sim. Os testes revelaram que para funcionar eficientemente as células do cérebro precisam de um incessante e farto suprimento de oxigênio. E o nosso aparelho de pensar, depende, para receber êsse suprimento: (1) da respiração (a respiração, mesmo fraca, não provocará pausa no funcionamento do cérebro); (2) da circulação do sangue (se ela fôr vagarosa, a inteligência não poderá funcionar com a mesma eficiente ligeireza); (3) de suficiente oxigênio no ar que respiramos (as faculdades mentais não operam bem num quarto demasiadamente abafado ou grandes altitudes, onde o oxigênio contido no ar é muito menos denso).

Na Universidade do Illinois, um grupo de médicos estudou a inteligência, por meio de testes, respirando o ar contendo oxigênio em quantidade normal. Quando os testes foram repetidos com o ar ambiente contendo menos oxigênio, os índices baixaram bruscamente.

Há outro fato significativo. Estudantes que se revelavam pouco capazes, ganharam índice melhor, nos testes, quando localizados em ambiente cujo oxigênio fôra artificialmente aumentado.

Para manter o cérebro funcionando com eficiência é indispensável manter uma posição que permita uma respiração apropriada, fornecendo suficiente oxigênio aos pulmões. Os exercícios, por sua vez, proporcionam melhor circulação do sangue. E, se alguém se encaminha para regiões muito elevadas, deve aguardar até que o organismo se aclimate, antes de tentar resolver qualquer complicação.

— *Quem precisa dormir mais: o homem que trabalha com o cérebro ou o que usa mais os músculos?*

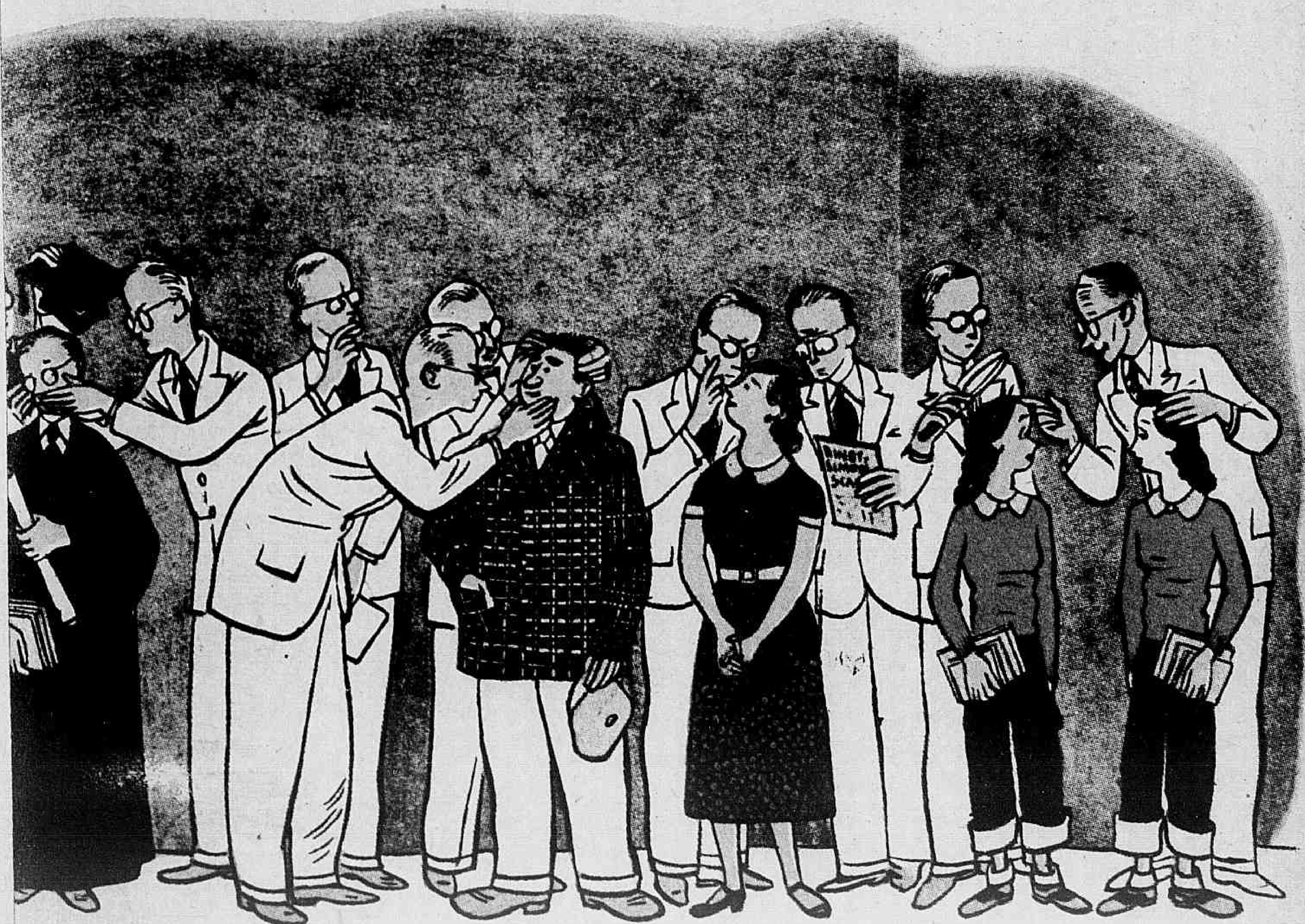
O trabalhador mental precisa muito mais de dormir. Estudos realizados na Colgate University revelaram, por exemplo, que enquanto os trabalhadores braçais podem realizar satisfatòriamente o seu trabalho com quatro ou cinco horas apenas de sono, os que usam o cérebro não podem dispensar 8 horas de sono para que seu trabalho seja cem por cento eficiente.

Outros testes revelaram que enquanto são necessárias quatro horas de sono para restaurar as energias físicas, são necessárias duas vêzes o mesmo número de horas para recuperar a energia dispendida com o esfôrço mental.

Também pôde ser comprovado que quando o trabalhador mental perde duas horas de sono, não apenas a sua eficiência será sofrível no dia imediato, *como acumula o dôbro da fadiga.*

—*Os inteligentes vivem mais tempo?*

Geralmente falando, as pesquisas revelaram que há muita razão para que a resposta seja afirmativa. No Westminster College, o professor Chester Alexander e seus colegas analisaram a média de duração de vida de aproximadamente 10.0000 entre as pessoas



mais inteligentes em todo o mundo. Naturalmente nesse total foram incluídas tôdas as profissões e tôdas as raças, em 18 diferentes países.

Os resultados revelaram que, em regra geral, as pessoas de superior inteligência viviam apreciàvelmente mais tempo do que as menos capazes; e essa "longevidade está significativamente ligada à importância ocupacional". Em outras palavras: as pessoas com cérebro superior tendem a viver muitos anos — particularmente quando chegam a se distinguir no trabalho que executam.

— Os advogados e homens de negócios são mais inteligentes que os condutores de caminhões e os lavadores de pratos?

Surpreendente percentagem dêles... não! Dos 10 milhões de homens submetidos a testes de inteligência, pelo Exército norte-americano, no correr da última guerra, os advogados mal puderam chegar ao nível máximo, relativo à habilidade mental. Porém nove por cento dos lavadores de pratos foram considerados tão inteligentes como os advogados e promotores 25 por cento dos homens que dirigiam ônibus e caminhões, na vida civil, revelaram inteligência mais elevada do que 25 por cento dos gerentes de escritório e diretores de grandes companhias comerciais.

Similares resultados foram obtidos com referência a centenas de outras profissões e ocupações. Na opinião de um dos examinadores dêsses indivíduos, isso indica que milhões de indivíduos não puderam, apenas, por deficiência econômica ou de ambiente, alcançar o nível ocupacional que sua inteligência permitia. Falharam porque foram mantidos em meios acanhados e não tiveram a necessária instrução, prestada por professôres à altura de sua capacidade.

— Pode um indivíduo aumentar a sua inteligência?

As autoridades afirmam que é relativamente pouco o que pode ser feito, hoje, no sentido de aumentar a capacidade mental de um indivíduo.

Mas aqui está uma coisa que tem muita importância: *podemos aumentar a nossa habilidade de usar tais capacidades eficientemente.*

Os estudos revelaram, de fato, que muitos indivíduos têm muito maior recurso mental do que são capazes de usar eficientemente. Uma pessoa de inteligência mediana e que sabe usar a cabeça pode realizar muito mais do que outra, de nível mental superior, mas que não sabe tudo o que pode.

Como é possivel utilizar o potencial do cérebro em tôda a sua grandeza? Primeiro, é claro, será preciso refletir sôbre tudo o que se faz — o que redunda da educação. Uma boa educação é valiosa, não porque possa pôr *mais cérebro* na nossa cabeça, mas porque ajuda a usar com mais eficiência a matéria cinzenta que possuímos.

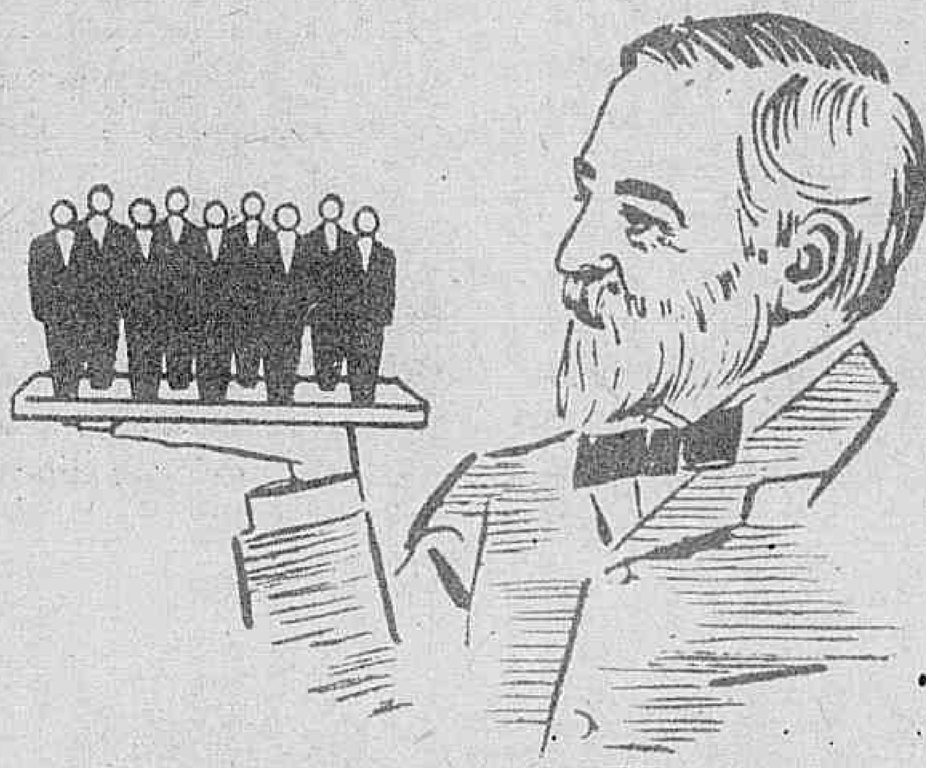
Segundo, é necessário usar o cérebro não apenas ocasionalmente, mas consistentemente. Testes realizados em larga escala, levaram os técnicos da Universidade do Minnesota a concluir que para funcionar com o máximo de eficiência as nossas faculdades mentais precisam de exercício regular, da mesma forma que os músculos. Os estudos revelaram, mais e definitivamente, que quando a profissão ou os obstáculos exigem contínuos esforços da inteligência, a eficiência mental do indivíduo aumenta ràpidamente.

Inversamente, foi comprovado que as pessoas cujas ocupações não mantêm alertas êsses "músculos mentais", revelam gradual declínio na habilidade de usar o cérebro eficientemente.

*

Afirma-se que em certa ocasião Andrés Carnegie disse que, se um dia, perdesse tôdas as suas fundições, suas instalações em geral, sua fortuna inteira, tudo reconstruiria... desde que lhe deixassem os seus *homens-chave.*

Aquêle gigante dos negócios, cuja influência ainda hoje é sentida no mundo, através das grandes indústrias que criou, apreciava como a coisa mais valiosa do ativo de suas emprêsas a inteligência dos homens a quem encomendara a direção das mesmas.



Da mesma forma se pensa, hoje, em muitas organizações comerciais, culturais e caritativas, a ponto de muitas delas já estarem tomando seguros para proteger-se contra a perda de "cérebros" indispensáveis para a marcha de seus assuntos. O valor das apólices assim tomadas varia entre 2 mil e 3 milhões de dólares por indivíduo. Vem assim, ressuscitando em grande escala uma forma de seguro conhecido entre as pessoas do ramo como "seguro de cérebros" ou "seguro de homens-chave". Trata-se de uma espécie de amortecedor de "quedas" ou "choques" econômicos. Tal ou qual emprêsa ou instituição resolve abonar prêmios com o fim de ressarcir-se das perdas econômicas que representariam ver-se privada dos serviços de algum ou alguns dos membros valiosos de sua organização. Èsse tipo de seguro vem ganhando popularidade neste último decênio e, segundo informa o Instituto de Seguros de Vida dos Estados Unidos, o valor das apólices respectivas se eleva já a milhares de milhões de dólares.

O de Erle Stanley Gardner é um exemplo que deve ser mencionado. E' um dos mais conhecidos e mais prolíficos autores de novelas policiais que se editam nos Estados Unidos. Para os seus editores essas obras valem, vivo ou morto (perdoem-nos a expressão), 100.000 dólares. Êsses editores, com o fim de proteger-se contra os prejuízos que representaria a perda de sua inteligência criadora (já venderam mais de quatro milhões de exemplares de seus livros!) seguraram Stanley Gardner nessa quantia.

E não é o primeiro escritor de talento assim apreciado em dólares. Há cento e trinta anos, lá por 1821, a firma Constable & Companhia tomou três apólices, de £ 5.000, cada uma, sôbre a vida do grande novelista escocês, Sir Walter Scott.

Êste seguro de homens-chaves, ganhou caráter oficial nos Estados Unidos, há uns 25 ou 30 anos, quando se decidiu segurar, por quantias que chegaram a 3

milhões de dólares, a homens tais como Charles S. Mott, vice-presidente da General Motors Corporation.

Mais recentemente, uma certa instituição dedicada ao tratamento de crianças paralíticas, da cidade de Kansas, tomou uma apólice de 50 mil dólares contra a possível perda do médico encarregado da direção da mesma. E' o caso que, provàvelmente, não haja em todo o território dos Estados Unidos mais de uma dúzia de médicos que possuam os conhecimentos especializados que êle possui. Se, por qualquer causa, a aludida instituição se visse privada dos serviços do citado facultativo, para substituí-los teria que fazer ofertas muito sedutoras a seus colegas à altura de ocupar o mesmo pôsto.

Uma razão de realismo mais acentuado ainda para êste renovado interêsse no seguro de homens-chaves é o valor efetivo que têm as apólices, e o que têm também como garantia para operações de crédito.

Assim como as apólices de seguros sôbre a vida são uma ajuda quando se tropeça com dificuldades de ordem econômica, pois que servem de garantia para a obtenção de empréstimos, também as apólices de seguros tomadas sôbre a vida de homens-chaves, podem servir às emprêsas para comprar as ações de que o finado seja mantenedor, ou como base para fazer uma oferta sedutora a um possível sucessor. Se o "homem indispensável" sobrevive à data do vencimento da apólice, o valor efetivo desta pode ser usado para a sua jubilação.

Em todos os tipos de trabalho — não exclusivamente os que se relacionem com funções executivas — pode haver os "cérebros indispensáveis" de que aqui tratamos. Vendedores, investigadores científicos, médicos, chefes de produção, contadores, empregados com certas responsabilidades especiais podem estar compreendidos na citada categoria.

E como é possível saber se se conta algum entre êsses homens-chaves? Tudo depende da forma em que possam ser respondidas as duas seguintes perguntas: *Determinaria a perda da inteligência e das aptidões do leitor, para a emprêsa respectiva, um prejuízo apreciável em dinheiro contado? — E' o leitor susceptível de ser substituído rápida e fàcilmente?*

Se a segunda pergunta pode ser respondida em sentido afirmativo, o valor segurável de sua matéria cinzenta cai espetacularmente. Se a resposta é negativa, o cérebro do leitor é digno de ser protegido por uma apólice.

O valor da apólice respectiva é calculado mediante um processo matemático, em que se tem em conta, antes de tudo, o salário que recebe e, em segundo, o que teria que ser pago ao sucessor. Com esta base, o representante da companhia calcula o valor que pode ter a inversão que a emprêsa haja feito em suas capacidades ou trabalhos de investigação, calculando ainda quanto custaria instruir um substituto; finalmente averigua, cuidadosamente, se alguma parte das utilidades da emprêsa são produto de atividades desenvolvidas pelo segurado.



Freqüentemente, a decisão que s etome sôbre êsse particular será um tanto arbitrária, pois que, em geral, representa uma transação entre a cifra mais elevada que sói propor a companhia de seguros, e a cifra mínima que, quase sempre, é sugerida pela emprêsa.

— E' preciso levar em consideração — comenta o presidente da emprêsa — que o segurar o cérebro de João por 10 mil dólares, poderia levar o mesmo a se julgar exageradamente importante.

— Mas não podemos dizer que valha apenas 5 mil! — replica o gerente.

E assim se chega a uma cifra intermediária de 7.500 dólares, que não faz João se sentir ofendido nem o enche de "fumaças".

Leon Gilbert Simon, agente de seguros em Nova York, e geralmente considerado uma autoridade na matéria, acrescenta que um empregado de categoria relativamente baixa, como a de chefe de produção, freqüentemente vale mais, do ponto de vista do seguro, que o presidente da Companhia. Tudo depende da rapidez com que possa ser substituído o elemento pelo que concerne à sua capacidade intelectual.

Certa emprêsa de engenharia entrou em contato com Simon, com a intenção de tomar apólices de seguro sôbre a vida de seus homens-chaves. Expressou o desejo de que o seguro máximo coubesse ao seu conselheiro geral, porém, ante as razões aduzidas pelo segurador, acabou segurando dois engenheiros, empregados em trabalhos de investigação por quantias muito superiores à representada pelo famoso conselheiro. A êste era fácil substituir por outra "personalidade destacada", enquanto seria difícil encontrar substitutos para os engenheiros e que tivessem experiência igual à que êles haviam adquirido no campo da investigação.

Às vêzes, o valor que o indivíduo tem para a emprêsa é de índole temporal. Os empresários teatrais, por exemplo, costumam segurar, mediante apólices desta natureza, seus primeiros atores e atrizes. Se, por alguma causa, tenham que suspender alguma função ou uma série de funções, a emprêsa não perde, pelo menos em dinheiro.

Há o caso de um educador cujo trabalho num colégio norte-americano foi avaliado em um milhão. Trata-se de Jorge Benson, considerado o único homem capaz de conduzir o colégio a bom destino, por meio de uma campanha de cinco anos, que aumentará o rendimento da instituição em milhão e meio. Daí o seguro feito, que paga o prêmio anual de 16,50 dólares! Se, por morte do Dr. Benson, — ou porque se decida a tratar de outra coisa — a citada campanha malogre, a instituição receberia apenas meio milhão *menos* do que contava receber com o concurso do educador.

Quanto acredita o leitor que valha o seu próprio cérebro?...

★

Petróleo, fator atômico da idade atômica

(*Cont. da pág.* 40)

sido totalmente evacuadas, os combustíveis sintéticos poderão, talvez, fornecer fontes baratas de fôrça para automóveis e caminhões. Porém o desenvolvimento dos combustíveis sintéticos ainda é muito lento, devido às dificuldades que surgem, em comparação com a refinação do óleo cru.

Resta ainda uma pergunta final, para a determinação da importância político-econômica do óleo cru, no mundo moderno. Pode êsse combustível, na espantosa idade atômica que agora se inicia, continuar a ser tão essencial à indústria e ao poder militar, como ainda é, hoje? A resposta é "sim. — Será importante, ainda por muitos e muitos anos".

Durante os próximos vinte e cinco ou mesmo cinqüenta anos, não haverá possibilidade do poder atômico ou outro qualquer vir a substituir o petróleo, pelo menos de uma forma substancial. A fôrça atômica sòmente poderá ser usada na geração de fôrça, em imensas fábricas. Mas com tôda certeza, automóveis, caminhões e outras pequenas unidades de transporte continuarão a ser movidas a petróleo, natural ou sintético, por muitas gerações que hão de vir.

São precisos muitos anos para tornar uma nova fonte de fôrça realmente utilizável. A Gasolina para automóveis foi usada pela primeira vez lá pela altura de 1890, mas não foi geralmente empregada antes da Primeira Guerra Mundial. O óleo cru era utilizado como combustível há mais de oitenta anos, mas não foi queimado como fôrça a serviço nos couraçados senão às vésperas da Primeira Guerra Mundial. Há sòmente dez anos foi êle universalmente adotado como combustível para os navios mercantes.

Por ser a fôrça atômica tão complicada e porque envolve a obrigação de novos motores, seu uso não aumentará tão ràpidamente como aumentou no mundo o uso do petróleo — que após noventa anos de desenvolvimento comercial, ainda não substituiu totalmente muitos combustíveis mais velhos. O carvão, por exemplo, ainda é usado em quantidades fantásticas; maiores que há cem anos, quando o petróleo começou a competir com êle.

Embora a fôrça atômica possa suplantar o petróleo em certos campos especialíssimos, a previsão é de que o petróleo continuará a ser o rei dos combustíveis por tôda esta segunda metade do século XX.

★

SIMPLIFICA TUA VIDA

A vida espiritual, que é superioridade e compreensão, te fará preferir sempre a clareza, a simplicidade, a simplificação em tôdas as coisas.

Não alargues teu caminho com rodeios inúteis, nem teu discurso com palavras supérfluas, nem teus escritos com excesso de adornos. Decide-te pelo menos complicado para vestir-te, para alimentar-te, para divertir-te.

Escolhe o mais modesto dos assentos para sentar-te e, para amigo, o mais lhano e simples dos teus camaradas.

Simplifica tua vida e te livrarás de inúmeras e inúteis mortificações.

Constancio C. Vigil

O CORAÇÃO DE LUÍSA

Romance de HENRY GRÉVILLE

Tradução de NICOLE PASCHIER

CAPÍTULO XII

Na estação de São Nazário a luz era forte, como em pleno dia ou talvez melhor. Os trens que partiriam mais tarde alinhados em seus respectivos lugares, esperavam os passageiros; todos êsses trens, escuros e maltratados, formavam estranho contraste com o que ostentava a tabuleta: *Cherburgo* e em redor do qual se apressava, empurrando-se, uma multidão faladora. Uns escalavam os degraus para descer quase imediatamente, escoltados pelas zombarias implacáveis dos primeiros ocupantes. Outros, desdenhando a lei, que exige maior espaço que o conteúdo, faziam fôrça e iam entrando, de qualquer maneira, empurrando a família e impondo seus imensos embrulhos, valises, trouxas, etc., nos compartimentos já completos; depois, diante das furiosas reclamações e da presença das autoridades tornavam a descer, descontentes, resmungando, furiosos às vêzes. Era um tumulto indescritível e que não justificava de nenhum modo a sua qualificação de "trem de recreio".

Jacques Rieul foi um dos últimos a chegar, rebocando os seus. Apenas quatro minutos restavam passar antes do apito do despachante. Quase todo o mundo já se arrumara no interior dos vagões e apenas meia dúzia de retardatários percorriam penosamente os corredores, em busca de um lugar.

Depois de percorrer o trem até à locomotiva, que resfolegava, Rieul tornou a descer e censurou rìspidamente o subchefe de estação, que, mau grado dever estar habituado com tais tumultos, estava cansado e pouco disposto a conversar.

— Preciso de seis lugares, senhor, para mim e minha família! — disse Rieul — Seis lugares, juntos! O senhor tem que os conseguir!

— A esta hora é quase impossível. — disse o funcionário, visìvelmente fatigado mas sempre delicado.

— Mas eu paguei adiantado. Tenho que obter seis lugares.

— O senhor devia ter vindo mais cedo. — disse o funcionário, olhando distraìdamente para as passagens que Rieul brandia quase sob o seu nariz — O senhor deve saber como faz o povo nessas ocasiões.

— Venho à hora que posso — respondeu Rieul com azedume, recordando as implicâncias de Elisa, que tinham feito a família perder muito tempo. A companhia não devia distribuir mais passagens do que há de lugares! E de segunda classe, principalmente!

— Está bem, senhor. Vou procurar êsses seis lugares de segunda. Posso garantir que nem todos os lugares estão ocupados.

(RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA)

Na velha cidadezinha de Bayeux, tranqüila e provinciana apesar dos seus ares de nobreza, que não quer abandonar, vive a Sra. Belfroy, viúva de regular fortuna, em companhia da filha, a adorável Luísa, a quem adora. Em criança, durante uma pequena excursão marítima, Luísa sofrera um grande choque. Repentinamente prêsa de incêndio, a embarcação em que viajavam estêve prestes a naufragar com todos os seus passageiros, que se salvaram por milagre, quando tudo já parecia perdido. A partir de então, com raras exceções, tôdas as noites Luísa desperta tôda a casa com os seus gritos de incêndio, fogo, etc. Porém continuava dormindo e só acalmava quando a Sra. Belfroy a cercava em seus braços, murmurando em seus ouvidos palavras carinhosas, como se faz com as crianças. O Dr. Brochaux, velho médico e amigo da família, que a vira nascer, sempre afirmara que êsse choque nervoso desapareceria quando tivesse a vida nova proporcionada pelo casamento. E agora mesmo a Sra. Belfroy teimava em arrancar da filha a decisão: aceitava ou não o jovem Jacques Rieul, empregado num banco local, para marido? E Luísa, que já tivera dez pretendentes e vira todos recusados por sua mãe, via agora esta apressada em casá-la com Rieul, menos brilhante que os anteriores, como se ela fôsse uma solteirona e não tivesse apenas dezenove anos. Luísa desposou Rieul, sendo abençoada por Monsenhor, para quem Luísa bordara uma véstia maravilhosa. No mesmo dia, no correr da festa oferecida pela viúva, Rieul revelou ser egoísta, autoritário e ciumento, conquistando assim a geral antipatia dos convidados e causando à sua noiva, à sua sogra e ao velho médico as primeiras apreensões. Rieul é sêco no falar, autoritário e vive torturando sua jovem espôsa com o seu ciúme doentio. Após a lua-de-mel vão residir com a Sra. Belfroy, mas não tarda a haver um sério choque de autoridade entre genro e sogra, com maior sofrimento para Luísa, principalmente depois que os «sonhos» voltam a perturbar o seu repouso. Êsse fato é mesmo motivo para ser maltratada pelo marido, que não hesita em declarar que aquilo pode ter um fundo de loucura. O Dr. Brochaux intervém e pede a Rieul que se mostre mais humano e carinhoso e êle próprio faz questão de atender à pobre Luísa, que esperava o primeiro filho. Dias passados Rieul lembra à sogra o pagamento do dote e esta o envia ao tabelião onde Jacques sofre uma dolorosa surprêsa. O pobre homem acabara de praticar o suicídio. Estava falido! Perdiam-se, assim, os cem mil francos de dote. Porém a Sra. Belfroy resolve vender a casa e pagar o dote ao genro, indo ela morar num apartamento acanhado, enquanto Rieul decide ir

— Juntas, por favor! Terão que ser juntas! — exigiu Rieul.

— Oh! Quanto a isso é impossível! Agora é muito tarde.

— Pois mande juntar outro vagão!

— Para seis pessoas? O senhor está gracejando... Terá que aceitar as que eu puder encontrar, se não quiser ficar esta noite em Paris; se nos atrasarmos mais um pouco o trem de onze horas e dezesseis poderá nos cair pela cauda. Vamos depressa! — disse êle a outro funcionário — Trate de arranjar seis lugares de segunda e apite logo essa saída.

A família Rieul recomeçou sua peregrinação desesperada ao longo do trem que já estremecia e cuja locomotiva jorrava vapor sôbre o cais.

A cabeça de Richard surgiu do fundo de um vagão.

— Aqui tem dois lugares, Sr. Rieul — disse êle — Para a Sra. Luísa e a Senhorita Aliette, se aceitarem...

"— Finório! — rosnou Jacques entre dentes — Arranjaste as coisas para viajar a noite inteira com minha espôsa e sua alma danada de Aliette?" — Obrigado! — disse êle em voz alta — o senhor é muito amável... Confio ao senhor minhas duas outras filhas. Se não conseguir apanhá-las antes, o senhor as levará a mim em Cherburgo.

Houve risos, gracejos; coradas e vexadas, Elisa e Lúcia entraram para o compartimento, cuja porta se fechou imediatamente.

— Ainda restam quatro — disse o empregado. Dois aqui... e outros dois no compartimento das senhoras.

— Oh! O compartimento das senhoras... Deve haver lugar sim! — disse um cético — Tanto mais que hoje êle fica mais próximo da locomotiva...

De fato, o compartimento que trazia a tabuleta "Senhoras" estava quase vazio. Teria podido receber também Alberto e seu pai, mas as senhoras soltaram gritos de protesto e o condutor, que teria por certo cedido, foi obrigado a aplicar o regulamento.

Ao fim de mais uma dezena de segundos, Alberto e seu pai tinham conseguido lugares, juntos, no outro extremo do trem.

Ouviu-se o apito prolongado e, na noite clara de Paris, sob a Place de L'Europe e, depois, na escuridão do túnel des Batignolles, o trem se dirigiu para o mar, levando um milhar de curiosos cujo mau humor começava a se acalmar.

— Se tivesse havido tempo — disse Rieul ao filho — eu teria deixado você com uma de suas irmãs e ficado acompanhando a outra. Mas nestes trens de recreio é sempre êsse inferno e não se tem tempo para conseguir coisa melhor.

— Não seja por isso — disse Alberto com um sorriso calmo — Eu não sei em que estação, ao amanhecer, há uma parada. Você então pòderá fazer a troca. Mas será bom deixar Elisa onde está, pois do contrário vai arranjar um bom pretexto para discutir, pois ela fica tôda açúcar com aquêle rapaz...

— Elisa? — perguntou Rieul surpreendido.

— Sim, Elisa; não Aliette! Elisa... E, a propósito, não notou onde fica o vagão de mamãe, o vagão das senhoras?

—Sim. Que tem? — disse o pai, cuja irritação despertava novamente.

—Não é o mesmo compartimento, mas é o mesmo carro; se não temerem receber carvão nos olhos, poderão conversar pela

---

tentar a vida em Paris, separando assim mãe e filha. Oito dias depois um telegrama do médico chama Luísa e Rieul apressadamente, a Bayeux, onde a Sra. Belfroy passava muito mal. Rieul não atende ao chamado com a urgência solicitada e quando Luísa chega em sua companhia à sua cidade natal, sua mãe já estava morta. Isso pouco mais rendeu ao ambicioso Rieul e êste se queixa tanto que Luísa decide trabalhar, bordando para conseguir mais algum dinheiro para a casa, embora o médico a proiba, por enquanto, devido a estar a jovem espôsa prestes a ser mãe. No intuito de melhor proteger Luísa, o Dr. Brochaux decidira deixar-lhe todos os seus bens, porém embora conhecesse o seu mal não agiu tão depressa como a morte que o levou antes de haver assinado o testamento. Era a segunda derrota de Rieul, que via, outra fortuna fugir-lhe das mãos. Agora com três filhas e um filho, o casal vivia modestamente, Luísa costurando auxiliada por Aliette, a filha mais velha. O ciúme de Rieul continuava, porém, inalterável, envenenando sempre a existência de Luísa. Aliette, já mocinha, sofria com a mãe e se torturava ao ouvir o pai, por qualquer coisa, afirmar que sua mãe era doida. Com isso apenas conseguia piorar o estado da infeliz, que continuava a sofrer os sonhos terríveis, que a deixavam prostrada. Um rapaz, Richard, morador no mesmo prédio, se interessava por Aliette e num fim de tarde, quando Luísa e suas filhas arrumavam a mesa para o jantar, êle se apresenta para uma visita, anunciando que vai viajar pelo estrangeiro e vinha fazer as suas despedidas. Retira-se quando Rieul chega e êste anuncia à família que todos farão uma viagem de fim de semana, para assistir às manobras navais em Cherburgo, o que é recebido com alegria pelos filhos, mas sem grande satisfação por Luísa, que preferiria viajar até Bayeux. No dia seguinte Richard surge novamente e confessa a Luísa que ama Aliette e que vai viajar, para ganhar mais dinheiro. No regresso pretende desposá-la. Luísa pede-lhe que guarde segrêdo, por enquanto, pois seu marido jamais aceitaria um genro que ela própria escolhesse. Aliette, por sua vez, informada do pedido, recusa aceitá-lo entre lágrimas, declarando que jamais abandonaria sua mãe. Luísa consola Richard afirmando que também sua filha o amava. Que esperasse até ao seu regresso, quando Aliette seria maior de idade e tudo se resolveria com ou sem a vontade do marido. Ao chegar, Rieul sabe da nova visita do rapaz e logo é assaltado pelo ciúme, acusando a espôsa de estar de namôro com o vizinho. Insultada, Luísa protesta com veemência, sem porém declarar a verdade, para não prejudicar Aliette. Depois de uma cena violenta, Luísa sofre nova crise e é consolada por Aliette, com quem dorme essa noite, para ter cuidados especiais. Ao amanhecer Rieul ordena à família que faça os preparativos para a viagem a Cherburgo.

janela; não estão assim tão afastados uns dos outros. O carro das senhoras fica numa extremidade, com mamãe e Aliette e, no outro extremo, Richard, promovido à dignidade de guardião de minhas irmãs, como um pai de família, um pouco moço, talvez, mas decorativo apesar de tudo!

Rieul vincou a fronte e se encolheu no fundo do banco, de maneira a incomodar tanto quanto possível os seus vizinhos. Houve murmúrios, mas pai e filho não tinham aspecto amável e tudo logo serenou.

— Além disso — continuou Alberto — há outra coisa! Nada temos que ver com isso, é certo; mas, se eu pertencesse à direção da companhia... sei muito bem que nada disso poderia acontecer!

— Que está você dizendo? — perguntou Rieul, curioso apesar de não desejar demonstrar.

— No vagão das senhoras, há um bebê recém-nascido, um lindo bebê até!

— Sim, sim... — resmungou Rieul — Eu também o vi. E que tem isso? E' mesmo o que me consola de não haver ficado junto de sua mãe e sua irmã...

— Pois bem, a mamãe é carinhosa, posso garantir! Não há de querer que o lindo filhinho perca as belas côres nem os pulmõesinhos vigorosos. Êle terá leite quente a tôdas as horas da noite! Isso, posso garantir!

— Que quer você? — perguntou Rieul irritado — Está divagando?

— Nada disso! Apenas digo que ela há de querer ferver o leite. E' fácil. Para isso deve ter trazido para o trem um fogareiro a álcool; e como o vagão das senhoras não está cheio, colocará a máquina sôbre o banco. Ora... Se o fogareiro tomba e derrama o álcool... que poderá acontecer? Tanto pior para os viajantes!

Houve ligeiros gritos de horror, de um extremo a outro do vagão.

— Você enlouqueceu! — exclamou Jacques Rieul, irritado.

Os demais passageiros trocavam olhares, amedrontados.

— Quando falo da Companhia — disse Alberto, encantado por haver causado sensação — não me refiro, por certo, aos seus administradores. Mas conheço os encarregados dêsses comboios e conheço também como fazem as boas mãesinhas. Além do mais êsses vagões estão acostumados a estas cenas. Êles nos chegam da Inglaterra e bem sabemos que as velhas *misses* não se privam do chàzinho quente durante as viagens. Elas usam pequenas velas, que colam contra as vidraças, para ler, e acendem fogareiros para entreter a viagem com uma ou duas xícaras de chá. Tudo isso é delicioso...

Uma mulher, ainda moça, sentada à frente de Alberto, deixou escapar um gritinho nervoso e ergueu-se a meio.

— Que vais fazer? — perguntou-lhe o marido um tanto zangado, puchando-a pela saia.

— Vou tocar o sinal de alarma! — respondeu ela — Quando penso que podemos, todos, torrar nestas gaiolas...

— Então não vês que êsse senhor — indicava Alberto — está gracejando — um mau gracejo sem dúvida — à nossa custa? Não liga ao que êle diz. Há gente que vive só para aborrecer os vizinhos...

Alberto, vexado, recolheu-se ao seu canto.

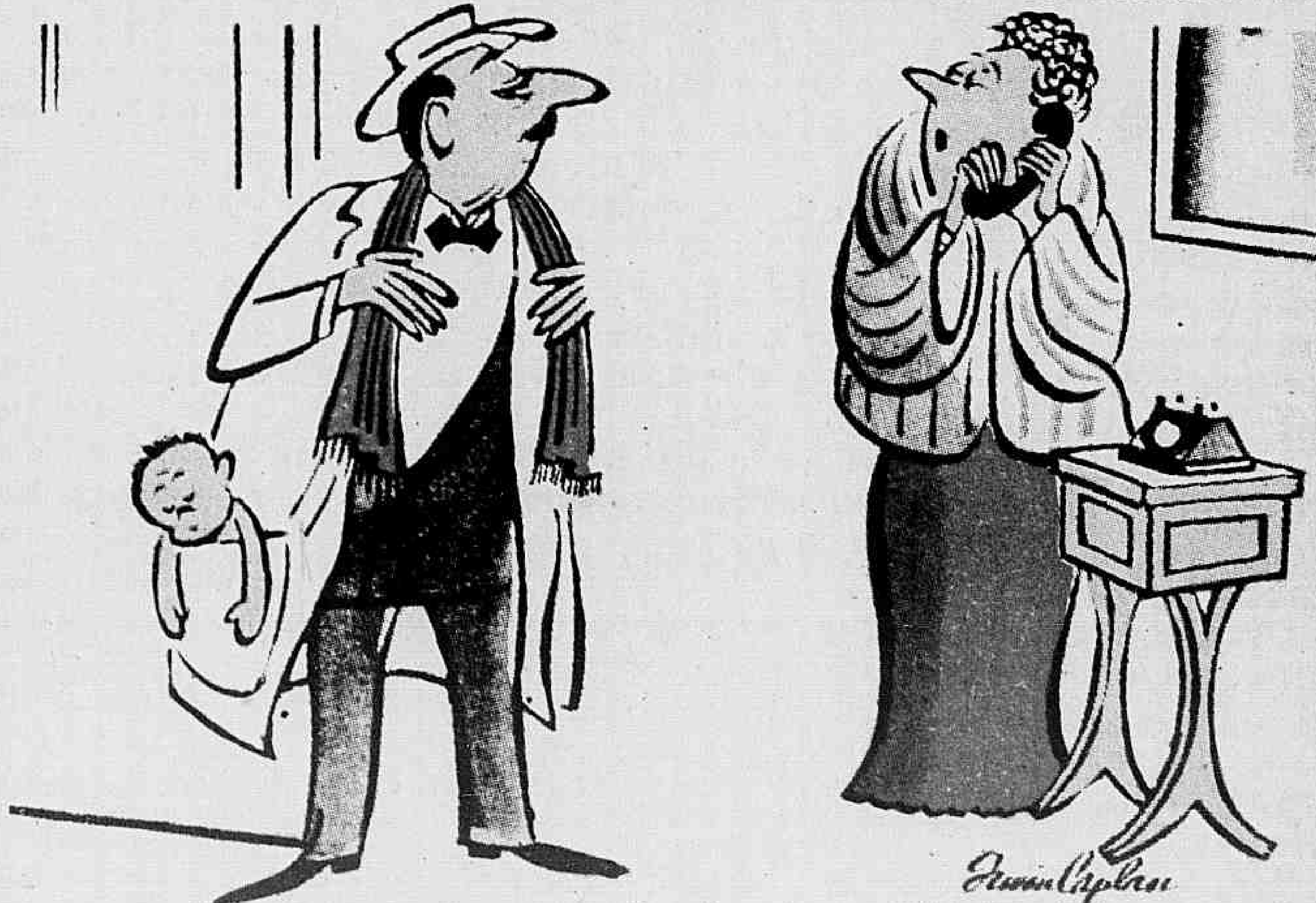
— Só sei que não vou poder dormir! — declarou a jovem senhora.

— Não se entra num trem de recreio para dormir, minha senhora — disse Alberto — Mas para se divertir...

— Pois olhe que ninguém diria! — resmungou o marido.

Não tardou a reinar novamente o silêncio. O trem corria rápido, dentro da noite sem estrêlas. O céu era baixo e pesado, prometendo chuva. Relâmpagos brilhavam no horizonte e da chaminé, com a fumaça negra, saíam fagulhas rubras, que tombavam sôbre a relva, criando aqui e ali pequenos incêndios, com grande terror da senhora nervosa, que se agarrava ao braço do marido.

Os da "terceira classe" haviam tentado cantar em côro. Mas, decididamente, a noite não se prestava para isso ou outras fantasias alegres; os relâmpagos eram agora mais freqüentes; as lâmpadas dos vagões queimavam tristemente e os viajantes estavam fatigados por uma rude jornada de sábado, seguida de uma noite de preparativos sem conta e feitos febrilmente...



— Estão perguntando se você não viu o filhinho dêles, quando foi apanhar o sobretudo sôbre a cama...

Alguns fingiam dormir; finalmente todos cessaram de conversar e o trem entrou a correr, sempre mais depressa, tendo um "expresso" à sua frente e um "cargueiro" na sua retaguarda.

Um grande fragor de placas girando; uma brusca iluminação, que penetra pelas janelas, até ao fundo dos vagões silenciosos; o gemido dos freios, projetando brutalmente os passageiros uns contra os outros: é Caen. Cinco minutos de parada.

— Já? — pergunta Alberto, que desperta, esfregando os olhos.

— Vou aproveitar para procurar suas irmãs — disse o pai.

Na realidade, êle não queria ver as filhas, mas apenas saber o que fazia Luísa; porém, entre a multidão faladora e apressada, contra a qual esbarrou, não havia remédio senão pacientar e assim não pôde chegar até ao carro destinado às senhoras. O fatal: "*Vamos embarcar, senhores viajantes, vamos embarcar!*" soou em seus ouvidos; teve que se apressar, empurrado, pisado e só com grande esfôrço pôde voltar para junto do filho, quando o comboio retomava a marcha, sem ter visto qualquer dos rostos que procurava.

Um ou dois minutos depois, a longa serpente formada pelos vagões desenrolava seus anéis sôbre o campo liso, onde o ar salitrado já se fazia sentir.

— O mar não está longe! — exclamou Alberto, respirando profundamente o ar que a Mancha lhe enviava de pouca distância, realmente — O mais forte está feito, papai... Apenas não seguiremos, agora, tão depressa.

— Por quê? — perguntou Rieul.

— A estrada, daqui até Cherburgo, não está muito sólida. Mas, que temos com isso? Um pouco mais depressa, ou mais devagar... Chegaremos de qualquer forma às cinco horas da manhã! E', pelo menos, o que êles anunciam!

Rieul nada respondeu; seu fracasso recente mergulhara-o num dêsses acessos de raiva, com os quais se dava muito bem.

Ali, sem poder dar vasas ao seu furor, deixava-o acumular, com o sentimento de que nada perderia, afinal, esperando. Nem a sua vítima também!

A parada em Caen não apenas despertara, mas também abrira o apetite dos viajantes. Pequenos cestos se abriram e foram iniciados verdadeiros banquetes.

— *Singular local!* — diria um higienista *Singular lacal para pensar em comer, pois que tôda a poeira dos sapatos se juntaria aos alimentos.*

Mas, em todos os tempos, as pessoas simples colocaram seus cestos de comida no nível dos próprios calcanhares e será preciso, talvez, uma revolução secular para transformar radicalmente êsse hábito venerável.

Um pouco depois de Bayeux, em noite negra e em região ignorada, numa estação que não possuía instalação suntuosa, nem tôrre altiva de igreja, nem pessoal afainado, o trem parou, talvez para deixar aquêle que o precedia, afastar-se mais um pouco.

Sempre inquietos quando um trem pàra, os viajantes avançaram as cabeças pelas janelas e, à fraca luz de uma lanterna única, viram um homem que empurrava à sua frente, uma carriola carregada de pequenos volumes, descarregados pelo trem precedente.

A máquina resfolegava; o condutor viu passar, na luz enrubecida do vapor, a figura do homem, que conhecia bem, por encontrá-lo sempre, uma vez por semana.

Muito cordiais, os Normandos, e sempre dispostos a trocar um apêrto de mão por qualquer pretexto e em qualquer lugar, entraram a conversar e os viajantes haviam terminado sua refeição sumária, antes de reencetar o sono quando ouviram êsse diálogo, digno dos tempos em que Nausicas lavava sua roupa na fonte ou os simples mortais aceitavam tudo com tranqüilidade, sem preocupações inúteis.

"— Olá Paton; és Paton mesmo, hein? Que fazes aí, a esta hora?

O homem da carriola parou e observou o condutor, que o interpelava. Um estremecimento, dos que anunciam uma louca vontade de rir, passou de janela em janela, ao longo do trem.

"— Trabalho — disse Paton — Eis tudo!

"— As coisas vão bem em tua casa?

"— Hum... Nem tanto...

"— Tua mulher está doente?

"— Minha mulher? Ora, ela não está bem. Mas não tem importância. Se fôsse só isso...

"— Que há mais?

"— Há a minha vaca. Está muito doente.

" —Que tem ela?

Um apito prolongado soou; um riso prodigioso, que fêz balouçar os vagões, respondeu a essa voz irônica da civilização, impedindo que se soubesse o que tinha a vaca de Paton.

— Olá, Paton! Que há com a tua vaca? — gritavam os passageiros, enquanto o trem se movimentava e o homem desaparecia com a carriola na escuridão da noite.

— Que é isso? — perguntou a senhora nervosa.

— E' sôbre a vaca, que está doente. — respondeu o marido.

— Oh, que horror! — exclamou ela, indignada — Êle se inquieta mais com a vaca do que com a espôsa!

— Não é o único da sua espécie — respondeu fleumàticamente o marido — fechando os olhos.

★

— Você tem algum cêsto com provisões? — perguntou repentinamente Alberto ao pai, quando boa parte do vagão, despertada e alegre depois de ouvir a conversa

sôbre a vaca de Paton, improvizava um côro desafinado.

— Está com Elisa! — replicou Rieul — E não há perigo que ela o abandone! Principalmente, se o cêsto puder satisfazer a outras pessoas...

Encolheu-se novamente, desceu a aba do chapéu para os olhos e tentou dormir.

Abandonado, aborrecido e principalmente torturado por uma fome repentina, pois que haviam jantado muito cedo, em casa, a fim de ganhar tempo para arrumar tudo, antes de partir, Alberto olhou pela janela.

Fraca luz flutuava sob as nuvens baixas, anunciando o dia próximo; Alberto sentiu um pequeno arrepio gelado, precursor da alvorada e teria pedido ao vizinho o favor de fechar a vidraça, se o odor dos restos de comida, espalhados pelo chão do carro, não fôsse insuportável.

Repentinamente, viu uma chama dançar quase ao rés do chão, acompanhando o trem, subindo e descendo ao menor ressalto.

"— Nesta região haverá fogo-fátuo?" — perguntou a si mesmo.

Seus olhos pediam sono; fechou-os e pensou em mil coisas, em projetos que guardava para si próprio, e dentre os quais o principal era desposar uma moça rica.

"— Na verdade — pensava êle — sou um rapaz bonito e minhas irmãs bem podiam me ajudar... Mas essa Aliette é orgulhosa... e, sem dinheiro, o casamento não adianta."

Bruscamente, seu vizinho, que ocupava o canto, levantou-se e olhou pela janela...

O quadro luminoso de uma janela se destacava sôbre o relvado, acompanhado por espêssa fumaça.

— Um carro está queimando! — gritou êle.

Tôdas as mãos se levantaram para o sinal de alarma; um grito de agonia inexprimível saiu de um milhar de bôcas; o trem corria sempre, como se nada tivesse acontecido. Uma porta se abriu, formas humanas rolaram, como bolas sôbre a via; depois outro, pulou de degrau em degrau, escalou o tender, saltou sôbre a estreita plataforma da locomotiva... e Richard caiu miraculosamente, sem se ferir, junto dos mecânicos, que, voltando-se ligeiramente, observaram a linha, à frente.

— Há um carro incendiado — disse Richard — Pare a máquina.

Màquinalmente, o mecânico olhou para trás; a chama e a fumaça saíam do telhado do carro prêsa de incêndio; não havia dúvida. Havia fogo no carro das senhoras!

O homem despediu todo o vapor pela válvula de segurança; mas estava numa curva, a locomotiva diminuiu a marcha, estremeceu violentamente, duas ou três vêzes, impelida pelos carros que arrastava e deitou-se inteiramente de lado, espalhando água fervente, neste momento tão necessária.

Em virtude da velocidade adquirida, o trem ainda rodou alguns instante, com os carros trepando uns sôbre os outros, depois tudo parou e a terra, em redor do trem se cobriu de gente.

Na desordem, os apelos, os gritos de pavor ou de alegria, um braço forte procurou amparar Aliette, que olhava em redor, procurando pela mãe, na manhã cinzenta de agôsto.

— Aliette — disse a voz forte de Richard — é melhor que não a veja mais, nem aqui nem em outro lugar qualquer; o Sr. Rieul, segundo sei, é homem ríspido e de nada valeria o pouco que fiz, hoje, pelos seus. Você está em segurança... Você, Mme. Rieul e as suas irmãs, que ajudei a descer!



— «Cara», você lava a louça. «Coroa», você lava e enxuga!

— Viu mamãe- — perguntou Aliette, cujo rosto recuperava mais côr.

— Encontrei-a, há pouco; ela não me viu; corria; Creio que procurava por você... e pelos outros. Mas estão todos vivos e sem ferimentos; já vejo, lá adiante, o Sr. Rieul e Alberto...

— Oh! Venha, por favor, para que êle agradeça o que fêz por nós...

— Não quero que me agradeça — repetiu Richard — Quero falar com você; só com você, Aliette, e repetir o que talvez só posso dizer no ano próximo... Amo-a e desejo desposá-la, oh, minha meiga e adorável Aliette. Com a permissão da Sra. Rieul é que digo isto... E você me ouve, você me entende, não é mesmo?

Aliette, estonteada, não sabia o que dizer. Seu coração seguia outro caminho.

— Está seguro — disse ela — de que viu mesmo minha mãe?

— Há poucos instantes! Quer que a vá procurar e que a traga até cá?

Aliette recordava perfeitamente a cena da véspera, cujos ecos dolorosos tinham atravessado as paredes do pequeno apartamento.

— Oh, não! — disse ela com fervor — Não! Nada do senhor falar com mamãe, diante de papai!

— Hein? — exclamou Richard, estupefacto.

Estranha luz se levantava para êle sôbre fatos até então misteriosos.

— Não procure compreender... Não deve compreender! — insistiu Aliette, corando de vergonha — Vá, Sr. Richard, vá quanto antes. Minha mãe e eu lhe devemos a vida — e também todos os passageiros dêste trem... Se outros esquecem, nós duas não havemos de esquecer.

— E... daqui a um ano? — murmurou Richard mais próximo de Aliette, cujo frescor podia sentir.

— Não posso pensar em casamento... Não me martirize, suplico-lhe!

— E se sua mãe fôsse viver conosco? — perguntou Richard repentinamente inspirado.

O rostinho de Aliette se cobriu de alegria tímida, de esperança umedecida pelas lágrimas.

— Oh! Nessas condições... não sei. Mas há também as minhas irmãs...

— Mas... Se não houvessem tantos obstáculos, Aliette, você seria capaz de me amar? — perguntou êle, tão próximo, agora, que ela sentiu o calor do seu hálito sôbre a fronte.

— Acho... acho que sim! — murmurou ela.

— Oh, minha querida, minha adorada noiva, minha espôsa amada! Vou partir, vou fugir como um ladrão! Levo alegria para me sustentar durante tôda essa longa espera. Até a vista, Aliette, e diga a sua mãe que eu a abençôo, por sua bondade.

Eram, a todo instante, empurrados, pisados, separados, reunidos brutalmente, pelo esfôrço cego dos que passavam e pela sua vontade consciente. Aliette sentiu um beijo puríssimo, casto, sôbre o rosto em flor. Richard logo depois desapareceu, seguindo a estrada na direção de Cherburgo.

— Mamãe! — gritou Aliette, correndo para as suas irmãs, que avistara a curta distância. Viram mamãe? Ela está com vocês?

Como formigas, cujo refúgio foi destruído, os viajantes válidos fugiam em tôdas as direções, em vão chamados pelos que se mantinham calmos. Elisa e Lúcia, nada haviam sofrido. Richard as fizera descer do carro, antes de procurar Aliette; estavam apenas ligeiramente queimadas, porém coisa sem importância.

— Não — respondeu Elisa — Mamãe estava com você, Aliette?

— Ela desceu, ou melhor: rolou, tão logo a porta foi aberta... E não a via mais!

Rieul chegava, com o filho.

— Papai, o senhor viu mamãe? — perguntou Aliette, desesperada.

Quem sabe o que êsses poucos segundos, perdidos a ouvir Richard, podiam ter provocado no pobre cérebro da Sra. Rieul?

— Não! — respondeu Rieul — Você estava com ela nesse maldito carro! Como aconteceu tudo isso? Não posso compreender...

— A mãe daquela criança acendeu o fogareiro a álcool, para esquentar leite...

— Eu não disse? — interrompeu Alberto em tom triunfante.

— O fogo — continuou Aliette — passou para a roupinha da criança, que era de renda; as mulheres logo perderam a cabeça e não puderam encontrar o sinal de alarma, que estava escondido por um chapéu que nêle haviam pendurado. Foi o Sr. Richard quem apareceu para abrir a portinhola e quem entrou... Oh! Aquilo já queimava de sufocar. Logo exclamou: *Tôdas as mortes são preferíveis a esta, não é verdade?* E tomou-me nos braços, deixando-me rolar para a estrada; creio que fêz o mesmo com mamãe, porque a vi, de pé, ainda há poucos instantes. Depois não vi mais nada... Se visse como meus olhos queimavam... Depois, penso que o Sr. Richard saltou para a locomotiva e fêz parar o trem.

— E tua mãe?

— E' o que estou procurando... Há muita gente no carro incendiado, papai! — exclamou Aliette, cuja voz se extinguia; lá estão, pelo menos, a mãe com o filhinho e muitas outras senhoras... e mamãe... Oh, mamãe querida!

★

Já tinham sido organizadas turmas de salvamento; o trem, que acompanhava o de recreio acabava de chegar, prestando ajuda com a água de sua máquina, para ex-

tinguir o incêndio. O dia já era bastante claro e os pasageiros se contavam, se encontravam... Em meia hora estava feito o balanço da catástrofe.

O maquinsta e o mecânico, ligeiramente feridos por ocasião da queda da locomotiva; uma dúzia de pessoas com queimaduras de maior e menor importância, nenhuma, porém, grave; vários passageiros desaparecidos, além de ossadas calcinadas e farrapos de roupas, fumegantes; a mamãe com o bebê, causadores do sinistro, estavam entre os desaparecidos.

E Luísa Rieul?

— Desde o primeiro momento — disse Aliette a seu pai — mamãe perdeu a calma. O senhor sabe como ela é. Não me ouvia mais...

— E Richard? — que fêz êle, afinal?

O mecânico contou o que sabia, que o trem inteiro devia sua salvação à presença de espírito daquele desconhecido. Mas que fôra feito dêle? Talvez estivesse esmagado sob o tênder? Aliette, sòmente ela, poderia dizer alguma coisa; ninguém pensou em interrogá-la sôbre êste ou qualquer outro detalhe. Quem poderia suspeitar dessa última entrevista de amor em hora tão sinistra?

Profundamente desolada, em seu íntimo, ela não podia sequer pensar em pronunciar o nome daquele rapaz que tão profundamente penetrara em seu coração. As autoridades iniciaram o inquérito e Richard foi somado ao número dos desaparecidos, enquanto Rieul e sua família teimavam em procurar Luísa.

CAPÍTULO XIII

O sol se levantara sôbre o lamentável espetáculo. O trem "sinistrado" jazia parcialmente derrubado; o resto nada sofrera, a partir do carro incendiado, do qual restavam apenas medonhos destroços.

O trem 97 trouxera o que fôra possível de socorros. Já várias turmas de trabalhadores limpavam as linhas, para que o trem 54, que viria de Cherburgo, pudesse passar sem perigo e sem atraso. Verdadeira multidão, equivalente à população de uma grande aldeia, mantinha-se silenciosa diante da locomotiva tombada, o tênder fumegante, onde o carvão se consumia e o carro incendiado.

Quem estaria ali, sob as cinzas quentes? A pobre mãe, causadora da catástrofe, seu filhinho... e quem mais?

Não era possível saber! Duas ou três senhoras, que se encontravam no compartimento incendiado não podiam recordar nenhum detalhe, e algumas tinham até perdido a fala! Isso, naturalmente, não podia durar, mas que diriam quando recuperassem a memória?

O sol ia alto, inundando com sua claridade alegre as pastagens e as estradas, os prados além, onde a vida é tranqüila e fácil. A tempestade que a noite havia anunciado passou muito alta, levada por furioso vento que durante uma hora soprara, trazendo sua parte à obra de destruição. Agora a natureza refrescava com seu puro sorriso de aurora os olhos secos, queimados, dos viajantes enlouquecidos que não mais sabiam se saíam de um pesadelo terrível ou se sofreriam ainda novas e medonhas crises.

Tremendo de frio e de mêdo, olhavam-se, falando em voz baixa, agora que se haviam contado e encontrado os entes queridos. Como êsses trens de recreio carregam ligeira bagagem, os prejuízos não eram grandes.

Uma fôrça magnética os prendia em redor do carro incendiado; os trabalhadores os afastavam, a fim de poder melhor cuidar do seu serviço; êles voltavam sempre, mudos e impelidos por qualquer coisa mais que a curiosidade.

Qualquer coisa de mais amarga, de mais cruel, de mais humano também: sob os destroços que os trabalhadores e alguns voluntários removiam com vigor e respeito piedoso, encontrariam alguém — ou o que tinha sido alguém?

★

— Fiquem aí mesmo; vamos procurar mamãe — disse Alberto às três moças, que se cerravam umas contra as outras, batendo os dentes de frio, estremecendo de horror.

Agora começavam a regressar, ensanguentados, esfarrapados, em razão da queda ou da corrida desordenada pelos cam-



— Dá licença que eu fale, primeiro, com o Presidente? Não tenho autoridade para entregar o dinheiro do banco sem ordem!

pos e estradas vizinhas, bom número dos que haviam pensado sòmente em fugir, tomados por êsse terror louco, que leva certos indivíduos a correr, não importando para onde, porém o mais depressa possível.

Voltavam, homens e mulheres, envergonhados, sem fala, tentando dissimular-se atrás dos que tinham permanecido.

Porém Luísa Rieul não voltava!

No mesmo instante em que o braço de Richard jogara do carro Elisa e Lúcia, Aliette e depois a Sra. Rieul, o trem ainda estava em marcha; as quatro mulheres haviam, pois, caído a uma certa distância, umas das outras; além disso as moitas de capim alto impediam que se avistassem na luz indecisa da madrugada. Quase a seguir ocorrera a catástrofe.

*

Luísa se erguera e, sem nada ver nem compreender, correra, prêsa da estranha vertigem que seus médicos já conheciam. Depois de correr certo tempo, quase uns cem metros, parou, tentando compreender porque se encontrava ali, no meio daquela campina.

O céu se iluminava, enquanto ao longe se desenhava a silhueta de uma cidade.

Oh, o querido torreão da igreja, a querida Bayeux... e o cemitério onde repousavam os seus entes queridos! Correr para Bayeux! Sim! Era o que devia fazer. Fugir de Rieul, seu senhor impiedoso, seu tormento, aquêle que jamais confiara nela!

Ela não queria mais viver... Pobre Luísa! Ela chorara muito... Sem fôrças para defender sua Aliette contra as fantasias autoritárias de um pai caprichoso, inútil em seu lar onde — não o dissera êle mesmo? — seu marido só pensava em fechá-la num asilo... Só desejava uma coisa: a morte.

Acabava de ver a morte de bem perto, e, no entanto, por mais horrível que fôsse essa morte, de santa ou de mártir, não tivera mêdo. Iria; caminharia para a frente até que, chegada ao cemitério, junto do túmulo dos seus, dormiria para sempre, com o último sono, o sono dos que muito haviam chorado.

Notou, repentinamente, que perdera seu caminho; nada mais avistava, sôbre o mato alto, nem no cruzamento das estradas... Não via mais a querida tôrre da igreja de Bayeux. Seu espírito enlouquecido, tomou outra direção.

Seus mortos estavam em Bayeux, mas ela mesma não precisava de ir a Bayeux para morrer; morre-se em qualquer lugar; o mar não devia estar distante: respirava seu perfume forte, trazido por uma brisa fresca de noroeste. Seu peito palpitou sob o corpinho justo. Pouca coisa tinha em seu poder. Tudo fôra deixado no carro incendiado.

Ela caminhou para a frente, em linha reta. Em sua loucura, que acabava de completar-se inteiramente em seu espírito, uma só idéia continuava bem nítida: fugir! Não voltar àquele apartamento onde esvaziára o cálice de sua dor. Fugir, sim! Fugir da vida!

Uma amarga sêde de liberdade selvagem se apossara da pobre Luísa, que só desejava o que estivesse *além*. Se sòmente *além* ela poderia encontrar a liberdade, iria procurá-la! Não temia o abismo, sentindo que sua alma já se encontrava lá, a sua alma branca, muito branca...

E sempre que julgava ouvir o marido, correndo em sua perseguïção, chamando-a, entre dentes, como costumava fazer, quando entrava em cólera, mais se apressava... Onde se esconderia? Era preciso que êle não a encontrasse. Não a encontrasse nunca mais!

À sua frente surgiu um grande edifício, semi-arruinado e dividido em dois pela estrada. A região, tão rica e tão fértil, estava semeada de aldeias cuja metade das casas positivamente ruíam por falta de cuidado; partes de heranças sôbre as quais os litigantes não se entendiam, ficavam abandonadas, porque as reparações custariam muito dinheiro; a família fôra viver em outra parte e, assim, pedra após pedra ia tombando...

Se alguma coisa fala eloqüentemente do despovoamento da França, é êsse espetáculo dessa maravilhosa província, uma das mais ricas e fecundas, talvez, e que morre, miseràvelmente, por falta de mãos para empunhar os utensílios da lavoura.

Uma vaca mugiu, num prado. Luísa estremeceu; não viriam cuidar do animal? Mas, neste caso, ela estaria perdida! Seria detida, interrogada; desejariam saber porque corria daquela maneira, a uma tal hora... Seria reduzida novamente à sua escravidão...

Ouviu os passos de um trabalhador do campo, na estrada umedecida pelo rócio... "*Luísa... Luísa...*" parecia cochichar o vento em seus ouvidos. Alucinada, ela se precipitou para uma das casas em ruínas.

Nada viu em seu redor. Apenas um velho e grande fogão, encravado na parede, negro, desmantelado; muitas gerações tinham comido pão, amassado por mãos diligentes e assado naquele forno sombrio...

Luísa não tinha mêdo da escuridão: encolheu-se tôda e, com o coração batendo fortemente, prestou ouvidos. Mas o coração batia tanto que a impedia de ouvir os passos na estrada deserta. Estremeceu violentamente. Oh! Se a descobrissem ali!

Reteve a respiração, quando o camponês cantarolou qualquer coisa e passou com o caminhar lento. Quando nada mais ouviu, avançou a cabeça para fora. O camponês empurrava à sua frente uma dessas pesadas carriolas que servem para transportar mudas. Encostou tudo à parede em ruínas e afastou-se para o campo aberto.

(*Continua no próximo número*)

«ONTEM, AINDA, AQUELA CRIATURINHA ERA UMA MENINA. MAS JÁ HOJE, GORDON COMPREENDIA QUE ELA ERA DIFERENTE...»

A IDADE DO AMOR

Por BETTY KJELGAARD

GORDON entrou no bar dez minutos antes da hora marcada. Seu apontamento indicava 4 horas e 30 minutos. Porém ela podia chegar adiantada e êle não queria que ficasse, sòzinha, em nenhum bar. Não queria que ficasse... com seus dezenove anos. Com nenhuma idade!

— Boa tarde, Mr. Tyler! — cumprimentou o garçon com um amável sorriso.

— Preciso de uma boa mesa — explicou Gordon — Estou esperando uma dama.

Ela chegou antes mesmo de que êle se tivesse instalado na mesa indicada. Notou a hesitação com que penetrava no salão; logo, porém, avistou Gordon e caminhou ao seu encontro com os seus pèsinhos ágeis. No salão fartamente iluminado ela aparecia esplêndida e fresca. Os homens, debruçados sôbre o próprio balcão do bar, voltaram-se num só movimento para a observar com êsse ar examinador que têm todos os homens, quando avistam algum magnífico espécime do sexo frágil, e Gordon teve vontade de gritar-lhes, colérico: *"Não olhem para ela, imbecis!"*

Levantou-se.

— Então? Vejo que saiu mais cedo da escola, Mary.

— Escola... — disse ela com um arzinho desdenhoso. A seguir escorregou graciosamente para a cadeira que êle lhe oferecia, retirou as luvas e respirou fundo. Suas mãos tremiam ligeiramente.

Gordon notou isso e pensou: *"Hmm... O caso deve ser para ela muito importante"*. Depois, sentiu o olhar do garçon, sôbre êle. Levantou a cabeça e pediu:

— Dois copos de leite. — falou com ar grave.

Os olhos do garçon pareceram aprovar o pedido e durante dois segundos os dois homens se transmitiram mentalmente, palavras de elogios a respeito da linda pequena sentada à mesa, evidentemente fora do seu ambiente e evidentemente, também fazendo esforços muito grandes para aparentar desembaraço.

O garçon, cerrando os lábios, afastou-se.

Gordon, então, começou a falar com desembaraço.

— Agora, vamos ver... Vamos ver se adivinho por que você fêz questão de se encontrar comigo, aqui... Primeiro: você gastou tôda a mesada e deseja que eu tenha um entendimento com Papai para resolver a coisa... Segundo: o novo namorado andou saíndo da linha e quer uns conselhos...

— Pare, por favor, Gordon! — pediu Mary.

Gordon! Não "tio" Gordon... Êle acendeu um cigarro com gestos cautelosos.

— De que se trata, então, Mary? — perguntou noutro tom.

Ela o fitou com os seus olhos cinzentos-pérola.

— Estou-apaixonada por você, Gordon! — disse ela.

O choque foi muito violento, distorcendo inteiramente os contrôles do seu calmo cérebro de advogado. Que devia fazer? Rir? Dizer qualquer coisa engraçada? Porque... Porque conhecera aquela criaturinha tôda a sua vida... Conhecia-a desde a infância, porque sempre conhecera os seus pais. Quando êle cresceu, êles próprios tinham passado a chamá-lo "o tio Gordon". Tio Gordon...

— Você não sabe o que está dizendo! — exclamou êle, empalidecendo.



Quando Mary passou êles a mediram com olhares admirativos...

Ela "incendiou" imediatamente, corando e mostrando-se exaltada:

— Oh! Mas é a verdade! — exclamou, fazendo esforços para não gritar. Isso aconteceu por ocasião da minha festa de aniversário, há dois meses, na noite em que você me beijou, quando lhe ofereci a fatia do bôlo. Não pude dormir naquela noite! Fiquei sentada na cama, pensando que nunca havia sido beijada por nenhum outro homem. E pela manhã, levantei-me e fui ver no espelho se era eu mesmo...

— Mary... — balbuciou Gordon — Você, menina... Ouça!

— E assim foi... — explicou ela — Essa coisa surge assim mesmo, não é? Fica-se pensando se se existia... antes... e tudo o que não se liga ao amor parece fútil e vazio. Fiquei pensando, pensando... sem poder fazer outra coisa. Por isso escrevi o bilhetinho para você, ontem. E escolhi êste local porque sei que você costuma vir aqui, a esta hora. Achei que era melhor assim — lançou a cabecinha para trás e olhou com evidente satisfação para o teto da sala, como se parte dêle ali pudesse ser encontrada.

— Mary — tornou Gordon a dizer — Eu... Eu estou noivo, você sabe, hein? Noivo de Janice.

— Querido! — exclamou Mary — Querido, querido, querido...

Um tom vivíssimo e novo, vindo inteirinho do coração, um tom puramente amoroso caracterizou a sua voz e deu mais brilho ao rostinho lindo. Gordon sentiu que fraquejava; sem muita esperança procurou refôrço nos seus destroçados pensamentos, procurando selvagemente alguma resposta sensata.

— Tenho idade para ser seu pai — disse Gordon.

Ela riu e o eco rolou por alguns instantes pelo salão como chuva sôbre cristal.

— Oh! Dez anos de diferença. Podia ser pai com dez anos, querido? Responda!

Gordon olhou para ela, completamente perdido...

— Vou fazer trinta... — disse êle — Você tem apenas dezenove...

Ela fechou-lhe a bôca com a pontinha de um dedo, sorrindo.

— Querido! Oh, Gordon, querido!

— Foi o pai de Janice quem me iniciou na carreira, há sete anos... — disse Gordon — J. B. Fowler em pessoa! — Você não deve esquecer isso!

—E você era tão simpático como é hoje, meu bem? — indagou Mary.

— Foi êle o meu professor, desde o início do curso, e depois deixou que eu trabalhasse no seu escritório. Quando êle morreu, no ano passado, senti como se tivesse perdido todos os meus dedos.

— Oh, como o amo, querido! — disse Mary — Já lhe tinha dito isso?

O garçon trouxe os copos de leite, colocando-os sôbre a mesa.



Pensei que muito tempo

— Trata de beber êsse leite — disse Gordon — Tôda criança precisa... Todo *bebêsinho*...

Ela se curvou um pouco mais para a



havia decorrido desde que eu vi você...

frente, com todo o seu encanto màgicamente redobrado e os olhos, os olhos...

Então disse:

— Quero um marido justamente como você... Com o seu nariz, o mesmo sorriso, os mesmos cabelos...

— Que fazem hoje com as crianças, quando saem da escola? — perguntou Gordon — No meu tempo, davam presentes e férias por uma semana...

— Imagine só, eu... eu! Eu, com um maridinho como você!

E o riso, claro como um sino, voltou a ecoar pela sala.

Gordon baixou a cabeça para o cinzeiro e tentou desenhar qualquer coisa com a ponta do cigarro...

— Dentro de dez anos, os meus ossos estarão enferrujados... Já os sinto ranger, quando subo uma escada...

— Eu cuidarei bem dêles... — disse Mary — E assim terei não apenas uma, porém duas razões para o amar!

O cigarro foi abandonado nervosamente no cinzeiro.

— Estou com um princípio de asma — disse Gordon — Tusso a todo momento. Que dirá você, quando fôr visitar as amigas, acampanhada por um homem de peito encovado e resfolegando como um cavalo de corridas depois de um grande prêmio?

Ela se recostou, linda e tentadora, ao mesmo tempo que o envolvia num olhar amoroso.

— Direi, de cabeça erguida: *Aposto em como nenhuma de vocês seria capaz de apanhar um assim!*

Gordon ficou pensando alguns segundos — *"Arranca essa garôta do seu pescoço, rapaz! Foge dêsse anjo de coração ardente e olhos ternos..."* Depois disse:

— Tenho que jantar com Janice, esta noite. Jantei também com ela, ontem. Isso... nada representa para você?

"— Sim... Fico pensando que você terá que aturá-la duas noites seguidas... Pobresinho do meu querido!

— E quinta-feira iremos juntos ao concêrto do Municipal. Ela nunca perdeu um!

— Você se recorda do tempo em que corria para o alto do morro, para fugir à sua mãe, que o queria obrigar a ir a um dêsses concertos?

— Não. — disse êle, desesperado — Não me recordo.

— Pois eu me lembro muito bem — disse Mary — Janice sabe nadar? Sabe ela, ao menos, entrar numa piscina ou furar uma onda?

— Janice — falou Gordon, corando — não sabe nadar, realmente. Que há de mal nisso?

— Recorda-se de quando você me escolhia para ir nadar, quando eu tinha doze anos... porque eu era a única, entre tôdas as garôtas, que podia acompanhá-lo até além do quebra-mar?

— Não... — disse Gordon.

— Janice sabe montar?

— Janice? Que idéia! Tem alergia pelos cavalos. Começa a espirrar e não acaba mais!

— Você se lembra de *Sweet* e *Genevieve*, os dois poneysinhos? — perguntou Mary com olhos sonhadores — Você sempre afirmava que não poderia viver sem ter um cavalo pelo menos...

— Janice vive hoje inteiramente só, naquele casarão. — disse Gordon — J. B. jamais quis que ela vivesse só...

— Ela poderia comprar um cão de guarda... Dêsses, bem valentes. — disse Mary.

— Janice...

— Já sei! — interrompeu Mary — Janice não gosta de cães!

★

As faces de Gordon coraram fortemente.

— Ouça, Mary. Você ainda não tem idade para saber se ama ou a quem ama!

— De que côr são os olhos dela? — perguntou Mary.

Gordon acendeu outro cigarro, depois ficou olhando a ponta do fósforo, consumindo-se no cinzeiro.

— Tome êsse leite, por favor — disse êle — Se não deixar resto, comprarei depois, para você, uma bonequinha ou um livro de histórias de fadas... Mas... Que perguntou você? Ah! A côr dos olhos de uma pequena não é coisa muito importante. Sei que os cabelos são escuros...

Mary, obediente, baixou a cabeça e, aplicando os lábios ao canudo de palha, sorveu uma boa porção do leite gelado. Depois voltou a endireitar-se. Gordon observou a côr deliciosa dos seus cabelos, os lábios carnudos e as faces bem desenhadas.

— Gordon... — disse ela mansamente.

— Sim...

— Que sentiu você quando se apaixonou?

Êle abriu a bôca duas vêzes, refletindo, depois:

— Bem... Creio que foi o mesmo que todo homem sente, quando isso chega. Espera-se, espera-se muito para amar... um belo dia, descobre-se-o, assim... de repente... Uma pequena sorri, talvez... Ou é a sua maneira de caminhar, o retoque dos lábios... O jeitinho de mover os lábios... Na verdade, nunca se pode saber com certeza...

Ela o estudara durante todo êsse tempo. Êle, por sua vez, tinha a impressão de estar olhando para um dêsses extroardinários alagados, que surgem no seio das florestas, de extraordinária claridade e pureza...

— *O jeitinho de mover os lábios*... — disse ela.

— Hein?

— Isso que você disse... — cochichou Mary

★

Alfinetes invisíveis — mas perigosamente pontudos — começavam a picar-lhe o peito, desordenadamente.

— Não compreendo o que você está falando... — disse êle — E, se você não quer mais o leite, vamos sair. Quero dizer a sua mãe que filha indisciplinada tem ela!

Mary não se moveu.

— Gordon, você sabe... quando começou a apressar as coisas com Janice?

A voz dêle foi lenta e morna:

— Bem... Conheço Janice há mais de um ano!

Ela fêz um movimento de cabeça significativo e êsse seu gesto foi qualquer coisa de positivo, de seguro.

— Não me refiro a isso... Você começou a se interessar por ela na noite seguinte à da minha festa de aniversário.

O coração de Gordon começou a dançar um fandango. Pensou, cheio de mêdo: "*Teria êle... Teria êle...?*"

— Ouça, Mary!

— Não compreendo isso... — disse Mary — Muitos homens têm mêdo de amar, no princípio. Porém creio que dois meses constituem tempo suficiente para que se decidam. E' por isso que estou aqui!

Êle refletiu ràpidamente e falou, agora baixando a voz:

— Você não entendeu... Não me entende, Mary. Estou noivo de Janice. Vamos casar...

— Você não pode casar com um fantasma, meu querido. — disse Mary meigamente.

— Como?

— Sim... *J. B.!*

— Hein? — tornou êle a exclamar, com a cabeça em tumulto.

— Você é um leal cavalheiro e só falta mesmo o cavalo branco, cheio de penachos multicoloridos. Você gosta de J. B. *Não de Janice!* Mas te mpena dela... e procura misturar êsse sentimento de piedade com o amor.

Falando entre os dentes bem cerrados, êle perguntou:

— E suponho que você procura convencer-me de que estou apaixonado... por *você?*

Mary o envolveu num longo olhar e seus olhos se incendiaram com brilho que tanto podia ser de amor como de cólera.

— Não... — disse ela mansamente — Não cabe a mim dizer isso a você, Gordon. Você, sim, teria que me dizer — se assim desejasse! Um momentinho, enquanto calço as luvas... e poderemos sair.

Estêve algum tempo lidando com ambas as mãos, sob a mesa.

Foi o tempo necessário para êle sofrer um instante de estupefação, enquanto uma dúvida o assaltava: *"Essa, não é aquela criança que sempre conheci!"* E compreendeu, então, que estava olhando para uma mulher cujos gostos e gestos se haviam identificado com os dêle mesmo, repentinamente, há dois meses, durante a festinha de aniversário... Sentiu que a operação terminava, sob a mesa, e foi prêsa de pânico. Ela ia partir...

— Mary, espere!

Ergueu-se, lépido e vigoroso e alegre ao mesmo tempo, em parte porque as suas próximas palavras seriam muito importantes, mas principalmente porque sabia, agora, quantos e longos anos havia esperado para dizê-las!

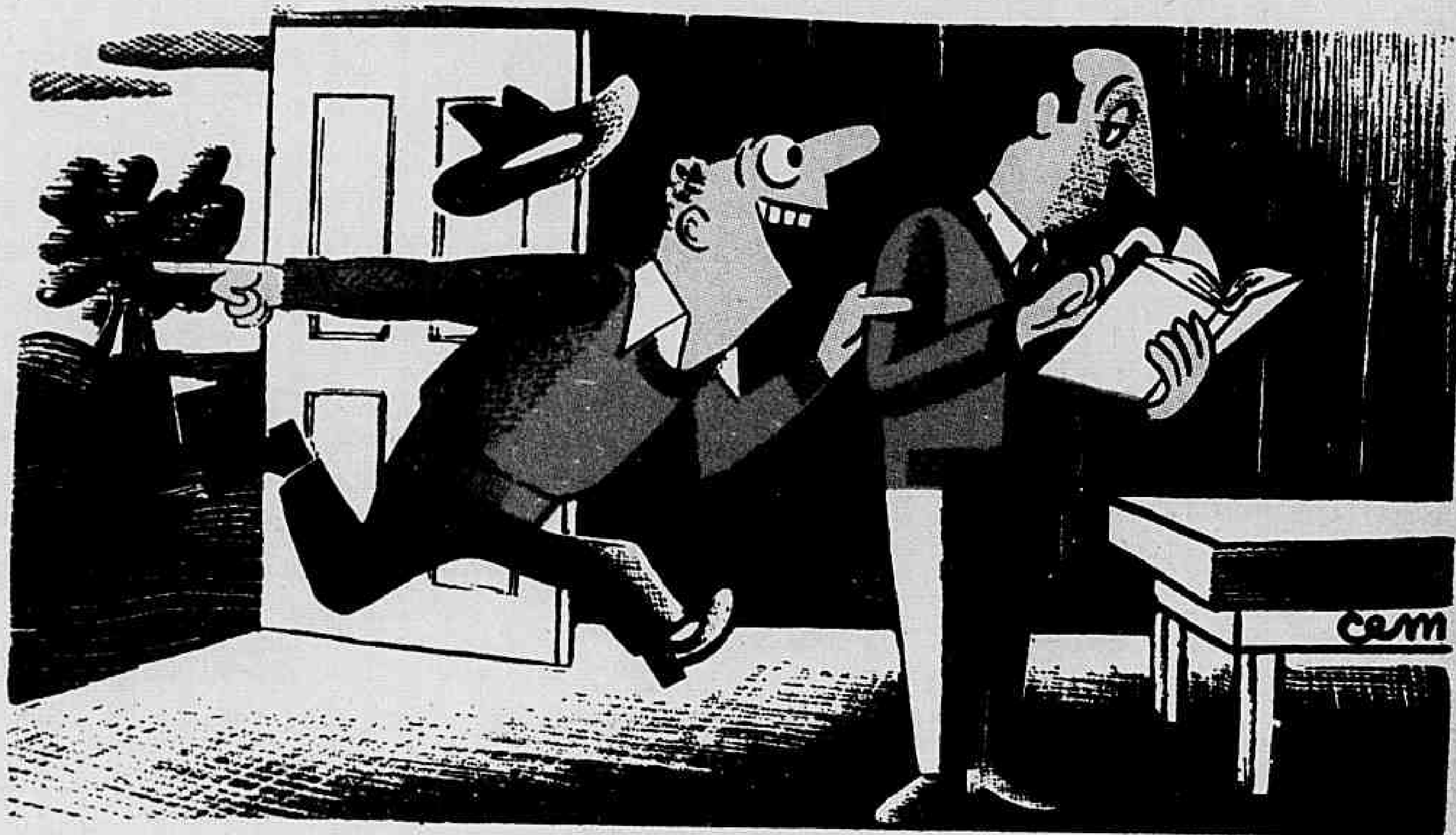
— Amo-a, amo-a, querida ! Sempre a amei doidamente!

O rostinho de Mary, os seus olhos, os seus lábios brilhavam e sorriam. E, no cinto do seu vestido, as duas luvas permaneciam, intocadas, prêsas uma à outra pelo botão...

★

A "BOA RESPOSTA" DO MÊS...

JOE West, um jornalista que trabalhava sòmente à noite, aproveitava as manhãs para jogar "golf". Fêz isso durante várias semanas. Uma manhã, como acontece, estava jogando sòzinho por ser muito cedo; de fato os demais aficionados não haviam ainda aparecido.



Praticando teimosamente, Joe tentou um "tiro" de 50 metros e fê-lo razoàvelmente bem. Animou-se com a jogada e tentou repetir a proeza. Estudou bem o gramado, aspirou o vento para estudar a direção, prendeu a respiração, juntou bem os pés, firmou o bastão segundo a melhor técnica e repetiu o lance. A bola rolou pela relva, aproximou-se do buraco e depois de hesitar um instante, que pareceu a West um século, caiu direitinho no fundo da cova.

Com saltos de alegria, Joe correu a ir apanhar a bola e a seguir olhou em tôdas as direções. Seria possível não haver uma única testemunha do seu admirável feito? Incrível! Tinha que encontrar alguém com quem comentar explosivamente a jogada.

Porém a única pessoa mais próxima — o instrutor do campo — estava na secretaria, lendo um livro.

Joe entrou como um furacão:

— Veja! — gritou êle — Fiz uma jogada maravilhosa! De cinqüenta metros de distância, do número 5 ao 6, lancei a bola, de uma só tacada, e... ela foi cair bem na cova! Hein? Certinho! Que diz você, professor? De cinqüenta metros!

— Anh? — murmurou o professor, desviando por um instante o olhar das páginas do livro — Foi a sua primeira vez?

Desaparece uma Estrêla

Por que desapareceu a cantora Joan Fowler? O enérgico promotor Malone sabia, mas nunca pôde entender a razão...

Por
FRANCES K. ALLAN

OS leitores talvez não tenham ouvido, jamais, falar em Joan Fowler. Ela passou e foi esquecida, há sòmente dois anos, quando a multidão lutava diante das bilheterias do "Gato Vermelho", em Greenwich Village, Nova York, onde ela cantava. Tudo foi repentino. Sempre estamos lendo ou ouvindo dizer coisas estranhas a respeito de lindíssimas criaturas que surgem do nada, da noite para o dia, e que depois desaparecem, também inexplicàvelmente. Umas com escândalo, outras em silêncio.

O que me aproximou de Joan Fowler foi o acaso. A primeira vez em que li referências a seu respeito, foi num comentário de Benny Murdock, na sua coluna "A Voz da Broadway", de um vespertino. Escrevera êle: *"Para ter uma nova sensação e julgar inteiramente novidade uma velha canção, procurem ouvir Joan Fowler, no Gato Vermelho, tôdas as noites, às nove horas. Duke Benton, que já teve uma grande e famosa orquestra, é quem a acompanha, ao piano."*

Lendo a notícia, imaginei que Duke chegara ao último degrau da sua carreira. Acompanhar uma cantora ao piano! Conhecia-o desde os tempos do colégio. Iniciara a sua carreira de compositor e chefe de orquestra escrevendo as músicas para um espetáculo de estudantes. Tinha, realmente, um ar agradável, sendo mesmo simpático. Era, quase, um homem bonito. Porém não muito inteligente, pelo menos pelo que revelavam as suas notas do colégio. Em negócios de música o indivíduo tem que ter talento e ser inteligente, do contrário naufraga de saída. Pouco depois dêsse seu primeiro trabalho, no colégio, organizou uma orquestra, infelizmente surgiu a guerra e antes de que Duke pudesse firmar pé teve que ir dirigir um bombardeiro sôbre os céus de Berlim.

Mais tarde, organizou um trio e andou tocando pelos cafés de "Times Square"; a coisa porém falhou e Duke teve que desistir. Agora ali estava êle, novamente, acompanhando uma cantora, que, ela sim, atraía o público. Por isso, na noite seguinte fui vê-los no Gato Vermelho. Não pensei em ir falar com êle. Mas tive outra idéia. No palco estava alguém mostrando lindas pernas e voz horrorosa. Não vi Duke e imaginei que estivesse em algum canto esperando a vez de trabalhar. Encontrei-o, de fato, numa mesinha, tomando café.

— Olá, velho? Há quanto tempo!

— Alô, Chick! — disse êle, fitando-me como se não estivesse muito satisfeito com o encontro. Depois acrescentou: — Passeando?

— Estou apenas de passagem... Não pretendo demorar mais que alguns minutos...

Então êle fêz as apresentações:

— Chick Malone, Joan Fowler.

Meu nome não pareceu impressioná-la. Apenas sorriu e como era hora de cantar, levantaram-se.

No primeiro minuto não vi, ou melhor, não ouvi nada de extraordinário. Sua voz era suave, mas um tanto enrouquecida e lenta. Mas, repentinamente, meus ouvidos sentiram uma vibração estranha. A voz dela — nas notas profundas — tinha um calor inédito, como um cochicho de amor, e o próprio enrouquecimento dava ao ouvinte a sensação de estar diante de uma pequena que acaba de receber o primeiro beijo. Parecia cantar com a alma.

Era esguia como uma palmeira. Tôda a sua beleza se localizava nos olhos ecuros e nos quais se descobria uma grande tristeza. Fiquei. Fiquei até ao fim, até fecharem as portas e acompanhei-os, rua acima, até aonde Joan vivia, um hotel barato de West-Side. Segundo pude compreender, os cantores do Gato Vermelho não deviam ganhar salários altos.

— Você teve muita sorte em encontrá-la. — disse eu, depois que Joan se retirou — Essa pequena tem *it.*

— Sim. — disse Duke mansamente — Olhava para a própria mão esquerda. Tinha a fisionomia fatigada.

Tentei iniciar uma palestra, principalmente sôbre rádio e televisão, e os programas de um conhecido perfumista, dos quais eu era o organizador. Porém Duke não pareceu interessado pelo assunto.



Duke, sem dúvida, tinha ao piano um papel agradável...

Na manhã seguinte recebi um telefonema de Bacon, que era o chefe do departamento de publicidade que me concedera o contrato dos perfumes. Foi logo dizendo:

— Ouve, Malone. O chefão já telefonou mais dez vêzes, esta manhã. Estava zangado e gritou que foi um inferno. — disse êle — Ou o seu programa melhora ou êle estoura de raiva e estoura também o contrato. Trate de agir quanto antes. Êle quer uma conferência para a próxima quinta-feira e exige idéias colossais... Acho bom você ir quebrando a cabeça desde já!

— Está bem, está bem. — respondi — Estive de fato pensando nisso. Creio que tenho alguma coisa...

Essa noite, no Gato Vermelho, encontrei o salão cheio. Enquanto Duke nada dizia, Joan ouvia como se estivesse guardando as palavras, para pensar nelas depois. Quando êle sorriu, êsse sorriso pareceu transmitir-se ao rosto dela. Incrível como pudesse ser, era evidente que ela o adorava. Depois chegou a hora de cantar — e essa noite, foi ainda melhor que na véspera.

Repentinamente notei alguma coisa: Duke usava apenas dois dedos, além do polegar da sua mão esquerda. Os outros dedos estavam curvados e rijos. Êle fazia tudo para esconder, mas inùtilmente. Notei tudo muito melhor quando êle voltou para a minha mesa. Os dois dedos, evidentemente, não eram empregados no teclado.

Na noite seguinte, Duke foi obrigado a permanecer no Gato Vermelho, a fim de conversar com o proprietário da *boite* e por isso fui encarregado de reconduzir Joan para casa. Eu gostei dêsse ensejo, pois queria ter maiores informações sôbre ela, antes da tormentosa conferência com o famoso perfumista.

— Como foi que você e Duke se reuniram? — perguntei.

— Você não acreditaria... Ninguém acredita! — disse ela com um sorriso. Quando sorria assim, os seus olhos ganhavam maior beleza. Depois contou-me tôda a sua história, com essa espécie de dificuldade e inexperiência que não encontramos senão nas pessoas tímidas. Falou com longas pausas, como se recordasse um papel e tive que fazer grandes esforços para segui-la.

A primeira vez que vira Duke fôra antes da guerra, quando tinha orquestra e com ela tocava na sala de espera de um cinema, em Chicago. Ali, pouco depois foi organizado um concurso de amadores. Joan tinha quinze anos. Perdera a mãe poucos meses antes. O pai trabalhava numa fábrica de aviões. Nada disse a êle quando se animou a entrar nesse concurso de canto. Não ganhou prêmio algum, porém Duke, cuja orquestra tocara durante a competição, sorriu gentilmente quando ela terminou a prova, dizendo-lhe:

— Continua tentando, garôta de olhos bonitos!

Ela nunca pudera esquecer aquêle sorriso! Escreveu-lhe várias cartas, nunca as deitando, porém, na caixa do correio. Recortou várias fotografias dêle, dos programas musicais, escondendo tudo em algum lugar onde seus irmãos não os descobrissem e rissem dela. Quando se achava só, em casa, punha para tocar os discos que êle gravara e cantava. Foi assim que melhorou a própria técnica e aprendeu realmente a cantar.

E como se encontraram novamente? Oh! Quatro meses antes, apenas, em Chicago, ela lera o anúncio: *"Mirror Club, Coctails, Jantares, Duke Benton e Seu Piano..."* No dia em que pôde reunir coragem para ir vê-lo, o negócio fechava definitivamente. Duke estava sentado num canto, enquanto alguns homens carregavam as mesas para o caminhão, estacionado à porta. Ela ligou êsse fato ao concurso para amadores, agora tão distante...

Duke apenas disse:

— Desculpe, mas os tempos andam duros, agora.

Depois, olhou-a novamente e fê-la sentar, gentilmente.

"— *Okay*; vamos ouvir essa voz... Talvez se consiga com ela qualquer coisa, algum dia...

Foi para o piano, brincou um instante com o teclado e depois tocou... e ouviu. Os homens pararam de carregar as mesas e ouviram também...

E isso fôra apenas cinco meses antes! — segundo ela revelou no seu jeitinho de cochichar. Verdadeiro golpe de mágica!

Na manhã seguinte comprei o disco — único que ela e Duke haviam gravado: *"Lonely Evening"*, com *"Forgetting"* na outra face. Apaguei seus nomes do sêlo, pois em negócios não se revela o trunfo antes de ser assinado o contrato.

A conferência com o perfumista foi uma coisa maravilhosa.

Primeiramente tive que ouvi-lo dizer que a espôsa adoecera com o que ouvira no último programa e fôra para a cama perguntando-lhe, muito zangada, porque estava jogando dinheiro fora. A seguir, paciente e sem perder a calma, preparei o meu fonógrafo portátil. O chefão mastigou o charuto enquanto eu colocava o disco. Pouco depois o charuto se imobilizou em seus lábios. Os músculos do rosto também ficaram paralisados.

— Põe isso para tocar outra vez! — disse êle — A música é bonita.

Cêrca de uma hora depois eu chegava ao hotel de Joan. Comecei por anunciar que poderia usá-la em meus programas. Ela agradeceu, mas afirmou que preferia ficar com Duke. Não havia dúvida... Ela adorava o seu pianista!

— Mas... Você acha que está... bem, Joan? — perguntei.

Ela fitou-me e notei em seus olhos escuros um brilho desconhecido.

"— Acha direito roubar assim os melhores anos da vida dêle, obrigando-o a maiores despesas e a ter que morar num quarto?

— Mas, Duke nunca pareceu contrariado.

— Oh! Duke nunca se queixa! Vive com qualquer coisa! Conheço-o bem e conheço também os seus negócios, Joan! Êstes são os melhores anos da vida dêle. Sabe o tempo que êle perdeu com a guerra. Tem, agora, que se apressar. Recorda-se da primeira vez em que o viu, dirigindo uma orquestra naquele cinema? E' onde êle deve permanecer... Em evidência, não na sombra de uma *boite* de segunda ordem! Você não compreende isso, Joan?

Ela desviou o rosto para olhar pela janela.

— Realmente, nunca pensei nisso.

— Sim, eu sei. — repliquei — Mas agora aí está um meio de você o ajudar.

Ela voltou outra vez os olhos para mim.

"— Duke tem lá as suas idéias a respeito da honra. Você terá que o fazer sentir que não a está prejudicando... Não a está *deixando*... entende?

— Agora, o trabalho que lhe ofereço... Se puder dar a êle a impressão de que *é isso o que você quer,* sabe? Livre-o de sentir-se culpado... ao romper o duo com você para continuar com a sua orquestra...

Não pude continuar.

Ela estava novamente olhando pela janela, movendo a cabeça lentamente. Seus ombros tremiam. Caminhei alguns passos e pousei as mãos nêles.

— Eu mesmo falarei com êle, Joan; depois você irá procurar-me no Garwood Hotel, às nove e meia. Arranjaremos tudo para que êle não se oponha.

A seguir, telefonei para Duke, pedindo-lhe um encontro comigo em meu quarto, às cinco.

— Duke, — disse-lhe quando chegou — Há uma coisa que desejo ver você mesmo resolver... E' a respeito de Joan.

Contei-lhe, então, como poderia conseguir para ela um lugar no meu programa e como ela teria probabilidade de ingressar na televisão, sem falar em Hollywood.

"— Já falei com ela — acrescentei — Ela está mortinha para aceitar a oferta, mas receia falar com você!

Êle continuou de pé, recusando aceitar a cadeira que eu lhe oferecia.

— Continue... — disse êle, olhando para meus lábios, como se tivesse pressa de ver o que dêles sairia.

— E' um bom comêço para ela... Coisa que não surge duas vêzes, conforme você mesmo deve saber. Ela acha você um grande amigo e um homem verdadeiramente extraordinário, Duke! Fica triste só de pensar em ter que deixá-lo para melhorar de vida. Mas...

— Chick... — disse êle num sussurro — Você costuma praticar diante do espelho?

— Não estou brincando, Duke. E, se quer saber, bem que tentei conseguir um lugar para outro pianista, mas não foi possível... Você sabe como são essas coisas.

— Não precisa desculpar-se, Chick. Isso não tem importância. O que importa é a sorte dela. Além do mais, desde que um fragmento de granada atingiu minha mão, fiquei assim... como pode ver. Mas irei para outra cidade e arranjarei a minha vida muito bem. Joan não pode perder a oportunidade que você oferece... e não precisa de mim para nada!

Sorriu um instante apenas, pois alguém batia à porta. Era Joan. Tinha o rosto muito branco e os olhos vermelhos. Falou apressada, sempre olhando para o chão. Disse a Duke que agradecia tudo quanto havia feito... que jamais poderia esquecer, mas que aquela era uma grande oportunidade... e que, se êle não se zangasse muito...

Êle a interrompeu, com um gesto:

— Deixa disso, Joan. Eu também daria o fora, se me aparecesse uma coisa assim... Portanto... Felicidades, garôta dos olhos bonitos!

— Felicidades para você também... — disse ela desesperadamente. Depois, rodou nos calcanhares e saiu.

Duke se voltou para mim.

— Mais alguma coisa, Chick?

Não podia deixá-lo assim. Por isso levantei-me e propus irmos beber um trago.

— Quando penso nisso duas vêzes, vejo que tudo é normal — disse êle — Às vêzes fica-se prêso por sentimentos tolos...

Entramos num bar e perguntei o que êle queria beber. Êle não respondeu. Estava olhando para certa mesa. Então eu vi... Era Joan! Estava sentada, sustentando a cabeça com as mãos, chorando.

— Duke... Um momento... — comecei, ao notar que as coisas tinham começado a andar mal, para o meu lado — Confesso que planejei tudo cuidadosamente... Mas minha intenção era boa...

— Por que está chorando minha querida linda?

— Não sou linda. Nunca fui, soluçou ela.

Era muito tarde para detê-la. Já estava nos braços dêle, procurando esconder o rosto no seu ombro. Então êle levantou o rostinho úmido e fitou-a amorosamente.

— E' assim, hein? — falei, então, indignado — Não adianta querer ajudar aos amigos... Não adianta!

— Duke — disse ela com o seu cochico delicioso — Duke... Seus olhos estavam cheios de amor. E então êle a beijou.

Que podia eu fazer? Tentei discutir, ser razoável. Segui-os desajeitadamente até à rua, mas nem sequer olharam para trás. Nem me ouviram! Nunca mais tornei a vê-los, nem desejo. Mas, como já disse, isso acontece com certas mulheres... Vêm do nada, lutam muito e quando têm o mundo a seus pés... dão um ponta-pé! Onde estará ela, agora? Desapareceu...

36º Ano — Nº 2 — Julho — 1952

QUEM FOI...

Por

CARL BOCKHACKER



Para muitos, Kaspar era o filho do Grão Duque Carlos, tendo sido raptado, ainda muito criança, por ordem da Condessa de Hochberg, espôsa morganática do avô de Carlos, a fim de garantir a sucessão para o seu próprio filho.

NUM dia de maio de 1828 apareceu nas ruas de Nuremberg, a antiga cidade imperial da Bavária, um menino de aproximadamente dezesseis anos, coberto com miseráveis roupas de camponês. Era pálido e aparentava uma vida de sofrimentos sem conta, o que não impedia que se notasse, num primeiro olhar que era pessoa de educação, elegante de gestos e corpo bem proporcionado. Seu andar hesitante, cuidadoso, lembrava os primeiros passos ensaiados por uma criança. Seu evidente sofrimento e os andrajos que mal cobriam o seu corpo delicado atraíram a atenção despertando a piedade dos atarefados burgueses.

Junto do peito, sob a camisa esfarrapada, tinha uma carta para o capitão von Wessening, do Regimento de Cavalaria Ligeira, estacionado em Nuremberg. Com grande esfôrço, mal podendo articular as palavras, declarou que seu nome era Kaspar Hauser e que não sabia de onde vinha.

Foi, é claro, conduzido imediatamente ao domicílio do capitão. Von Wessening nada sabia a respeito do menino ou da sua família e a carta nada continha que o instruísse a respeito.

A missiva, datada de "Um lugar desconhecido na fronteira da Bavária", e escrita em dialeto bávaro, aparentemente por um homem rude, explicava que em 1812 o menino fôra confiado à guarda do que escrevia e que, segundo as instruções que recebera, ensinara o menino a ler e a escrever. Entretanto mantivera-o sempre cautelosamente confinado até ao dia em que, afinal — sempre de acôrdo com o que lhe fôra recomendado — o enviava ao militar.

Outra carta estava no fundo do envelope e o missivista explicava que a mesma fôra escrita pela própria mãe do menino e dava ao mesmo o nome de Kaspar Hauser. A data de nascimento era 30 de abril de 1812. Estabelecia, ainda, que o pai, um nobre oficial da cavalaria, morrera.

O menino, por sua vez, falando com grande dificuldade, soube dizer pouca coisa mais. Declarou que tudo quanto podia recordar era que fôra sempre mantido num catre. Para se sustentar tivera sempre pão e água em sua prisão. Nada mais! Jamais vira o rosto do seu guardião e muito menos o mundo exterior pudera até então conhecer. Pouco tempo antes de o soltarem, um homem que não podia descrever, ensinara-lhe as letras *e também a andar!* Finalmente, numa noite negra, fôra levado até à orla da cidade onde lhe deram as roupas que vestia, mais as cartas, deixando-o entregue a si mesmo.

Kaspar Hauser? UM MISTÉRIO INSOLÚVEL

As maneiras do menino, a sua aparência, seu falar hesitante, seu desajeito para ingerir qualquer outro alimento além do pão e da água e sua evidente ignorância relativamente aos objetos mais banais correspondiam à sua espantosa história.

*

A despeito de intensas investigações realizadas pelas autoridades policiais, nada foi possível descobrir capaz de trazer um pouco de luz para o estabelecimento da identidade real do menino e do local em que vivera. Indagações públicas, feitas à larga e com insistência não alcançaram resultado algum e, como um "enjeitado", Kaspar passou a ser um pupilo da Municipalidade de Nuremberg.

O professor Daumer, dessa cidade, foi solicitado a fim de se encarregar de sua educação, indo Kaspar residir em seu domicílio. Era um excelente e obediente aluno, aprendendo ràpidamente sob a orientação carinhosa do seu professor. Daumer simpatizou com o menino, tão tranqüilo e simpático. tratando-o com o carinho e o respeito que dedicava aos demais filhos.

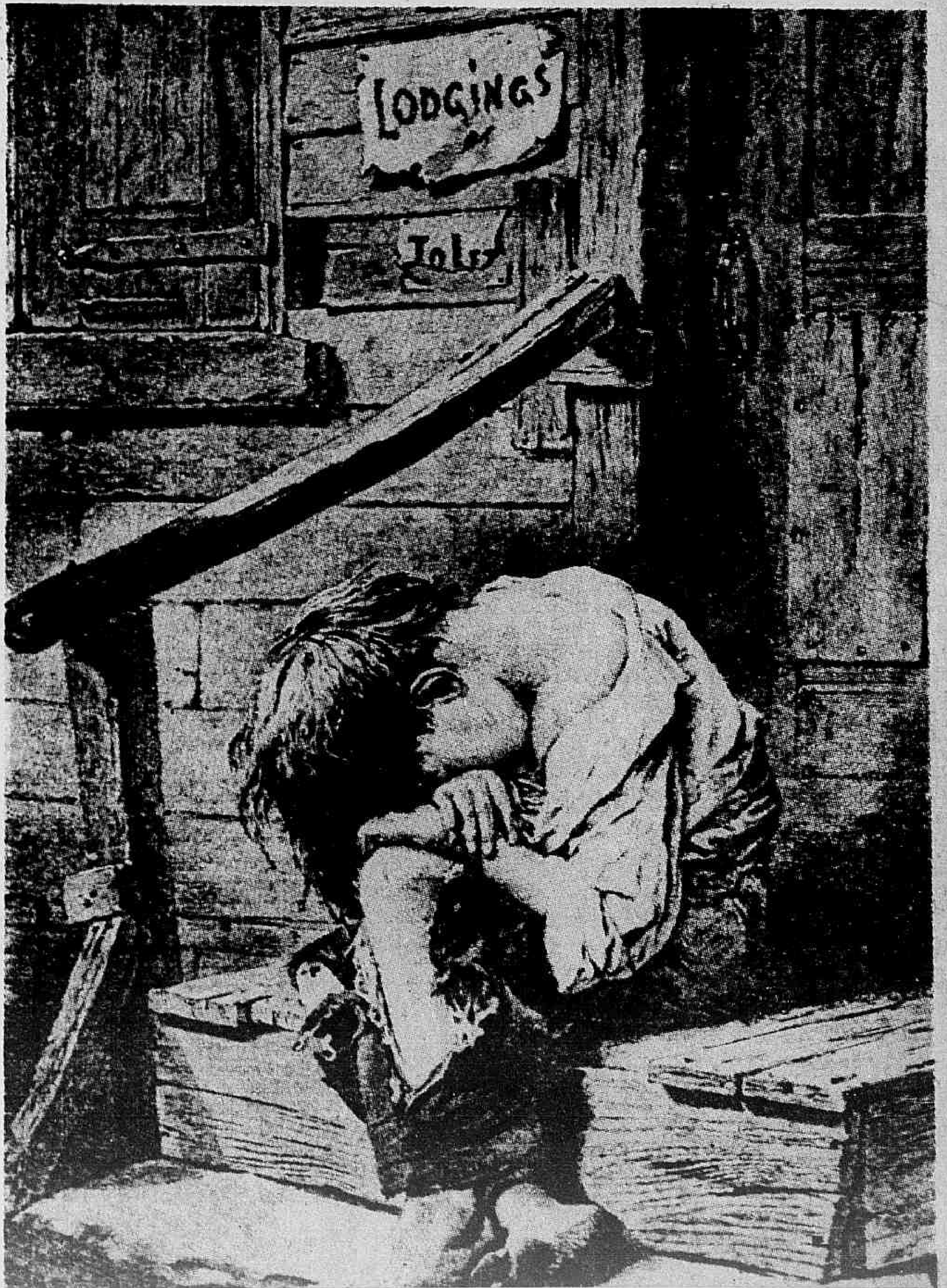
Eis que, em outubro de 1829, misterioso e cruel ataque foi realizado contra o pobre Kaspar, no seu quarto, da própria residência do prof. Daumer.

De fato, foi encontrado, uma certa manhã do citado mês, com um punhal profundamente cravado no rosto, do lado esquerdo, e apenas pôde dizer que o seu assaltante fôra um homem que tinha o rosto pintado de prêto. Nenhum rastro do assaltante foi encontrado. De qualquer maneira, Kaspar foi retirado da residênciade Daumer e colocado sob severa guarda na residência do Magistrado Biberbach.

Foi ali, na residência de Biberbach, que Earl de Stanhope, um amigo da família, encontrou Kaspar e revelou interêsse por sua sorte. Tanto gostou do rapaz que não tardou em revelar a sua intenção de adotá-lo.

Já então, o caso do misterioso enjeitado, pelo seu interêsse romântico numa era romântica, havia causado grande emoção e provocado grande simpatia entre os literatos e filósofos de tôda a Europa. Teorias verdadeiramente fantásticas eram espalhadas, no sentido de explicar o mistério da sua identidade. De fato, foram hipóteses variadíssimas e que iam desde a afirmação de ser êle um impostor e aproveitador, até a que afirmava ser um filho natural de um membro da família real.

Lord Stanhope acabou conseguindo levar o rapaz. Agindo com paciência e habilidade, sondando as vagas memórias de



Quando foi encontrado, o infeliz menino faminto e maltrapilho, mal pôdia falar dado o seu estado de fraqueza; sempre fôra mantido numa masmorra.

Kaspar e fragmentos de palavras ouvidas, viajou com êle para a Hungria, num esfôrço para conhecer mais alguma coisa do seu passado. Essa pesquisa foi infrutífera.

Porém Stanhope não desistiu. Tratou de levar Kaspar a Ansbach, na Baviera, onde



O Grão Duque Carlos casou com Estefânia, sobrinha de Josefina, que Napoleão adotou como filha, concedendo-lhe o título de Filha de França e elevando-a a Princesa Imperial. Nessas condições Kaspar Hauser vem a ser neto de Napoleão !.

o famoso criminologista, Anselm V. Feuerbach, era o presidente da Côrte de Apelação. Feuerbach empregou o rapaz no seu escritório e logo iniciou uma exaustiva investigação e cuidadosa análise do caso.

Em 1882 surgiu êle com um panfleto: *Crime contra a Alma,* no qual expunha a sua teoria, afirmando que Kaspar era o raptado filho de Carlos, Grão-Duque de Baden e, por direito, o herdeiro do seu trono! Carlos sucedera ao seu avô, Carlos Frederico, em 1811 e casara-se em 1806 com Estefânia, filha adotiva de Napoleão I. Seu filho, nascido em 1812, tinha (presumìvelmente) morrido na primeira infância.

Feuerbach afirmava, nesse panfleto, que a Condessa de Hochberg, espôsa morganática do avô de Carlos, havia instigado o rapto do menino *a fim de assegurar a sucessão para seu próprio filho!* Stanhope, Daumer e muitos outros cidadãos ilustres sustentaram a teoria de Feuerbach, que realizara brilhante trabalho de dedução, mas deixara a questão relativa à origem de Kaspar sujeita a controvérsias.

Kaspar, agora um rapaz de mediana educação e inteligência, trabalhava na Côrte de Justiça em Ansbach, entregando-se à vida normal e às diversões dêsse tempo. Stanhope começou a perder o seu antigo interêsse por êle.

Entretanto o interêsse pelo mistério de Kaspar Hauser cresceu novamente — e com maior razão — por ocasião da sua trágica morte, ocorrida em dezembro de 1833.

Cambaleando e esvaindo-se em sangue de um mortal ferimento no flanco esquerdo pôde atingir a porta da sua própria casa. Declarou que um estranho dêle se aproximara no corredor do palácio da Justiça, prometendolhe importante revelação e pedindo que o acompanhasse até um certo recanto dos Jardins Reais, próximos do Palácio da Justiça. Ali chegado fôra atacado à traição e ferido a punhal. Infelizmente não podia fazer uma descrição perfeita do estranho. Kaspar morreu três dias depois de ser atacado e sua morte foi tão enigmática como o seu aparecimento cinco anos antes.

Mais uma vez a origem de Kaspar Hauser foi assunto de grandes especulações. Embora uma total falta de provas evidenciais forçassem as autoridades a abandonar as investigações, o caso se manteve na opinião público pelo resto dessa centúria.

Muitos anos depois de Kaspar haver morrido, um punhal foi encontrado nos Jardins Reais, não distante do local em que fôra praticado o assassinato. Foi êsse o único vestígio descoberto!

A cidade de Ansbach erigiu um monumento nesse lugar, com a inscrição: *"His occultus occulto occisus est"* (Êste mistério foi morto pelo mistério).

TEMPESTADE NO MUNDO DOS SELOS

UM sêlo da guerra com ângulo cômico foi editado pelos apoiadores do General Charles De Gaulle, a fim de reacender o movimento necessário à volta



Sêlo dos degaulistas: «Para a salvação pública: SIM!»

ao poder do chefe da resistência francesa.

A organização chefiada por De Gaulle anunciou, não há muito, a criação de um sêlo para ser vendido por cinqüenta francos, sob a alegação de que cada sêlo assim vendido auxiliaria a instalação de um pôsto de propaganda do general em cada localidade da França.

Pedia-se além do mais que tais selos fôssem, depois de comprados, colados em envelopes especiais e enviados ao general em sua própria residência em Colombey-les-Deux Eglises, como prova de apoio à sua causa.

Êsse movimento provocou enérgicos protestos dos comunistas e outros teimosos oponentes do general De Gaulle. O jornal «Franc-Tireur», que se diz independente — conforme indica o seu título — mas que em geral simpatiza com os objetivos comunistas, para satirizar o movimento, entrou a publicar, diàriamente, uma paródia do sêlo Degaulista.

Êste representa a Mariana, o tipo feminino que é conhecido, popularmente, como a imagem da própria França, enfrentando De Gaulle com uma censura, **«Não pàra de falar!»**, em contraste com o **motto** dos partidários do general: **«Para a salvação pública: SIM!»**

O «Franc-Tireur» pede aos seus leitores que recortem os selos que vem publicando... e os enviem também ao general.

Segundo os relatórios dos partidários de De Gaulle, o chefe do partido conhecido por «Reunião do Povo Francês», está recebendo 60.000 selos diàriamente, com um total superior a um milhão até a presente data.

Não dizem — é claro — o nú-



Paródia do sêle degaulista: «Não pára de falar!»

mero que está recebendo dos publicados no «Franc-Tireur».

Por sua vez, os editôres do citado jornal declaram não saber quantos de seus leitores estão correspondendo ao seu pedido...

★

DIANTE DO JUIZ

O ACUSADO	O CRIME
UM HABITANTE DE BOSTON	Lambuzou o rosto da espôsa, num momento de ira, com... **eclairs** de chocolate.
UM ADVOGADO DE PITTSBURG	Tentou introduzir uma bola de «golf» na bôca da espôsa, para impedir que esta gritasse, enquanto êle lhe dava uma boa surra.
UMA PROFESSÔRA DE NEW HAVEN	Chamou um magistrado de «imundo Republicano».
UM INVALIDO DE ST. PETERSBURGO	Por andar contra-mão e ir bater com a sua «cadeira-de-rodas» contra um automóvel.
UM NEGOCIANTE DE LOS ANGELES	Por entrar com «caminhão-guindaste» em um bar, a fim de retirar do mesmo a espôsa que teimava em permanecer no seu interior.
DOIS VETERANOS DA GUERRA HISPANO-AMERICANA	Por se bater em duelo, a bengala, pelo amor de uma mulher (Os duelistas tinham, um: 79 anos; o outro: 80. A mulher: 81!
UM ENGRAXATE DE BROOKLYN	Por haver enterrado um chifre de boi no braço do seu contendor, durante uma rixa.
UM PROPRIETARIO DE CHICAGO	Por haver tentado provocar a saída do seu inquilino, escrevendo na porta do seu apartamento, com tinta permanente: «Covil de Ladrões».
UM RESIDENTE DE NOVA YORK	Por desengatar a locomotiva dos vagões, sempre que não encontrava um lugar para sentar, nos trens.



O ventríloquo Edgard Bergan e seu boneco Mac Carthy, mundialmente conhecidos.

O SEGRÊDO DOS VENTRÍLOQUOS

UM POUCO DE HISTÓRIA ★ COM QUE ÓRGÃO FALAM? ★ COMO SE FAZER VENTRÍLOQUO? ★ E' INDISPENSÁVEL TER ARTE DE COMEDIANTE

UM POUCO DE HISTÓRIA — Na Grécia antiga, a sibila de Cumes, pronunciava seus oráculos com voz cavernosa, *"que não parecia sair de sua bôca"*. Os consulentes atribuíam essa voz singular à divindade que a inspirava.

Porém os modernos, mais sabidos, pensam simplesmente que a célebre sibila de Cumes era ventríloqua...

A verdade é que, muito mais tarde, São João Crisóstomo pensava que, nos templos, os ventríloquos eram encarregados de transmitir *"as ordens do céu"!*

Na Idade Média, os bufões dos reis eram, muitas vêzes, admiráveis ventríloquos: nessa época, não se considerava mais a ventriloquia como um atributo sobrenatural, mas simplesmente como uma faculdade digna de causar riso.

Assim foram correndo os anos até que, finalmente, o teatro se apoderou dêsse magnífico recurso. Então, os ventríloquos começaram a "fazer falar" bonecos, manequins articulados, com os quais mantinham conversação corrente e própria para causar riso, alternando a sua voz de ventríloquo e a sua própria voz, a voz natural.

O efeito — devemos reconhecer — é muitas vêzes engraçadíssimo. O público o aprecia muito: os mais ingênuos e as crianças admitem em geral que é o "cão que fala"; os outros pensam que algumas pessoas, raras por certo, são dotadas da faculdade de "falar com o ventre" e disso se aproveitam para ter um ganha-pão, em todo caso bastante divertido... ao menos para aquêles que os observam!



Batista Júnior, que foi o mais perfeito ventríloquo brasileiro.

COM QUE ÓRGÃO FALAM? — Na realidade, o nome de "ventríloquo" (que significa, literalmente, "que fala com seu ventre") é absolutamente errado, como o são igualmente os de "gastrílogo" (o que "fala com o seu estômago") "engrastílogo", etc., pelos quais tentaram substituí-lo. O ventríloquo não fala nem com o ventre, nem com o estômago. Fala — é claro — com o seu laringe, simplesmente, como todo o mundo.

O laringe do ventríloquo será, então, constituído de maneira diferente do nosso? Não. Absolutamente. Todo o segrêdo consiste na maneira de modificar a voz natural para, a fim de conseguir variar o tom e as inflexões.

Ao mesmo tempo, o ventríloquo sabe falar sem se servir dos lábios, ou ao menos conservando êstes



Na Grécia antiga a sibila de Cumes pronunciava os oráculos com voz cavernosa que não parecia sair da sua bôca.

tão imóveis como possível, de maneira que seu interlocutor não possa distinguir o movimento.

Os ventríloquos não são, portanto, como pretenderam alguns cronistas mal informados do início dêste século, "superlaringectomizados", indivíduos dotados de um "super-laringe", mas muito simplesmente hábeis ilusionistas!

Ninguém nasce ventríloquo: um indivíduo chega a ser ventríloquo após pacientes exercícios — e desde que possua, de saída, órgãos vocais bastante móveis e de grande elasticidade.

Tais qualidades, de resto, são muitíssimo mais raras do que em geral se acredita. Assim é que nos Estados Unidos existem apenas cinco ventríloquos de fama e, na França, apenas quatro considerados "de talento", ao passo que no Brasil, depois da morte de Batista Júnior, que foi, sem favor, um dos mais notáveis ventríloquos de seu tempo, não conhecemos outro, o que significa que, se existe algum, sua habilidade não é tão grande como para lhe dar notoriedade.

Todos êles chegaram a êsse resultado de uma só maneira: disposição, persistência e qualidades especiais para representar.

COMO SE FAZER VENTRÍLOQUO? — Com os ventríloquos mais famosos ocorreu invariàvelmente o mesmo programa: começaram a praticar desde cedo — ainda na adolescência. Iniciaram, aliás, de maneira empírica, o futuro ventríloquo se esforçando por modificar sua voz e fazendo, por assim dizer, *instintivamente*, os movimentos necessários para chegar aos resultados desejados.

Certas ilusões são obtidas, emitindo a voz não exatamente em *expiração*, mas em *inspiração*.

Assim pode o ventríloquo imitar os gritos de um bebê, por exemplo, ou ainda o canto do galo, o miado do gato, o relinchar de um asno, etc.

Porém êsses são simples casos particulares. Em geral, o ventríloquo fala *em expiração*, como faz o resto da humanidade.

O que ocorre é que essa expiração se faz de maneira mais lenta, enquanto o *diafrágma se imobiliza* numa posição intermediária entre a inspiração e a expiração forçada.

Êsse retardamento da expiração e essa imobilização do diafragma são conseguidos por meio do exercício e a educação dos músculos do tórax e do abdome.

Raramente encontramos uma mulher ventríloquo. Isso é devido — dizem os "especialistas", à fraca diferença que existe entre o timbre feminino na voz normal e a voz "laringeada" (a voz dos ventríloquos).

As únicas mulheres que fazem exceção à regra são as que possuem uma voz anormalmente grave.

A ARTE DE COMEDIANTE E' INDISPENSÁVEL — No entanto, nem só a mudança de timbre é bastante para alguém se fazer ventríloquo: é necessário acrescentar a êsse poder uma modificação da *articulação*.

O ventríloquo fala com a bôca apenas entreaberta, conservando os lábios e o maxilar imóveis.

No interior de sua bôca, a língua permanece imóvel, recolhida bem para trás, enquanto a abóbada palatina se abaixa para permitir o escapamento do ar pelo nariz.

Dessa posição anormal segue-se — é claro — uma pronúncia também anormal: a voz do ventríloquo não diferencia os "p" dos "b", os "h" dos "f" e dos "p". No conjunto da conversação, êsses detalhes passam despercebidos.

Certas línguas, tais como o inglês, facilitam grandemente êsse subterfúgio. Pode-se até assinalar que a grande maioria dos ventríloquos é formada por indivíduos Inglêses ou Norte-americanos.

A ilusão pode, além do mais, ser reforçada por meio de recursos técnicos, próprios do palco e de um bom comediante. Isto porque, mesmo uma vez conseguido o objetivo principal de ser um ventríloquo, o indivíduo que se exibe num palco necessita, para convencer o público, de apelar para a arte de comediante.

Sòmentes dessa maneira, pelas modificações do timbre e da entonação de sua voz, tais como todos os atores praticam geralmente, que êles conseguem iludir completamente, imitando à vontade a voz de uma menina, de um velho, de uma mulher, etc., e conseguindo convencer o público de que a voz vem da direita ou da esquerda, do alto ou de baixo.

Uma certa agilidade natural, muito treinamento e um verdadeiro talento de comediante, eis, em resumo, todo o segrêdo dos ventríloquos.

★

Estranhos roubos

SANGUE — Dè um hospital da Cidade do México, os ladrões roubaram três vidros de serum de sangue, sendo o roubo efetuado no correr de três semanas, um vidro de cada vez.

★

DROGAS — Em Estocolmo, Suécia, uma drogaria foi assaltada por um ladrão que dela retirou uma caixinha contendo scopolamina, usada no "sôro da verdade".

★

PEGAJOSO — Walter Brokus, de Salem, Oregon, foi prêso por haver penetrado, altas horas da madrugada, numa loja de ferragens, cuja porta teve que arrombar, para roubar dois tubos de cola-tudo.

★

ORQUÍDEAS — Em Sparkhill, Nova Jersey, um ancião foi prêso por haver roubado 3.500 dólares em... orquídeas.

★

FIOS — Em Lille, França, os ladrões roubaram duas milhas de fios telefônicos, além de quatro postes de ferro.

★

CHAPAS DE METAL — Ladrões ainda desconhecidos roubaram 23 chapas de metal de um trem de recreio, parado numa pequenina cidade do Missouri. Cada chapa tinha um metro quadrado, pesava 200 quilos e custava 15 dólares.

★

PONTE — Não distante de Cillicothe, Ohio, os ladrões desmantelaram uma ponte de quinze metros, sôbre uma auto-estrada de pouco movimento, desaparecendo com tôdas as ferragens.

★

SABER — Um ladrão penetrou numa livraria de Elizabeth, Nova Jersey e dali roubou apenas uma obra: uma enciclopédia pesando ao todo 10 quilos.

★

GUINCHO — Um guincho com 27 metros de altura e pesando nove toneladas foi roubado de um pôsto de lubrificação para automóveis, nos arredores de Kilgore, Texas.

★

POR QUÊ? — Quatro ladrões entraram numa loja de St. Paul, Califórnia e dela roubaram... 300 rãs, que, se vendidas na loja, produziriam uns vinte dólares apenas. E na mesma loja havia coisa mais fácil de carregar e também mais valiosa.

★

MOTOR — Joseph F. Frajeck, de Detroit, queixou-se de que um ladrão, à luz do dia, penetrou em sua garage e roubou um motor de bronze, próprio para embarcação e cujo pêso era muito superior a duzentos quilos.

★

SERMÕES — Um ministro batista, de Memphis, Tennessee, queixou-se de que os ladrões haviam roubado uma coleção de três anos de sermões que êle havia proferido, e que se encontravam numa gaveta do seu escritório.

★

SAPATOS — Um rapaz de 17 anos, residente em Brooklyn, foi prêso sob a acusação de haver roubado os sapatos de um passageiro adormecido num dos trens chegados àquela estação.

★

BISONTES — As autoridades de Lawton, Oklahoma, estão oferecendo um prêmio de 500 dólares para quem der informações a respeito de três búfalos, que foram roubados do Parque Nacional.

EXPLORANDO O BRASIL MERIDIONAL

SEGUNDA PARTE

(Continuação)

CAPÍTULO IX

FIM DE VERÃO ★ A FLORA E A FAUNA ★ AS SAMAMBAIAS ★ CONHECIMENTOS DE BOTÂNICA BRASILEIRA ★ O DIA 9 DE MARÇO ★ NOTÍCIAS TRISTES ★ A IDA DE CURLING A CURITIBA ★ MINHA PRIMEIRA ANTA ★ OBSERVAÇÕES SÔBRE A ANTA E OUTROS ANIMAIS ★ UMA VIAGEM AO LUAR.

O mundo dos insetos teve a sua época: o verão estava quase terminado. Os mosquitos, as mutucas, as «pólvoras» e todos os outros flagelos da estação quente, numa floresta tropical, despediam-se de suas tolerantes e sofredoras vítimas.

Um ôlho observador podia distinguir aqui e ali entre o verde luxuriante da floresta, um colorido amarelo ou alaranjado anunciado o fim do verão. Não se ouvia mais o chiar da cigarra, no acampamento ou na floresta, durante o dia; à noite, o uivo do noitebó de verão, o vôo luminoso do pirilampo, o zumbido irritante do mosquito sequioso de sangue, os ruídos de muitos outros misteriosos insetos e de inúmeras aves noturnas deram lugar a um silêncio profundo e contínuo.

As grandes fôrças da natureza que, ano a ano, naquelas florestas brasileiras, se manifestam em trovões, relâmpagos e chuvas sem cessar, nos meses de dezembro, janeiro e fevereiro, estavam agora, mais uma vez, consumidas ou esgotadas. O majestoso processo de limpeza que havia persistido, quase ininterruptamente, durante êsses mesmos meses, entre a Serra e as montanhas ao derredor, esculpindo características novas ou aprofundando as impressões dos antigos, também tinha, então, cessado de operar. O Ivaí, embora ainda estivesse na cheia e com suas águas turvas, em virtude destas operações, continuava a baixar, polegada por polegada, para o seu nível normal de inverno.

Neste dia — 8 de março — pela primeira vez, numa longa série de semanas, nem uma única cobra venenosa havia atravessado o nosso caminho na floresta.

Era esplêndido ficar, nesta ocasião, em nosso rancho feito de palmeiras, à margem do rio, durante as noites frescas, após o trabalho do dia.

Não tenho mais necessidade de me preocupar com a luta incessante contra os nossos inimigos — os insetos — recomecei, com bastante satisfação e prazer, a estudar e coligir a flora e a fauna. (*)

A magnificência da flora de uma floresta tropical brasileira tem sido descrita, repetidas vêzes, tanto nas obras de ficção quanto nas de viagem. No entanto, tôdas as descrições que tenho lido são muito fracas, quando comparadas com a realidade, e eu não vou tentar fazer, aqui, a mesma coisa.

Direi algumas palavras sôbre uma única família, porque as suas várias espécies entram geralmente, em grande escala, na medicina do sertanejo. E' a das **samambaias que, rivalizando com as altas palmeiras, abrem as suas frondes como se fôra ramos gigantescos, sob cuja sombra podem se abrigar doze homens,** reclinados na avenca baixa que pisávamos, diàriamente, a qual quase forma, com suas inúmeras irmãs de variadas espécies, uma floresta entre si.

A mais notável, e talvez a mais bela, de tôdas as variedades multiformes desta grande família, é uma trepadeira, cujo nome não consegui saber, mas a qual a gravura em madeira, tirada da fronde de um espécime sêco, dará uma idéia. Êste fêto escolhe, geralmente, para seu apoio, uma árvore nova ou uma vergôntea de casca áspera, em volta da qual sobe até a uma altura às vêzes de sete ou oito pés. As suas longas frondes curvadas, pendentes em volta do tronco, fazem uma vista muito bonita e o todo serve de raro modêlo, para desenhos em metais preciosos.

Os brasileiros destas regiões longínquas, que, como os povos semi-selvagens, pouco apreciam ou não apreciam absolutamente a beleza, usam a raiz desta samambaia como remédio para uma certa doença. Esta raiz tem um efeito extraordinário sôbre as glândulas de secreção; se um pedaço dela fôr mascado por alguns segundos, a pessoa que o fizer terá de expectorar, continuamente, durante uma hora ou mais. Os brasileiros, assim como os índios, usam as fôlhas moídas de outra espécie de samambaia como cataplasma para aplicar em feridas.

Tenho agora de registrar um fato (recebemos as primeiras notícias no dia 9 de março) que não significa apenas para a expedição, em que há muito vínhamos trabalhando, uma perda irreparável, como também encheu o coração de cada um dos seus membros da mais angustiosa tristeza.

Nosso chefe, o Capitão Palm, tinha morrido no Rio de Janeiro, vítima do flagelo da febre amarela, no dia 4 de fevereiro.

Os detalhes do acontecimento, depois que nos deixara no dia 28 de setembro, cheio de vida e ânimo, eram muito simples e também muito tristes. Êle havia seguido o seu desejo de primeiro voltar ao lugar onde o primeiro grupo estava tra-

---

(*) Nas florestas desta parte do Brasil, é grandemente trabalhosa a preservação de espécimes da fauna, em nosso caso, ainda maior, pela necessidade que tínhamos de levá-los conosco, por terra e por água, durante um longo período. Tivemos de tomar precauções especiais. Para tôdas as peles menores, como as de aves, cobras, etc., tínhamos no alumen um preservativo muito bom, quando aplicado profusamente na ocasião de esfolar os animais. Para as peles maiores, como as do veado, da onça, da puma, do jaguar, etc., fomos obrigados a usar um processo de curtimento — pelo cozimento da casca de uma árvore da espécie do laburno, chamada Anjico, que era usada para êste fim. As borboletas e os insetos, por um mês, durante cinco horas diàriamente, nós púnhamos para secar ao sol. Foi também necessário que se pusesse tôda a coleção para secagem ao sol muito quente.

balhando e fazer uma visita rápida ao seu acampamento, indo então a Miranda, via Antonina, Montevidéu e Rio da Prata. Daí, depois de traçar todos os planos finais com os terceiro e quarto grupos, e de iniciá-los nos seus respectivos setores, voltou ao Rio, lá chegando em fins de janeiro. Quase imediatamente foi acometido de febre amarela, que soubemos, então estivera grassando com severidade, naquela cidade empestada durante o verão anterior e, depois de uma breve enfermidade, faleceu. (*) Esta, contada lacônicamente, foi tôda a triste história de sua morte.

Uma desgraça nunca vem só. O mesmo mensageiro, que nos trouxe a notícia da morte de nosso chefe, foi também portador de uma notificação para Curling, que devia voltar a Curitiba, a fim de avistar-se com um agente do Rio.

O nosso grupo desfalcado como já estava, pela deserção de um de seus membros, pela doença quase constante de outro e ainda com a perda de um terceiro, mesmo por poucas semanas, quase sofreu um desastre.

Curling partiu, mas primeiro considerou os prós e os contras. No dia 9 soubemos da morte do Capitão Palm. Naquela noite eu e Curling ficamos até altas horas em volta do braseiro, discutindo as deliberações que tínhamos a tomar. Às dez horas da manhã seguinte êle saiu para Curitiba, ficando eu sòzinho, com um companheiro doente para me ajudar a prosseguir a expedição.

Nesta mesma manhã eu havia descido um regular trecho pela margem do rio, procurando um local para fazer um novo acampamento. Levara dois homens comigo, Miguel e Hipólito, os quais ùltimamente fizera meus canoeiros chefes.

Além da minha canoa, que era, geralmente, conhecida como «Canoa de caçada», acompanhou-nos outra levando sete homens, que eu havia tirado do trabalho da picada para esta excursão especial.

Embora não tivesse a intenção de caçar, levei comigo uma carabina de Curling e seis balas. Um dos cães de caça, chamado «Sybadelle», entrara ocultamente na canoa ao partirmos. Nossos cães sempre gostaram muito de caçadas e, ao verem uma espingarda ou ao ouvirem um «embarca», corriam em disparada para a beira do rio e saltavam precipitadamente para a canoa, ganindo de excitação. A raça, ou melhor, as raças devem ser peculiares ao país; pois nunca vi cães assim, nem na Inglaterra, nem em qualquer outra parte do mundo, a não ser no Brasil.

Depois de escolher um lugar adequado para o nosso acampamento, desembarcamos e os homens entraram logo em ação, com os machados, na derrubada das árvores para fazer a clareira quando, de repente, ouvimos o ladrar nervoso do cachorro, a uma distância de um quarto de milha, na encosta de uma serra.

Eu, Miguel e Hipólito voltamos correndo para a canoa e atravessamos o rio, que tinha, no local, cêrca de 120 jardas de largura, sendo muito fundo, e ficamos esperando. O barulho que o cachorro fazia, caçando, tornava-se cada vez mais indistinto e, por fim, não era mais ouvido.

Esperamos, em silêncio, durante dez minutos, depois dos quais ouvimos, novamente, o ladrar distante e indistinto de um cachorro, na encosta da serra, coberta de mato. Foi tornando-se, aos poucos, mais nítido, até que, por fim, pareceu-me ouvi-lo bem perto da margem oposta. Esperava, a cada momento, que o animal acuado se atirasse n'água. Os dois homens estavam de pé, um na proa e o outro na popa, de remo na mão, prontos para remar com tôda a fôrça no instante em que a caça caísse n'água. Daí a pouco, «tchá»! Ouvimos a água fazer êste ruído e espalhar-se, quando um animal grande atirou-se nela, bem em frente ao lugar onde estávamos. Não foi necessário que dissesse aos homens o que fazer. No decorrer de um segundo a canoa já estava cortando as águas, em direção à margem oposta. Ouviu-se outro «tchá». Sybadelle havia, também, se atirado n'água, virando ràpidamente a cabeça de um lado para outro, procurando a caça que tinha desaparecido completamente. Já estávamos quase no meio do rio, quando um dos canoeiros gritou: — «Lá está ela!» — mudando,ato contínuo, o rumo da canoa, o que me fêz olhar correnteza acima. Vi, a umas sessenta jardas de distância, uma cabeça enorme, fora d'água. O cachorro avistou-a ao mesmo tempo e recomeçou o seu ganido nervoso.

A anta — pois era um dêstes animais — a princípio só se preocupou com o cachorro, não se incomodando conosco. Por isso, enquanto os homens remavam impetuosamente em direção a ela, procurei observá-la bem. A sua aparência era muito selvagem, com o pêlo hirsuto e ereto, o focinho alongado voltado para o ar, bufando de raiva e terror.

Chegamos a uma distância de trinta jardas e eu ia puxar o gatilho quando ela deu um mergulho. O cachorro parou de ganir, os homens pararam de remar e tudo ficou novamente sereno e sossegado. Esperamos durante meio minuto ou mais, enquanto um dos homens olhava correnteza acima e o outro correnteza abaixo. — «Lá, lá!» — gritou um dêles, novamente. Os homens começaram a remar, correnteza abaixo, com a canoa de pôpa para a frente, em direção ao lugar onde a cabeça havia reaparecido. O cachorro recomeçou a ganir e todos nós ficamos, mais uma vez, entusiasmados. — «Agora, agora!» — e quando a anta voltou a cabeça para nos olhar, uma bala penetrou-lhe numa região vizinha ao ouvido indo sair na queixada inferior. Sacudiu violentamente a cabeça e desapareceu, novamente, colorindo-se de vermelho a superfície da água.

Esperamos mais um espaço de tempo e, neste ínterim, pus outra bala na pequena carabina. Dentro em pouco a anta voltou à tona, parecendo estar gravemente baleada: a canoa balançava tanto que me fêz perder o segundo tiro, indo a bala cair n'água, muito adiante da caça. O estampido fêz com que o animal mergulhasse n'água, novamente.

Mais um curto intervalo — e ela mais uma vez voltou à superfície. No terceiro tiro a bala desceu demais, atingindo-a em um lado da cara. Comecei

(*) Não será mera retórica se dissermos que o Capitão Palm era querido de todos. Além de ser um homem dotado de muita energia e capacidade de trabalho (sem o que, em verdade, êle não teria vencido nem conseguido levar avante, sòzinho, o grande plano da construção de uma Estrada de Ferro trans-Brasileira) era também um amigo sincero e um bom companheiro de todos que o conheciam.

a pensar que, após todo aquêle trabalho, iríamos perdê-la, pois só me restavam três balas. Outro mergulho, outra bala — mas logo depois reapareceu, a uma distância de quinze jardas da canoa, muito cansada. Seu ouvido muito aberto oferecia um alvo tentador nesta curta distância. Ouviu-se outro estampido surdo da pequena carabina e o enorme animal afundou, lentamente, nas águas do Ivaí — estava morto.

Terminou, assim, a minha primeira caçada de anta. A agitação, no momento, foi intensa, mas a satisfação que tivemos pelo êxito conseguido foi alterada, por não podermos apanhar a caça imediatamente. Procuramos encontrá-la com varas compridas, porém a profundidade no local onde ela havia submergido era muito grande e as varas não chegavam ao fundo; assim sendo, o que tínhamos a fazer era esperar, pacientemente, até que o seu corpo aparecesse na superfície. No caso de uma anta, isto acontece mais ou menos duas horas e meia depois de morta.

Descobrimos que os animais herbívoros, como a anta, o veado e o porco, boiam entre duas e quatro horas depois de serem mortos; dependendo muito a sua emersão da temperatura da água e do período de tempo que o animal foi perseguido. Vi um caso em que uma anta, depois de muito perseguida, boiou uma hora e quinze minutos depois de ser morta. Êste, porém, foi um caso excepcional.

Os animais carnívoros como o jaguar, a puma e a lontra, pelo contrário, só boiam dias depois. Perdi muitas peles de lontra, em virtude dêstes animais só boiarem quando entram em estado de putrefação. Matei grande número de lontras em várias ocasiões, no rio, mas não consegui apanhar nenhuma. Embora as houvesse em grande quantidade no rio e não passássemos um dia sem ver diversos dêstes animais, não se comprava uma boa pele de lontra, na colônia, por menos de 5$000; ao passo que o preço de uma pele de anta não ia além de 2$000. No entanto, êste animal é visto muito mais raramente e sua pele é muito mais útil. De fato, o couro feito da pele de anta é muito mais durável do que os couros comuns de boi do país. Por exemplo, um par de botas, feito de couro de anta, dura quase eternamente. A razão dessa superioridade parece ter por base ser a pele de anta, a despeito de muito mais grossa, de natureza oleosa do que a do boi, e não ser esta substância oleosa completamente, eliminava, pelo processo de curtimento. Em conseqüência disso, a água afeta o couro muito pouco, o qual, por êsse motivo, custa muito a apodrecer.

Esperamos que a anta boiasse, durante duas longas horas, quando apareceu, repentinamente, um corpo grande e redondo flutuando; embora viéssemos olhando durante os últimos quinze minutos, nenhum de nós a viu subir à superfície.

Só conheci um homem que disse ter observado uma anta subir à tona, depois de morta — êsse homem foi Hipólito, nosso caçador. Êle afirmou que a anta reaparece com tanta impetuosidade que uma grande parte do seu corpo sai fora d'água, só ficando em posição de equilíbrio depois de dar várias reviravoltas. Isto, se é exato, torna o fato mais curioso, por ser tão raramente presenciado.

A anta foi puxada para a margem e um grupo de seis homens teve dificuldade em retirá-la d'água, a fim de, depois, colocá-la na canoa. O pêso dêsse animal é enorme, em proporção ao seu tamanho. Uma anta muito grande mede pouco mais de três pés de altura e deve pesar quase oitocentas libras. E' de admirar o fato dêsses animais correrem à uma certa distância na frente dos cães, quando estão sendo perseguidos. A prova disso é que, quanto mais longa é a caçada, antes do animal cair n'água, mais aumenta a distância entre êle e seus perseguidores. Isto, sem dúvida, é devido à sua maior fôrça, em proporção a seu tamanho, para abrir caminho no mato baixo e emaranhado da floresta.

Qualquer pessoa que veja uma anta, não pode deixar de ficar espantada, primeiro pela forma peculiar de cunha que tem a sua cabeça e pescoço; segundo, pelo grande desenvolvimento de músculos do pescoço, dos quartos e membros em geral. Em conjunto, adapta-se perfeitamente à vida que leva naquelas terras de florestas tropicais e montanhosas.

A utilidade de sua grande fôrça é, ocasionalmente, demonstrada, quando se vê forçada a atravessar uma selva muito espêssa, a tôda velocidade, perseguida de perto por um jaguar, tentando fugir à sua sanha antes que lhe infrinja um ferimento mortal.

A caçada alterou e atrasou muito o meu programa dêste dia, pois só muito tarde pude seguir para o acampamento grande, onde eu tinha necessidade de estar, nessa noite, pois o mesmo ficava situado a uma distância de cinco milhas rio acima. Mesmo com os braços vigorosos de Miguel e Hipólito remando a canoa, só conseguimos viajar três milhas antes de ficar completamente escuro. Como ainda havia duas corredeiras por onde teríamos de passar, resolvemos esperar junto à primeira até a lua sair, ocasião em que prosseguiríamos a viagem.

Embora, a êste tempo, já estivesse muito acostumado com as corredeiras, sempre encontrava nelas muito encanto; e, agora, — ao subirmos cada uma das cataratas, com as espumas alvoroçadas em volta da proa de nossa canoa e das longas varas, ao luar — tudo isto emprestava à cena um deslumbramento singular que não seria fàcilmente esquecido.

•

Chegamos ao acampamento grande às 9 horas da noite e, quando nos aproximávamos, os homens deram uma salva de tiros, não fugindo assim ao costume dos brasileiros, quando de volta, bem sucedidos, de uma excursão, ou depois de uma longa ausência.

Havíamos trazido a anta conosco, pois eu pretendia tirar-lhe a pele. Era muito tarde, contudo, para retirá-la da canoa. Por isso, ammarramo-la por um pé a uma corda prêsa à pôpa, e jogamo-la n'água, onde ficaria livre dos cachorros até ao dia seguinte de manhã.

CAPÍTULO X

OUTRA CAÇADA DE ANTA ★ UMA ASTÚCIA BEM INVENTADA ★ ESPINGARDAS E CARABINAS ★ UM RIO MAJESTOSO ★ O PATO BRASILEIRO ★ O CORVO D'ÁGUA ★ A VIDA SELVAGEM ★ LUGAR PRÓPRIO PARA CAÇADAS ★ A ANTA MAIS UMA VEZ ★ A TRILHA DE UM JAGUAR ★ UMA ENORME GRELHA

Alguns dias depois da caçada de anta que descrevi no capítulo anterior, fiz outra, igualmente inesperada.

Subia o rio, para inspecionar os trabalhos numa picada, acompanhado dos meus auxiliares inseparáveis, Miguel e Hipólito, quando o primeiro descobriu um sinal prêto à flor d'água, quase meia milha à nossa frente, verificando logo que se tratava da cabeça de uma anta.

Eu só levava a pequena carabina, embora, para sorte minha, nesta ocasião levasse uma sacola cheia de balas.

Vendo que o animal vinha correnteza abaixo, em nossa direção, rumamos para o barranco, onde ficamos bem quietos, sem fazer o menor ruído, meio ocultos pela folhagem abundante dos ramos caídos, que quase encontavam na superfície líquida.

A anta vinha bem pelo meio do rio, como se suspeitasse o perigo iminente a que estava exposta. Em poucos minutos chegou em frente ao lugar onde estávamos escondidos, a uma distância de cêrca de cem jardas. Nadava muito ràpidamente, auxiliada por uma correnteza muito forte.

Se demorássemos mais um minuto, ela estaria fora do alcance da pequena carabina, cujo estampido surdo a avisou de que havia inimigos à sua caça. A pequena bala penetrou-lhe o focinho flexível, varando-o como se fôsse um pedaço de papelão, ricocheteou e foi cair na outra margem.

Vimos o animal levantar a metade do seu volumoso corpo fora d'água, furiosamente surprêso pelo tiro com que fôra recebido e, quando nos viu emergir de nosso esconderijo para iniciar a caçada, mergulhou imediatamente. Começou então a animada brincadeira de esconder: de um lado ficava um apetitoso prato para o jantar e, do outro, as nossas preciosas vidas. Ela subiu quatro vêzes à tona, sendo em cada uma delas recebida com um tiro, voltando, por isso, apavorada, para debaixo d'água. Miguel e Hipólito estavam ofegantes, em conseqüência do tremendo esfôrço que vinham fazendo, enquanto a anta não mostrava nenhum sinal de que estivesse perdendo a resistência ou o fôlego para permanecer no fundo do rio. Seus mergulhos eram muito demorados e a prova disso é que nunca reaparecia a menos de 200 jardas do lugar onde havia desaparecido; nadava muito de um lado para outro, em baixo d'água e, por êste motivo, não sabíamos nunca se ela ia reaparecer no lado de cima ou de baixo da correnteza. Esperávamos, pela quinta vez, com os remos n'água, ansiosa e impacientemente, que o animal viesse à tona, na certeza de que a última bala poria fim à caçada, quando, para desgôsto meu, êle subiu repentinamente à superfície, porém muito perto da margem e fora do alcance do tiro da pequena carabina. Antes de darmos umas seis remadas, êle já ia saindo da água e subindo o baranco íngreme, na direção da floresta. Víamos, dessa forma, desaparecer o petisco sem nada podermos fazer; mais um minuto e a caçada estaria terminada, favoràvelmente à anta. Com tôda a certeza iria morrer dos ferimentos recebidos, no seio da floresta, na solidão, ou então seria prêsa fácil de algum jaguar. Estava assim pensando quando Miguel, na proa da canoa, começou a imitar o latir de um cachorro. Isto sortiu um efeito magnífico. A anta voltou em disparada, como se fôra seguida por galgos, atirou-se n'água e mergulhou, reaparecendo depois de alguns minutos no meio do rio. Recomeçamos a caçada (quando ela ficou, mais uma vez, ao nosso alcance) que durou um quarto de hora. Só depois de disparar nove tiros e acertar nada menos de cinco balas, em pontos diferentes de sua cabeça, consegui matá-la.

A caçada deve ter durado meia hora e, ao terminá-la, vimos que havíamos descido o rio cêrca de uma milha, do ponto onde foi ela iniciada.

E' muito difícil, com a excitação que me produzia uma caçada de anta, igual à que acabo de descrever, calcular o tempo com precisão. Assim, só depois de conseguir matar muitas antas, foi que a excitação e o calor, produzidos pela sensação da caçada, começaram a arrefecer em mim, permitindo-me então calcular com precisão o tempo que o animal permanecia debaixo d'água. Cheguei à conclusão de que êste tempo, que freqüentemente me parecia longo, nunca passara de dois minutos, sendo o limite, em geral, de pouco mais de um. As narinas de uma anta — através das quais respira, como acontece com o cavalo — são por ela fechadas à vontade. Desta forma, quando o animal está para mergulhar, a primeira coisa que faz é fechá-las e curvar a tromba para baixo da beiçola inferior. Eu costumava, antes de atirar numa anta à longa distância, esperar até que ela curvasse a tromba, pois era êste o momento de fazer fogo. Não aproveitando atirar neste momento, eu teria de esperá-la voltar à tona novamente. Quando não temos munição suficiente, o conhecimento dêstes pequenos hábitos da anta nos é muito útil, pois evitamos muitos tiros inoportunos que, às vêzes, são dados precipitadamente. Notei que, muitas vêzes, a anta deixa a canoa aproximar-se até uma distância de trinta ou quarenta, jardas antes de mergulhar. Portanto, a menos que a canoa fôsse muito vagarosa, raramente era necessário que se atirasse de grande distância. Uma arma de dois canos, com um alcance de oitenta a cem jardas, serve perfeitamente para êste fim.

Depois desta espécie de arma, a mais útil para um caçador, que leva uma vida como a nossa, será um tipo de carabina pequena, leve, de fácil manejo na floresta, porém capaz, em qualquer emergência, de matar uma caça grande, como a anta, e também aves, como o jacu, papagaios e outras que constituem o nosso cardápio diário. Uma carabina pesada, de longo alcance, dificilmente é útil neste caso. Na floresta não se encontra em que usar tal arma; entretanto, nas margens dos rios conseguimos, muitas vêzes, atirar à longa distância em porco do mato ou onça.

Cada grupo da expedição possuía doze carabinas «Snider», calibradas para 800 jardas, para proteção em caso de ataque dos índios. Estas carabinas nos foram muito úteis nas caçadas às margens dos rios

e no seio das florestas, e posso dizer que acertava, perfeitamente, num alvo a 800 jardas.

Apesar da ausência de Curling, que se prolongava por uns quinze dias, o levantamento prosseguia mais ràpidamente do que antes, devido, em parte, não só à natureza menos selvagem da região que agora atravessávamos, como também, e principalmente, ao fato de que agora podíamos acompanhar a margem do rio principal, o que não só facilitava a nossa locomoção, assim como o transporte de todo o material e utilidades por canoas, com grande economia de tempo e trabalho. O tempo estava firme, não havendo chuva ou enchente para desorganizar o serviço de transporte.

No dia 24 de março, tivemos necessidade de mudar o nosso depósito grande para dez milhas adiante.

Esta emprêsa tornou-se muito difícil devido ao tamanho do grupo e ao fato das tendas já estarem imprestáveis e, por êsse motivo, tivemos de construir diversas cabanas para a acomodação dos homens, e armazenamento das utilidades e materiais.

O velho depósito, que devíamos abandonar, ficava situado em um ponto, à margem do rio, que era cercado de montanhas arborizadas. A nove milhas acima, o rio ficava novamente espremido, sendo o seu curso, neste trecho, acidentado por pequenas cataratas e corredeiras que, na ocasião das enchentes, não podiam ser atravessadas em conseqüência da fôrça d'água.

Para além dêsse depósito, situado rio abaixo, conhecíamos apenas uma distância de seis milhas; daí em diante, desconhecíamos completamente o seu curso.

Íamos agora explorar diversas milhas dêle. Levei comigo três canoas grandes, dezesseis homens e uma grande quantidade de provisões, pois pretendia fazer uma excursão de vinte milhas rio abaixo, enquanto organizavam o acampamento.

Ao descermos, o Ivaí alargava-se gradativamente, até atingir, em certos trechos, a largura de quase um quarto de milha. Havia grandes extensões em que a sua superfície apresentava um aspecto sereno, não se via uma única marola, contrastando, assim, estranhamente, com o seu curso torrentoso, algumas milhas acima.

Em lugar de altaneiras montanhas, espremendo-se de ambos os lados, aparecia, ùnicamente, em suas margens, uma região baixa, ondulante, coberta de espêssa floresta. No entanto, à distância, os esboços do azul sombrio das montanhas podiam ainda ser divisados.

Foi a primeira vez que vi, neste rio, o pato bravo do Brasil. Uma pequena família de cinco destas lindas aves nadava, despreocupadamente, na embocadura de um ribeirão que desaguava no rio, à margem direita. Quando minha canoa, que estava na frente das outras, chegou ao lado oposto dêste ribeirão, as aves levantaram vôo, tôdas juntas, com uma tremenda algazarra oferecendo um bem alvo quando passaram, voando, bem em cima de nós, a uma distância de trinta jardas. Atirei e consegui atingir o pato maior do bando, que era, provàvelmente, o pai de todos; os quatro restantes continuaram o seu vôo, acompanhando o curso do rio, até quando os vi descer na água, à distância de uma milha.

A plumagem do pato é soberba. Parece, vista de longe, ser de uma côr preta como carvão, com pintas brancas como a neve. De perto, no entanto, o prêto transforma-se em púrpura escura, do matiz mais rico. A cabeça da ave é coroada por um topete de penas pretas, encrespadas, muito semelhante à do Mutum. O que eu matei nesta ocasião estava muito gostoso. Guardei a sua pele, trazendo-a comigo para a Inglaterra.

Além do pato encontramos, também, outra ave muito saborosa: o íbis verde escuro ou, como o chamam os brasileiros, corvo d'água. Esta ave freqüenta os lugares onde há lama nas margens do rio, evitando ascorredeiras e as cachoeiras, que sempre indicam a presença de margens rochosas. Apesar da sua carne ser deliciosa, parecendo-se muito com a da galinhola, os brasileiros não gostam de comê-la e chamam-no de corvo, nome que não merece. Alimenta-se de minhocas, que tira da lama das margens do rio por meio do seu longo e delgado bico. Algumas vêzes, embora raramente, encontrei êste íbis na floresta, a uma distância de uma milha ou mais, do rio, porém neste caso há sempre, com tôda certeza, algum riacho lamacento nas proximodades. Nota-se a sua presença pelo grito estridente e repentino. O corvo d'água é geralmente encontrado sòzinho — embora também sejam vistos aos casais. Quando voam dos seus comedouros nas margens, ao pressentir a presença de alguma pessoa, não seguem o curso do rio para cima ou para baixo, como o fazem o pato, o marreco, o biguá, a garça ou até mesmo o Martin Pescador, mas, ao contrário, sobem muito alto e embrenham-se na floresta, onde se empoleiram numa árvore, até que tenha passado o suposto perigo.

Chegamos, antes do meio-dia, ao lugar escolhido para o nosso acampamento e pusemo-nos a trabalhar imediatamente, com machados e foices. Levara cinco dos melhores cães de caça, pois pretendia, depois de feita a clareira, matar algum animal para comermos, economizando assim, o mais possível, as provisões que havíamos levado.

Antes de escurecer já havíamos limpado um grande espaço em forma de clareira. Como a noite estivesse bonita, não perdemos tempo em fazer cobertura provisória para nos abrigar. Abrimos nossas rêdes no espaço aberto entre as palmeiras, deixadas para êste fim, num círculo em volta do fogo.

Durante tôda a noite os cachorros se mostraram irrequietos, dando alarmas constantemente e fazendo arremetidas, a curtas distâncias, no interior da floresta. Provàvelmente tôda essa agitação fôra provocada pela aproximação de alguma Jaguaterica ou onça pintada, porque, no dia seguinte, um dos brasileiros descobriu rastos frescos, de um dêstes animais, na lama das margens de um riacho que corria por trás do acampamento.

Saí de manhã, rio abaixo, na minha canoa de caçar, com Miguel e Hipólito, levando três cachorros. Tinha dois propósitos: um era fixar os novos pontos para a linha de exploração e o outro arranjar carne fresca para comer.

Ao partirmos, o ria ainda estava envolto por um denso nevoeiro que, após cessadas as chuvas de verão, é um dos fenômenos meteorológicos mais naturais do país e do clima. Em pouco tempo, en-

tretanto, os raios solares começaram a penetrar aqui e ali, até que, às nove horas mais ou menos, a cerração havia desaparecido completamente. O efeito produzido pelo desaparecimento final do nevoeiro é muito bonito, quando é presenciado num rio largo. Quando isto se deu, nós já estávamos a algumas milhas distante do acampamento. A região tornara-se, de cada lado do rio, mais montanhosa do que a que atravessáramos no dia anterior. O curioso anfiteatro ou serra em forma de meia lua, que eu notara antes, tornou-se, novamente, característico saliente. O próprio rio ainda mantinha as proporções majestosas do dia anterior e não cruzamos nenhum obstáculo que merecesse o nome de cachoeira.

Descobrimos, nas margens, muitas trilhas frescas de anta, mas só depois de algum tempo encontramos uma que apresentasse condições favoráveis aos caçadores, pois, na escolha da trilha, a posição casual das serras circunjacentes tem grande influência. O interessante é que a zona da caçada seja cercada de altos morros ou montanhas, de maneira que o animal se veja obrigado a atravessá-los — o que é difícil fazer — ou então cair n'água, em algum ponto que possa, juntamente com outros locais, ser observado, da canoa, pelos caçadores. Quando se empregam duas ou três canoas, não há necessidade de tôda esta exigência na escolha de um local para a caçada, pois o animal não pode deixar de ser visto pelas pessoas de qualquer uma das embarcações — cada canoa, naturalmente, deve ser colocada de maneira a dominar diferentes trechos do rio.

Finalmente, encontramos uma trilha de anta numa posição que satisfizesse, em todos os pontos de vista, o nosso desejo. Ela havia passado ali tão recentemente que os cães pegaram-lhe logo o faro, quando nós estávemos ainda a alguma distância da margem, e começaram a ganir de excitação e ansiedade para desembarcar. Encostamosa canoa e examinamos a trilha. Estava tão fresca que a água..que havia escorrido do corpo da anta, ao sair do rio, não havia desaparecido de suas pegadas.

Miguel disse que ainda não fazia dez minutos que ela saíra d'água. A um sinal dado, os cachorros foram soltos e, com o habitual latido de prazer, saíram em sua perseguição. Afastamos a canoa e nos dirigimos à outra margem, de onde poderíamos obter uma vista melhor. Mal chegando à metade do rio, ouvimos o ladrar dos cachorros, na floresta, atrás de nós, a menos de cinqüenta jardas para dentro do mato. Paramos de remar imediatamente e eu apanhei a arma de dois canos que, com a minha «Snider» e uma carabina pequena, estava carregada no fundo da canoa. Fiquei à espera, com o pulso acelerado, pois sabia que a anta não demoraria a aparecer.

Ouvimos o barulho que o volumoso animal fazia no mato e o ruído de seu galope, semelhante ao do cavalo, dirigindo-se para o rio. Dentro de um segundo apareceu, atirou-se n'água e foi para o fundo. Os cães também atiraram-se n'água, mas ficaram na superfície, olhando de um lado para outro, procurando, confundidos, o animal.

Olhando cuidadosamente, em tôdas as direções, a superfície da água, fiquei esperando que a cabeça marron, agora tão minha conhecida, reapa-recesse. Nossa canoa estava parada no meio do rio, os dois homens de pé, um na pôpa, outro na proa, com os remos prontos. — «Ali! Ali! Para cima, para cima! — gritou um dêles, de repente.

A anta reaparecera a menos de cinqüenta jardas correnteza acima. Procurei posição, de pé na canoa, e atirei. A bala de grande calibre pegou-lhe a queixada, perfurando-a como se fôsse de vidro. Não tive tempo de dar um segundo tiro, pois ela mergulhou, bufando furiosamente. Num intervalo relativamente curto ela reapareceu, mais acima; remamos um pouco mais e dei-lhe um segundo tiro, que lhe varou a giba do pescoço. Foi, novamente, ao fundo. Ainda não tinha carregado a arma e ela subiu mais uma vez à superfície, o que demonstrava a sua dificuldade em ficar submersa. Alvejei-a com a carabina pequena, porém errei. A anta não foi ao fundo ao ouvir o estampido, mas dirigiu-se à beirada do rio, procurando fugir para a floresta. A carabina «Snider» ainda estava carregada e resolvi dar com ela o tiro de misericórdia. Uma cuidadosa mira, seguida de um puxar do gatilho, levou o animal ao fundo com uma bala nos miolos. Felizmente o rio não era fundo, nem tinha correnteza no lugar onde a anta afundara. Marcando o lugar a ôlho, remamos naquela direção, e logo conseguimos, por meio de longas varas, localizar o corpo. Hipólito tirou a roupa, deu um mergulho e daí a pouco a trouxe à superfície. A operação não foi assim tão difícil como pode alguém pensar. Embora pese uma anta entre 700 a 800 libras, seu corpo é proporcionado e sua gravidade especifica é bem pouco maior do que a água que o cercava. Amarramo-la à corda da pôpa da canoa, arrastamo-la para a beira do rio e com um pedaço de cipó, atamo-la a um galho de árvore. Devo esclarecer que a melhor maneira de se amarrar a anta a fim de rebocá-la para qualquer distância, dentro d'água, é pelo focinho. Se fôr amarrada por qualquer outra parte, como pela perna ou pelo pé, a resistência que o corpo volumoso do animal oferece, ao movimento através da água, é tão grande que só uma canoa muito pesada e remada por muitos homens pode vencê-la. Mesmo que ela fôsse morta, no rio, a uma distância de apenas meia milha abaixo do acampamento, seria muito melhor ter-se o trabalho de rebocá-la para a margem mais próxima e ali pô-la dentro da canoa, do que arrastá-la pela dita meia milha, especialmente quando acontece ser o rio muito fundo e as varas compridas terem de ser usadas em lugar de remos.

Reembarcamos os cachorros e, continuando a nossa viagem correnteza abaixo, encontramos, na margem, outra trilha fresca de veado. Os cachorros, estando ainda animados para caçar, saltaram na nova trilha. Depois de esperar por um pequeno espaço de tempo, ouvimos a corrida da caça e o latido dos cachorros, que alguns minutos depois tomou outro tom. A nota rica e melodiosa do seu ladrar, quando estão caçando, tornara-se curta, penetrante, e abrupta, cessando inteiramente de vez em quando, seguindo-se de ganidos isolados, dados a longos intervalos. Depois de escutá-los por um ou dois minutos, os caçadores disseram que os cães haviam, provàvelmente, atravessado a trilha de uma onça e que haviam abandonado o faro do veado para seguir o daquela. Eu estava ansioso para saltar em terra com um dos homens e

acompanhar os cachorros, a fim de atirar no animal real. Já havíamos encostado a proa da canoa à ribanceira, com esta intenção, quando os ladridos dos cachorros cessaram completamente. Daí a pouco apareceu o primeiro, depois o segundo, e a seguir o terceiro, na margem do rio, e todos começaram a latir, pedindo para entrar para a canoa.

Os dois homens foram então unânimes em dizer que de nada adiantava procurar a onça naquele momento, porque os cães não voltariam à floresta. Infelizmente não eram cães onceiros e, se haviam abandonado as trilhas da onça e do veado e voltavam agora para nós, era porque estavam com mêdo. Os caçadores afirmaram que êles não caçariam mais naquele dia; isto era verdade, porque experimentamos pô-los noutra trilha de anta, a uma distância de uma milha dêste local, e ali êles correram umas vinte jardas, voltando logo para a canoa, com o rabo entre as pernas.

Ficando a caçada assim sumàriamente terminada, voltamos ao lugar onde havíamos deixado amarrada a anta, cuja carcassa pudemos pôr na canoa, afundando-a primeiro e depois tirando-lhe a água.

Chegando à sede do novo acampamento, onde os picadores estavam trabalhando, o animal foi puxado para cima da ribanceira por seis homens fortes. Fêz-se uma grelha de vara verde e em cima desta foram colocadas as pesadas costelas e os quatro quartos do animal; acendeu-se, em baixo, uma grande fogueira bastante para assar um boi.

Quando o sol se escondeu e os trabalhos do dia estavam terminados, os brasileiros reuniram-se em volta da enorme grelha e, munidos de facões, serviram-se à vontade da carne da anta.

Os cachorros também não foram esquecidos. Demos-lhes pedaços grandes da caça que nos ajudaram a apanhar. Nos sertões do Brasil não há ganchos para se pendurar carne.

CAPÍTULO XI

NOSSOS ESCOTEIROS ÍNDIOS ★ A ORGANIZAÇÃO DE UMA EXPEDIÇÃO ★ O SALTO DO UBÁ ★ UMA PICADA DE ÍNDIOS ★ A DESCIDA DO SALTO ★ A SUA DESCRIÇÃO ★ DOIS NADADORES CURIOSOS ★ QUEBRADO O ENCANTO

Entre os inúmeros problemas da existência e do progresso de uma turma em exploração, no seio de uma região inculta e desconhecida, muitos não se enquadram no objetivo de uma obra destinada a leitores em geral. Em nosso caso especial, só os problemas do Serviço de Abastecimento, dependendo, como êste serviço estava, dos caprichos dos «negociantes», dos camaradas semi-selvagens e das enchentes, ocupariam, se fôssem descritos, um grande número de capítulos, com vantagem apenas para o impressor.

Há, todavia, um detalhe que, por ser mais interessante, não deve ficar relegado ao segundo plano; é o que diz respeito a um grupo de exploradores que, como o nosso, esforça-se para se precaver dos perigos oferecidos pelos inimigos humanos.

Tínhamos agora penetrado muito nas fronteiras do território dos índios e nelas sinais não faltavam para provar a presença mais ou menos recente dos seus habitantes selvagens. Sendo êste o caso, vínhamos, nas últimas semanas, empregando homens escolhidos para trabalhar conosco como guardas e batedores, a fim de nos avisar e resguardar das surprêsas. Antes do nosso grupo fazer uma avançada grande, êsses ditos batedores eram enviados na frente, para explorar a floresta nos dois lados do rio e ver se encontravam vestígios de índios.

Quando cheguei ao acampamento, de volta da caçada de anta que fizera pela manhã, e já descrito no capítulo anterior, encontrei os batedores que acabavam de chegar, depois de uma ausência de três dias. Êles haviam sido avisados prèviamente do lugar onde poderíamos ser encontrados.

Eu aguardara as suas informações com muita ansiedade pois, entre os camaradas, que agora trabalhavam comigo, havia lguns medrosos que manifestavam, abertamente, a intenção de fugir rio-acima, quando soubessem que os batedores haviam visto alguns Bugres. Felizmente, para minha tranqüilidade verifiquei que o fato não justificava a inquietação que me invadira, a princípio. Embora os homens tivessem informado ter descoberto diversas trilhas, não viram contudo nenhum índio. Uma dessas trilhas passava, de fato, a uma milha distante do nosso atual acampamento, no lado direito do rio. Em nenhuma delas, todavia, foram encontrados sinais de uso recente.

Aguardando apenas esta informação, parti rio abaixo, a fim de ver uma famosa queda d'água, chamada Salto do Ubá, que era considerada tão grande obstáculo que não permitia a subida ou descida de canoas. A perspectiva da exploração dêste Salto produzia-me desusado entusiasmo por ser êste ponto, até esta época, considerado como o fim do mundo, além do qual existia uma região desconhecida e estranha, aonde nenhum homem, em juízo perfeito, jamais sonhara penetrar. Desta forma, o seu próprio nome era cercado de uma auréola de terror e mêdo indefinível, que muito adulterava o pensamento do caboclo.

Apenas um homem, entre os que trabalhavam comigo, havia descido o rio até êste Salto: era Hipólito, o caçador. Mas, mesmo êle, que muito lá não ia, não se mostrava muito animado para voltar a tal lugar. Ao falar sôbre as suas viagens anteriores, descobri justamente o que pensava: que os **Bugres bravos** eram a causa de tudo. Eu estou certo de que, em virtude de contar tantas histórias, produtos de sua fértil imaginação, a respeito de suas idas ao Salto, e de repeti-las freqüentemente, êle também convencera a si próprio de que, realmente, quem se aventurasse até lá correria o risco de grandes perigos.

À noite, quando estávamos todos de cócoras em volta da grelha grande, sôbre a qual ainda havia pedaços de carne de anta assando, Hipólito repetiu, mais uma vez, as histórias que estava habituado a contar, talvez pela centésima vez, para um auditório que o ouvia extasiado. Devo confessar que as suas invencionices, unidas ao jeito especial que tinha em narrará-las, eram impressionantes, ainda mais por estarmos na escuridão e no silêncio da noite, no ambiente misterioso da floresta virgem e no próprio local da sua suposta ocorrência.

Desejávamos partir uma hora antes do sol nascer e, por isso, retirei-me para dormir na minha

rêde, sob palmas semelhantes a penas, com o firmamento estrelado como teto, não esperando que Hipólito acabasse a narrativa das suas incríveis histórias.

Muito antes do dia clarear, eu, Hipólito e Miguel nos levantamos. Um denso nevoeiro se havia formado, como de costume, nas primeiras horas da manhã e, por isso, minha rêde e cobertores, assim como meus cabelos e barba, estavam úmidos de orvalho. Mas livramo-nos dessa sensação de friagem tomando uma xícara de café com uma pinga de cachaça. Isto feito, dirigimo-nos para a beira d'água, iluminando o caminho íngreme com o clarão de um tição, à guisa de archote, que fôra tirado da fogueira. Levamos nosso almôço em um saco amarrado pela bôca. Consistia êle em feijão, farinha, e um pedaço grande de carne de anta. Carregamos também um cobertor para cada um e — o que era de maior importância — as espingardas, carabinas e garruchas. Não permitimos que os cachorros nos acompanhassem, pois êles poderiam dificultar os nossos movimentos e nesse dia tínhamos outro objetivo além do de caçar. Assim equipados, embarcamos numa leve canoa de cedro que, embora muito vagarosa, tinha a vantagem, sôbre a minha canoa de caçadas, de ser mais cômoda e mais apropriada — em virtude da maior altura de sua proa e amurada — para navegar nas corredeiras e nas cataratas.

Remamos vigorosamente na escuridão, durante a primeira hora, fazendo, entretanto, uma boa viagem. Lá pelas sete horas chegamos ao ponto até aonde havíamos ido no dia anterior e que, a meu ver, ficava na metade do caminho para o Salto. Paramos para almoçar subindo um pouco a Barra, cujas margens irradiavam o perfume de flores côr de rosa e púrpura, que desabrochavam nos ramos dos arbustos. Descobrimos uma figueira cheia de figuinhos que amadureciam e saboreamos grande número dêles, para abrir o nosso apetite, antes de comer feijão e carne de anta. Foi esta a única figueira brava que encontrei com frutos. Provàvelmente, se a tivéssemos visitado uma semana depois, a teríamos encontrado limpa pelas aves e animais comedores de frutas destas florestas.

Continuamos a viagem, e uma milha depois ouvimos o ronco de uma corredeira. Quando a avistamos, percebemos que o rio se alargava em quase quatrocentas jardas de um lado a outro, tornando-se, ao mesmo tempo, mais raso e deslizando mais rápido. O ronco desta corredeira era maior do que o de qualquer das outras que eu havia visto e ouvido, embora a sua queda fôsse insignificante, tendo ela menos de três pés, numa distância de, talvez, cento e vinte jardas. Em virtude do rio estar relativamente vazio nesta ocasião, a corredeira havia se subdividido em centenas de pequenas cascatas que, de cima, eram invisíveis, porém, contempladas da parte de baixo formavam um lindo espetáculo. Era mais o número do que o tamanho dessas cascatas que produzia o ronco que ouvíamos. Não tivemos dificuldades em descer por um dos diversos canais laterais, dos quais esta, assim como a maioria das corredeiras, estava profusamente provida.

Depois de descer uma corredeira semelhante, um pouco mais adiante, ouvimos outro ronco de cachoeira, o qual dava a impressão do ribombar distante do trovão. Era a primeira indicação de que nos aproximávamos do grande Salto. Ficamos sem ouvi-lo por algum tempo, devido a uma curva fechada que fizemos e a um elevado morro que, interpondo-se, interceptava o barulho. Passamos por outra curva fechada e, após remarmos com tôda fôrça por uns quinze minutos, avistamos outra corredeira que, a princípio, acreditamos fôsse o Salto. Hipólito, entretanto, explicou que se recordava de que esta corredeira ficava situada acima do verdadeiro Salto e que havia uma enseada de água serena e profunda separando os dois. Atravessando o tumulto barulhento da corredeira que se apresentava diante de nós, chegaram ao alcance de nossos ouvidos as vibrações do Salto do Ubá.

Não foi fácil para os dois canoeiros decidirem quanto ao melhor curso a tomar nesta nova corredeira; vista de cima, ela parecia ser extensa e agreste, predominando nela, sinistramente, a água cheia de espuma. Chegaram, por fim, a uma decisão e, afastando a canoa, de recuo, da pedra em que a havia encostado, dirigiram-na depois para uma abertura em forma de funil, na linha d'água interrompida que guardava a entrada da corredeira. Mais uns minutos e chegamos à cena das águas turbulentas e iracundas, que passavam pelas margens a uma velocidade de doze ou quinze milhas horárias. A canoa bateu uma ou duas vêzes em pedras submersas e, de vez em quando, a crista de uma onda alcançava as suas bordas; mas, falando de um modo geral, posso dizer que descemos a corredeira satisfatòriamente, embora, se isso tivesse que ser feito com outros canoeiros menos experimentados, eu teria me detido para considerar a extensão do perigo a que me ia expor. Chegando ao fim da corredeira, encontramos a enseada de que falara Hipólito. A princípio, não pudemos ver a entrada do rio, e nem uma correnteza que indicasse a direção em que a água corria.

Remando mais um pouco na direção do meio da enseada, percebemos que o rio fazia, primeiro, uma curva acentuada para a direita, voltando depois abrùptamente para a esquerda, de modo que, em realidade, o Salto estava bem em frente a nós, embora oculto por um promontório que se projetava da margem esquerda. Havia diversas rochas planas no meio da enseada, nas quais, quando as avistei, estavam algumas lontras aquecendo-se ao sol ou devorando peixe. Sôbre as ditas rochas vi os restos de várias espécies de peixes, entre os quais reconheci, especialmente, pedaços de dourados e cascudos. Não atirei nas lontras, muito embora sentisse grande desejo de o fazer, porque não queria avisar a nossa presença aos índios que estivessem, por acaso, ali por perto.

Dirigimos a canoa para a margem direita e, beirando o barranco, remamos até chegar a uma distância de cêrca de trezentas jardas da ponta de um longo plano, com talvez um quarto de milha ou mais de comprimento, cheio de rochedos e troncos de árvores, pelas quais escoava, impetuosamente, um grande volume d'água. Saltamos sôbre algumas rochas, que se projetavam para fora da água, e daí obtivemos uma vista melhor. A catarata, que roncava à nossa frente, era, evidentemente, a saída por onde se escoava determinada quantidade da água que estava represada acima.

(Continua no próximo número)

A PUPILA RUBRA

Por ANTHONY WYNNE

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

Jack Derwick, advogado residente em Londres, era noivo de Miss Estele Armand, filha do jurista Sir William Armand, homem de fortuna e com excelente casa acastelada em Calthorpe, perto da praia. Um dia, com surprêsa, Miss Estele comunica ao noivo que Sir William não queria mais o casamento. Jack procura indagar dos motivos de tão insólita decisão, mas a jovem, contristada, lhe responde que nada pode mais adiantar, e que êle considerasse o caso encerrado. Estava disposto a regressar a Londres, quando, naquela mesma noite, foi notado o desaparecimento de Sir William Armand. Entregue o mistério ao detective Biles, êste embarca em direção a Calthorpe a fim de entrevistar Miss Estele. Há suspeitas de que Jack esteja envolvido no caso, embora haja também uma terceira personagem, Mr. Sawyer, que, na tarde do desaparecimento de Sir. William, mantivera com êste uma conferência no albergue local. O comissário Robson está procurando ajudar o enviado da Scotland Yard, mas ainda não se manifestou um indício capaz de produzir uma pista.

Biles acendeu o cachimbo com cuidado, antes de responder.

— Simplesmente porque Blunder não tem uma cicatriz no polegar esquerdo — *nem no direito!* O senhor deve estar lembrado de que achei uma cicatriz na impressão digital que encontrei sôbre a garrafa de vinho do pôrto... Podemos afirmar, portanto, que Blunder não abriu essa garrafa, ao passo que sabemos que foi Sawyer! Além disso, Blunder não fuma cigarros russos...

O médico curvou ligeiramente a cabeça; o que ouvira parecia que lhe fôra agradável...

— Você teria, por acaso, conservado uma prova fotográfica dessa impressão digital? — perguntou finalmente.

— Claro que sim!

Biles abriu a carteira e dela retirou um pequeno cartão que entregou ao Dr. Hailey. O médico examinou-o atentamente ao microscópio.

— Posso guardar isto? —perguntou.

— Oh! Sem dúvida! Tenho outra cópia.

CAPÍTULO XI

Scotland Yard em campo

O Dr. Hailey estava de regresso a Londres na manhã seguinte. Passara mais tempo do que imaginara sôbre o caso Armand; no entanto, êle havia prometido a Biles regressar ainda a tempo para estar presente ao inquérito.

Abandonado a si mesmo, o policial se concentrou na sua primeira teoria. "Afinal — pensava êle — não há nada certo nesse caso". Era possível, senão provável, que Miss Armand tivesse emprestado sua seringa de injeções ao noivo. As mulheres não são, em geral, as instigadoras de um crime, mas essa regra pode sofrer exceções. Intimadas a tomar uma atitude, para atender aos escrúpulos de um pai ou a salvaguarda de um noivo, muitas moças poderiam tornar-se criminosas...

Quanto mais considerava a questão dêsse ângulo, mais a solução lhe agradava. Miss Armand viera para se encontrar com o noivo no albergue, mas voltara ao bosque, onde ela lhe entregou a seringa já preparada. Talvez fôsse êsse um detalhe de última hora, como para acalmar sua consciência, consolando-se ao pensar que o pai *não havia sofrido*.

Essa idéia de desferir um golpe mortal nos olhos tornava-se ao mesmo tempo fácil de entender. Isso evitava uma grande efusão de sangue e era, ainda, um meio rápido de consumar o crime. Admitindo que Miss Armand escondia sob sua aparência bem feminina um coração de Lady Macbeth, devia ter sido êsse, realmente, o plano elaborado por ela própria para causar a morte do pai.

A idéia de enterrar o corpo no cemitério da aldeia era digno do resto do plano. Para Biles, ela revelava, com isso, a arte de um mestre do crime. Sem o acaso que levou uma pupila a se destacar, tudo teria sido executado perfeitamente, pois que, por mais brilhante que fôsse o trabalho do Dr. Hailey, nada teria conseguido sem a pista iniciada com o encontro dessa pupila.

Se o especime, enviado já ao *Home Office*, para ser analisado, continha realmente morfina, sua teoria estaria fortificada, pois que não se sabia o que continha o vidro encontrado no quarto de Sawyer, ao passo que era absolutamente certo ter Miss Armand uma boa provisão de morfina em seu poder.

Acabava de chegar a essa conclusão, quando o comissário Robson se apresentou para informar que tinham encontrado a bengala que Sir William jamais abandonava. Fôra lançada pelo mar à praia, pouco abaixo da mansão. Nada provava, naturalmente, que tivesse sido jogada às águas naquele mesmo local. Era, em todo caso, outra informação que apoiava a sua teoria.

Biles passou o resto do dia na mansão, inspecionando tudo minuciosamente. Gostava dêsse trabalho e fazia-o com todo va-

gar. Descobriu, segundo esperava, a caixa com lacre, que continha títulos e que desaparecera do escritório de Sir William. Sem dúvida, fôra para ali levada por Miss Armand. Mas não pôde encontrar nenhum traço de seringa hipodérmica ou das *tablettes* de morfina. Esta última verificação desvaneceu suas últimas dúvidas.

Terminada a sua inspeção, começou o interrogatório dos criados. Isso foi feito no escritório, para onde entrava cada um separadamente, escoltado por um policial devidamente instruído. O jardineiro chefe foi o primeiro.

Era homem bastante idoso e que trabalhava para a mansão desde três anos antes. Biles teve grande trabalho para prender a atenção do interrogado sôbre as perguntas que lhe fazia — e mais ainda para obter respostas satisfatórias.

Um fato, porém, foi depressa esclarecido: o hangar onde eram guardados os utensílios nunca estivera fechado a chave. Nessas condições, qualquer pessoa conhecedora da casa, poderia a qualquer hora penetrar no mesmo sem dificuldade. O trabalho no jardim terminava ao deitar do sol e, depois dêsse momento, o local estava sempre deserto.

— Não sentiu falta de alguma enxada, na manhã imediata ao desaparecimento de Sir William?

— Não, senhor; nada faltava.

O *chauffeur* declarou de maneira positiva que o automóvel não tinha sido usado nos dois dias que precederam o crime. A última vez que usara o veículo fôra para ir apanhar Sir William na estação de Bedford, por ocasião do seu retôrno de Londres.

Biles estremeceu ligeiramente a essa notícia, mas dominou-se logo. Ignorava que Sir William se ausentara recentemente.

— Quanto tempo o seu patrão ficou em Londres?

— Dois dias. Eu mesmo levei Sir William à estação, quando partiu.

— Notou qualquer coisa de particular, quando êle regressou?

— Costumava conversar comigo, antes de que eu pusesse o veículo em marcha; desta vez, porém, não me dirigiu a palavra. Recordo-me de haver pensado que o patrão devia estar fatigado da viagem ou doente.

— O automóvel não foi usado depois do assassinato?

— Uma vez apenas, para conduzir o Sr. Derwick e seu criado a Bedford. Deixei-os no hotel Queen's Head.

Biles levantou a cabeça, para sondar os olhos do *chauffeur*.

— *Não teria visto o automóvel em que Miss Armand partiu, ontem?*

— Não, senhor. Ontem era o meu dia de saída e passei-o, quase todo, em Bedford, onde residem os meus parentes.

O mordomo tinha visto o automóvel e havia falado ao seu condutor. Fôra alugado numa garage de Newcastle. Vira ligeiramente o visitante que trouxera, mas tendo pouco tempo, por estar em serviço na mansão, não havia nada de extraordinário na sua resposta.

— Era um homenzinho de bigodes grisalhos e usando óculos. Pareceu-me estrangeiro, embora falasse o inglês perfeitamente...

— Êle ficou para o almôço?

— Oh, não, senhor. Estêve aqui uma hora no máximo.

Acrescentou que não tivera tempo para observar melhor o visitante, dado que Miss Armand não o chamara para qualquer serviço, logo depois da chegada do estranho.

— Pôde verificar se êle fumava?

— Oh, sim. Tinha entre os lábios um enorme charuto, quando fui abrir a porta.

Os depoimentos dos demais criados confirmavam simplesmente o que se sabia. Na tarde do crime, tinha mvisto Jack Derwick passear ao longo da escarpa. Miss Armand saíra mais tarde; nenhum criado os vira voltar; a bem dizer, todos êles, com exceção do mordomo e do *chauffeur*, só muito tarde tiveram notícia da saída de Jack.

Ter uma teoria é uma coisa, mas apresentá-la ao júri é outra. O ponto realmente fraco na acusação levantada contra Jack Derwick era que não se conseguira esclarecer o motivo que levara Sir William a recusá-lo como genro. A verdadeira razão era conhecida por três pessoas, uma das quais estava morta e as duas restantes desaparecidas.

Regressando ao "Touro Negro", Biles repassou em mente as diversas possibilidades.

A noite era clara e podia observar, para o Oeste, todo um glorioso poente como só parece haver na Northumbria. No horizonte, o mar aparecia como um espelho; profundo silêncio planava sôbre a terra.

Ao atingir o bosque de pinheiros, deteve-se para ouvir o ruído abafado das ondas beijando as rochas, no fundo da escarpa. Parecia estranho, quase grotesco, que êsse lugar de calma, de serenidade, tivesse sido o cenário de um crime tão horrível.

A manhã seguinte o encontrou em conferência secreta com o seu chefe, em Scotland Yard. Contou-lhe, detalhadamente, o que pudera descobrir e as conclusões que havia tirado. Enquanto falava, mantinha o olhar voltado para o rosto frio e indecifrável do velho detective. Êste se manteve silencioso até que Biles terminou; não fêz qualquer gesto de aprovação ou contrariedade, mas a narrativa ainda não havia terminado quando tomou uma decisão.

— E' o bastante para justificar uma prisão imediata. — disse êle — Ao meu ver, é mesmo bastante para enforcar um homem. Lembre-se de que os motivos não nos adiantam, senão para explicar a conduta. E' um primário princípio de lei.

Biles não pôde reprimir um ligeiro estremecimento de satisfação. Durante a noite, no trem, passara por novo período de dúvida, sentindo romper-se entre os seus dedos, a trama que formara. Mas, seria possível que o seu chefe, espírito eminentemente prático, cometesse um êrro? Bem pequeno é o número de casos que Scotland Yard leva aos tribunais sem provar a culpabilidade do acusado.

— Eis como vejo o drama — disse o chefe , no seu tom característico, pausado e cortante — Derwick, noivo de Miss Armand, foi despedido no correr da tarde por uma razão que não merece a nossa atenção. Quem o despedia não era a noiva, mas Sir William. Foi êle visto penetrando no bosque, poucos instantes antes de Sir William e Sawyer. Miss Armand estava com êle ou não muito distante. Ao fim de poucos minutos, Sawyer estava de volta ao albergue. Ninguém sabe, com certeza, em que momento Derwick voltou, por sua vez, mas, em todo caso, teve muito tempo para enterrar o corpo. Além do mais, podia conseguir fàcilmente uma seringa hipodérmica, morfina e uma enxada... Isto talvez lhe interesse... Acabo de receber o relatório do *Home Office* e está positivado que a injeção dada em Sir William era mesmo de morfina. Nestas condições podemos afastar definitivamente Sawyer, pois que não poderia, *materialmente*, executar todo o "programa", por maior atividade que desempenhasse. Quem resta? Nenhum outro suspeito, segundo sabemos até o presente... Há ainda o desaparecimento de Miss Armand. Êles imaginavam, por certo, que o corpo não seria jamais descoberto.

— E' terrível a maneira como o senhor explica — confessou Biles — Eu teria hesitado um pouco... sôbre certos detalhes.

O chefe se dignou sorrir.

— Sempre hesitamos, quando temos que suportar os esforços acumulados das pesquisas e das deduções. O caso é tão claro que me proponho efetuar a prisão de Jack Derwick tão logo obtenha a ordem necessária. Será conduzido amanhã a Newcastle, onde o entregaremos às mãos da polícia local. Enquanto isto, o melhor, para você, segundo penso — será realizar uma busca minuciosa no apartamento de Derwick, no "Temple", tão logo êle o tenha deixado.

★

Duas horas mais tarde, Biles estava sentado numa janela que se abria para King's Bench Walk. Diante dêle, sôbre uma mesinha para jôgo, estava uma coleção de diferentes objetos, que descobrira em diversas gavetas do apartamento de Derwick e que pareciam merecer um exame mais apurado. Essa coleção compreendia uma bengala com ponta de ferro, uma grande faca para cinturão e uma pequena adaga de fabricação italiana. Segundo podia julgar, faca e adaga não apresentavam manchas de sangue. Terminada essa inspeção, Biles chamou o mordomo Bayne, que permanecera na casa para atender a sua ordem. Êsse criado, moço ainda, estava pálido e não parecia dominar os próprios nervos senão ao custo de grande esfôrço. Afirmou que jamais tivera a menor suspeita contra o seu patrão.

— Recorda-se da noite em que Sir William foi assassinado? — perguntou Biles em tom cortante.

— Muito bem, senhor.



— Nada... Telefonei só porque, de repente, senti muita saudade de você, querido!

— As roupas do seu patrão estavam manchadas... *de alguma maneira,* quando voltou do seu passeio?
— Não prestei atenção.
— Pense novamente. *Pense bem*...
— Havia, talvez, um pouco de barro sôbre uma das mangas... Recordo-me de haver retirado essa mancha, na manhã seguinte.
Biles encarou o mordomo, fitando-o com ar grave, para *impressionar.*
— Isso é muito importante! Procure recordar *todos* os detalhes — disse êle.
— Havia barro na manga esquerda, junto do cotovelo. — declarou Bayne — O Sr. Derwick disse que se apoiara sôbre o muro do cemitério...
— Essa roupa. ..ainda está aqui, suponho?
— Oh, sim, senhor! Que que a apanhe?
O mordomo saiu para voltar logo a seguir, trazendo um paletó de lã marron. Biles, com ôlho perito, examinou os ombros. Estavam limpos. Notou, porém, uma pequena mancha sombria, na parte de trás, em baixo, próximo da barra.
— Desde quando está esta mancha aqui? — perguntou.
— Não sei, senhor. Não a tinha visto, antes.
Se era mancha de sangue, a acusação contra Derwick estava completa, pois o sangue devia, naturalmente, cair sôbre essa parte, supondo-se que a cabeça da vítima estivesse ferida e o corpo tivesse sido transportado dobrado sôbre o ombro, os pés pendendo para a frente. Biles, excitado, sentiu os pulsos batendo com fôrça.
— Pois eu acho que esta mancha — continuou êle — *não estava aqui antes da morte de Sir William!* Procure lembrar-se melhor...
O mordomo estava visivelmente perturbado.
— Não me recordo, realmente, de a ter notado — *antes* — gaguejou.
— Mas não é sòmente *agora* que a vê?
— Não... Eu, não, não senhor!
Biles levou o paletó e o enviou imediatamente para o *Home Office.* Na manhã seguinte recebia o relatório sôbre a natureza da mancha. Suas suspeitas estavam confirmadas. *Era sangue mesmo!*

CAPÍTULO XII

UM PASSEIO À AVENTURA

O Dr. Hailey exercia a sua profissão de maneira irregular. Celibatário, possuindo vastos recursos pessoais, agia de acôrdo com os seus caprichos. Não foi, pois, para dar consultas a numerosos clientes que êle voltou a Harley Street. A atração do caso Armand exercia sôbre êle influência considerável e a descoberta do detalhe mais sedutor entre todos os que fizera até então, em relação ao crime era uma satisfação que guardava para si mesmo.

Saboreava todo êsse prazer, inspecionando com a lente, pela décima vez, a fotografia que lhe fôra dada por Biles. Não podia haver dúvida; a cicatriz à qual seu amigo ligara tanta importância, era um simples truque. Fôsse quem fôsse êsse Sawyer, era um grande artista.
Mas não fôra muito fino. Praticara um êrro, ao recortar o pedacinho de fazenda, de que se servira, para alterar a impressão do polegar. Até um certo ponto, deixara um fio mal cortado e que formara saliência. Natural, uma cicatriz não teria sido assim, interrompida, em sua continuidade.
Em vista disso, não se justificava o afastamento do Sr. Blunder de qualquer participação no mistério. Êsse indivíduo podia muito bem ser inocente; mas o fato dos seus dois polegares estarem intactos não constituía uma prova disso, conforme julgava Biles.
O Dr. Hailey se apoderou do livro dos Telefones e procurou o número da firma Armand e Blunder, Clement's Inn: Pediu a comunicação e uma voz que julgou ser a de um dos empregados, atendeu.
— O senhor se recorda — disse êle em tom rápido — de que lhe telefonei, há cêrca de oito dias, perguntando pelo Sr. Blunder e o senhor respondeu declarando que êle estava doente...
— Sim, senhor. Mas quem está falando?
— Meu nome é Smith. Albert Smith. O Sr. Blunder já voltou ao escritório?
— Sim, senhor. Estêve ausente um dia apenas...
O Dr. Hailey desligou o receptor sem fazer ruído... como para dar a entender que a ligação fôra cortada. Um sorriso errou alguns instantes no canto dos seus lábios. Voltou a consultar novamente o livro telefônico e pediu outra comunicação: a da residência particular de Blunder, em Camden Hill. Uma voz feminina atendeu.
— Falo com a Sra. Blunder?
— Não, senhor. Com a arrumadeira. Um momentinho...
— Não, não... Por favor! — exclamou o Dr. Hailey — Telefono simplesmente para saber se o Sr. Blunder está melhor. Disseram-me que êle estêve de cama, há dois dias...
A voz da criada se tornou apressada:
— Oh, sim, senhor. Mas está melhor, agora. Que nome devo anunciar?
— Albert Smith.
Era evidente que o Sr. Blunder se deixara ficar em casa as duas vêzes em que misteriosos estranhos tinham visitado Calthorpe. O Dr. Hailey riu mansamente ao pensar no solicitador retornando à casa e sendo informado de que o Sr. Smith voltara a telefonar para saber da sua saúde. Talvez, ao receber essa notícia, praticasse alguma tolice, embora isso fôsse pouco provável. As pessoas sensatas esperam tanto quanto possível, antes de agir. Perguntou a si mesmo se Miss Estelle fôra conduzida a Camden Hill; nesse caso estaria em se-

gurança, por enquanto. Do contrário...

Levantou-se e tocou a campainha. Seu mordomo, de estatura quase igual à sua, apareceu.

— Jenkins — disse êle — desejo o automóvel agora mesmo.

Uma *limousine* novinha parou diante da porta, minutos depois. O médico deu ao *chauffeur* o endereço de Armand e Blunder, em Clement's Inn. A seguir, recostou-se nas almofadas macias e fechou os olhos. Eram um dos seus novos prazeres, êsses passeios através de Londres, mas seu prazer não seria completo, caso não pudesse cochilar um pouco.

Subiu lentamente a escada que conduzia ao escritório do solicitador e entregou seu cartão ao empregado que o recebeu no vestíbulo; êste se retirou e, alguns instantes depois reapareceu, abrindo a porta para deixar entrar o visitante. O Sr. Blunder estava sentado diante da sua mesa de trabalho, com a pena na mão, porém o Dr. Hailey notou que não fizera uso dela. Levantou-se, inclinando-se ligeiramente.

— Sou o Dr. Hailey, de Harley Street — disse o médico, empregando os próprios termos de que se servira por ocasião do inquérito em Calthorpe, um dia antes, e transcrito em todos os jornais.

— Perfeitamente...

— Eu me apressei a vir interromper um pouco o seu trabalho, porque tenho procurado, nestes últimos dias, ajudar o meu amigo, o inspetor Biles, de Scotland Yard, nesse drama em que foi vítima o seu associado. Há dois ou três pontos que nos intrigam muito e que o senhor talvez possa esclarecer...

Enquanto falava, Hailey espreitava cuidadosamente o solicitador, mas os olhos dêste se mostraram tranqüilos.

— Estou às suas ordens, evidentemente — disse Blunder com expressão de vivo interêsse, que, — era preciso admitir — parecia muito natural.

— O primeiro ponto é êste...

O Dr. Hailey procurou no bôlso interior do paletó, retirando um caderno de notas, cujas páginas voltou ràpidamente.

— Aqui está — disse finalmente — Sir William tinha um seguro de vida de um valor considerável... a julgar pelo *bordereau* encontrado numa caixa que se encontrava em sua escrivaninha...

Ao falar, levantava os olhos do *block-notes*. O rosto à sua frente se alterara de tal forma, que mal podia reconhecê-lo.

— Meu caro senhor... Está doente?

— Não, não... Não é nada...

O sangue enrubeceu repentinamente o rosto redondo e contraído do solicitador, que de pálido se tornara vermelho. Dominou-se, porém, num supremo esfôrço, que conquistou a admiração do médico.

— Creio que o que o senhor diz é exato. — pôde finalmente dizer — O montante justo dêsse seguro era de cinqüenta mil libras esterlinas.

O médico tomou nota.

— Infelizmente, — disse êle — a caixa desapareceu juntamente com Miss Armand. Foi ela quem a abriu e nos forneceu essa informação. Desejávamos verificar, tanto quanto possível, a exatidão...

Levantou novamente os olhos, mas desta vez a sua vítima estava alerta. Fôsse qual fôsse o alívio sentido, estava bem dissimulado sob uma aparência de calma.

— Sir William era rico, não é verdade?

— Tanto quanto posso saber...

O médico tornou a guardar o *block-notes*.

— Outra pergunta, se me permite — disse êle — e depois eu lhe pedirei tôdas as desculpas pelo incômodo que lhe causo. Por ocasião da visita que êle lhe fêz, antes de morrer, Sir William não pediu para chamar algum médico?



RECONHECIMENTO: — «Seu» delegado, quer mandar aquêle homem dizer: «Entregue-me essas pérolas, belezinha?»

O solicitador não teve um estremecimento.

— Oh, não! — disse êle — Ao contrário! Parecia gozar perfeita saúde.

O médico se inclinou, agradecendo, e saiu.

Desceu a escada tão lentamente como havia subido. Suas pesquisas tinham alcançado, até aqui, os resultados que esperava, mas compreendia, agora, que seu trabalho seria mais difícil ainda do que havia suposto. Blunder e Sawyer seriam talvez uma só pessoa, mas teria muito que fazer para provar essa suspeita. Tinha que admitir uma coisa: *não via agora muito mais claro do que antes.*

Tentou imaginar o efeito causado sôbre os jurados pelas provas que podia oferecer-lhes e compreendeu que seriam quase nulas. Mesmo supondo que Blunder estivera ausente do seu escritório nos dias justos em que o estranho indivíduo fôra a Calthorpe, que provaria com isso? E como teria êle podido — Biles já fizera a mesma pergunta — matar e enterrar Sir Armand no espaço de vinte minutos? Além do mais, onde estava a prova concludente de que os cacos de vidro, encontrados no fogão de inverno do "Touro-Negro" pertenciam realmente a Sawyer? Muitas pessoas, de fato, utilizam seringas para injeções. Sua pergunta, a propósito do seguro, talvez tivesse sido mal interpretada. Podia ter sido encarada como uma acusação direta, pois que, muito provàvelmente, Blunder era o executor testamentário de Sir William e lucraria com isso. Poucos homens podem suportar sequer a suspeita de estar implicado em um ato criminoso... Num assassinato, principalmente!

Comparada com a acusação que se levantava contra Derwick, esta, contra Blunder. segundo Hailey reconhecia, era desdenhável.

Mas havia no temperamento do Dr. Hailey uma qualidade inflexível que resistia a todo argumento quando êste se levantava contra o seu instinto. Passou uma noite ansiosa, examinando novamente todos os detalhes do drama e a procurar ajustar todos os pontos em conflito. Em conseqüência, eram quase onze horas quando almoçou. Às três horas da tarde, quando pretendia dormir um pouco, seu mordomo anunciou a chegada de Biles.

O inspetor entrou no gabinete com passo rápido, o ar de um homem que atingiu seu objetivo imediato. Sua grande estatura se empinara e seus músculos pareciam mais ágeis que nunca. Mesmo a bondade natural dos seus traços fisionômicos pareciam ligeiramente tocados de severidade.

— Aí está! — exclamou — O homem já está prêso e pedimos um segundo mandado de prisão contra a moça! Devo-lhe, caro doutor, um imenso favor!

Os olhos do médico estavam pesados de sono. Tentou libertá-los, esfregando-os com energia, lembrando com êsse gesto uma criança de mau humor.

— Que está dizendo, meu caro Biles? — perguntou com ar impertinente — Quem prendeu, afinal? Receio estar com muito sono... *ahn*... esta tarde.

— Prendemos Derwick! E, mais ainda: descobrimos manchas de sangue no paletó que êle usou na noite fatal — bem em baixo, aqui assim... Agora a cadeia de provas está completa... *contra ambos*, creio.

O Dr. Hailey abriu a sua bôlsa de fumo com gesto preguiçoso.

— Então, quer dizer... Encontrou Miss Armand? — perguntou.

— Não. Ainda não foi encontrada. Tôda a imprensa vai divulgar seus sinas, que tivemos o cuidado de comunicar aos repórteres, esta tarde. Suponho que sua prisão não tardará muito...

O Dr. Hailey curvou a cabeça contra o próprio peito.

— Receio muito que ela não será jamais prêsa, a menos que alguém providencie... Você está terrìvelmente apressado, meu caro Biles. Parece-me que ainda estamos no início das nossas investigações sôbre êsse estranho drama.

Outra qualquer pessoa se teria atrevido a lhe dirigir censuras. Porém com o médico, Biles jamais ousaria. Embora admitindo o fato interiormente, reconhecia em seu amigo o maior detective entre todos os que encontrara em sua longa carreira. O Dr. Hailey respondeu ao seu olhar perplexo, dizendo-lhe com voz nítida e cortante o que fizera no dia precedente.

— O senhor está certo... a respeito das impressões do dedo? — perguntou Biles ansiosamente.

— Absolutamente certo. Você também pode estar certo! E' só examinar...

O detective abriu a própria pasta e examinou a sua prova.

— Não há dúvida — disse êle — Que imbecil fui eu não notando isso antes!

Refletiu um instante, depois acrescentou:

— Mas, afinal... isto não prova nada, hein?

— Não. Mas é o bastante para justificar pesquisas sôbre os movimentos de Blunder, durante os últimos dias, segundo penso.

Biles mordeu os lábios nervosamente.

— Êle não podia cometer êsse crime.

Havia como que um desafio nessas palavras. O médico o aceitou com vivacidade.

— Meu caro amigo, o dever de um detective é procurar saber, examinando todos os detalhes.

— Mas, penso que temos o *nosso homem!* As provas contra êle são esmagadoras.

O médico enrugou ligeiramente sua larga fronte e abriu os braços:

— Se eu fôsse advogado — disse êle — teria muito prazer em defender o jovem Derwick.

Biles não tardou a sair, pois tinha que ir a Newcastle aquela mesma tarde, a fim de assistir ao tribunal da manhã seguinte, ao qual compareceria Derwick.

O médico se dirigiu, em automóvel, ao local em que o Strand dá para Chancery Lane e disse ao seu *chauffeur* para procurar a garage mais próxima. Encontrou uma por trás do palácio de justiça.

— Vá até lá e mande encher o tanque de gasolina — disse êle.

Enquanto o *chauffeur* estava assim ocupado, o médico foi inspecionar os arredores. Certo número de automóveis se achava espalhado pelo local. Nenhum, porém, correspondia à idéia que fizera do que Blunder devia possuir. Ia concluir que errara o alvo, quando percebeu um elegante *coupé*, pintado de cinzento e com metais brilhantes, o qual se aproximava por uma ruela que conduzia à garage.

Blunder era quem dirigia! O médico passou para o outro lado do seu próprio automóvel, abaixando-se quando o outro veículo passou junto dêle.

Dessa posição era possível ver sem ser visto. O *coupé* cinzento estava manchado de lama... de lama amarela, dessa qualidade de lama que não se apanha nas ruas de Londres. Era evidente que voltava de uma longa corrida pelas estradas.

E essa corrida o levara, com certeza, às estradas distantes da principal, que são asfaltadas; aos caminhos marginais, que ainda conservam a pedra ordinária e a terra mal batida.

Acabava de assim raciocinar, quando percebeu o corpanzil de Blunder, descendo do veículo, no interior da garage.

Ao descer, imprimira ao veículo um balouceio, como se o automóvel dançasse de satisfação, por se haver livrado de tantos quilos. O médico tornou a baixar a cabeça, quando Blunder, saindo da garage, voltou a passar bem próximo de onde se encontrava.

— O senhor andou um bocado — disse o empregado da garage, que cuidava de encher o tanque do automóvel do médico.

— Sim, realmente. Muita lama, foi o que apanhei. A propósito, não vale a pena limpar, dado que tornarei a sair esta noite...

— Muito bem, senhor.

Blunder desapareceu, com o seu caminhar inclinado ora para um lado, ora para outro. O médico saiu do seu esconderijo, indo examinar o *coupé* cinzento. Notou imediatamente que o velocímetro indicava 2.415 milhas e meia. Anotou isso no seu punho de camisa. Depois, com o dedo, arranhou um pouco a lama endurecida do paralama, a fim de recolher pequena porção, que guardou numa caixa para pílulas, que tinha no bôlso.

A portinhola do *coupé* estava aberta. Na sua parte inferior, interna, havia uma bôlsa, aberta no fôrro. O médico lançou um olhar em redor, para verificar se era espreitado. . .e enfiou, resolutamente, a mão no interior da mesma. Nada mais continha além de um lenço. Apanhou-o, comprimindo-o na palma da mão, como uma bola. Caminhou como se nada quisesse, entre os demais veículos, e, finalmente, voltou para o seu próprio automóvel.

Logo que voltou à luz do Strand, tratou de examinar o achado. Era uma coisa delicada e absurda, "*todo feito de rendas e de orifícios*", conforme ouvira certa vez um advogado descrever tais objetos. Examinou mais atentamente com uma pressa que mal podia dissimular — o rebordo. Descobriu imediatamente o que procurava: um nome nitidamente impresso sôbre a fina batista:

Poppy de Vere.

Respirou bem fundo. Havia esperado, a despeito do perfume de violeta de Parma, que o nome fôsse o de Miss Armand. Depois examinou o lenço mais detalhadamente e compreendeu que o mesmo possuía, provàvelmente, considerável valor. A renda que o cercava era sem dúvida mais antiga.



— Êles são gêmeos-idênticos!

Quem era Poppy de Vere, e que fazia seu lenço no automóvel de Blunder?

De regresso a casa, consultou o Boletim do Teatro, porém sem êxito. O que possuía era velho de dois anos; telefonou assim para o "Tomes Book Club", a fim de obter um do ano corrente. Logo que o recebeu encontrou o que procurava:

De Vere, Poppy. Desempenhou o papel principal em "The Giddies, the Girlies".

Endereço: 1, The Wayside Lane, Hampstead, N. W. 3.

O mesmo nome foi encontrado no Livro Telefônico. O médico, imediatamente compôs a ligação. Não obteve resposta, ou porque Miss de Vere não tivesse criada ou que a casa estivesse fechada. Eram já cinco horas. Dirigiu-se a uma garage, situada no Harley Mews, onde guardava um pequenino automóvel que tinha o costume de dirigir êle próprio. Seu *chauffeur* já terminara de encher o tanque etrocar o óleo. Era um veículo fechado, um dêsses carros de duas portas, tão em voga após a guerra. Levou-o para diante da própria casa e ali o deixou.

Em seguida fêz uma rápida refeição e subiu para seus aposentos a fim de vestir roupas quentes. Antes de sair, foi apanhar e guardou no bôlso do sobretudo uma pequena pistola automática, após certificar-se de que estava carregada. O veículo estava munido de diferentes utensílios que suas precedentes excursões ao mundo do crime lhe haviam sugerido como acessórios úteis para um detective amador.

Dirigiu com muita prudência seu veículo para o subúrbio de Londros, passando por Portland Street e Regent Street. O tráfego em Piccadilly Circus era intenso e teve que esperar dez minutos, com as mãos no volante, que um policial olímpico, ocupado em libertar o tráfego em Shaftesbury Avenue, se dignasse baixar a mão enluvada. Voltou, então,para o lado de Haymarket e enveredou pelo Strand. Parou bem em frente da igreja de São Clemente, desligando o motor. A seguir, acendendo um charuto, recostou-se nas almofadas, mantendo o rosto bem coberto pela gola do sobretudo.

Era, evidentemente, agir à aventura, mas fizera bem o seu cálculo. Blunder não deixaria o escritório antes das seis horas. Provàvelmente iria jantar em qualquer parte, antes de apanhar o seu automóvel, o mais certo em Fleet Street, na Cock Tavern, que era então frequentada pelos homens dedicados às coisas das leis. A noite estava fria, mas, felizmente, o automóvel de Hailey tinha um aparelho que assegurava no seu interior temperatura confortável. O médico não se queixava e contiuava espreitando a saída de Clement's Inn, como o gato espreita os movimentos do rato que deseja apanhar.

Repentinamente, avistou um rosto redondo, emergindo da saída para se juntar à multidão compacta do Strand.

CAPÍTULO XIII

Dentro da Noite

Blunder vestia um espêsso sobretudo e tinha um chapéu de abas largas, enterrado até às orelhas. Tomou logo a direção de Fleet Street. O Dr. Hailey calcou o botão de *embreage* e o motor logo começou a trabalhar. Iniciou a marcha lentamente, junto da calçada, tal um *chauffeur* de "taxi" em busca de um freguês.

Aquêle a quem perseguia não tinha, evidentemente, a intenção de jantar, pois que se manteve na calçada da esquerda até ultrapassar o palácio da Justiça. Em seguida, seguiu pelo estreito espaço que separa êsse grande edifício das casas que dão para Chancery Lane. O Dr. Hailey o perdeu de vista um instante, na multidão. Não podia acompanhá-lo, pois a passagem era apenas para pedestres. Mas acelerou a velocidade e voltou em Chancery Lane, com a esperança de chegar a tempo de ver Blunder emergir novamente na via pública.

Infelizmente, um embaraço de veículos o forçou a perder tempo. Quando chegou ao ponto desejado, Blunder desaparecera! O médico levou o veículo para a garage, bem resolvido a correr o risco de ser descoberto a ter que renunciar a suas pesquisas desde logo.

Quando franqueou a entrada, viu que o advogado devia ter chegado, pois não havia sinal dêle na passagem. Parou novamente o seu motor e olhou pelo vidro dos fundos do veículo. Dali tinha uma vista ampla da rua; ninguém podia deixar a garage sem que êle avistasse.

Ao fim de uns dez minutos, o *coupé* cinzento apontou no extremo oposto da rua, enveredando pela mesma. Passou pouco depois pelo ponto em que o médico se achava parado e dobrou a primeira esquina, na direção de Holborn.

O médico se lançou em sua perseguição, de tal forma que quase foi esbarrar contra êle, quando êste parou, antes de tomar a fila, na principal corrente do tráfego. Blunder conduzia com perícia.

Dirigiu-se diretamente a Osford Circus e dali, por Portland Place ganhou Regent's Park. Chegado à ponte, atravessou o canal e entrou em Avenue Road.

Hailey imaginou que aquela fôsse talvez uma excursão a Hampstead, para visitar Poppy de Vere, mas essa suposição logo se dissipou. O *coupé* atacou a subida através de Hampstead, chegou ao alto do Heath e de lá desceu velozmente a rampa na direção da estação de Golder's Green.

(*Continua no próximo número*)



A CÂNFORA MEDICINAL

DOS Estados Unidos nos vem uma notícia alviçareira: a cânfora medicinal acha-se agora ao alcance de todos os povos latino-americanos. Vinte e cinco anos atrás, durante a Primeira Guerra Mundial, êste material estava sob contrôle dos japonêses, os quais tinham o seu monopólio devido à posse da ilha Formosa, onde o produto natural crescia desde tempos imemoriais. Hoje, o desenvolvimento da fabricação da cânfora sintética é um dos acontecimentos mais extraordinários num mundo onde a falta de matérias vitais aumenta de momento para momento.

Ao serem cortados por completo os fornecimentos de cânfora natural pelos nipônicos, o mesmo acontecendo com relação aos produtos sintéticos alemães e franceses, ficaram os povos do Hemisfério Ocidental dependendo ùnicamente da capacidade produtora dos Estados Unidos. A companhia E. I. Dupont, tendo começado e desenvolvido a fabricação da cânfora sintética na América do Norte, em 1918, anuncia que a sua produção atual é suficiente para atender a tôdas as exigências da indústria e da medicina.

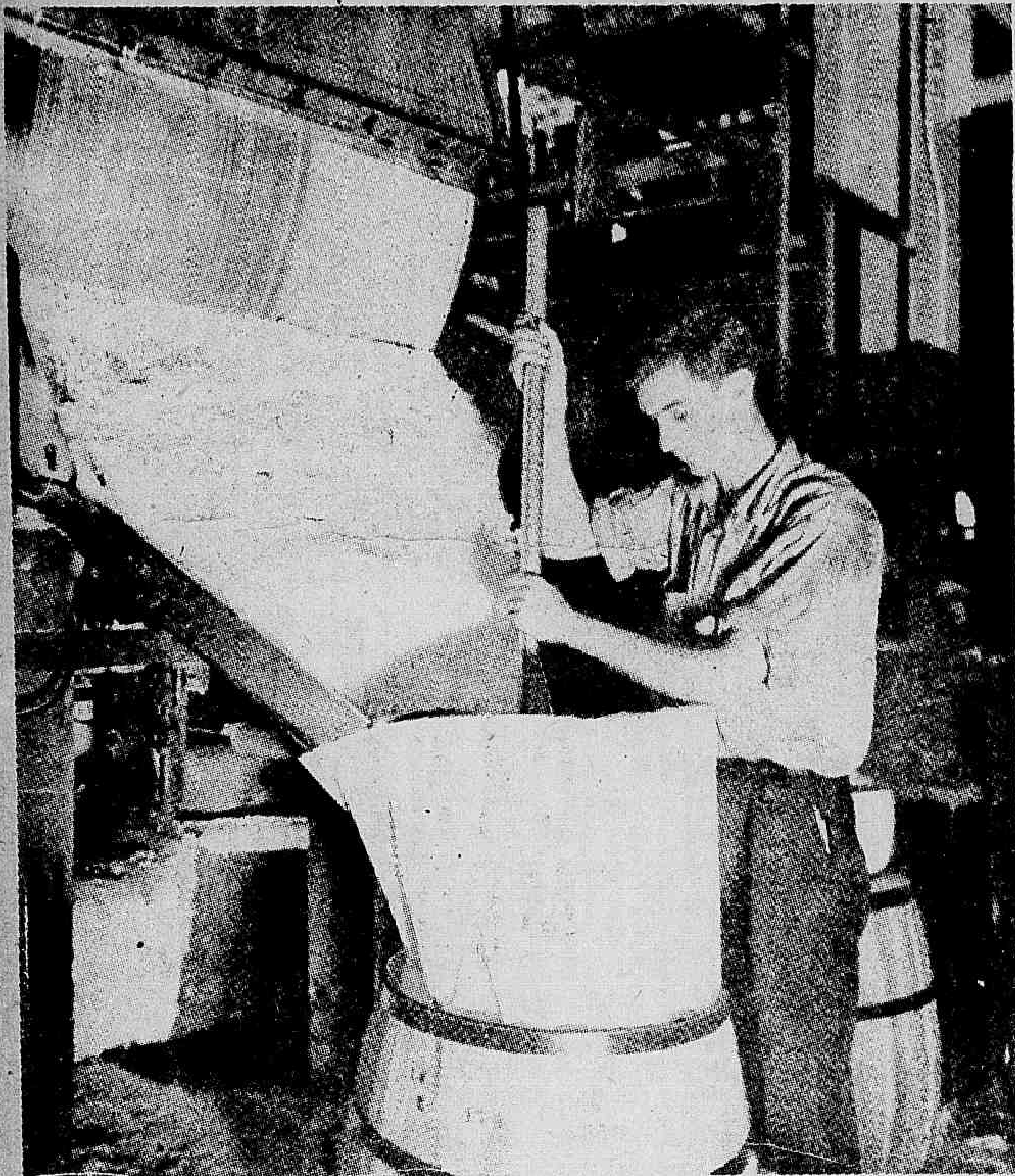
Em 1939, o último ano normal de importações para a América Latina, a quantidade de cânfora comprada pelo Brasil, Argentina, Uruguai, Chile, Colômbia e Peru, atingiu a 42.168 quilos, diminuindo um pouco no ano seguinte. Em 1941, antes do Japão entrar em guerra com os Estados Unidos, havia cânfora natural importada em grandes quantidades e a baixos preços, porém, na presente data, as nações latino-americanas só podem importar êste produto dos Estados Unidos.

A cânfora é muito empregada na medicina e o seu vasto campo de ação está aumentando cada vez mais. E' quase indispensável nos preparados medicinais para uso externo e entra na composição de muitos remédios de uso interno. Na verdade, seus serviços são tão necessários aos povos civilizados que gerações de cientistas se vêm dedicando ao estudo dos meios de produzi-la em grande escala a fim de libertar o mundo do pesado monopólio japonês.

O MONOPÓLIO JAPONÊS

Por muitos anos, farmacêuticos e fabricantes de tôdas as partes do universo se viram obrigados a comprar a cânfora de que necessitavam aos preços ditados pelos japonêses, sem poderem contar com fornecimentos regulares nem calcular a alta ou baixa da mercadoria. Assim, esta substância atingiu, às vêzes, preços extraordinàriamente altos — o produto refinado era vendido nos Estados Unidos, pelo equivalente em nossa moeda, a Cr$ 165,00 o quilo, em 1918; Cr$ 160,00, em 1919 e Cr$ 156,20 em 1920.

Êste monopólio natural teve início no século XV quando mercadores chineses



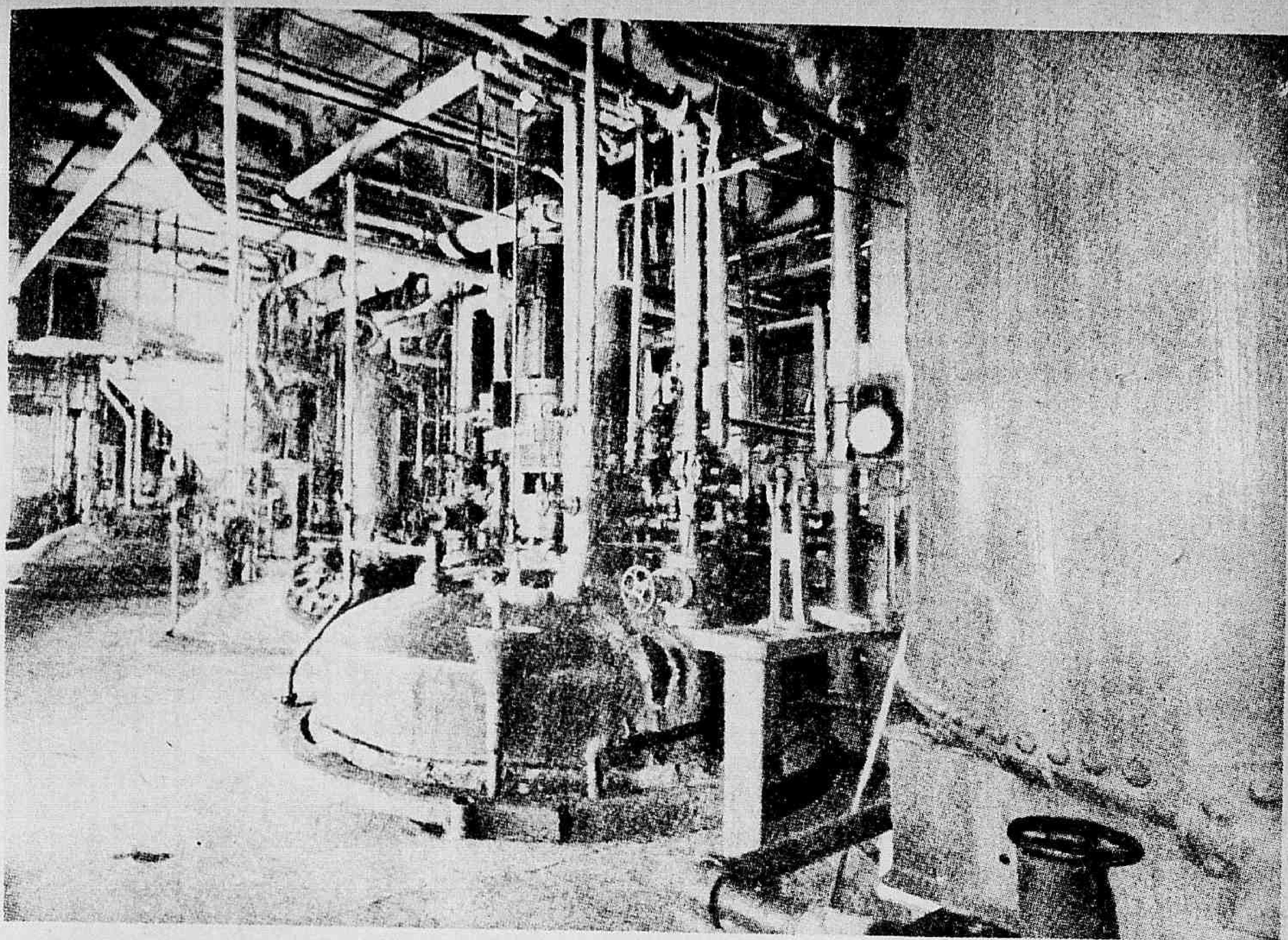
«... a cânfora cai em flocos, nos barris, como se fôsse neve, ficando assim pronta para o embarque».

visitando a ilha Formosa foram atraídos por majestosas árvores, cujo perfume balsâmico saturava o ar a grande distância. Os nativos já usavam esta aromática substância como amuletos e em seus ritos pagãos, atribuindo-lhe poderes sobrenaturais. Para obtê-la extraiam-na por um processo primitivo de distilação da madeira. O nome — cânfora — dado ao produto é atribuído aos chineses que levaram alguns tabletes obtidos pelo processo dos nativos para China. Posteriormente, a cânfora foi introduzida na Índia e mais tarde ainda, no Egito, pelos caravaneiros e navegadores de então. Os árabes usaram-na para fins medicinais e no decorrer dos anos o comércio da cânfora estendeu-se pelo mundo inteiro. Os chineses tomaram posse da ilha e ràpidamente estabeleceram o monopólio, impondo condições tão severas que qualquer quebra das mesmas constituia um delito grave. Em 1895, depois da primeira guerra Sino-Japonêsa, quando o domínio da ilha passou ao Japão, a cânfora de Formosa estava sòlidamente colocada nos mercados mundiais e os japonêses viram-se senhores de uma das matérias mais indispensáveis à medicina e à indústria.

A CÂNFORA SINTÉTICA

Nesse ínterim, faziam-se, em diversos lugares, várias tentativas, sem grande sucesso, para produzir cânfora sintética. Em 1880, o Govêrno dos Estados Unidos importou sementes e mudas que foram replantadas em vários Estados do Sul, principalmente na Louisiana e na Flórida. Muitos exemplares dessas árvores ainda existem por lá, se bem que apreciadas, apenas, pela sua esplêndida sombra. Os fabricantes de plásticos iniciaram em 1913 a cultura da cânfora numa fazenda de 12.000 acres na Flórida, planejando cultivar as árvores em fileiras, cortando periòdicamente os brotos para os destilar. Êste projeto, porém, foi abandonado alguns anos depois. Outros planos para cultivar estas árvores, com o fim de acabar com o monopólio estrangeiro, foram lançados nos Estados do Texas e Califórnia e em outros lugares do mundo como ceilão, Java, Egito, Espanha, Jamaica e Austrália. Apesar de todos êstes esforços a cânfora japonêsa continuava a dominar o mercado. Antes mesmo destas experiências terem sido abandonadas, as possibilidades de fabricar cânfora quìmicamente já haviam sido investigadas até certo ponto. Nos princípios do século passado, um farmacêutico descobriu que o ácido clorídrico e a terebentina produziam uma reação química que resultava num cristal semelhante à cânfora. O químico francês Berthelot conseguiu, em 1853, preparar uma espécie de cânfora, mas o produto sintético não tinha grande importância comercial naquele tempo. Estava faltando o incentivo para fabricá-lo em concorrência com o natural: o mercado estava muito fraco. Anos mais tarde, com o aumento da procura da cânfora sintética pela indústria, surgiam novas e promissoras possibilidades aos seus produtores. Entretanto, êstes foram completamente desencorajados pela instabilidade no preço do produto natural, provocada então, pelo monopólio, que para isso recorria a "dumpings".

Entretanto, tempo viria em que a cânfora sintética havia de constituir uma ameaça real para os interêsses japonêses.



Autoclaves usadas na fábrica de cânfora existente nos Estados Unidos

Vários fabricantes europeus levaram a luta aos seus competidores orientais, e durante anos foi travada uma batalha contínua para determinar qual dos produtos, natural ou sintético, predominaria. Devido ao baixo custo da mão de obra em Formosa, os nipônicos levavam uma importante vantagem: podiam controlar a produção e subir ou baixar os preços à vontade, e assim fizeram sempre que estavam em jôgo seus interêsses comerciais. Esta situação perdurava ainda quando a Europa foi envolvida pela primeira guerra mundial.

A fabricação da cânfora sintética em larga escala, por meio da terebentina, foi começada em 1933, nos Estados Unidos, que possui, hoje, uma fábrica que é a única no gênero, com capacidade de atender amplamente às exigências dos mercados americanos.

A TRANSFORMAÇÃO DA TEREBENTINA

A matéria básica, a terebentina, chega à fábrica sob a forma pura, conhecida como "pinene", um líquido pouco viscoso e ligeiramente amarelado. Durante o processo químico ela passa do estado líquido para o sólido, e vice-versa, emergindo, finalmente, a cânfora, que cai em flocos, nos barris, como se fôsse neve, ficando assim pronta para o embarque.

A fabricação da cânfora sintética teve resultados importantes: tornou os consumidores do Hemisfério Ocidental independentes do Extremo Oriente e da Europa presenteando-os com um produto de alta qualidade, a preços módicos, e assegurando-lhes um fornecimento constante e seguro.

A cânfora é matéria vital para o mundo em guerra; a sua produção é necessária não só ao bem-estar da humanidade como para atender aos incessantes pedidos das indústrias militar e civil, pois qualquer monopólio, nas mãos do inimigo, resultará em privações indescritíveis, com funestas conseqüências para os povos das Américas livres.

★

A EDUCAÇÃO

Distinta deve ser a educação dos homens e das mulheres. Aos primeiros agradam e convêm à multidão, a variedade, à rudeza de numerosos amigos, imagem do mundo em que terão de viver. Às segundas convêm o retiro, a solidão, a quietude, as ocupações, a ordem da casa, imagem pura de sua vida. — *Balbo*.

NOS DOMÍNIOS DA GRAMÁTICA

OS *Lusíadas* são a obra máxima de uma literatura repleta de grandes obras. Calem-se dos críticos as vozes despeitadas. O poema resistiu aos mais profundos golpes; e, hoje, paira acima de qualquer dúvida, para glória de Camões e regosijo de Portugal.

CAMÕES

O dia 10 de junho assinalou mais um aniversário da morte de Camões. "Se alguém lhe dissesse que êle só morria para ficar imortal, talvez que o Poeta, esmagado como o Gladiador pelo seu próximo destino, sem que no vasto Anfiteatro uma voz, um gesto, um olhar pedisse compaixão para êle, afastasse com indiferença essa esperança de uma vida que não é mais do homem, mas tão sòmente do seu gênio e da sua obra".

O tempo, que às vêzes é inexorável na destruição dos ídolos, vem aumentando a admiração pelo grande poeta lusitano. E isso porque *Os Lusíadas* constituem síntese de uma cultura, expressão inigualável de um estado social. Camões arrancou Portugal das entranhas do tempo e o revelou ao mundo em tôda a sua beleza, pujança, vitalidade. A par de um enrêdo interessantíssimo da história pátria, encontramos preceitos adiantados de ciência e de filosofia. Quando não interessam a história, a ciência, a filosofia, *Os Lusíadas* despertarão variadas emoções, através de oceanos revoltos, de procelosas tempestades e do desfile de entidades mitológicas. E se tudo isso não fôr bastante, se o espírito, sequioso de sensação, quiser penetrar o domínio do prazer, encontrará na Ilha dos Amôres motivo de satisfação.

"Ali, em cadeiras ricas, cristalinas,
Se assentam, dous e dous, amante e dama;
Noutras, à cabeceira, de ouro finas,
Está co a bela Deusa o claro Gama.

O' que famintos beijos na floresta,
E que mimoso chôro que soava!
Que afagos tão suaves, que ira honesta
Que em risinhos alegres se tornava!
O que mais passam na manhã e na festa,
Que Vênus com prazeres inflamava,
Melhor é exp'rimentá-lo que julgá-lo,
Mas julgue-o quem não pode exp'rimentá-lo".

Escreveram algures: "os grandes poetas não parecem completos sem uma mulher que os acompanhe perante a história. Só se compreende que êles tenham inspiração tendo amor".

Pois bem:

"De quantas graças tinha, a natureza
Fêz um belo e riquíssimo tesouro;
E com rúbis e rosas, neve e ouro,
Formou sublime e angélica beleza!"

Assim cantou Camões a sua musa; dêsse modo tentou reproduzir a preciosidade de sua dama. Mas, a seguir, irritado consigo mesmo, julgando-se incapaz de descrever, em versos, a pureza e a divinal expressão de sua amada:

"Se da célebre Laura a formosura
Um numeroso Cisne ufano escreve,
Uma angélica pena se te deve,
Pois o céu em formar-te mais se apura;

E se voz menos alta te procura
Celebrar (ó Natércia!) em vão se atreve;
De ver-te já a ventura Liso teve,
Mas de cantar-te falta-lhe a ventura!"

Eis aí a razão de ser da excelsa inspiração de Luís de Camões. E' certo que mulheres outras o teriam feito vibrar; é verdade que amôres diversos o teriam animado na feitura de sonetos. Não menos verídico é, porém, que Natércia foi a favorita do vate lusitano.

Êle o confessa neste terceto:

"Deixei-me cativar; mas hoje vendo,
Senhora, que por nosso me queria,
Do tempo que fui livre me arrependo."

Isabel Tavares... Francisca de Aragão... Nise... foram outras musas de Camões.

Dinamene e Nise, recordações de outras plagas... Cina e Índia, talvez.

Dinamene foi uma das fortes paixões do poeta, a que devemos êste sonêto:

Ah! minha Dinamene! assim deixaste
Quem nunca deixar pôde de querer-te!
Que já, Ninfa gentil, não posso ver-te!
Que tão veloz a vida despresaste!

Como por tempo eterno te apartaste
De quem tão longe andava de perder-te?
Puderam essas águas defender-te
Que não visses quem tanto magoaste?

Nem sòmente falar-te a dura morte
Me deixou, que apressada o negro manto
Lançar sôbre os teus olhos consentiste!

Oh mar! Oh céu! ali minha escura sorte!
Qual vida perderei que valha tanto,
Se inda tenho por pouco o viver triste?

★

Em tôrno de Camões, duas nações se unem, duas potências se irmanam. Brasil e Portugal se juntam para cultuar o passado, aquêle audaz passado que nos lembra brônzeas quilhas desvirginando os mares, aquêle passado cheio de glórias e de ambições, pleno de desejos e de conquistas! Seja o culto dêsse imortal o elo indestrutível a unir portuguêses e brasileiros, que jamais se separaram, no que de comum apresentam de inteligência e de sentimentalismo.

JOSE' RICARDO NETO

A MOLÉSTIA RÓSEA DO CACAUEIRO

ESTA moléstia recebe seu nome do fato de que os ramos atacados, especialmente no lado inferior ou à sombra, ficam cobertos de incrustações róseas que é a fase de frutificação dos fungos. Êste fungo não é uma praga séria do cacaueiro, na América, mas no Oriente, tem causado grandes estragos nas árvores de borracha, plantas de chá e cafeeiros, o que se sabe agora ser o mesmo fungo, portanto qualquer disseminação dos mesmos nas plantações na América do Sul ou América Central e Antilhas deve ser combatida sem perda de tempo.

A moléstia rósea é conhecida nas Antilhas há muitos anos, foi observada primeiramente em Dominica em 1907, mas naquela ocasião não se considerou ser de caráter muito grave. No comêço de 1909, porém, muitos talhões de cacaueiros em Santa Lúcia foram gravemente afetados pela mesma doença, cujo fungo causador era então considerado ser o *Corticium lilacino-fuscum*. Desde essas primeiras observações da moléstia rósea nas Antilhas, referência a ela tem sido feita em várias obras e artigos tratando de moléstias criptogâmicas do cacaueiro. Geralmente, considera-se que o fungo pròpriamente, causa pouco estrago, mas que as feridas causadas por êle oferecem uma entrada para outros fungos, especialmente os do cancro e dieback.



Pulverizações fungicidas para o cacaueiro. Na Trindade fizeram-se ensaios de pulverização com calda bordaleza, com essas esperiências tem-se combatido os cancros e a podridão negra dos frutos do cacaueiro (*black pod rot*) produzidos ambos pelo *phytophtora Faberi*. O método experimental consistiu em escolher as plantações de mil árvores, tão iguais quanto possível, e em dividir cada plantação pela metade: sendo uma parte pulverizada e ficando a outra não pulverizada, como testemunha. Uma experiência preliminar mostrou que a época mais oportuna pará as pulverizações é provàvelmente aquela em que as árvores estão cobertas de frutos novos. Pulverizou-se, pois, nesta época, e recomeçou-se a operação quatro a seis semanas mais tarde.

Em Santa Lúcia, observou-se o fungo em uma ou duas outras plantas além do cacaueiro, que se assemelhava às espécies aliadas encontradas nos cacaueiros no Oriente. E' muito provável que os dois fungos sejam idênticos, apesar de que em Santa Lúcia parece ser de muito menor importância econômica e aparentemente é muito mais limitado em sua área de plantas hospitaleiras. Uma nova doença fungosa do cacaueiro que se notou em Pôrto Rico também parece corresponder à descrição da moléstia rósea. Dizem ser extremamente parasitária ocorrendo ali nas auranciáceas bem como nos cafeeiros.

Durante êstes últimos anos a moléstia rósea tem atraído atenção considerável no Oriente desde que chegou a ser uma praga muito prejudicial em algumas plantações de Héveas (seringueiras) nos Estados Malaios e nos cafezais em Java e outros países. Em muitas regiões dos Estados Malaios é uma moléstia que exige grande atenção, pois em algumas plantações de árvores borrachíferas, de 10 a 25 por cento das árvores têm sido atacadas. No Oriente, tem-se encontrado o fungo em não menos de 140 espécies de plantas, incluindo hibiscos, canforeira, limeira, rurian e mangueira, e causa graves prejuízos aos cafeeiros e seringueiras.

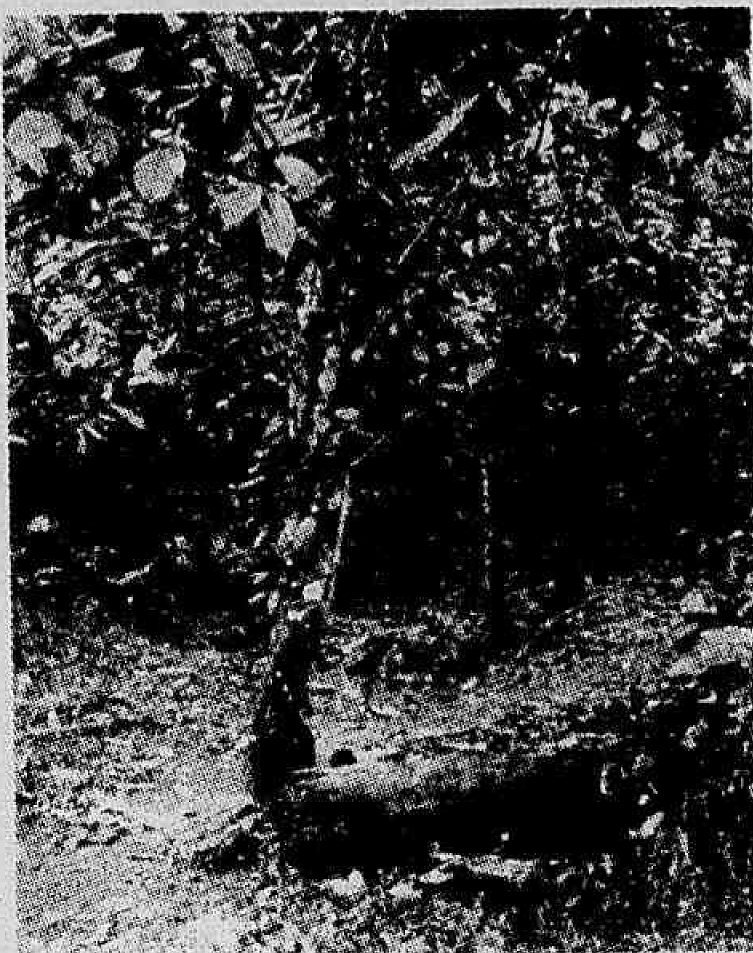
SINTOMAS

A moléstia segundo se manifesta no cacaueiro é muito característica e não pode ser equivocada. Os ramos de 15 a 35 milí-



Terreno roçado onde se está plantando cacaueiros.

metros de diâmetro são mais freqüentemente atacados. O fungo ganha entrada, geralmente, perto da base do ramo, e depois espalha-se com uma rapidez assombrosa tanto pelo ramo acima como pelo ramo abaixo. Os pequenos ramos que se encontram em seu caminho morrem ràpidamente e se o fungo chega às bifurcações de ramos maiores, tôda a copa pode ficar atacada. As fôlhas dos ramos atacados murcham, ficam pardas e caem ao chão. Nessa ocasião as fôlhas mostram uma condição anormal, pode-se notar fios sedosos que atravessam a casca e notam-se pequenas pústulas brancas, especialmente nas células lenticulares. Finalmente, segundo as fôlhas ficam pardas e caem, os ramos afetados, especialmente nos lados inferiores ou à sombra, ficam cobertos de incrustações côr de rosa clara, que tornam-se mais escuras conforme aumentam em espessura. Esta é a parte frutificante do fundo, sendo muito rica em esporos, embora tenha-se notícia de ser freqüentemente estéril em algumas regiões. O fungo é extremamente parasitário e espalha-se com grande rapidez em tempo úmido, mas sua disseminação é paralisada imediatamente por alguns dias secos.



Cacaual na Ilha de Tobago, Antilhas.

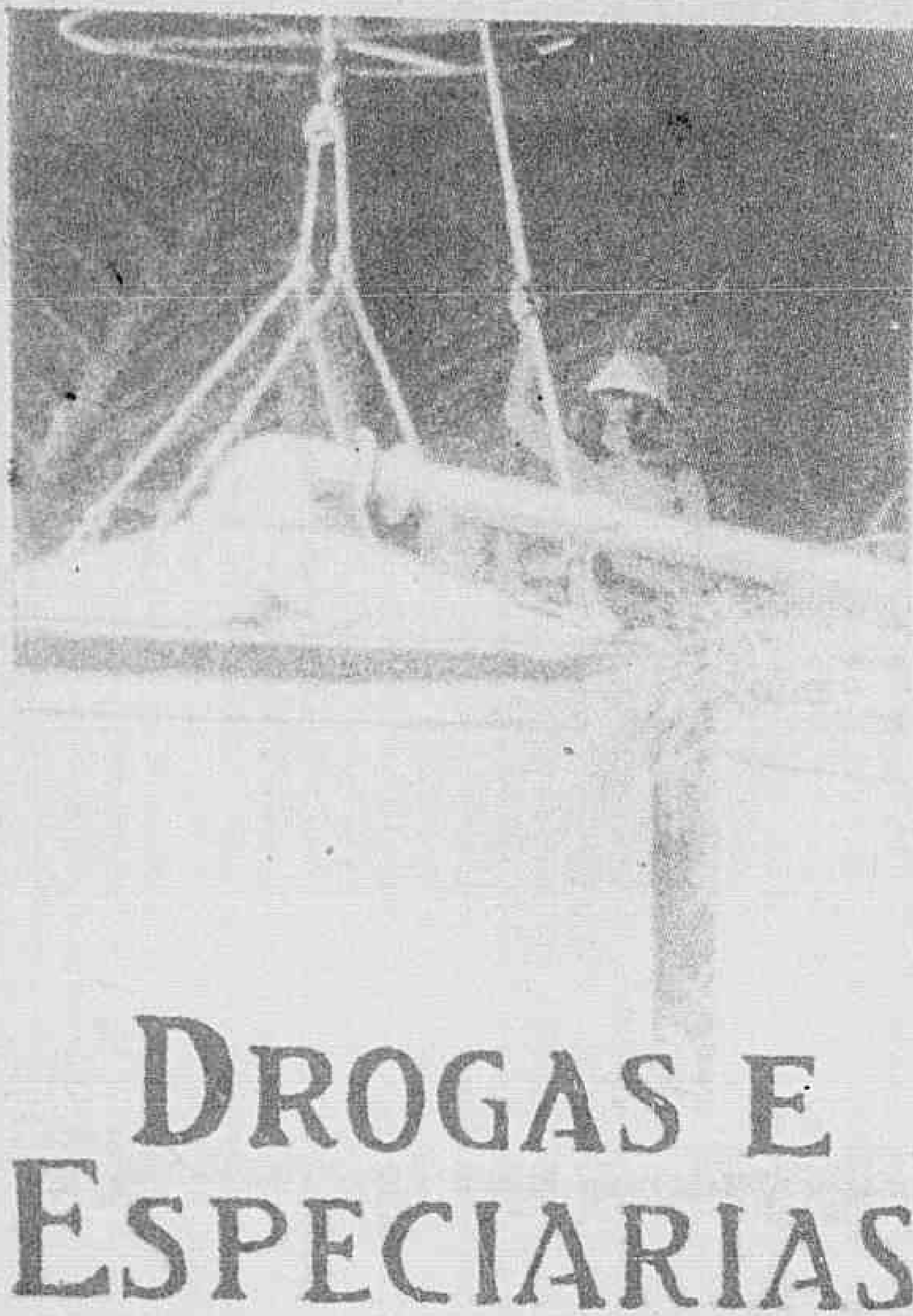
O tratamento desta moléstia nas plantações de cacacaueiros é muito simples. Onde se manifesta esporàdicamente, deve-se cortar os ramos atacados e queimá-los imediatamente. Se se tem que levar as partes afetadas para fora dos campos, deve-se pô-las em um saco e evitar que os esporos sejam espalhados pelo vento. Se a moléstia não tomar proporções sérias, deve-se recorrer à pulverização com calda bordalesa ou outros fungicidas. Êste é um método comparativamente simples nas plantações de cacaueiros ou mesmo nas de seringueiras onde as árvores não tenham mais de dois ou três anos de idade. Quando se nota que a moléstia é de caráter grave nas plantações velhas de seringueiras, a pulverização não é recomendável devido às grandes dificuldades que se deparam na pulverização de árvores de grande porte sob cultura. Pode-se combater melhor a moléstia, cortando e queimando as partes afetadas, ou quando sòmente um pequeno número de árvores se acham atacadas. Onde grande quantidade de árvores estão atacadas, tem-se obtido bons resultados tratando as partes afetadas com alcatrão, quando notam-se as primeiras manifestações do mal. Duas aplicações a intervalos de um mês tem dado resultados satisfatórios na Malaia.

Nas Antilhas ainda não observou-se esta moléstia atacar as árvores de borracha, mas agora que se principia a plantação de Héveas intercaladas com cacaueiros em algumas localidades, deve-se exercer grande vigilância para a doença nos cacaueiros circunvizinhos, fazendo-se todos os esforços no sentido de evitar que a mesma se propague entre às árvores de borracha.





Cacaueiros na Fazenda «Santa Rosa», Equador.



DROGAS E ESPECIARIAS

O MAMOEIRO E A PAPAÍNA

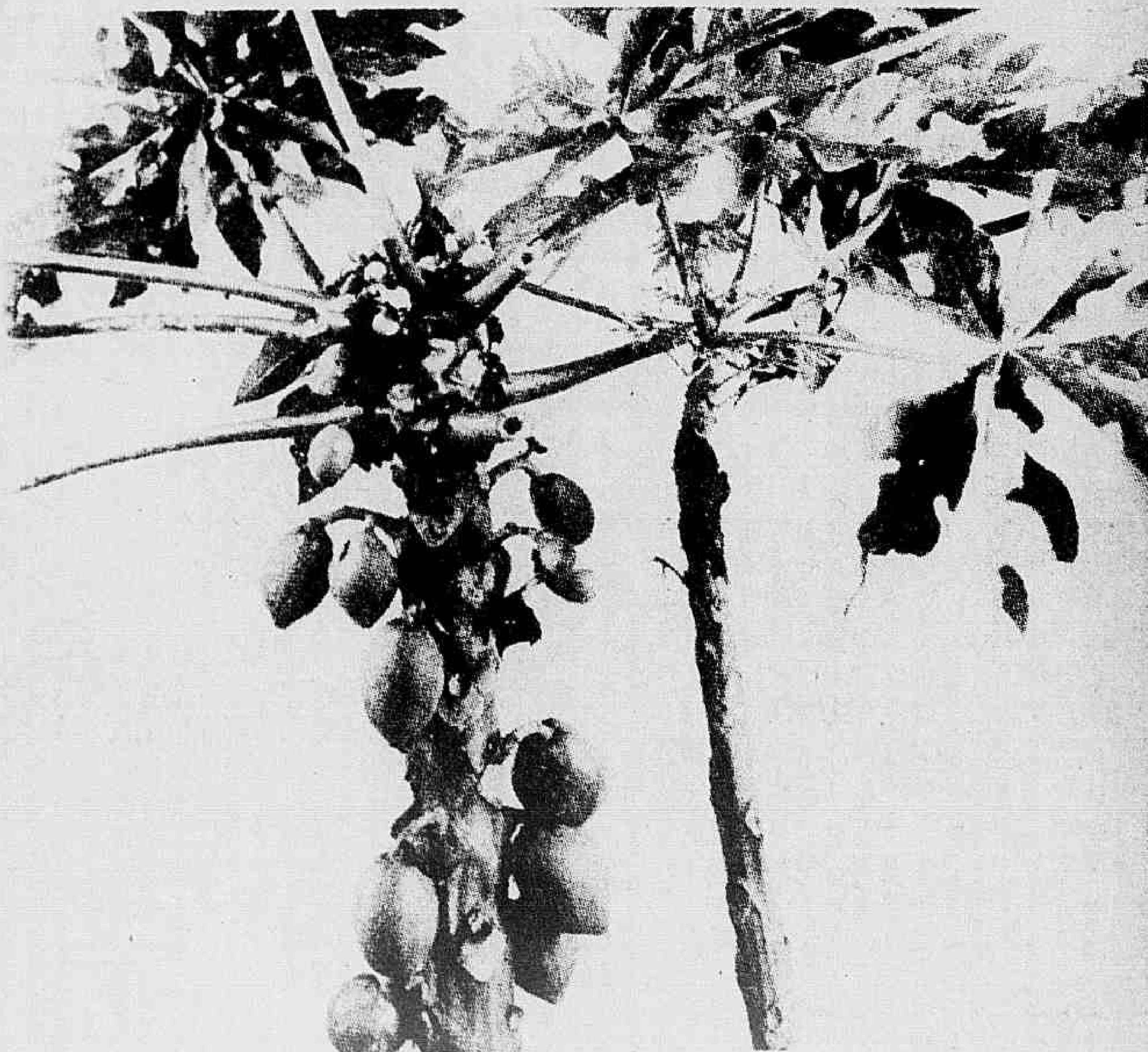
O mamoeiro é uma árvore comum em muitas regiões tropicais, sendo muito cultivado em jardins e ao redor das casas indígenas, ou ocasionalmente cultivado em pequenas áreas perto das cidades para fornecer o fruto aos mercados locais. O mamoeiro é natural da América Tropical e das Antilhas, mas foi introduzido nas Índias Orientais, talvez, no começo do século dezessete, pois foi encontrado na Ilha de Ceilão quando os Portuguêses tomaram posse da mesma. Daí sua cultura espalhou-se, até que hoje encontra-se em todos os países tropicais.

O mamoeiro, *Carica papaya*, pertence à família das Passifloráceas, é uma planta pequena e de porte erecto, herbácea e normalmente sem galhos. Sua copa consta de fôlhas apalmadas grandes, em cuja base aparecem as flores que têm um pecíolo curto, regulares, carnudas e de côr branca tirando a creme. Geralmente, estas são unisexuais e a planta é monóica, mas com freqüência encontram-se mamoeiros tendo flores bisexuais ou sejam masculinas e femininas e estas produzem frutos; assim, mamoeiros "machos" não raras vêzes produzem fruto, que aparentemente difere sòmente daquele de uma planta feminina por ser menor e talvez menos saboroso. A proporção de plantas pistilosas e estaminosas procedentes de sementes de uma árvore monóica varia consideràvelmente, mas geralmente as primeiras predominam.

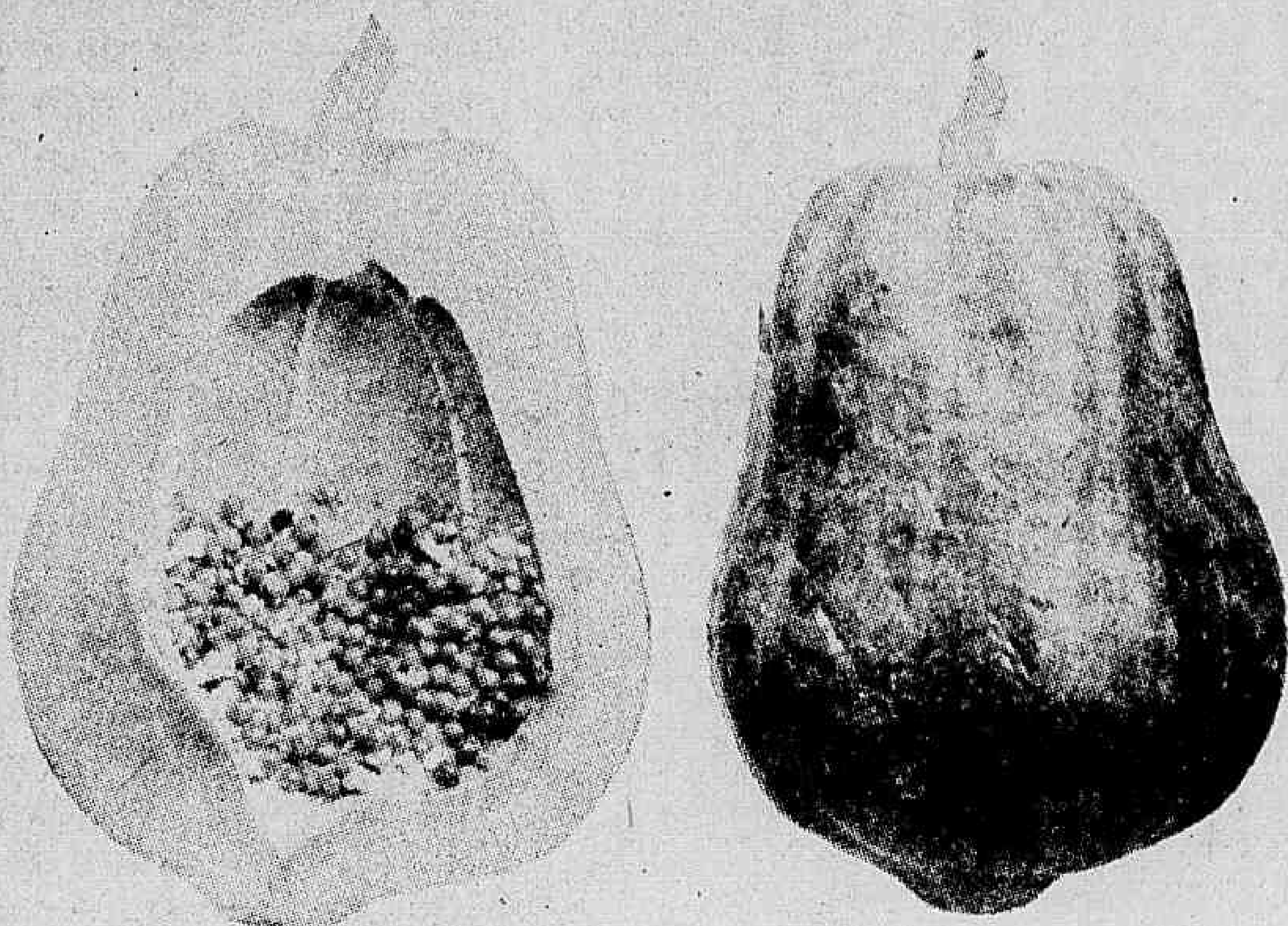
Existem várias espécies de mamoeiros. No entanto, poucas são bem conhecidas; as mais familiares são o mamoeiro grande tropical (*Carica papaya*) de que nos ocupamos neste artigo e o mamoeiro menor dos morros (*Carica candamarcensis*). Êste último é original do Equador e adapta-se sòmente às regiões mais elevadas nos trópicos onde encontram-se as condições subtropicais. O habitat e caráter dêste mamoeiro são semelhantes aos do *Carica papaya*, porém o fruto é muito menor, em forma de pera e arrugado, produzindo a planta ramos laterais e rebentos na base. O fruto, ou seja, o mamão é caracterizado por um sabor ácido, mas é bom quando cozido e adocicado com açúcar. Contém pouco leite ou papaína. O mamoeiro *Carica papaya*, em virtude de sua natural adaptação à fertilização por cruzamento, ocorre em numerosas formas ou subvariedades, principalmente na forma e tamanho do fruto. Alguns frutos contêm grande quantidade de sementes e outras não as têm. O sabor do fruto varia em certa extensão em diferentes variedades e o mesmo acontece com a proporção da papaína ou suco leitoso presente.

O FRUTO

O conhecidíssimo fruto do mamoeiro que se chama *mamão* é grande, verde, carnudo e varia em tamanho assim como tam-



Mostrando o fruto e as flores do mamoeiro.



Variedade de mamão que se cultiva nas Ilhas Filipinas.

sabor das mesmas é bastante pungente, lembrando o do agrião, sendo apreciadas em saladas por algumas pessoas. Quando frescas, 7.500 destas sementes regulam pesar um quilo e 9.500 quando sêcas têm o mesmo pêso. Sementes frescas tomam de dez a quinze dias ou mais para germinar, segundo a idade: sementes velhas e muito sêcas levam de um a dois meses.

bém em sabor, em diferentes variedades; em algumas é quase esférico, em outras oblongo ou oval (esta última forma é a mais comum) tendo geralmente perto de 18 a 22 centímetros de comprimento e aproximadamente 10 a 15 centímetros de diâmetro. O mamão chega a pesar de 1 a 3 quilogramas ou mais. A carne ou polpa comestível varia em espessura entre 25 e 35 m/m e em côr de um rosa claro a um alaranjado claro. Os frutos que têm menos sementes são os mais saborosos. Em comum com as fôlhas, que se usam para envolver carne fresca a fim de torná-la tenra, a fruta contém um forte fermento, tomando os cozinheiros freqüentemente a vantagem desta propriedade, utilizando-a na cozinha, esfregando o suco na carne ou deitando um pedaço na água em que se coze a carne. Um mamoeiro regula produzir entre quarenta e sessenta mamões ou mais em um ano, durante os primeiros anos de sua existência. O mamão tem a desvantagem de estragar-se fàcilmente, portanto deve ser manejado cuidadosamente. O centro do fruto consiste de uma grande cavidade com sementes (quando tem estas) aderidas às paredes ao longo da placenta. Geralmente as sementes são em grande número, mas algumas se acham presentes em pequenas quantidades; estas são do tamanho de ervilhas pequenas, côr de azeitona, com uma superfície branda e escorregadiça. O

→



Plantação de mamoeiros no México.

PROPAGAÇÃO E CUIDADOS CULTURAIS

O mamoeiro propaga-se invariàvelmente por meio de sementes, mas sua propagação por estacas e enxêrto é possível, embora se pratique raramente. Para o cultivador, há pouco a ganhar por meio de um método vegetativo de propagação, pois as sementes germinam muito depressa e plantas procedentes de sementes são mais vigorosas e mais produtivas que aquelas de estacas ou enxertos.

Se semeam-se as sementes do mamão frescas, conforme já se tratou, germinam dentro de quinze dias ou algumas semanas, segundo a idade, ao passo que as velhas tomam mais tempo. As plantinhas procedentes de sementes crescem muito depressa, devendo-se espaçá-las 2½ por 3 metros umas das outras, dando 1.300 árvores por hectare. Principiam a frutificar quando têm um ano de idade e continuam frutificando sem interrupção até ficarem excessivamente velhas ou esgotadas. A idade de quatro anos mais ou menos, quando deveriam ter produzido pelo menos 160 frutos ou seja uma média de 50 por ano, os mamoeiros tornam-se improdutivos para a cultura remuneradora, então os frutos são

escassos e menores. O mamoeiro adapta-se a um clima quente e úmido, prosperando em regiões que se acham ao nível do mar até cêrca de 900 metros de altitude. Exige um solo rico, de marga e não resiste às sêcas (a menos que haja boa irrigação ou solo arenoso e sêco).

Pode-se recomendar desbastar os frutos, a fim de conseguir o aumento do tamanho dêstes, se se deseja mamões grandes e bem formados. Desta maneira obtêm-se frutos de mais uniformidade assim como também de maior tamanho. Foram feitas várias experiências de enxertia nas Ilhas Filipinas e outras partes com o fim de estabelecer variedades escolhidas e eliminar mamoeiros masculinos e castas inconvenientes; de modo que enxertando garfos femininos sôbre cavalos masculinos, poder-se-ia conseguir frutos maiores e de qualidade mais ou menos uniforme. Entretanto, na prática, é questionável se isso seria fatível ou conveniente de adotar.

PAPAÍNA

Nestes últimos anos o mamoeiro tem-se salientado em virtude da papaína que se obtém do fruto. A maneira de colhêr esta substância consiste, geralmente, em fazer ligeiras incisões ou arranhões no fruto verde nas árvores, usando-se para êsse fim uma faca de osso ou outro instrumento que não seja de metal; as incisões não precisam ter mais de 6 milímetros de profundidade e distanciadas 12 milímetros umas das outras. O suco leitoso, viscoso, exsuda imediatamente das feridas e é colhido em vazilhas de porcelana, esmaltadas ou de vidro; coagula-se naturalmente, formando uma massa granular de aparência resinosa que seca-se depois ao sol. Deve-se secá-la ràpidamente, ao contrário se purifica e expele um odor de azêdo desagradável. Para evitar isto, adiciona-se uma insignificante quantidade de formalina ao leite, logo depois de recolhido. A sangria, isto é, o processo de obter o leite pelas incisões, pode ser repetida a intervalos de dois ou três dias, mas a menos que se faça isto cuidadosamente, os frutos podem secar-se. O tempo mais favorável para a extração é demanhã cedo, pois a exsudação é mais abundante.

Em Ceilão, onde a extração e preparo se acham inteiramente nas mãos dos camponeses, a secação é feita, deitando-se o suco leitoso coagulado em pratos ou vazilhas esmaltadas expostas ao sol. Quando sêco, é acondicionado em potes para a exportação. No Ceilão não se usa agente algum para a coagulação, a qual tem lugar ràpidamente ao expor-se o leite ao ar. O rendimento médio de papaína por árvore é variadamente calculado: em Hawai é de 450 gramas por árvore, mas ensaios feitos no Ceilão demonstraram que 225 a 350 gramas por árvore anualmente é considerado bom rendimento. Uma dúzia de mamões de tamanho regular deve render aproximadamente 280 a 340 gramas de substância coagulada em uma sangria; ao secar deve





Mamoeiro carregado de frutos

produzir 25 por cento de seu pêso em pó sêco, contendo êste último aproximadamente 25 por cento de papaína. Nas povoações indígenas em Ceilão, onde se colhe principalmente a papaína, a preparação não é feita de um modo cuidadoso nem asseado e como muitas outras preparações, está sujeita a adulteração, para a qual o amido de araruta, fubá de arroz e farinha de trigo são agentes convenientes.

O material granulado pode ser purificado coando-se o leite por um pano de musselina fina e adicionando-lhe ácool em quantidade correspondente a três vêzes o seu volume, então a papaína pura se precipita. Depois é colhida em papel de filtrar, secando-se o produto, cujo rendimento é aproximadamente de 2½ por cento. No entanto, o processo é demasiadamente custoso e trabalhoso para tornar o resultado remunerador, e considera-se que o processo de purificar adotado nos países importadores é menos custoso, e igualmente satisfatório.

O MAMOEIRO NAS ILHAS DO PACÍFICO

O mamoeiro é muito cultivado nas Ilhas Hawai e segundo informações recentes proporcionadas pela Estação Experimental Agrícola de Hawai, parece que o fabrico de papaína começa a merecer a atenção naquelas ilhas. Dizem não haver dificuldade, quanto à grande habilidade na extração e preparo do leite para o mercado, mas cuidado é necessário. Os frutos abundam em leite, principalmente enquanto as árvores estão novas e durante o tempo quente depois das chuvas. A exsudação é livre no comêço, o líquido é recolhido em vazilhas de porcelana ou de louça. A coagulação tem um lugar em pouco tempo e o leite coagulado precisa ser raspado do fruto. Na maioria dos lugares que se dedicam a esta indústria a mão de obra é barata, mas parece que uma vazilha mais conveniente deveria ser inventada que pudesse ser colocada ràpidamente no lugar para receber o leite, permitindo o extrator a cuidar em seguida da árvore seguinte. Como o leite corre livremente cedo de manhã, é nessa ocasião que se faz a extração, efetuando-se então a secagem completa ou parcial durante o resto do dia. Adota-se o sistema de secar ao sol, mas o artificial, como o que se usa para a desecação das frutas, é preferível. Em Monserrat, nas Antilhas, foram feitos vários secadores para êste fim e são operados por companhias que compram o leite dos cultivadores. Há um tipo de secador que tem as seguintes dimensões: 90 centímetros por 90 centímetros e 180 de comprimento. Os lados e as extremidades são feitos de tijolos, com uma abertura em uma das extremidades para a chaminé e na outra extremidade outra abertura para admitir o combustível; a parte de cima é aberta. A trinta centímetros aproximadamente abaixo da parte superior, acha-se uma fôlha de ferro e sôbre esta cêrca de 3 centímetros de areia para modificar e distribuir o calor desenvolvido pelo fogo em baixo. O leite coagulado é espalhado sôbre panos de linho estendidos sôbre armações, que são feitas de modo a adaptarem-se à parte superior do secador. A secagem deve ser feita a temperaturas baixas, pois muito calor estraga o fermento. Uma temperatura abaixo de 38 graus centígrados é preferida por muitos que se dedicam a esta indústria. O material coagulado pode ser colocado sôbre fôlhas de vidro enquanto se seca. Quando sêco, pode ser pulverizado em um moinho de café, devendo ter então a forma de um pó branco ou tirando a creme, que se coloca em potes, fechando-os hermèticamente.

PROPRIEDADES DA PAPAÍNA

Êste pó digestivo é muito conhecido, sendo considerado um bom substituto para a papaína animal, mas diferente dêste último, não requer o auxílio de um ácido nem álcali para converter o conteúdo do estômago em um peptone. Entretanto, o material não entrou em uso extensivo na medicina. Atualmente, seu consumo limita-se principalmente aos Estados Unidos, onde é muito usado no tratamento de dispepsia crônica, gastrites, difteria, etc, sendo recomendado também para eczema. A papaína tem a propridade de coalhar leite, podendo-se empregá-la como um substituto para coalho. Naturalmente, a demanda para a papaína é muito limitada e parece que o suprimento vem quase que inteiramente do Ceilão e das Antilhas, especialmente da ilha de Montserrat.

O Dr. Huybertsz, do Ceilão, que devotou alguma atenção ao preparo da paína diz que "os importadores Europeus e Americanos fazem objeção à papaína em côr natural e insistem que seja branca ou pelo menos clara". Isto, diz êle, "é um grande êrro, pois só pode ser obtida pelo alvejamento, um processo que sacrifica a eficácia terapêutica pela aparência farmacêutica. Papaína genuína é ligeiramente salgada e um tanto acre. Tem um cheiro peculiar que não se pode desconhecer e ao tato, a papaína granular deve ser de torrada e fácil de esmagar entre os dedos. Quando pastosa ou pegadiça é porque foi adulterada ou mal preparada. Tem também uma ligeira ação cáustica, ficando os extratores do leite fresco com os dedos empolados. Quando misturada com água, ao tato é saponácea."

★

O casamento é o elo que a esperança embeleza, que a felicidade conserva e que a desgraça fortifica. — *Alibert.*

O ROMANCE DO SAL

Por W. RIDING

QUANDO nos sentamos à mesa e provamos os alimentos tentadores e coloridos, que desafiam o nosso apetite e a nossa capacidade receptiva, um elemento há de importância capital para o sucesso de cada prato: o sal. A dosagem sábia dêsse elemento responde pelo agrado ou pelo fracasso de uma sopa de espargos ou de um trivialíssimo arroz.

Atrás dêsse humilde tempêro, tão vulgar, tão todo-dia, há, porém, um verdadeiro romance. Basta dizer que o sal de cozinha é composto de duas substâncias perigosas para a saúde, venenosas, mesmo: o cloro, um gás amarelo, intenasmente sufocante e venenoso, e o sódio, um metal suave, prateado, que fácilmente reage quando em contato com a umidade do ar. Não é surpreendente que de pais de gênio tão violento saia o cloreto de sódio, ou sal de cozinha, tão indispensável à saúde e à vida humana?

O sal está abundantemente distribuído pela natureza. A começar pela água do mar, que cobre a maior parte do globo terráqueo. E é extraído, industrialmente, por via de regra, de duas fontes: da água do mar nas regiões litorâneas, e das minas de sal gema, no interior dos continentes.

O SAL DA TERRA... — E' curioso observar que, mesmo no centro da terra, há reservas inesgotáveis de cloreto de sódio. As famosas minas de Wieliczska, na Polônia, são das mais ricas que se conhecem, sendo exploradas há mais de oito séculos. Nelas, a camada de sal atinge cêrca de 360 metros de espessura. Cavaram-se profundas galerias, ruas inteiras, no seio da terra. Elevaram-se mesmo, no coração da mina, edifícios e igrejas. E uma multidão de homens se agita, em todo êsse mundo subterrâneo, retirando dêle o precioso elemento para imensos territórios não favorecidos de uma vasta faixa litorânea. Em outras regiões, como em Cadorna, Espanha, o sal é recolhido a céu aberto, em depósitos constituídos desde tempos imemoriais. E em umas e outras, o sal é encontrado em estado de quase pureza.

Em muitos casos, porém, o sal encontrado vem cheio de impurezas. Dissolve-se, então, em água doce, decanta-se a solução, que é deixada a evaporar e cristalizar.

A extração industrial, nas minas de sal gema, é feita por um processo clássico. Imagine-se por exemplo, a conversão do



Êstes moinhos do litoral brasileiro dão à paisagem um toque exótico. Levam a água do mar para as salinas onde, com a evaporação do líquido, se deposita o sal.

sal gema, encontrado a centenas de metros de profundidade, no pó claro, leve e fluente que encontramos à mesa. O trabalho nessas minas seria impraticável e de preço proibitivo, se o sal não fôsse solúvel na água. O sal é removido pela perfuração de poços e introdução de água doce, na qual se dissolve, formando uma salmoura que contém, em média, 26% de cloreto de sódio, sendo então bombeada para a superfície. Algumas vêzes a salmoura é tratada com o carbonato de sódio e a soda cáustica (ambos descendentes, também, do sal), a fim de conseguir-se a precipitação das impurezas de cálcio e magnésio. A conversão da salmoura em sal é conseguida pela evaporação quer em reservatórios abertos quer pelo vácuo, sendo a seguir secada, triturada e peneirada em vários graus.

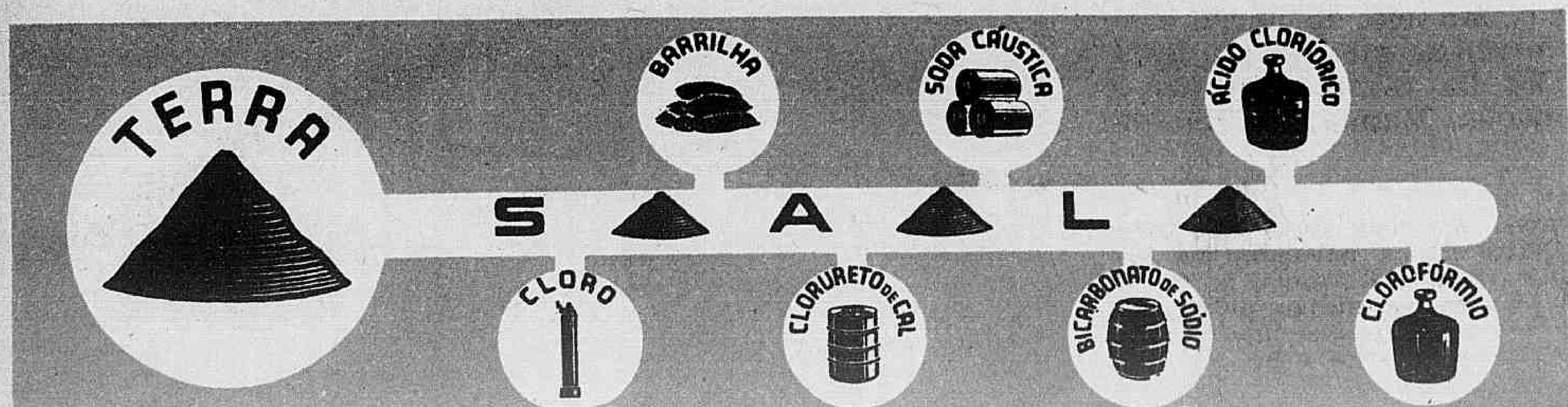
O SAL DO MAR... — Todo o sal consumido no Brasil provém diretamente da água do mar e é obtido pelo processo de evaporação solar, sendo o grosso da produção procedente do Rio Grande do Norte e do Estado do Rio.

A água do mar contém muitas impurezas e a eliminação dos sais de cálcio e magnésio é um dos grandes problemas do industrial escrupuloso, interessado em apresentar um produto de alta qualidade. Quando a água do mar se evapora, grande parte dos sais de cálcio se precipita antes que o sal comece a cristalizar-se, isto é, quando se atinge a densidade de 25º Baumé. Continuando a evaporação, o sal quase puro se cristaliza a 30º Bé. e, nesta altura, os sais de magnésio começam a se depositar com o cloreto de sódio. As salinas solares encontram-se, geralmente, em largas faixas do litoral, divididas em inúmeros tabuleiros ou reservatórios, de vários tamanhos e pequena profundidade, conhecidos por salinas ou marinhas. Pitorescos moinhos de vento elevam a água do mar aos tanques mais altos, dos quais desce, por gravidade, através de uma série de outros tanques, até que chega ao reservatório de cristalização. Nesta fase o trabalho do sol, do vento e do salineiro aumentam a densidade de 3º para 25º Bé. e, com a maior parte dos sais de cálcio já depositada na parte inferior dos tabuleiros, a salmoura, rica em cloreto de sódio e sais de magnésio, passa para os tanques de cristalização. A evaporação continua até 30º Bé., quando os cristais cúbicos e incolores começam a se depositar no fundo. O sal é então retirado e reunido em montões. O sal solar invariàvelmente contém impurezas de magnésio e um pouco de água, devido ao fato de que certa parte da mistura a 30º Bé, rica em sais de magnésio, adere aos cristais de sal. O sal gema, porém, encontra-se freqüentemente em estado de grande pureza, e é mais apropriado, como matéria prima, para a indústria.

O SAL COMO MATÉRIA PRIMA... — Entre os milhares de produtos químicos — matérias primas e compostos — usados na indústria moderna, o sal é, sem dúvida, um dos mais importantes. A indústria de álcalis emprega enormes quantidades de sal. E é do sal que se retira todo o cloro utilizado nas indústrias manufatureiras. Na vida cotidiana, as aplicações do sal são inumeráveis. A indústria do vidro utiliza-o para o carbonato de sódio de que tanto precisa. O clorofórmio dos hospitais também é um derivado do sal marinho ou das fontes de água salgada. Fazendo passar uma corrente elétrica através de uma solução de sal em água, consegue-se soda cáustica e dois gases, o cloro e o hidrogênio. A soda cáustica tem múltiplos empregos na indústria e contribui também para o fabrico do papel de madeira.

Clorando a água que bebemos, afastamos os perigos da febre tifóide. O hidrogênio conseguido através da operação acima citada, combinado com o nitrogênio do ar, produz amônia que, por sua vez, é empregada na produção de fertilizantes. Mas não é preciso continuar. Em contato com o ar, com a água, com a eletricidade, o sal é fonte e fator de preciosos elementos. A árvore genealógica do sal estende os seus ramos em todos os sentidos e cresce cada vez mais. A natureza foi generosa, oferecendo-nos essa fonte inesgotável de dádivas.

O Sal é a matéria prima preciosa, da qual inúmeras outras derivam, de múltiplas aplicações na indústria



OLHANDO O MUNDO HÁ SESSENTA DIAS

MEMENTO de EU SEI TUDO

OS FATOS OCORRIDOS EM MAIO DE 1952

1 — QUINTA-FEIRA: — Os comunistas japonêses, lançando pedras e brandindo cacetes, tentam em duas ocasiões introduzir-se no palácio do Imperador Hirohito, e obrigam os nacionais norte-americanos a procurar refúgio fora das ruas da capital. Devido aos distúrbios, são distribuídas armas ao pessoal militar norte-americano. Desordens de menores proporções se produzem em outros lugares do país. À noite é tentado infrutífero assalto contra o dispensário do exército norte-americano em Tóquio. Os distúrbios de clima predominantemente anti-norte-americano ocorrem justamente quatro dias depois que o Japão recuperou sua soberania ao entrar em vigor o tratado de paz de S. Francisco. — O Presidente General Juan Peron declara que "a terceira posição peronista não é a neutralidade por sistema", porém, acrescentou que a neutralidade como sistema "é preferível a guerras de ensaio ou a guerras preventivas". Peron faz tais declarações numa mensagem de 124 páginas que leu perante o Congresso Nacional, ao inaugurar-se o 86º período de sessões ordinárias, na qual disse: "Declaro solenemente que somos econômicamente livres.". — A delegação comunista rejeita uma proposta das Nações Unidas para o armistício na Coréia. Apesar da rejeição, por parte dos comunistas, da proposta aliada para armistício na Coréia, nova reunião está prevista. Os delegados aliados negam-se de início a fazer comentários sôbre o novo "impasse", não parecendo que tivesse havido contra-propostas comunistas.

2 — SEXTA-FEIRA: — A Comissão de direitos humanos da ONU aprova, em princípio, resolução destinada a acabar com o cultivo e uso da coca no Peru e Bolívia, mas várias delegações reservaram-se o direito de introduzir emendas na resolução nas reuniões posteriores. A votação é de 10 a 4 a favor da tese contra o cultivo e uso da coca. Votaram contra a resolução o Canadá, Polônia, Inglaterra e Rússia. — Cem mil manifestantes, em Tóquio, dirigidos por comunistas festejam o "Dia do Trabalho" com o pior motim que recorda a história de Tóquio, produzindo-se desordens contra os norte-americanos e o govêrno japonês, tendo havido vários feridos, entre os quais figuram alguns cidadãos norte-americanos, tanto civis como militares. — O govêrno norte-americano avisa à Côrte Suprema que se temia uma nova greve dos operários da siderurgia, se a Côrte recusasse ao Presidente da República o direito de aumentar os salários daquela corporação.

3 — SÁBADO: — O Presidente Truman informa que está disposto a elevar os salários na indústria siderúrgica sob administração do govêrno, amanhã, ou pouco depois, isto é, assim que seja possível, se o Sindicato e a Administração das emprêsas não entrarem em acôrdo quanto a novo contrato de salários. "Não quero que o govêrno fixe as condições e têrmos do emprêgo", disse o Presidente a funcionários sindicais e patronais, quando da abertura da conferência de mediação, na Casa Branca. "Isso é tarefa vossa, não nossa. Se formos forçados a agir, será para fazer algo que não será satisfatório para qualquer das partes. Mas não teremos alternativa, se não puderdes chegar a um acôrdo". — As delegações aliada e comunista de armistício se reúnem durante vinte e quatro minutos, sem chegar a qualquer resultado. Resolveu reunir-se hoje, no-

O pêlo nas pernas, braços e axilas comprometem a sua presença na rua, nas praias e nas reuniões elegantes. Para eliminar os pêlos supérfluos não use navalha: use RACÉ, o maravilhoso e eficiente depilatório em pó perfumado. Elimina com incrível rapidez os pêlos incômodos.

A venda nas boas perfumarias.

Laboratórios VINDOBONA

Rua Uruguaiana n. 104 - 5.º - Rio

O perfeito destruidor do pêlo

Racé

Racé

Queira enviar-me o folheto grátis referente ao depilatório «Racé».

NOME ....

RUA ....

CIDADE ....

ESTADO ....

E.S.T. — R-2

vamente. — O Primeiro Ministro Winston Churchill diz acreditar que o perigo da guerra mundial não é atualmente tão grande como há um ano atrás, e que nos últimos seis meses melhorara a situação. Churchill fala num programa político da BBC. Referindo-se as reservas de ouro e dólar da área do esterlino, disse que se não fôsse a "atitude firme e decisiva" do Chanceler do Erário, Richar Butler, as reservas ter-se-iam esgotado no fim dêste verão. — A propósito do cancelamento do acôrdo do cobre chileno-norte-americano, o Presidente Gonzalez Vidella declara que isso significaria que o govêrno chileno disporia dos fundos necessários para reajustar os salários dos trabalhadores em cobre. Quanto à possibilidade de os Estados Unidos deixarem de comprar o cobre chileno ou de procurarem cobre a preço mais baixo, o Presidente disse que "o govêrno chileno teria liberdade de ação para procurar novos mercados internacionais, e dessa forma dispor do metal". — Iniciando o primeiro serviço comercial aéreo a jacto do mundo, chega a Johannesbourg, às 13,33, tempo GMT, o avião "Comet" britânico. O avião cobriu os 10.720 quilômetros em menos de 24 horas, com escalas. — Sir Robert Howe, Governador Geral do Sudão, parte de Londres para Khartoum, por via-aérea, depois de 15 dias de consultas com Anthony Eden sôbre os problemas sudaneses. O Governador diz aos jornalistas: "Posso afirmar que tratamos, detalhadamente, todos os problemas relacionados com a disputa anglo-egípcia sôbre o Sudão. Entrarei em contato com os líderes sudaneses logo após o meu regresso".

A BELEZA DOS SEIOS BÉL-HORMON

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volu-volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Aquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. - Rua da Carioca, 33 - Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ......

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

4 — DOMINGO: — Continua em estudos a elaboração da resposta das potências ocidentais à proposta soviética sôbre a Alemanha, a qual sòmente seria divulgada na próxima semana. — Os delegados aliados e comunistas mantêm nova conferência secreta. — O Comandante do Oitavo Exército, General Van Fleet, declara que os comunistas serão responsabilizados por um eventual rompimento das conversações de armistício. — O General Mark Clark, de partida para Tóquio, diz que tudo fará para obter um armistício honroso. — O resultado não oficial incompleto de 86 circunscrições entre as 2.259, deu a Eisenhower 36.889 votos e a Warren 8.790. Kefauver obteve 28.702.

5 — SEGUNDA-FEIRA: — Na Câmara dos Comuns são focalizadas as relações entre os aliados ocidentais e o govêrno de Bonn. — A Inglaterra não aceitará a nomeação do Almirante Carney para Comandante Supremo do Mediterrâneo. Londres pugnará para que aquêle Comando caiba a um Almirante britânico. — Um jornal de Genebra tece comentários em tôrno da colaboração prestada pelo Brasil na vitória aliada, a propósito da prometida visita do Sr. Dean Acheson ao nosso país. — Apresenta credenciais o Sr. Heitor Lyra, nosso Embaixador no Canadá. O Senador Marcondes Filho visita a Câmara dos Comuns. — O Sr. Assis Chateaubriand declara que adquiriu o Castelo D'Eu.

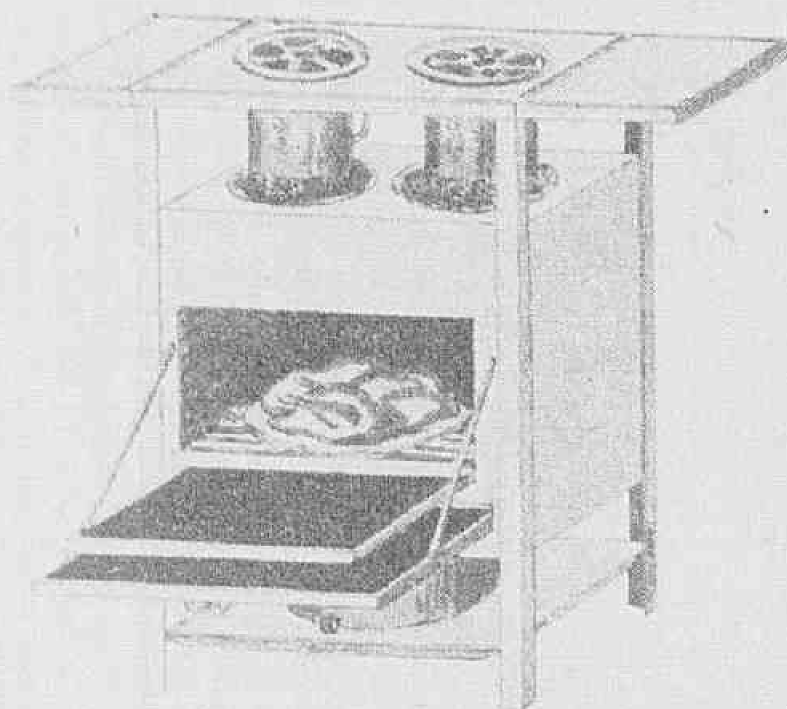
6 — TÊRÇA-FEIRA: — Os delegados da ONU não aceitam o convite dos delegados norte-coreanos para nova conferência de Pan Mun Jom, alegando que só se reuniriam, a partir de agora, para discutir um programa definitivo. — Enquanto isso os comunistas acumulam reforços ao noroeste das posições aliadas. — Interpelado no Parlamento, Churchill declara que a "guerra hoje está mais longe do que quando assumiu o govêrno" e acrescenta: "os erros trabalhistas no Oriente já foram corrigidos". — Cai na Holanda um avião comercial, perecendo 49 pessoas. — Ainda da Holanda notícias semi-oficiais revelam que o Marechal Stalin sofreu delicada operação cirúrgica, estando afastado do govêrno. — Violento conflito entre policiais e comunistas na cidade francesa de Starsburgo. — Nova ameaça de greve geral dos metalúrgicos pesa sôbre a indústria norte-americana, mostrando-se o Presidente Truman decidido a evitá-la "de qualquer maneira". — Em Berlim, os Russos criam novas dificuldades ao livre transporte entre as zonas ocidental e oriental. — O General Ridgway afirma aos jornalistas que os aliados estão muito firmes na Europa e que na Coréia já não há nenhum perigo. — De Buenos Aires anunciam a prisão de numerosos indivíduos, membros de uma conspiração que visava assassinar o ministro do interior.

7 — QUARTA-FEIRA: — O General Matthew Ridgway anuncia que as conversações de trégua em Pan Mun Jon, Coréia, não continuarão a ser celebradas em segrêdo. Acrescentou Ridgway que "a solução geral", oferecida pela ONU é a última oferta, "da qual não podemos retroceder e

não retrocederemos". O Comandante Aliado diz que os aliados propuseram que as sessões não mais sejam secretas e que os comunistas aceitaram. Acrescenta o General que "a responsabilidade da paz na Coréia depende dos líderes comunistas", o qual confirmou a notícia de Washington de que a "solução geral" proposta pela ONU incluía o retôrno de apenas 70.000 dos 169.000 prisioneiros de guerra comunistas retidos pelos aliados. — O Conselho de Ministros anuncia que o General Alphonse Juin foi promovido a Marechal de França. O General Juin está atualmente visitando a Inglaterra. Comandante das fôrças de terra aliadas na Europa Central, Juin é o único general de cinco estrêlas da França e Inspetor Geral das Fôrças Armadas Francesas. E' também promovido a Marechal de França o General Leclerc Hautecloque, já falecido. — O Sr. Winston Churchill decide uma importante reforma ministerial. Efetivamente, em conseqüência da reunião do Gabinete, e após a demissão do Ministro dos Transportes, Maclay, o n. 10 de Downing Street anuncia que o Marquês de Salisbury, atualmente Lord do Sêlo Privado e Ministro do Commonwealth, pôs a primeira de suas atribuições à disposição do Primeiro Ministro, embora continue a exercer as funções de Ministro do Commonwealth. Por outro lado, o Sr. Harry Crooksbank, que acumulava as funções de líder da Câmara e de Ministro da Saúde, abandona esta última pasta para se consagrar ùnicamente à direção dos assuntos parlamentares. — Nas eleições preliminares do Estado de Ohio, em Columbus, vence o candidato Robert Taft, no escrutínio dos Republicanos, e, do lado dos Democratas, o candidato Robert Buckey. O primeiro é senador e o segundo ex-senador. — O Presidente da República assina decreto designando os Srs. Antônio Camilo de Oliveira e Adolpho Cardoso de Alencastro Guimarães, respectivamente, Embaixadores do Brasil na Bélgica e no México. — Por decreto assinado pelo Sr. Presidente da República é designada a Delegação do Brasil ao XVII Congresso da Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores, em Amsterdam.

8 — QUINTA-FEIRA: Será assinado hoje, em Paris, o Tratado da Comunidade Européia de Defesa, integrado por seis nações, pelo qual qualquer ataque armado a um de seus membros será considerado como dirigido aos demais signatários do novo Pacto. — Prosseguem os debates na Comissão de Desarmamento das Nações Unidas, tendo o Sr. Santa Cruz, delegado chileno, declarado que todos os esforços serão em vão devido a recusa da Rússia em fazer qualquer concessão nos seus planos. — Uma missão econômica brasileira em Londres realiza gestões no sentido de serem invertidos capitais britânicos no Brasil, principalmente na indústria petrolífera. — O Departamento do Comércio norte-americano publica um trabalho acêrca da atividade da indústria de mineração no Brasil. — Continuam sem qualquer novidade as conversações de armistício. — A aviação aliada realiza contra as posições inimigas, um dos mais devastadores ataques aéreos da Coréia. — O General americano comandante do campo de prisioneiros de Koje é por êsses aprisionado. — O Sr. Presidente da República assina decreto nomeando uma Embaixada especial para representar o Brasil nas solenidades do cinquentenário da independência de Cuba. — No Palácio Itamarati realiza-se a cerimônia da troca de notas do acôrdo comercial entre o Brasil e Portugal. — O Sr. Prefeito do Distrito Federal inaugura a biblioteca pública do Méier. — A Marinha de Guerra comemora o I Centenário da instalação do telégrafo no Brasil, prestando homenagem à memória do Barão de Capanema.

9 — SEXTA-FEIRA: — O Almirante William Fechteler, chefe das Operações Navais dos Estados Unidos, desmente o relatório publicado em Paris pelo jornal "Le Monde". — Segundo o relatório, Fechteler predissera ao Conselho de Segurança dos Estados Unidos que a guerra na Europa era inevitável antes de 1960, e que o Mediterrâneo seria a principal base para o contra-ataque aliado. — Os resultados completos das 372 eleições municipais que se realizaram em tôda a Inglaterra, confirmam a vitória dos trabalhistas que ganharam 650 lugares e perderam 472; os independentes ganharam 12 e perderam 29. — Os trabalhistas têm, agora, o contrôle de vinte conselhos e esta cifra será elevada pelo menos a 23, após a eleição dos funcionários de justiça junto aos Conselhos Municipais. — Depois de rubricado o projeto do exército europeu e assinados outros documentos correlatos



pelos delegados dos seis países que o integram, França, Bélgica, Holanda, Alemanha, Itália e Luxemburgo, é emitido um comunicado oficial no qual se revela que haverá breve outra conferência de ministros designados por aquelas seis nações, com o propósito de estudar-se tais documentos e recomendar a adoção de modificações que sejam consideradas convenientes, assim como decidir as questões ainda \não resolvidas. — A primeira dama do Chile, Sra. Rosa Markman de Gonzalez Videla, recebe o título de "Mãe do Mundo", e, no discurso de agradecimento, lança um apêlo às mulheres do mundo para que cumpram o seu dever para a preservação da civilização. A distinção foi conferida no hotel Waldorf Astoria, num banquete com a presença de 600 pessoas vindas de tôdas as partes do mundo, pelo "Comité de Mães Norte-Americanas" da "Gold Rule Foundation". — A Grã-Bretanha, os

O SEGRÊDO DE SUA MOCIDADE

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos brancos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Pode ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a queda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, à sua côr natural.

À venda nas boas Farmácias.

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ÊSTES PRODUTOS DA MULTIFARMA.

LEITE DE ARROZ BISCUIT

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(Exigir a marca BISCUIT)

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

MULTIFARMA

Rua Direita, 191 — 6º andar

SÃO PAULO

Remessas pelo Reembôlso.

Estados Unidos e a Itália assinam esta tarde o "memorandum de compreensão", que abrange a participação italiana na administração da zona "A" de Trieste. — O acôrdo é concluído após uma série de debates que começaram em 3 de Abril último. — A administração zonal foi deixada em mãos das potências aliadas. Os comandantes aliados, ao mesmo tempo, conservariam todos os poderes do govêrno. A Itália será dado o pôsto de conselheiro político, funcionário que terá poderes idênticos aos conselheiros britânico e americano na zona.

10 — SÁBADO: — O Brigadeiro General Francis Dodd é libertado ileso e de bom-humor pelos seus raptores, os prisioneiros de guerra comunistas, que o mantiveram como refém durante quatro dias. Dodd falará aos correspondentes no Q.G. do Oitavo Exército. — O exército, ao anunciar a libertação de Dodd não diz que concessões foram feitas em troca aos vermelhos. Anteriormente, o Gal. Van Fleet havia declarado que se fizeram pequenas concessões aos prisioneiros da ilha de Koje. Dodd era comandante do campo de concentração e estava falando aos líderes dos prisioneiros, no portão do campo, quando foi raptado. Posteriormente foi informado telefônicamente das negociações para sua própria libertação. Nessa ocasião pediu a Van Fleet que adiasse a tentativa de libertá-lo pela fôrça, para o que já estavam concentradas tropas experimentadas na batalha. — O prefeito Ernst Reuter, da zona ocidental livre de Berlim, adverte que o ataque de caças soviéticos a um avião quadrimotor francês de passageiros sôbre o "corredor aéreo" de Berlim, "não foi acidental", e prediz que a zona ocidental de Berlim encontraria crescente agressividade e pressão por parte dos soviéticos depois da conclusão do acôrdo de paz entre a Alemanha Ocidental e os Aliados. — O Marechal Tito diz que o acôrdo das três potências em Londres sôbre Trieste "não tem valor para nós". Somos um país aliado. Em 1945 tivemos de deixar Trieste porque desejávamos salvar a paz. Acreditamos que os aliados ainda terão compreensão suficiente para compreender que a Iugoslávia tenha seus direitos reconhecidos". — O Cardeal Alessio Ascalesi, Arcebispo de Nápoles, falece pouco depois da meia-noite. — O Cardeal Ascalesi contava 80 anos de idade e estava enfêrmo há algum tempo. — Parte para os Estados Unidos o Sr. Prefeito do Distrito Federal.

11 — DOMINGO: — O Marechal Tito ataca a resolução tomada nas conversações anglo-franco-norte-americanas entregando à Itália a administração da zona ocupada por aquêles países. Mark Clark faz declarações sôbre a detenção do General Dodd pelos prisioneiros comunistas do campo de Koiedo. — Nova e infrutífera reunião realizam as delegações que negociam o armistício. — O Sr. Eden responde a interpelações na Câmara dos Comuns sôbre a guerra na Coréia. — Parte de Tóquio com destino aos Estados Unidos o General Ridgway. — Chega a Nova York o Sr. Licurgo Costa, novo Chefe do Escritório de Expansão Comercial do Brasil nos Estados Unidos, que fala à imprensa sôbre as inversões de capitais norte-americanos em nosso país.

12 — SEGUNDA-FEIRA: — Acêrca da resposta britânica à nota soviética sôbre a Alemanha, o ministro do Exterior brasileiro, assegura: "Estamos prontos e mesmo desejosos de colaborar nos arranjos que visam a eleição de um govêrno livre para tôda a Alemanha e desejamos concluir um tratado de paz com tal govêrno. Mas essas eleições devem ser inteiramente livres e o govêrno que delas resultar deve dispor de uma liberdade completa e escolher seu caminho no domínio das relações internacionais". — O Sr. Anthony Eden, na Câmara dos Comuns, estranha que o Chefe do Govêrno iugoslavo tenha atacado a decisão das potências ocidentais.

13 — TÊRÇA-FEIRA: — As três grandes potências ocidentais entregam sua resposta à nota russa de 9 de Abril, sôbre a unificação da Alemanha. — As embaixadas dos Estados Unidos, Grã-Bretanha e França enviam notas idênticas por meio de um mensageiro, ao Ministério das Relações Exteriores soviético. — A Comissão de Desarmamento reune-se em Comissão de Trabalho, a fim de prosseguir na discussão de uma proposta americana relativa aos "princípios essenciais que podem reger um programa de desarmamento". — O delegado do Brasil, Sr. João Carlos Muniz, ressalta a diferença fundamental que, em sua opinião, caracteriza a atitude das potências ocidentais e soviética em matéria de desarmamento. — O órgão oficial do exército soviético diz que o relatório Fechteler é uma prova da "crescente contenda dentro do campo do bloco agressivo". — O comando do exército americano diz que reduzirá a maior parte ou cessará tôdas as concessões feitas aos comunistas prisioneiros de guerra para que pusessem em liberdade o General Dodd. — Os pilotos dos aviões a jacto americanos derrubam a tiros dois "Migs" em combates de 10 minutos sôbre o noroeste da Coréia.

14 — QUARTA-FEIRA: — Três modificações importantes são introduzidas no texto da Convenção Geral germano-aliada, em virtude dos esforços do Chanceler Adenauer, mas suas conversações com os Altos Comissários. Em primeiro lugar, ter-se-ia convencionado que o eventual govêrno de tôda a Alemanha disporia de inteira liberdade de decisão, no que diz respeito à sua política externa. Tal govêrno poderia beneficiar-se dos direitos resultantes dos acordos concluidos entre as potências ocidentais e a República Federal com a condição de que assuma igualmente as obrigações previstas por êsses acordos. — O Senador Robert Taft aumenta sua vantagem sôbre o General Eisenhower na batalha pela obtenção de delegados à Convenção Nacional Republicana, Taft obtém uma esmagadora vitória na Virgínia Ocidental, conseguindo 15 dos 16 delegados daquele Estado. Também derrota o ex-Governador de Minesota Harold Stassen na preferência do eleitorado na Virginia Ocidental. Os resultados em 698 dos 2.824 postos eleitorais do Estado deram a Taft 34.493 votos e a Stassen 8.823. — O novo Embaixador dos Estados Unidos junto ao govêrno soviético, Sr. George F. Kennan, apresenta as suas credenciais ao Presidium do Soviet Supremo.





De Witt - Rio - Londres - Nova York - Buenos Aires.

15 — QUINTA-FEIRA: — Travados debates acêrca do problema do superpovoamento do mundo. — O Brasil é eleito para a Junta Executiva da Organização Mundial de Saúde. — Instala-se a nova sessão da Côrte Internacional de Justiça. — Nessa ocasião tomou posse o juiz brasileiro, Sr. Levi Carneiro. — O Sr. André François Poncet, atual Alto Comissário da França na Alemanha, é eleito para a Academia na vaga do Marechal Petain. — Em virtude do recrudescimento dos atentados terroristas o Bey de Tunis faz um apêlo para que a população permaneça em calma. — Fala também a respeito o Residente Geral da França, Sr. De Hauteclocque.

16 — SEXTA-FEIRA: — A entrada em vigor do tratado geral de guerra constituirá uma ameaça direta para a paz e a preparação de uma guerra de agressão", declara em Berlim o Sr. Otto Nuschke, vice-presidente do Conselho da Alemanha Oriental, por ocasião de uma reunião do Partido Cristão Democrata, de que é presidente. — Os delegados das Nações Unidas às negociações de trégua declaram aos representantes vermelhos que permanecerão firmes "indefinidamente" contra a exigência comunista no sentido do retôrno forçado dos prisioneiros. — O Gen. Eisenhower declara que espera chegar a Washington a 1 de Junho, no mesmo dia em que se afastar do cargo de comandante supremo das fôrças aliadas na Europa. — O generalíssimo Franco inaugura o novo período de sessões das Côrtes Espanholas com um discurso em que adverte o mundo ocidental contra o apaziguamento da União Soviética. — Num discurso de 47 minutos, um dos mais curtos pronunciados pelo generalíssimo, em ocasião tão solene, Franco resume os êxitos de seu regime nos últimos anos e promete aos espanhóis que os cartões de racionamento serão abolidos depois de 1º de Junho próximo. — Em meio de grande ovação, Franco declara que as negociações com os Estados Unidos estão em marcha e assegura que a soberania da Espanha será respeitada.

17 — SÁBADO: — O Sr. Anthony Eden, Ministro das Relações Exteriores da Grã-Bretanha, falando em Aberdeen, declara que em sua opinião, o perigo de uma guerra não era maior, ùltimamente e que havia, pelo contrário, motivos para esperar que êle estivesse bem afastado. — Conforme já procederam os bispos de outras regiões em que se realizarão as eleições municipais, o Cardeal Clemente Micara, vigário de Roma, pede aos fiéis que usem o seu direito de voto para salvaguardar os ideais da civilização cristã, porque "não se trata ùnicamente de defender a sociedade ou o bem da pátria, mas a própria fé". Acrescenta o cardeal: "O Senhor não deixará de abençoar-vos se puserdes de lado as vossas preferências pessoais para pensar exclusivamente no bem da Igreja, e, consequentemente no bem da sociedade e da pátria". — O General Ensenhower acrescenta Oregon à sua lista de vitórias nas eleições presidenciais republicanas, enquanto que o Senador Kefauver vence a corrida democrática e os doze delegados dêste Estado à Convenção. — Os resultados de cêrca de um têrço das circunscrições eleitorais deram a Eisenhower mais do dôbro dos votos dos outros candidatos republicanos, e, o candidato mais próximo, governador Earl Warren, da Califórnia, admite a sua vitória.

18 — DOMINGO: — Decidida a retirada das firmas britânicas estabelecidas na China Comunista — A mesma decisão é tomada por diversas companhias norte-americanas. — O Rei Farouk confere ao Presidente Vargas o Grande Cordão da Ordem de Mohamed Ali — Chega a Lisboa o Senador Marcondes Filho — que pede ao Papa a canonização do Padre Anchieta. — Estimada em 150 milhões a dívida dos importadores brasileiros com as companhias norte-americanas.



EVITE A OBESIDADE

Com o uso diário do ENO. Elimina as toxinas do organismo, combate a prisão de ventre, a azia e a acidez... Laxante ideal, alcalinizante e estomacal.

"SAL DE FRUCTA"

ENO

Mais de 70 anos de uso no Mundo inteiro!

19 — SEGUNDA-FEIRA — O Primeiro Ministro da Austrália, Sr. Mensies, conferencia com o Presidente Truman sôbre a possibilidade de se elaborar um Pacto de Defesa no Pacífico. — Chega a Washington o General Ridgway, substituto de Eisenhower no Comando Supremo do Exército do Atlântico. — Inicia-se em Roma uma conferência sôbre o comércio do algodão, com a participação do Brasil — O "Financial Times" ocupa-se das relações comerciais entre a Inglaterra e o Brasil. — Recebido na Academia Brasileira de Letras o Sr. Enrique Larreta, sócio correspondente, saudando-o o Sr. Elmano Cardim.

20 — TÊRÇA-FEIRA — Noticia-se que a Russia decidiu fortalecer a polícia popular alemã ao mesmo tempo que planeja também fortificar as fronteiras, com as demais zonas de ocupação. Em certos pontos da fronteira, os russos começaram a cavar trincheiras. — A Itália envia nota à Iugoslávia sôbre a questão de Trieste. — O Presidente Truman faz declarações acêrca da posição dos EE. UU. em relação à situação mundial. Truman adverte que é possível haver uma traição por parte dos comunistas na Coréia. — Inaugura-se novo período de sessões do Conselho Econômico e Social da O.N.U. — Rejeitada uma proposta russa para admissão da China Comunista.

21 — QUARTA-FEIRA: — Os Altos Comissários Aliados e o Chanceler alemão Adenauer reuniu na sede do Alto Comissário americano em Mahlen, examinando, pela última vez, as clásulas financeiras do Tratado de Bonn. As questões que ficarem em suspenso serão resolvidas entre Adenauer e os Ministros das Relações Exteriores das três potências ocidentais. Sòmente depois é que o Tratado poderá ser assinado. — O General Matthew Ridgway apresenta hoje aos senadores, um relatório sôbre as conversações de trégua na Coréia, e um dêles declara pouco depois que as palavras do general "não tinham nada de otimistas". — O General Eisenhower, que vai deixar o pôsto de Comandante Supremo das fôrças aliadas na Europa, deixara Paris, de regresso a Washington no dia 31 do corrente.

22 — QUINTA-FEIRA: — Em discurso proferido perante os membros do Senado e da Câmara dos Representantes reunidos em sessão comum, o General Ridgway refutou vigorosamente as acusações dos comunistas, segundo as quais os aliados teriam feito uso de gases e armas bacteriológicos na Coréia. "Tenho a repetir o que já declarei pùblicamente: essas alegações são completamente falsas, nenhum elemento do comando das Nações Unidas empregou gases ou armas bacteriológicos em momento algum e sob forma alguma". — O Chanceler Konrad Adenauer anuncia que foram ultimadas as negociações para concertar o tratado de paz em separado com a Alemanha Ocidental, negociações essas que duraram um ano.

23 — SEXTA-FEIRA: — Noticia-se que os seis paises que formam a comunidade de defesa da Europa chegam a perfeito acôrdo acêrca do tratado a ser asinado. — As nações da Comunidade, Itália, França, Bélgica, Holanda, Alemanha Ocidental e Luxemburgo, concordam com que o Pacto tenha a duração de 50 anos. — As negociações de trégua na Coréia são suspensas pelo espaço de quatro dias, depois de insistir a delegação aliada em que os choques verbais diários não conduziam a um resultado positivo. — Um porta-voz aliado diz que essa decisão tem por finalidade dar tempo à delegação comunista para que estude detidamente a posição das Nações Unidas. — Os generais Dodd e Colson são rebaixados a Coronéis pela atuação que tiveram nas ocorrências verificadas num campo de prisioneiros comunistas na Coréia.

24 — SÁBADO — A ação pronta dos representantes dos Estados Unidos junto ao govêrno francês, seguindo a decisão tomada na noite passada no sentido de serem enviadas ao Sr. Robert Schuman instruções para que não assine o tratado de paz em Bonn, a menos que os EE. UU. decidissem procurar um apoio americano e britânico mais forte à política da França no Norte da África, muito embora esta exigência não tenha sido expressa como condição para a assinatura dos dois pactos tão importantes. — O Sr. Schuman recebe instruções telegráficas para apresentar e defender êsses pontos junto aos Srs. Acheson e Eden em Bonn, onde os ministros de relações dos Três Grandes estão reunidos antes da assinatura daqueles pactos juntamente com o Sr. Adenauer, chanceler da Alemanha Ocidental. — Os prisioneiros de guerra comunistas exaltados estão "amansando" graças às medidas tomadas pelo novo comandante dos campos de concentração, General de Brigada Haydon L. Boatner, que se tem mostrado enérgico. — Os vermelhos arriam suas insultuosas bandeiras ilegais e os cartazes de propaganda que haviam içado no Campo N. 76 e em outros. — Um porta-voz dos prisioneiros assegura ao General Boatner que os cativos estavam "dispostos a obedecer às ordens". Muito embora se avistem em vários outros campos as bandeiras proibidas, espera-se que também venham a ser arriadas.

25 — DOMINGO — Na capital da Alemanha Ocidental é firmado o acôrdo entre os aliados

Senhora!
Na toilette diária nunca deve ser esquecida a sua
HIGIENE ÍNTIMA
Metrolina
ANTISSÉPTICO
ADSTRINGENTE
BACTERICIDA

ocidentais e o govêrno federal de Bonn, pelo qual fica abolido o Estatuto de Ocupação. O govêrno alemão compromete-se em dirigir a sua política de acôrdo com os princípios da Carta das Nações Unidas. — O Sr. Acheson, Eden, Schuman e Adenauer, dizem que o objetivo é garantir a paz e a liberdade do mundo. — O Partido Socialista e os Sindicatos alemães manifestam-se contrários ao acôrdo.

26 — SEGUNDA-FEIRA — Em Paris, é assinado o Tratado de Defesa entre a França, Itália, Luxemburgo, Holanda, Bélgica e Alemanha Ocidental. — Anunciado que na mesma ocasião a Inglaterra comprometer-se-á ajudar qualquer daqueles países em caso de ataque. — O Partido Socialista e o M.R.P. apiam com restrições a política externa governamental. — O "premier" Pinay pronuncia um discurso por ocasião da abertura das inscrições do empréstimo popular lançado pelo govêrno francês. — Os aliados continuam nos esforços para debelar a rebelião no campo de prisioneiros de Koje, onde muitos dêles foram mortos pelos próprios companheiros.

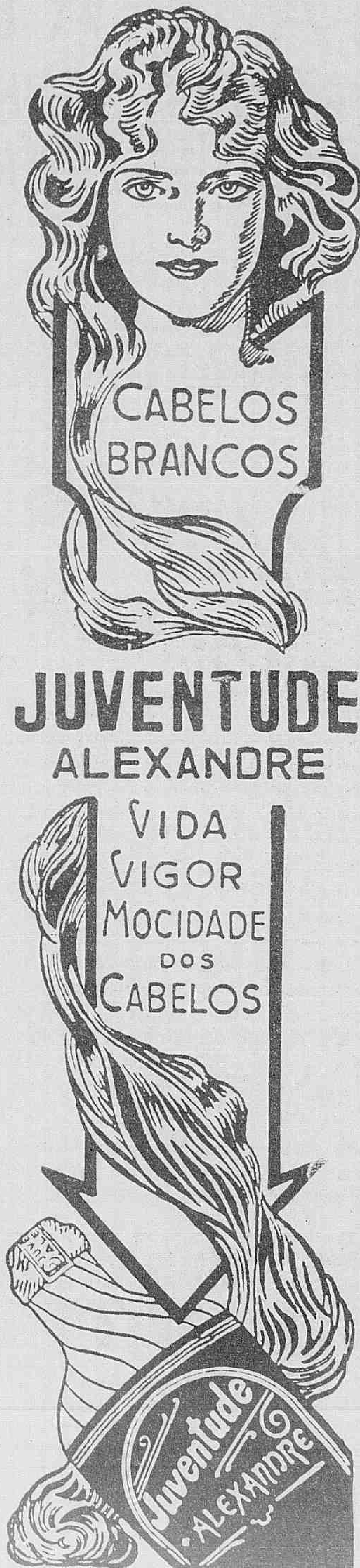
27 — TÊRÇA-FEIRA — Em Paris é firmado o Tratado da Comunidade Européia, que tem como objetivo garantir a segurança da Europa, contra qualquer ataque armado. O Tratado é assinado pela Itália, França, Luxemburgo, Holanda, Bélgica e Alemanha Ocidental. Falam sôbre o Tratado os Srs. Acheson e Schuman, chanceleres dos Estados Unidos e França. — Diversas medidas de represália ao acôrdo germano-aliado, são tomadas pelas autoridades soviéticas na Alemanha, inclusive o isolamento de Berlim. — Ocorrem incidentes na fronteira dos setores ocidental e orental de Berlim.

28 — QUARTA-FEIRA: — As potências ocidentais preparam nova nota na qual reiterarão, à Russia as propostas para a realização de eleições livres em tôda a Alemanha. — Prosseguem em Paris as conversações entre os chanceleres Eden, Schuman e Acheson. — Diversas medidas de represálias são postas em prática pelos russos na Alemanha, como protesto pela assinatura do acôrdo germano-aliado. — Os comunistas provocam sangrentas desordens em Paris e Marselha, nas manifestações de protesto contra o General Ridgway. — A polícia francesa empreende severas medidas para conter os manifestantes — São apreendidos os jornais "L'Humanité" e "Liberation", tendo sido presos mais de 600 comunistas, entre êles o Secretário Geral do Partido, Deputado Jacques Duclos. — Os delegados comunistas voltam a ameaçar com uma ofensiva em grande escala, em caso de fracasso das negociações de armistício. — O Primeiro Ministro Churchill declara que qualquer novo ataque será contido pelos aliados. — Continua anormal a situação no campo de prisioneiros de Koje, estando os aliados tomando providências para impor a ordem ali. — Truman repele as acusações comunistas segundo as quais os aliados teriam violado a Convenção de Genebra. — A Comissão dos Direitos Humanos da O.N.U. aprova uma proposta referente a pena de morte. — O Embaixador brasileiro em Ottawa faz declarações sôbre as relações entre o Canadá e o Brasil. — O Presidente da "Brazilian Traction" faz uma exposição acêrca das operações da Companhia no Brasil. — Com destino a Tóquio, onde assumirá a chefia da Embaixada do Brasil no Japão, segue o Sr. Embaixador Júlio Augusto Barbosa Carneiro.

29 — QUINTA-FEIRA: — O govêrno francês anuncia a prisão de Jacques Duclos, acusado de participação nos sangrentos conflitos de Paris. Por motivo da medida tomada pelas autoridades, o Partido Comunista Francês deu-se pressa em promover uma onda de greves e demonstrações subversivas em todo o país. Às primeiras horas, o govêrno denuncia os motins como "verdadeiro atentado contra a segurança do Estado", frisando que Duclos, o chefe nominal do Partido Comunista, foi prêso por motivo da sua participação na "conspiração organizada". A espôsa de Duclos também foi prêsa. O Politburo comunista denuncia os choques como "provocação monstruosa da polícia", e instiga os seus adeptos a "arrancarem Duclos das mãos dos fascistas". Os choques entre a polícia e os vermelhos são os mais violentos desde 1948. Em consequência dos combates entre os policiais e as tropas de choque dos comunistas, morre um dos arruaceiros e mais de 200 policiais e comunistas recebem contusões. — "A semana que passou será uma semana memorável para a Europa", declara o Sr. Anthony Eden, durante uma conferência na Prefeitura de Berlim-Schoeneberg, ante os meios políticos, econômicos e culturais alemães. O Ministro Britânico das Relações Exteriores salienta que "Berlim não pode a i n d a ser incorporada à República Federal mas, que essa cidade não foi nem será esquecida". — De acôrdo com resultados oficiais finais combinados, os partidos italianos do centro conseguem 50% dos votos nas eleições municipais realizadas domingo último no sul e centro da Itália.

Alívio rápido para
HEMORROIDES
Man-Zan é a pomada que alivia, na hora, as dôres e os pruridos causados pelas hemorroides. Man-Zan acalma e refresca. MAIS ATÉ: Man-Zan é antisséptico suave para os tecidos, mortal para as bactérias. Por isso, Man-Zan também previne as infecções e outros graves males consequentes das hemorroides.
Um produto De Witt - à venda em tôdas as farmácias.
Coadjuvante para Hemorroides
Pomada ManZan
Aprovado pelo Depto. Nacional de Saúde, sob n. 77, em 12/2/41.

30 — SEXTA-FEIRA: — O órgão do Partido Comunista "L'Humanité" circula normalmente com o cabeçalho "Onda de Greves e Manifestações pela Liberdade de Jacques Duclos". Um porta-voz do Ministério do Interior diz que "a situação manteve-se tranquila em todo o país, à exceção de alguns incidentes isolados". — Uma frota de camionetes da polícia conduz os 156 manifestantes condenados para a prisão de Fresnes, onde já se encontra encarcerado o líder comunista francês Jacques Duclos. — Em Montpelier, no sul da França, quatro policiais são feridos, dois dos quais gravemente, quando cêrca de trezentos manifestantes, chefiados pelo ex-deputado Raoul Calas e membro da direção executiva do Partido Comunista, entram em luta com um cordão policial. Foram detidos quatro manifestantes. — "A nossa capacidade de defender o mundo livre é hoje maior que nunca. Jamais teria eu concordado em participar da Organzação do Tratado do Atlântico Norte ou do S.H.A.P.E. se julgasse que essas organizações tinham as menores intenções agressivas. São organizações de paz pela paz", declara o General Eisenhower na última entrevista concedida à imprensa na presença do General Ridgway, antes de passar o comando supremo aliado na Europa a êsse general. — Os três aliados ocidentais exigem dos russos que ponham têrmo a sua interferência no funcionamento das patrulhas rodoviárias aliadas e "protestam vigorosamente" contra as medidas vermelhas cortando as ligações ferro e rodoviárias e telefônicas entre o leste e o oeste da Alemanha. — Os três altos comissários aliados, em notas similares, dirigidas ao comissário de contrôle soviético, Vassily Chusikov, acusam também os russos de fazer "falsas e insultuosas alegações" contra as potências ocidentais. Adiantam que os russos estão penetrando além das fronteiras da Alemanha Ocidental, em certos pontos, para o estabelecimento de sua terra de ninguém de cinco quilômetros de largura.



31 — SÁBADO: — O govêrno francês investe com todos os meios policiais disponíveis contra o Partido Comunista, interceptando as ordens do mesmo a tôdas as filiais provinciais no sentido de mobilizarem as tropas de choque vermelhas para a ação em massa contra o Estado, em sinal de protesto pela prisão de Jacques Duclos e mais 160 líderes. Circulam rumores de que os comunistas estavam planejando a marcha sôbre Paris. — O General James A. Van Fleet, interrogado no Q.G. do 8º Exército sôbre as possibilidades de nova ofensiva comunista, declara aos correspondentes: "Não creio que o inimigo seja suficientemente tolo para lançar uma grande ofensiva, mas se o fizer nos a enfrentaremos e os derrotaremos". — O General Thomas Handy, comandante-chefe norte-americano na Europa, pede pessoalmente, que os russos suspendam a interferência "nas operações normais militares de rotina de minhas fôrças". Em causticante nota dirigida ao General Vassily A. Chuikov, comandante-chefe soviético, Handy protesta contra a medida "maliciosa" e "indefensável" dos russos, barrando a passagem das patrulhas militares norte-americanas pela rodovia vital que liga Berlim à Alemanha Ocidental, atravessando território sob ocupação soviética. — À medida que se aproxima a data fixada — 4 de Junho próximo — para o General Peron assumir a Presidência da República, por um novo período, já se começa a aventar os nomes que integrariam o novo govêrno. Não sofreriam mudanças os atuais Ministérios dos Assuntos Técnicos, Assuntos Políticos, Aeronáutica, Exército e Defesa Nacional, Marinha e Relações Exteriores. — O General Eisenhower parte de avião de Paris para os Estados Unidos após uma breve cerimônia de despedida à Europa no Aeroporto de Orly. — O Sr. Presidente da República, em Belo Horizonte, recebe várias homenagens, tendo presidido à cerimônia do lançamento da pedra fundamental das Indústrias Mannesmann.

QUEBRA CABEÇAS

Diretor: DR. LAVRUD — Secretário: DABLIÚ — ANO XXXVI — Nº 2 — JULHO — 1952
Dicionários adotados nesta seção: Simões da Fonseca — Hildebrando — Gustavo Barroso, Pequeno Brasileiro, 5ª edição — Japyrassu, Monossílabos — Sylvio Alves, Breviário — Dicionário de Nomes Próprios, de Lidaci — Provérbios Originais, do Dr. Lavrud.
Tôda correspondência sôbre charadas deve ser dirigida para a redação de EU SEI TUDO — Rua Visconde de Maranguape, 15 — e endereçada ao redator desta seção.

3.º TORNEIO DE 1952
JULHO A SETEMBRO

ENIGMAS

Ao Radge, agradecendo sua lembrança:

— 1 —

Vi um velho com oitenta anos,
A bôca sem nenhum dente
Todo metido nos panos
Querendo bancar o *valente*.

Bisilva (Manaus)

— 2 —

Em Pelotas eu vi, num bazar,
Uma série de lindos frasquinhos,
E também vários brincos e fitas,
E plumas, fazendas, lencinhos.
Da viagem que fiz, a recreio,
P'ra lembrança quis algo com-
[prar
E de tudo que vi, escolhi,
Dos *frasquinhos*, belo exemplar.
Onde?

Sotnas (Rio Grande)

— 3 —

O padre caiu na lama
E tôda batina sujou,
Ficou muito indignado,
Pois sempre foi *asseado*,
Por isso quase chorou.

Gato Prêto (Alagoinhas)

— 4 —

Eu li na mesma revista
A venda por preço módico:
Trinta cruzeiros a vista,
Qualquer ornato melódico.

K.T.Q.Z. (S. Paulo)



CHARADAS SINCOPADAS

5 — Três (duas) — *Ao insistir em explicações* discordes fêz *brotar* a suspeita ao investigador.

Malba Tantan (Santos)

6 — Três (duas) — Muita gente tem mêdo de entrar em *recinto* muito *escuro*.

Matsuk — T.E. (Rio)

7 — Três (duas) — O *lôgro* é uma espécie de *jôgo usado no sul do país*.

Mário Noval (Bissau, Guiné)

8 — Três (duas) — Quando estou *só*, perco-me em doce *devaneio*.

Sotnas (Rio Grande)

9 — Três (duas) — A sua *resposta* foi p'ra *cabeça!*

Sertanejo II (Lavras)

10 — Três (duas) — E' falta de *coerência* você querer morar naquela *furna*.

Simplicia-Simplória

11 — Três (duas) — *Frequentar casa de jôgo* é um *êrro*.

Tony (Perdizes)

12 — Três (duas) — O estoque *de sêda* está *esgotado*.

Acobar (Maceió)

13 — Três (duas) — A *avareza* e a *bebedeira* são dois grandes defeitos.

Adolfo Tuchman (Rio)

14 — Três (duas) — A que *emprêsa arriscada* pertence aquêle *barco grande, de fundo chato?*

Binastro (S. Luís, Maranhão)

15 — Três (duas) — Devido aos *ossos chatos* do tornozelo, fiz um *buraco na meia*.

Heron Silpes (Canavieiras)

Aos confrades, colegas do ofício:

16 — Três (duas) — Chama-se enfitêuta aquêle que está *obrigado*, pelo *domínio útil de um prédio*, a pagar ao locador, mediante contrato, uma pensão anual prèviamente estabelecida.

Conselheiro (S. José de Mipibu)

17 — Três (duas):
Bem se nota no *quartel*
Que o soldado ou coronel
Não tem vida muito boa.
Pois caindo na *prisão*,
Não se livram dela, não,
Como outra qualquer pessoa.

Apolônia Vilar (Camp. Grande)

18 — Três (duas) — Avistei



A irritação intolerável e os ardores produzidos pelos distúrbios da bexiga, devem ser combatidos, logo de inicio. Sendo a bexiga a porta de saida das substâncias tóxicas e impurezas que os rins separam do sangue, sofre-se dores cruciantes quando esse delicado orgão está inflamado, devido ao contacto com tais substâncias. O exagerado desejo de aliviar a bexiga, os ardores e as irritações das vias urinárias devem ser combatidos, tomando, ainda hoje, as Pilulas de Witt para os Rins e a Bexiga. Sua ação calmante e antisética, faz-se sentir logo na bexiga, nos rins e em todas as vias urinárias.

As Pilulas De Witt são fabricadas especialmente para as doenças dos Rins e da Bexiga.

Pilulas DE WITT
para os Rins e a Bexiga
Em vidros de 40 e 100 pilulas
O grande é mais econômico

no *capinzal* o *basbaque* sonolento.

Fiote (Cuiabá)

19 — Três (duas) — Telefone à polícia para vir prender o *vagabundo* que danificou a *mó* do moinho.

Heron Silpes (Canavieiras)

20 — Três (duas) — Quem *bebe* muito, *recalcitra* sempre.

Nilva (Rio)

21 — Três (duas) — Vá lá que faças *palhaçada*, mas não metido nesse *uniforme*.

Lutércio, H.C. (Rio)

23 — Três (duas) — *Abundância* de dinheiro, *patuscada* a noite inteira.

Jorge de Guimarães (Maceió)

★

LOGOGRIFO — 23

Ao amigo Joliver:

Você que à noitinha *anda* — 9-8-9-5
Atrás de *jôgo de azar* — 7-5-11-9-12

FUME

MANTENHA, PORÉM, SEUS DENTES LIVRES DAS ANTI-ESTÉTICAS MANCHAS DE NICOTINA

O Creme Dental Nicotan (fórmula original americana) é recomendado especialmente para fumantes. Remove completamente as manchas de nicotina acumulada nos interstícios dos dentes e causadas pelo uso contínuo do cigarro. Nicotan dá aos dentes um brilho deslumbrante e às gengivas uma coloração natural e sadia. Não ataca o esmalte. Noã contém pedra pomes nem substâncias ácidas ou corrosivas. Tem sabor de cerejas. Nicotan, creme dental especial para fumantes apresentado em dois tipos: branco e vermelho.

NICOTAN

Ponha a *pilha* na lanterna — 3-8-6-10
A fim de não tropeçar.
Desequilibrado não fique — 1-2-9-2-6
Leve a "bicuda" bem pronta;
Quem *falta*, em noite escura, — 6-12-4-9-10
Andar sem *faca de ponta*?

Bisilva (Manaus)

★

CHARADAS NOVÍSSIMAS

24 — Duas-uma — O *cão para caçar veados* quando *isolado* na corrente, torna-se, às vêzes, *sombrio* e agressivo.

M. Jiquitaia (Alagoinhas, Bahia)

25 — Três-uma — Quando passo naquela *ruazinha* sinto *compaixão* pelo bêbado *inveterado*.

Seamva (Santos)

26 — Uma-duas — Por causa desta *nota* o *estribilho* sofreu *desentoação*.

Velo-Vela (Rio)

27 — Três-duas — Nenhum escritor ganha *renome* com um *modo incorreto de exprimir-se*, por mais *dado a ostentação* que seja.

Zytho (Rio)

28 — Duas-duas — O soldado fêz *barulho* por causa de uma *raça de jumentos*, arranjando sério *conflito*.

Alguém (Lisboa)

29 — Três-uma — Não *maldigo um homem cheio de defeitos*.

Centauro (S. Paulo)

Para o Farani:

30 — Duas-três — O *fôlho do vestido*, o *menino de pouca idade* o escondeu no *antigo armário de dois corpos*.

Trinca Fantasma (Salvador)

31 — Duas-uma — Medindo o *grau* de responsabilidade, procuro de *maneira* discreta, *investigar* o caso.

Farani (Salvador)

32 — Duas-duas — Na *cercadura arquitetônica formada de linhas retas entrelaçadas* há *grande quantidade* de figura de *pássaro que vive em bando*.

Gomes Júnior (Maceió)

33 — Duas-duas — *Coma* de

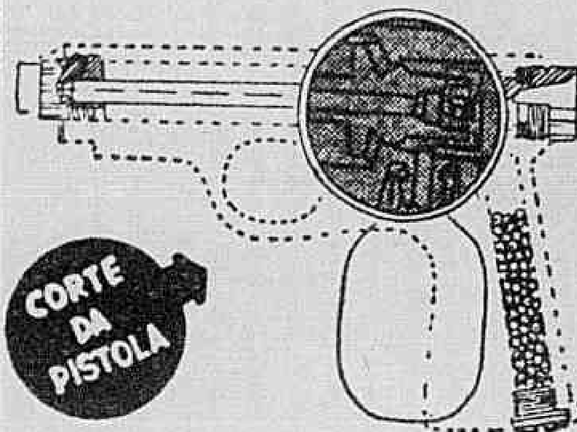
PISTOLA "PNEUMA-TIR"

Patenteada em todos os países

PISTOLA METRALHADORA!

Atira 500 balins sem necessidade de carregar!

Ar comprimido por novo processo!



Permite o tiro ao alvo no interior de sua residência. Alcance regulável para 10, 20 e 30 metros. A pistola mais perfeita que se construiu no gênero. Não tem peças móveis, nem molas. Garantia contra qualquer defeito. Fabricada em várias côres.



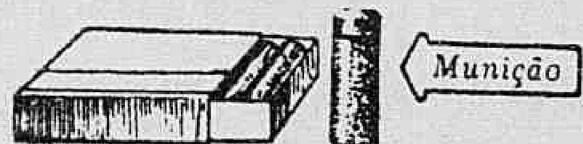
FABRICADA POR

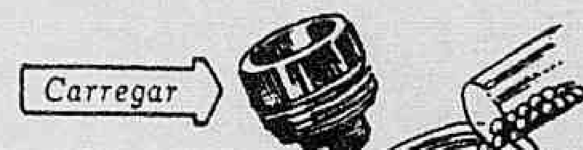
Alfredo Ellis & Cia. Ltda.

RUA URUGUAIANA, 104

RIO DE JANEIRO

Tel. 52-9966







Estojo contendo uma pistola, um desentupidor, uma alça de mira, 2.000 balins com duas membranas sobressalentes:

Cr$ 250,00 pelo reembôlso postal

Caixa de munição com 2.000 balins, c/2 membranas sobressalentes: Cr$ 15,00

Peço-lhes enviar-me pelo Serviço de REEMBÔLSO POSTAL sem aumento de despesa, a PISTOLA «PNEUMA-TIR», conforme indicação abaixo:

Nome ....

Endereço ....

Cidade ....

Estado ....

INVEJADA
AOS 50 ANOS!...

Bela, elegante, airosa, com sua personalidade marcante. Colo, mãos formosas, pele fresca e juvenil. Sem rugas, manchas, espinhas, sardas, ou outras quaisquer imperfeições da pele. Qual o segrêdo? O uso constante do bálsamo maravilhoso



Distr.: ARAUJO FREITAS - Rio

tudo e à vontade, mas não saia da *relação* médica e nem seja *manhoso*.

KTQZ (S. Paulo)

---

34 — Duas-duas — No *ardor* da contenda, desferiu um forte golpe na *espinha dorsal* daquele *estroina*.

Laranjeirense (Sergipe)



CHARADAS ANTIGAS

Ao ilustre amigo V. Protozoário:

— 35 —

Saudade, pomba *sem* asa — 1
No *abismo* da alma ferida: — 1
— E' um amargo sofrimento
Que nos faz *gostar* da vida.

Mascobei (B. do Mendes, Bahia)

— 36 —

Não me *agrades* nem me peças — 2
Que te perdôe a traição.
Já sei que tua *alma* é fria. — 2
Já não me fio em pro-[messas.
Nem que chores noite e [dia,
Chorarás, traidora, em [*vão*.

Dr. B. Cardoso (Maceió)

— 37 —

No *arraial* um meu [amigo — 2
Pensando num tempo [antigo,
Em que vontade era lei,
Teve *intuito*, irrealizável — 2
De ser amado e notável
E ali viver *como* rei...

Gil Virio (Andradina)

CHARADAS CASAIS

38 — Três — O ladrão saiu da chaminé com uma *nódoa de carvão* na cara e o braço *sujo de fuligem*.

Plá (Rio)

---

39 — Duas — Por uma *obrigação de contrato* fui obrigado a colocar na velha cêrca um *esteio*.

Naná (Rio)

---

40 — Duas — Tôda *mentira* tem triste *fim*.

Roazo (Maranhão)

---

41 — Três — Uma *mulher velha* não é com *facilidade* que consegue casamento nesta época.

Rafinha (Pôrto Alegre)

Ao Jovaniro:

42 — Três — O bom perdigueiro *segue de perto* o *rastro* da caça.

Sam (Rio)

---

43 — Três — Você já foi ao *pico* ver o *cacundê?*

Ueniri (Rio)

---

44 — Três — O *reitor da Universidade de Coimbra* brigou com *a superiora dum convento*

Alô Tropina, H.C. (Rio)

---

45 — Duas — Não facilite com êsse *pé de cabra*, senão êle o *derriba* aplicando-lhe rasteira.

Dr. Zepanta (Coruripe)

---

46 — Três — Em *trabalho*

ENIGMA PITORESCO — 53

Ao insigne Dr. Lavrud, o meu primeiro pitoresco:





Sertaneja (Rio)

COMO APRENDER A DANÇAR



4ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com a nova dança, «Baião», Samba liso, e os últimos passos de Bolero, Rumba, Swing, contendo 120 gráficos, 830 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira. Método de rítmos modernos pelo Prof. do «CURSO PRATICO DE DANÇAS RITZ». Aulas particulares, rua da Liberdade, 120 — Preço: Cr$ 45,00 — Pedidos pelo reembôlso postal — com o autor — Caixa Postal, 649 — São Paulo.

A venda também nas livrarias do Rio e Livrarias e Casas de Música de São Paulo.



continuo, incessante, ela *lida constantemente.*

El Principe (Uberaba)

47 — Quatro — Quase sempre quem *faz chacota* teme *ameaça.*

Emidlej, ACCB (Salvador)

48 — Três — Nenhuma *mulher abelhuda* se mete na vida de *rapaz travesso.*

Fusinho (Bangu, Capital)

49 — Quatro:

A saudade é dor pungente,
Que nos *magoa* e maltrata,
Só nos dá *tortura* infinda,
E o prazer nos arrebata.

Heliotrópio (Pôrto Alegre)

50 — Três — A *bacia de barba* continha *doce de pimenta.*

Isaac Wajsbrot (Rio)

51 — Duas — O *valente* tem no bôlso *sabugo de milho que, depois de debulhado, serve para jôgo.*

Joleno (S. Paulo)

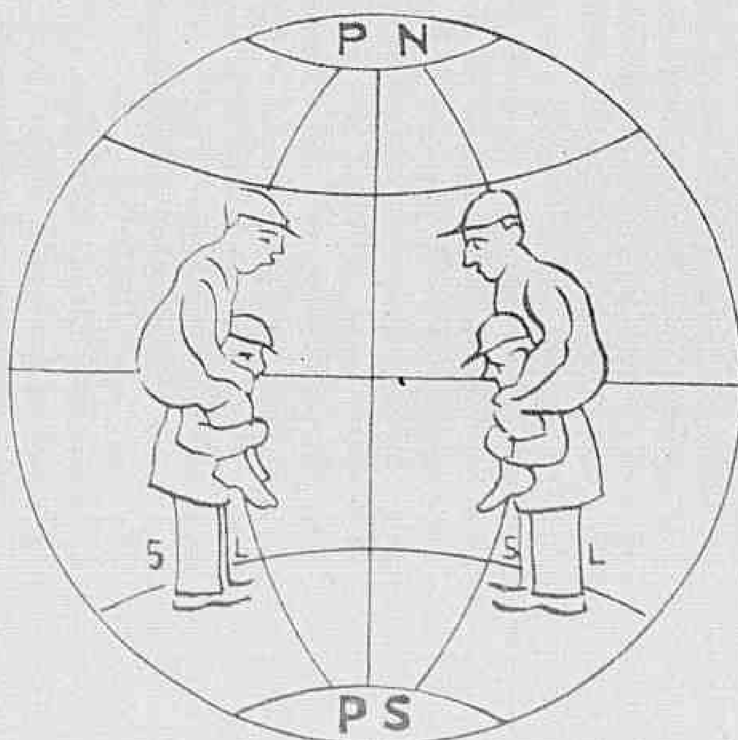
52 — Três — Não é qualquer *desculpa* que torna o homem *isento de obrigação.*

Matsuk, CEC (Rio)

BIGODE
DE SENHORAS E VERRUGAS
ELIMINAÇÃO GARANTIDA SEM CICATRIZES
GUILHERME KLOTZ
AV. BRIG. LUIZ ANTÔNIO, 4289 - S. PAULO
Peça prospectos

ENIGMA PITORESCO — 54

Agradecendo a Sertaneja:



Dr. Lavrud

AGORA
o tricô já não me causa tonteiras!...



O que supus fôsse velhice, era ùnicamente debilidade orgânica. E depois de tomar Emulsão de Scott readquiri minhas fôrças, tornei-me robusta, sadia. Emulsão de Scott é a mais completa combinação do melhor óleo de fígado de bacalhau com cálcio e fósforo! Fortifica e nutre e não contém álcool!





EMULSÃO DE SCOTT
Tonico das Gerações

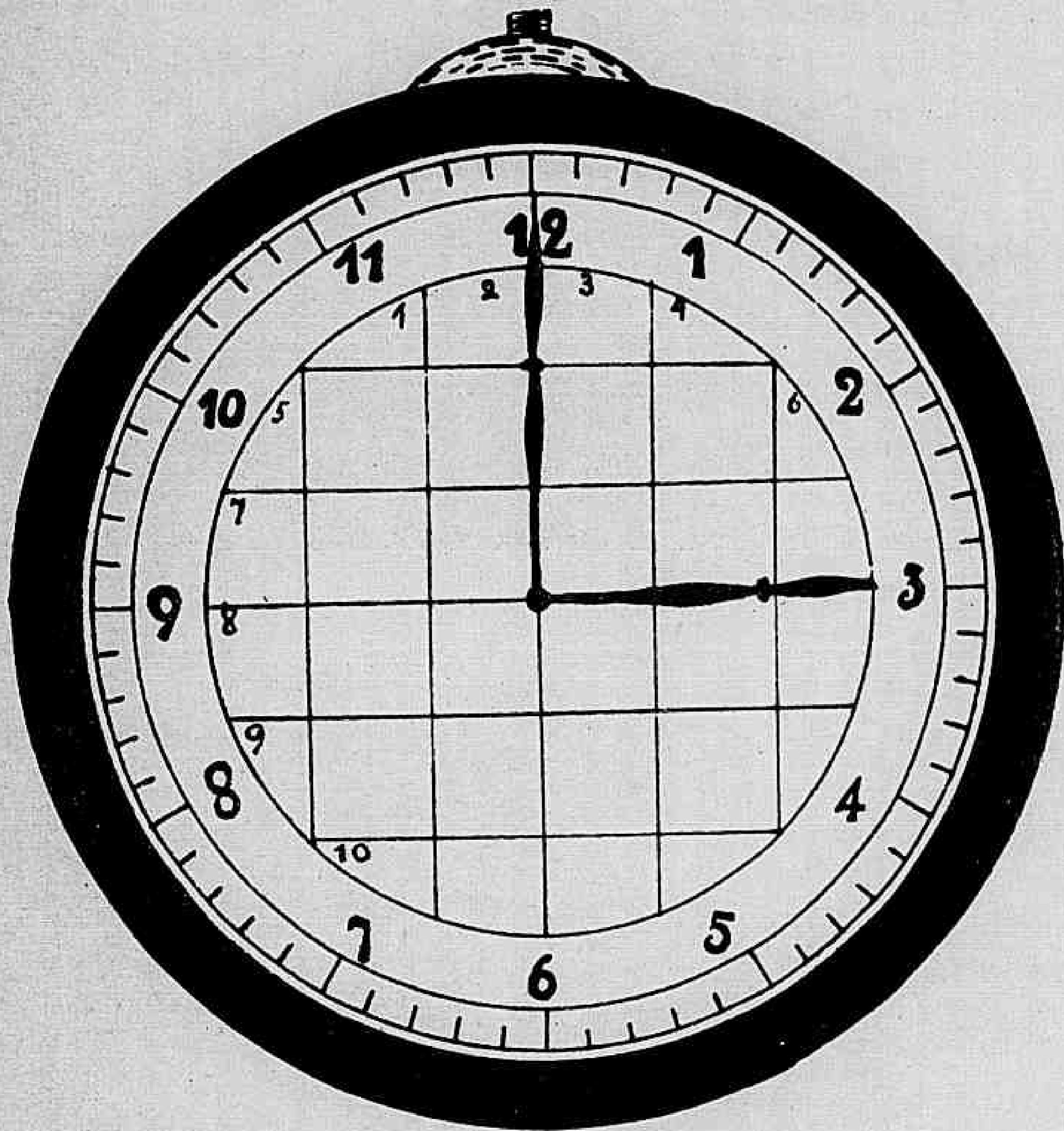
PALAVRAS CRUZADAS

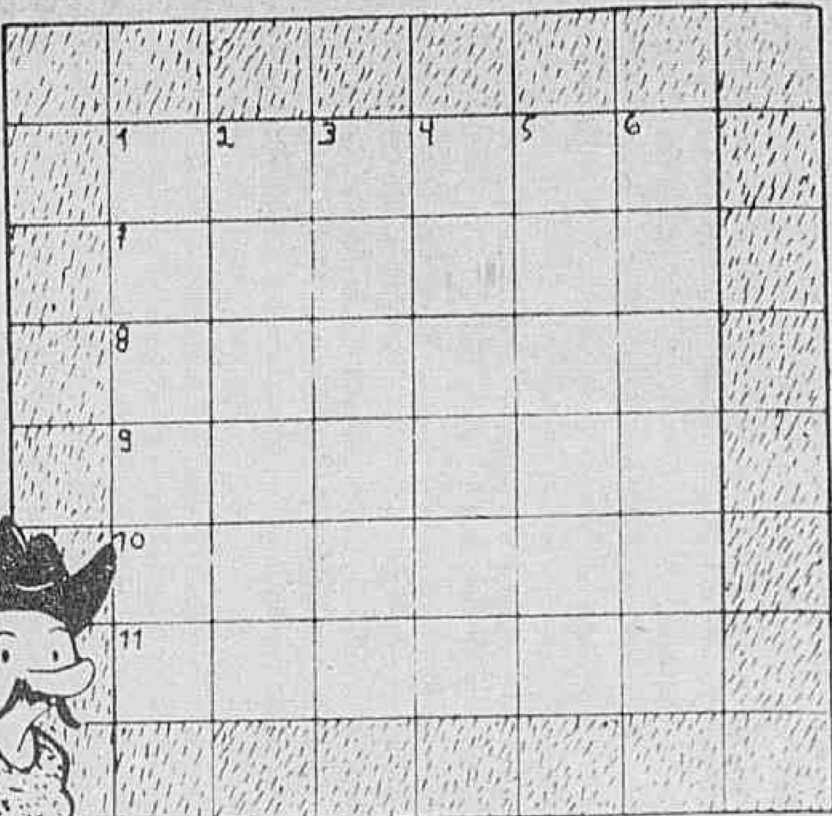
PROBLEMA Nº 1

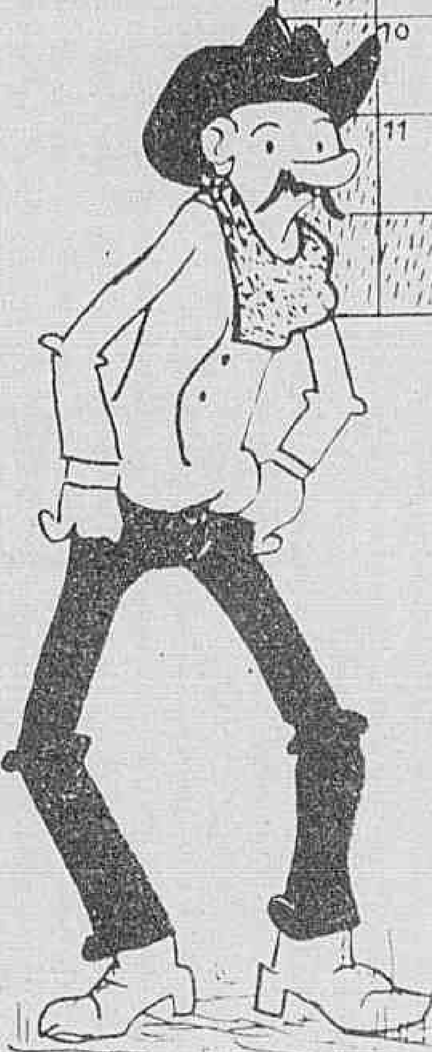
Rôama (Guapiaçu)

Horizontais: 1 — Catalogo; 5 — Tenaz de fogão; 7 — Areal; 8 — Asma cardíaca; 9 — Indivíduo tôlo; 10 — Espaço.

Verticais: 1 — Onda dos rios; 2 — Vexar; 3 — Peixe de água doce; 4 — Certa peça do jaez do cavalo; 5 — Rouco; 6 — Uunção.









PROBLEMA Nº 2

Agradecendo a Heron Siupes:

Horizontais: 1 — Assembléia noturna de feiticeiros; 7 — Vigiar; 8 — Maliciosa, brejeira; 9 — Contrataram; 10 — Peripécia cômica e patusca; 11 — Penosas.

Verticais: 1 — Nome de dois rios da Rússia Européia; 2 — Seguem; 3 — Mulher velha; 4 — Ir-se embora; 5 — Começado a contar-se; 6 — Vistas (pref.)

TERTÚLIA SANTISTA

Em Santos foi organizada e anexada ao Círculo Enigmístico de Santos a Tertúlia Santista, composta dos seguintes confrades: *Agabê, Arpetra, Katia, Lerocha, Lupe, Oidaleh e Thelma.*

PENTÁGONO SANTISTA

Os charadistas: *O Sineiro, Nostradamus, Cantagalo, Malba Tantan* e *Breque* acabam de fundar em Santos o *Pentágono Santista*, com o fim de *matar* o que aparecer.

Muito bem.

PRAZO

Para as soluções de cada mês, Distrito Federal e Niterói, 45 dias; demais Estados, 90.

Tôda a correspondência para esta seção deve ser enviada ao seu diretor,

DR. LAVRUD



Um GUIA GRATIS para SUCESSOS CULINÁRIOS!

• É o novo livro de Receitas "OS MAGOS DA CULINÁRIA" onde encontrará 65 receitas variadas, saborosas e para todos os paladares.

O NOVO PACOTE É MAIS PRÁTICO, HIGIÊNICO E MAIS BARATO!

AMIDO DE MILHO
MAIZENA DURYEA
MARCAS REGISTRADAS





À "MAIZENA DURYEA" 50
Caixa Postal, 8006 - São Paulo E 52
Peço enviar-me, GRATIS, o livro "OS MAGOS DA CULINÁRIA"
NOME
RUA
CIDADE ESTADO

LIVROS QUE DÃO NOVO SENTIDO À VIDA!!!



Nº 90 — 15,00



Nº 139 — 20,00



Nº 26 — 15,00



Nº 78 - 10,00



Nº 140 — 25,00



Nº 143 — 15,00



Nº 1 — 20,00



Nº 93 — 15,00



Nº 128 — 15,00



Nº 136 — 20,00



Nº 12 — 10,00



Nº 122 — 15,00



Nº 14 — 15,00



Nº 124 — 20,00



Nº 68 — 10,00



Nº 20 — 15,00



Nº 95 — 20,00



Nº 86 — 10,00



Nº 96 — 15,00



Nº 92 — 15,00



Nº 69 — 15,00



Nº 7-15,00



Nº 36 — 15,00



Nº 33 — 20,00



Nº 138 — 15,00



Nº 87 - 20,00



Nº 22-15,00



Nº 2 — 20,00



Nº 23 — 15,00



145 — 20,00



Nº 64 — 15,00



Nº 125 — 20,00



Nº 123 — 15,00



Nº 67 — 15,00



Nº 46 · 10,00



Nº 130 — 20,00



135 — 15,00



Nº 131 — 20,00



129 — 15,00



Nº 126 — 20,00



65 — 15,00



Nº 4 — 15,00

NO RIO, PROCURE EM NOSSOS BALCÕES: RUA MÉXICO 128 - SOBRELOJA -- OU -- AVENIDA RIO BRANCO, 25

EDITORA GERTUM-CARNEIRO S/A.
-- Rua México, 128 - Dep. 8-B- Rio. --

NOME ....

RUA ....

LOCALIDADE ....

Peço enviar pelo REEMBOLSO POSTAL os livros cujos números indico

. . . .

. . . .

. . . .

(Não mande dinheiro, nem selos, nada adiantado)

— Aumento de 10% nos pedidos inferiores a CR$-100,00 -

Nº 422 DO ANO XXXVI **EU SEI TUDO** Nº 2 — 1952 JULHO

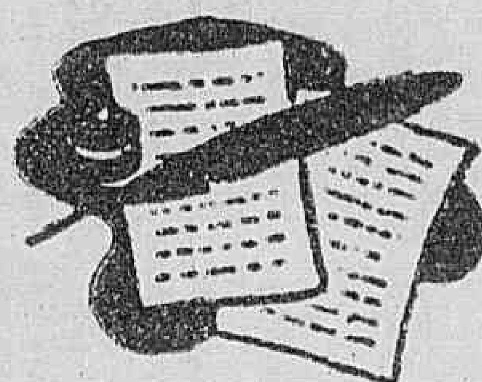
SUMÁRIO:

Romance na Hora do "Rush" (Conto) 7
Utilidade do Sofrimento 10
A espôsa perfeita... (Episódio real) 11
Capturado (Novela) 12
O Cristo disse 14
O Náufrago (por Irving Edman) 15
Como parou o coração do Rei? 16
Esteja em dia com o Mundo 19
Os escândalos nas corridas... Nem os cavalos entendem 20
Você quer apostar? 23
Amanhã, talvez?... (Conto) 24
Se você quer enriquecer 27
Os grandes erros judiciários (II) 28
Cuidado! A curiosidade pode matar! 31
As mulheres são formidáveis! 35
Petróleo, atômico fator da Idade Atômica! 36
Você usa a cabeça? 41
Simplifica tua vida 46
O coração de Luísa (Romance — continuação) 47
A Idade do Amor (Conto) 55
A "Boa Resposta do mês" 59
Desaparece uma estrêla (Conto) 60
Um mistério insolúvel — Quem foi Kaspar Hauser? (História) 64
Tempestade no mundo dos selos 67
Diante do juiz 67
O segrêdo dos ventríloquos. Um pouco de História. Com que órgão falam? Como se fazer ventríloquo? E' indispensável ter arte de comediante 68
Estranhos roubos 70
Explorando o Brasil Meridional (Continuação) 71
A Pupila Rubra (Romance — Continuação) 79
A Cânfora medicinal 87
A Educação 89
Nos domínios da Gramática 90
O Cacau 91
Drogas e especiarias 93
O romance do Sal 97
Olhando o mundo há sessenta dias: Memento EU SEI TUDO (Os fatos ocorridos em maio de 1952) 99
Quebra-Cabeças. Charadas, etc. 109

✶

A CAPA — Quem não é curioso? O leitor, mes... Quantas vêzes já encostou uma orelha à parede (os apartamentos são como colmeias de paredes poucos espêssas!) para ouvir a discussão na casa do vizinho? E olhar pela janela, protegido por uma cortina? Em Copacabana há pessoas que passam assim longas horas, de binóculo, vendo coisas nas casas alheias... Porém essa é uma curiosidade que, embora condenável, não tem grande perigo (se o vizinho não descobre e usa o muque ou o revólver...) Pior é a curiosidade das grandes massas, que se atira para o local onde ocorreu o estrondo ou surgiram as chamas... Leiam, o que se conta à página 31, *desta edição.*

CORRESPONDÊNCIA



Alberto Balsinhas — R. dos Fanqueiros, 121, 1º — Lisboa — Portugal — Como podemos agradecer ao grande amigo e colaborador precioso os inúmeros favores? Creia que não contávamos com tão maravilhosas remessas e creia igualmente que seremos eternamente reconhecidos. Segue carta.

Otto Sachs — P. E. E. Embaixada do Brasil em Paris — Agradecemos o fiel cumprimento da promessa. Material excelente. Não esquecer o que prometeu enviar de Viena.

Edmond Roussolo — R. Hotel des Postes, 21 — Nice — França — O seu pedido já foi transmitido à administração. Aguarde carta.

Isaura Lemos — Rua F. Amoedo, 107 — Distrito Federal — Fica registrado o seu pedido. E' realmente obra interessante. Gratos por seu interêsse.

Nilton Moreira Sales — Portaria do Esplanada, S. Paulo — Gravuras realmente muito boas. O texto, entretanto... De qualquer maneira é material aproveitável. Gratos.

✶

O preço desta revista em todo o Brasil, é CINCO CRUZEIROS (Cr$ 5,00). Os agentes recebem a revista com um grande desconto para vender pelo preço acima indicado com lucro.